



MACHADIANA ELETRÔNICA

v. 8, n. 15, jan.-jun. 2025



ISSN 2594-5084

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

Ao prof. Roberto Acízelo de Souza.....	9
--	---

EDITORIAL

Avulsos dos avulsos.....	13
<i>José Américo Miranda</i>	

TEXTOS APURADOS

Teoria do medalhão.....	17
<i>Machado de Assis</i>	

A chinela turca.....	25
<i>Machado de Assis</i>	

Na arca.....	35
<i>Machado de Assis</i>	

D. Benedita.....	43
<i>Machado de Assis</i>	

O segredo do bonzo.....	61
<i>Machado de Assis</i>	

A Sereníssima República.....	67
<i>Machado de Assis</i>	

O espelho.....	75
<i>Machado de Assis</i>	

TEXTOS COM APARATO EDITORIAL

Teoria do medalhão.....	85
<i>Machado de Assis</i>	

A chinela turca.....	99
<i>Machado de Assis</i>	

Na arca.....	115
<i>Machado de Assis</i>	

D. Benedita.....	127
<i>Machado de Assis</i>	

O segredo do bonzo.....	153
<i>Machado de Assis</i>	

A Sereníssima República.....	163
<i>Machado de Assis</i>	

O espelho.....	177
<i>Machado de Assis</i>	

ARTIGOS

O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis <i>José Américo Miranda, Gilson Santos</i>	193
--	-----

Sequestro de um retrato: o conto “D. Benedita”, de Machado de Assis – d’ <i>A Estação</i> aos <i>Papéis avulsos</i>	205
<i>José Américo Miranda</i>	

“A Sereníssima República”: uma edição.....	231
<i>José Américo Miranda, Gilson Santos, João Víctor Freitas</i>	

ÍNDICES

Índices atualizados até o v. 8, n. 15.....	251
<i>José Américo Miranda</i>	

ABREVIATURAS

Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.....	281
<i>José Américo Miranda</i>	

ERRATAS

Erratas.....	289
<i>José Américo Miranda</i>	

DEDICATÓRIA

AO PROF. ROBERTO ACÍZELO DE SOUZA

é dedicado este número da *Machadiana Eletrônica*.

EDITORIAL

AVULSOS DOS AVULSOS

Neste número da *Machadiana Eletrônica*, trazemos, em novas edições, alguns dos “escritos” machadianos (o próprio autor deles os chama assim) reunidos no livro *Papéis avulsos* (1882). O tempo e outros afazeres ainda não nos permitiram editar o livro todo; quando o tivermos pronto, republicaremos os textos reunidos num só volume, colocando-os na mesma hospedaria, à mesma mesa, tal como Machado o fez.

Existem boas edições de *Papéis avulsos*, uma das poucas obras de ficção de que a Comissão Machado de Assis, que editou criticamente quase toda a ficção do escritor, passou ao largo. Entre as mais importantes, estão as de Adriano da Gama Kury (Garnier, 1989), John Gledson (Companhia das Letras, 1998) – que incluiu todas as peças da obra numa antologia de contos –, e Ivan Teixeira (Martins Fontes, 2005). Todas elas se pretendem fiéis ao texto de 1882, primeira publicação em livro; nenhuma entretanto realizou cotejo com outras edições, especialmente com as publicações originais em periódicos.

As edições que apresentamos trazem informações derivadas de cotejos não só com a primeira publicação em páginas de periódicos, como também com as edições que julgamos as mais importantes na história do livro: a primeira edição pela W. M. Jackson (1937); a edição revista por Ary de Mesquita, dessa mesma editora (1952); a primeira edição pela José Aguilar (1959); a edição de Adriano da Gama Kury, para a Garnier (1989); a edição da Nova Aguilar (1994), cujos textos foram utilizados para a disponibilização das obras machadianas em formato digital realizada pelo MEC, disponível em: <<https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista>>; a edição dos contos por John Gledson, publicada pela Companhia das Letras (1998); a edição de Ivan Teixeira, que saiu pela editora Martins Fontes (2005); e, finalmente, a edição da *Obra*

completa em quatro volumes, pela Nova Aguilar (2015), última disponível para os leitores quando do início de nossos trabalhos de edição.

Os cotejos dos textos-base (1882) com as publicações originais em periódicos nos trouxeram não poucas nem desprezíveis surpresas. Muitas vezes, a transcrição do texto no livro sofreu (em nossa opinião) cortes indevidos – dificilmente de origem autoral.

Já os cotejos com as edições póstumas nos dão uma noção do modo pelo qual os textos foram recebidos e transmitidos ao longo do tempo, e, conseqüentemente, do seu destino histórico.

Trouxemos para este número, com a correção de um pequeno erro detectado na edição que publicamos no v. 4 , n. 7, relativo ao primeiro semestre (jan.-jun.) de 2021 da *Machadiana Eletrônica*, o texto de “O espelho”. Afinal, trata-se de pessoa da mesma família – como queria o seu autor.

Ao longo da leitura, há de o leitor notar pequenas diferenças no sistema de edição e de anotação de um texto para outro, o que se deve à dispersão das edições no tempo e à diferença na composição das equipes editoras. Estamos, como queria Machado, “diante de um fenômeno psicológico inelutável, como é a distração”. Além disso, como também dizia ele, “a perfeição não é deste mundo”.

José Américo Miranda

Belo Horizonte, 13 de outubro de 2023.

TEXTOS APURADOS

TEORIA DO MEDALHÃO

DIÁLOGO

– Estás com sono?

– Não, senhor.

– Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?

– Onze.

– Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros...

– Papai...

– Não te ponhas com denguiques, e falemos como dous amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te cousas importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas, qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as cousas integralmente, com seus ônus e precalços, glórias e desdouros, e ir por diante.

– Sim, senhor.

– Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.

– Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?

– Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regímen do aprumo e do compasso. O sábio que disse: “a gravidade é um mistério do corpo”, definiu a postura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos...

– É verdade, por que quarenta e cinco anos?

– Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenómeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinquenta anos, conquanto alguns exemplos se deem entre os cinquenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há-os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugar é privilégio do gênio.

– Entendo.

– Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, deves pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dous. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

– Mas quem lhe diz que eu...

– Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inófia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse facto, posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se.

Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

– Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.

– Não é; há um meio; é lançar mão de um régimen debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o whist são remédios aprovados. O whist tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspecção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.

– Como assim, se também é um exercício corporal?

– Não digo que não, mas há cousas em que a observação desmente a teoria. Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de ideias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

– Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

– Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer cousa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade: 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este régimen, durante oito, dez, dezoito meses – suponhamos dous anos, – reduces o intellecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das ideias; há de ser naturalmente simples, túbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

– Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...

– Podes; puedes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. *Caveant, consules* é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do *Si vis pacem para bellum*. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação

intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma colecta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! – E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.

– Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

– Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. E de duas uma: – ou elas estarão usadas e divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas: no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio; no segundo, podes ter a coquette de as trazer, para mostrar que também és pintor. De outiva, com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular ideias novas, e é radicalmente falso. Acresce que no dia em que viesses a assenhorear-te do espírito daquelas leis e fórmulas, serias provavelmente levado a empregá-las com um tal ou qual comedimento, como a costureira – esperta e afreguesada, – que, segundo um poeta clássico,

Quanto mais pano tem, mais poupa o corte,
Menos monte alardeia de retalhos;

e este fenômeno, tratando-se de um medalhão, é que não seria científico.

– Upa, que a profissão é difícil.

– E ainda não chegamos ao cabo.

– Vamos a ele.

– Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, cousas miúdas, que antes exprimem a constância do afecto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante ações heroicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um *Tratado científico da criação dos carneiros*, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo facto em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

– Percebi.

– Essa é publicidade constante, barata, fácil, de todos os dias; mas há outra. Qualquer que seja a teoria das artes, é fora de dúvida que o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública instigam à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito. Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção, principalmente se a sagacidade dos amigos não achar em ti repugnância. Em semelhante caso, não só as regras da mais vulgar polidez mandam aceitar o retrato ou o busto, como seria desazado impedir que os amigos o expusessem em qualquer casa pública. Dessa maneira o nome fica ligado à pessoa; os que houverem lido o teu recente discurso (suponhamos) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão na compostura das feições o autor dessa obra grave, em que a “alavanca do progresso” e o “suor do trabalho”, vencem as “fauces hiantes” da miséria. No caso de que uma comissão te leve à casa o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d’água: é uso antigo, razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos *reporters* dos jornais. Em todo o caso, se as obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte, podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual escrúpulo, aliás desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente.

– Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.

– Nem eu te digo outra cousa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesado e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o *odorífero* das flores, o *anilado* dos céus, o *prestimoso* dos cidadãos, o *noticioso* e *suculento* dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.

– E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os *deficits* da vida?

– Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

– Nem política?

– Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do *scibboleth* bíblico.

– Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

– Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: – ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; – é mais fácil e mais atraente. Supõe que desejas saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguaiana para Canguçu; serás ouvido tão somente pelo ministro da guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

– Farei o que puder. Nenhuma imaginação?

– Nenhuma; antes fazes correr o boato de que um tal dom é ínfimo.

– Nenhuma filosofia?

– Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. “Filosofia da história”, por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.

- Também ao riso?
- Como ao riso?
- Ficar sério, muito sério...
- Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente, – e este ponto é melindroso...
- Diga.
- Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebenatar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto?
- Meia-noite.
- Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o *Príncipe* de Machiavelli. Vamos dormir.

FIM DA TEORIA DO MEDALHÃO

Machado de Assis
[*Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 91-106]
Editores: Gilson Santos, João Víctor Freitas, Anália Freitas Cruz Oliveira,
Emily Rodrigues Ferreira e José Américo Miranda.

A CHINELA TURCA

Vede o Bacharel Duarte. Acaba de compor o mais teso e correto laço de gravata que apareceu naquele ano de 1850, e anunciam-lhe a visita do major Lopo Alves. Notai que é de noite, e passa de nove horas. Duarte estremeceu e tinha duas razões para isso. A primeira era ser o major, em qualquer ocasião, um dos mais enfadonhos sujeitos do tempo. A segunda é que ele preparava-se justamente para ir ver, em um baile, os mais finos cabelos louros e os mais pensativos olhos azuis, que este nosso clima, tão avaro deles, produzira. Datava de uma semana aquele namoro. Seu coração, deixando-se prender entre duas valsas, confiou aos olhos, que eram castanhos, uma declaração em regra, que eles pontualmente transmitiram à moça, dez minutos antes da ceia, recebendo favorável resposta logo depois do chocolate. Três dias depois, estava a caminho a primeira carta, e pelo jeito que levavam as cousas não era de admirar que, antes do fim do ano, estivessem ambos a caminho da igreja. Nestas circunstâncias, a chegada de Lopo Alves era uma verdadeira calamidade. Velho amigo da família, companheiro de seu finado pai no exército, tinha jus o major a todos os respeitos. Impossível despedi-lo ou tratá-lo com frieza. Havia felizmente uma circunstância atenuante; o major era aparentado com Cecília, a moça dos olhos azuis; em caso de necessidade, era um voto seguro.

Duarte enfiou um chambre e dirigiu-se para a sala, onde Lopo Alves, com um rolo debaixo do braço e os olhos fitos no ar, parecia totalmente alheio à chegada do bacharel.

– Que bom vento o trouxe a Catumbi a semelhante hora? perguntou Duarte, dando à voz uma expressão de prazer, aconselhada não menos pelo interesse que pelo bom-tom.

– Não sei se o vento que me trouxe é bom ou mau, respondeu o major sorrindo por baixo do espesso bigode grisalho; sei que foi um vento rijo. Vai sair?

– Vou ao Rio Comprido.

– Já sei; vai à casa da viúva Meneses. Minha mulher e as pequenas já lá devem estar: eu irei mais tarde, se puder. Creio que é cedo, não?

Lopo Alves tirou o relógio e viu que eram nove horas e meia. Passou a mão pelo bigode, levantou-se, deu alguns passos na sala, tornou a sentar-se e disse:

– Dou-lhe uma notícia, que certamente não espera. Saiba que fiz... fiz um drama.

– Um drama! exclamou o bacharel.

– Que quer? Desde criança padeci destes achaques literários. O serviço militar não foi remédio que me curasse, foi um paliativo. A doença regressou com a força dos primeiros tempos. Já agora não há remédio senão deixá-la, e ir simplesmente ajudando a natureza.

Duarte recordou-se de que efetivamente o major falava noutro tempo de alguns discursos inaugurais, duas ou três nênias e boa soma de artigos que escrevera acerca das campanhas do Rio da Prata. Havia porém muitos anos que Lopo Alves deixara em paz os generais platinos e os defuntos; nada fazia supor que a moléstia volvesse, sobretudo caracterizada por um drama. Esta circunstância explicá-la-ia o bacharel, se soubesse que Lopo Alves algumas semanas antes, assistira à representação de uma peça do gênero ultrarromântico, obra que lhe agradou muito e lhe sugeriu a ideia de afrontar as luzes do tablado. Não entrou o major nestas minuciosidades necessárias, e o bacharel ficou sem conhecer o motivo da explosão dramática do militar. Nem o soube, nem curou disso. Encareceu muito as faculdades mentais do major, manifestou calorosamente a ambição que nutria de o ver sair triunfante naquela estreia, prometeu que o recomendaria a alguns amigos que tinha no *Correio Mercantil*, e só estacou e empalideceu quando viu o major, trêmulo de bem-aventurança, abrir o rolo que trazia consigo.

– Agradeço-lhe as suas boas intenções, disse Lopo Alves, e aceito o obséquio que me promete; antes dele, porém, desejo outro. Sei que é inteligente e lido; há de me dizer francamente o que pensa deste trabalho. Não lhe peço elogios, exijo franqueza e franqueza rude. Se achar que não é bom, diga-o sem rebuço.

Duarte procurou desviar aquele cálix de amargura; mas era difícil pedi-lo, e impossível alcançá-lo. Consultou melancolicamente o relógio, que marcava nove horas e cinquenta e cinco minutos, enquanto o major folheava paternalmente as cento e oitenta folhas do manuscrito.

– Isto vai depressa, disse Lopo Alves; eu sei o que são rapazes e o que são bailes. Descanse que ainda hoje dançará duas ou três valsas com *ela*, se a tem, ou com elas. Não acha melhor irmos para o seu gabinete?

Era indiferente, para o bacharel, o lugar do suplício; acedeu ao desejo do hóspede. Este, com a liberdade que lhe davam as relações, disse ao moleque que não deixasse entrar ninguém. O algoz não queria testemunhas. A porta do gabinete fechou-se; Lopo Alves tomou lugar ao pé da mesa, tendo em frente o bacharel, que mergulhou o corpo e o desespero numa vasta poltrona de marroquim, resoluto a não dizer palavra para ir mais depressa ao termo.

O drama dividia-se em sete quadros. Esta indicação produziu um calafrio no ouvinte. Nada havia de novo naquelas cento e oitenta páginas, senão a letra do autor. O mais eram os lances, os caracteres, as *ficelles* e até o estilo dos mais acabados tipos do romantismo desgrenhado. Lopo Alves cuidava pôr por obra uma invenção, quando não fazia mais do que alinhar as suas reminiscências. Noutra ocasião, a obra seria um bom passatempo. Havia logo no primeiro quadro, espécie de prólogo, uma criança roubada à família, um envenenamento, dous embuçados, a ponta de um punhal e quantidade de adjetivos não menos afiados que o punhal. No segundo quadro dava-se conta da morte de um dos embuçados, que devia ressuscitar no terceiro, para ser preso no quinto, e matar o tirano no sétimo. Além da morte aparente do embuçado, havia no segundo quadro o rapto da menina, já então moça de dezessete anos, um monólogo que parecia durar igual prazo, e o roubo de um testamento.

Eram quase onze horas quando acabou a leitura deste segundo quadro. Duarte mal podia conter a cólera; era já impossível ir ao Rio Comprido. Não é fora de propósito conjecturar que, se o major expirasse naquele momento, Duarte agradecia a morte como um benefício da Providência. Os sentimentos do bacharel não faziam crer tamanha ferocidade; mas a leitura de um mau livro é capaz de produzir fenômenos ainda mais espantosos. Acresce que, enquanto aos olhos carnavais do bacharel aparecia em toda a sua espessura a grenha de Lopo Alves, fulgiam-lhe ao espírito os fios de ouro que ornavam a formosa cabeça de Cecília; via-a com os olhos azuis, a tez branca e rosada, o gesto delicado e gracioso, dominando todas as demais damas que deviam estar no salão da viúva Meneses. Via aquilo, e ouvia mentalmente a música, a palestra, o soar dos passos, e o ruje-ruje das sedas; enquanto a voz rouquenha e sensaborona de Lopo Alves ia desafiando os quadros e os diálogos, com a impassibilidade de uma grande convicção.

Voava o tempo, e o ouvinte já não sabia a conta dos quadros. Meia-noite soara desde muito; o baile estava perdido. De repente, viu Duarte que o major enrolava outra vez o manuscrito, erguia-se, empertigava-se, cravava nele uns olhos odientos e maus, e saía arrebatadamente do gabinete. Duarte quis chamá-lo, mas o pasmo tolhera-lhe a voz e os movimentos. Quando pôde dominar-se, ouviu o bater do tacão rijo e colérico do dramaturgo na pedra da calçada. Foi à janela; nada viu nem ouviu; autor e drama tinham desaparecido.

– Por que não fez ele isso há mais tempo? disse o rapaz suspirando.

O suspiro mal teve tempo de abrir as asas e sair pela janela fora, em demanda do Rio Comprido, quando o moleque do bacharel veio anunciar-lhe a visita de um homem baixo e gordo.

– A esta hora! exclamou Duarte.

– A esta hora, repetiu o homem baixo e gordo, entrando na sala. A esta ou a qualquer hora, pode a polícia entrar na casa do cidadão, uma vez que se trata de um delito grave.

– Um delito!

– Creio que me conhece...

– Não tenho essa honra.

– Sou empregado na polícia.

– Mas que tenho eu com o senhor? de que delito se trata?

– Pouca cousa: um furto. O senhor é acusado de haver subtraído uma chinela turca. Aparentemente não vale nada ou vale pouco a tal chinela. Mas há chinela e chinela. Tudo depende das circunstâncias.

O homem disse isto com um riso sarcástico, e cravando no bacharel uns olhos de inquisidor. Duarte não sabia sequer da existência do objeto roubado. Concluiu que havia equívoco de nome, e não se zangou com a injúria irrogada à sua pessoa, e de algum modo à sua classe, atribuindo-se-lhe a ratonice. Isto mesmo disse ao empregado da polícia, acrescentando que não era motivo, em todo caso, para incomodá-lo a semelhante hora.

– Há de perdoar-me, disse o representante da autoridade. A chinela de que se trata vale algumas dezenas de contos de réis; é ornada de finíssimos diamantes, que a tornam singularmente preciosa. Não é turca só pela forma, mas também pela origem. A dona, que é uma de nossas patricias mais viageiras, esteve, há cerca de três anos no Egito, onde a comprou a um judeu. A história, que este aluno de Moisés referiu acerca daquele produto da indústria muçulmana, é verdadeiramente miraculosa, e, no meu sentir, perfeitamente mentirosa. Mas não vem ao caso dizê-la. O que importa saber é que ela foi roubada e que a polícia tem denúncia contra o senhor.

Neste ponto do discurso, chegara-se o homem à janela; Duarte suspeitou que fosse um doudo ou um ladrão. Não teve tempo de examinar a suspeita, porque dentro de alguns segundos, viu entrar cinco homens armados, que lhe lançaram as mãos e o levaram, escada abaixo, sem embargo dos gritos que soltava e dos movimentos desesperados que fazia. Na rua havia um carro, onde o meteram à força. Já lá estava o homem baixo e gordo, e mais um sujeito alto e magro, que o receberam e fizeram sentar no fundo do carro. Ouviu-se estalar o chicote do cocheiro e o carro partiu à desfilada.

– Ah! ah! disse o homem gordo. Com que então pensava que podia impunemente furtar chinelas turcas, namorar moças louras, casar talvez com elas... e rir ainda por cima do gênero humano.

Ouvindo aquela alusão à dama dos seus pensamentos, Duarte teve um calafrio. Tratava-se, ao que parecia, de algum desforço de rival suplantado. Ou a alusão seria casual e estranha à aventura? Duarte perdeu-se num cipoal de conjecturas, enquanto o

carro ia sempre andando a todo galope. No fim de algum tempo, arriscou uma observação.

– Quaisquer que sejam os meus crimes, suponho que a polícia...

– Nós não somos da polícia, interrompeu friamente o homem magro.

– Ah!

– Este cavalheiro e eu fazemos um par. Ele, o senhor e eu faremos um terno.

Ora, terno não é melhor que par; não é, não pode ser. Um casal é o ideal. Provavelmente não me entendeu?

– Não, senhor.

– Há de entender logo mais.

Duarte resignou-se à espera, enfronhou-se no silêncio, derreou o corpo, e deixou correr o carro e a aventura. Obra de cinco minutos depois estacavam os cavalos.

– Chegamos, disse o homem gordo.

Dizendo isto, tirou um lenço da algibeira e ofereceu-o ao bacharel para que tapasse os olhos. Duarte recusou, mas o homem magro observou-lhe que era mais prudente obedecer que resistir. Não resistiu o bacharel; atou o lenço e apeou-se. Ouviu, daí a pouco, ranger uma porta; duas pessoas, – provavelmente as mesmas que o acompanharam no carro, – seguraram-lhe as mãos e o conduziram por uma infinidade de corredores e escadas. Andando, ouvia o bacharel algumas vozes desconhecidas, palavras soltas, frases truncadas. Afinal pararam; disseram-lhe que se sentasse e destapassem os olhos. Duarte obedeceu; mas ao desvendar-se, não viu ninguém mais.

Era uma sala vasta, assaz iluminada, trastejada com elegância e opulência. Era talvez sobreposse a variedade dos adornos; contudo, a pessoa que os escolhera devia ter gosto apurado. Os bronzes, charões, tapetes, espelhos, – a cópia infinita de objetos que enchiam a sala, era tudo da melhor fábrica. A vista daquilo restituiu a serenidade de ânimo ao bacharel; não era provável que ali morassem ladrões.

Reclinou-se o moço indolentemente na otomana... Na otomana! esta circunstância trouxe à memória do rapaz o princípio da aventura e o roubo da chinela. Alguns minutos de reflexão bastaram para ver que a tal chinela era já agora mais que problemática. Cavando mais fundo no terreno das conjecturas, pareceu-lhe achar uma explicação nova e definitiva. A chinela vinha a ser pura metáfora; tratava-se do coração de Cecília, que ele roubara, delito de que o queria punir o já imaginado rival. A isto deviam ligar-se naturalmente as palavras misteriosas do homem magro: o par é melhor que o terno; um casal é o ideal.

– Há de ser isso, concluiu Duarte; mas quem será esse pretendente derrotado?

Neste momento abriu-se uma porta do fundo da sala e negrejou a batina de um padre alvo e calvo. Duarte levantou-se, como por efeito de uma mola. O padre atravessou lentamente a sala, ao passar por ele deitou-lhe a bênção, e foi sair por outra

porta rasgada na parede fronteira. O bacharel ficou sem movimento, a olhar para a porta, a olhar sem ver, estúpido de todos os sentidos. O inesperado daquela aparição baralhou totalmente as ideias anteriores a respeito da aventura. Não teve tempo, entretanto, de cogitar alguma nova explicação, porque a primeira porta foi de novo aberta e entrou por ela outra figura, desta vez o homem magro, que foi direito a ele e o convidou a segui-lo. Duarte não opôs resistência. Saíram por uma terceira porta, e, atravessados alguns corredores mais ou menos alumiados, foram dar a outra sala, que só o era por duas velas postas em castiçais de prata. Os castiçais estavam sobre uma mesa larga. Na cabeceira desta havia um homem velho que representava ter cinquenta e cinco anos; era uma figura atlética, farta de cabelos na cabeça e na cara.

– Conhece-me? perguntou o velho, logo que Duarte entrou na sala.

– Não, senhor.

– Nem é preciso. O que vamos fazer exclui absolutamente a necessidade de qualquer apresentação. Saberá em primeiro lugar que o roubo da chinela foi um simples pretexto...

– Oh! decerto! interrompeu Duarte.

– Um simples pretexto, continuou o velho, para trazê-lo a esta nossa casa. A chinela não foi roubada; nunca saiu das mãos da dona. João Rufino, vá buscar a chinela.

O homem magro saiu, e o velho declarou ao bacharel que a famosa chinela não tinha nenhum diamante, nem fora comprada a nenhum judeu do Egito; era, porém, turca, segundo se lhe disse, e um milagre de pequenez. Duarte ouviu as explicações, e, reunindo todas as forças, perguntou resolutamente:

– Mas, senhor, não me dirá de uma vez o que querem de mim e o que estou fazendo nesta casa?

– Vai sabê-lo, respondeu tranquilamente o velho.

A porta abriu-se e apareceu o homem magro com a chinela na mão. Duarte, convidado a aproximar-se da luz, teve ocasião de verificar que a pequenez era realmente miraculosa. A chinela era de marroquim finíssimo; no assento do pé, estufado e forrado de seda cor azul, rutilavam duas letras bordadas a ouro.

– Chinela de criança, não lhe parece? disse o velho.

– Suponho que sim.

– Pois supõe mal; é chinela de moça.

– Será; nada tenho com isso.

– Perdão! tem muito, porque vai casar com a dona.

– Casar! exclamou Duarte.

– Nada menos. João Rufino, vá buscar a dona da chinela.

Saiu o homem magro, e voltou logo depois. Assomando à porta, levantou o reposteiro e deu entrada a uma mulher, que caminhou para o centro da sala. Não era

mulher, era uma sílfide, uma visão de poeta, uma criatura divina. Era loura; tinha os olhos azuis, como os de Cecília, extáticos, uns olhos que buscavam o céu ou pareciam viver dele. Os cabelos, deleixadamente penteados, faziam-lhe em volta da cabeça, um como resplendor de santa; santa somente, não mártir, porque o sorriso que lhe desabrochava os lábios, era um sorriso de bem-aventurança, como raras vezes há de ter tido a terra. Um vestido branco, de finíssima cambraia, envolvia-lhe castamente o corpo, cujas formas aliás desenhava, pouco para os olhos, mas muito para a imaginação.

Um rapaz, como o bacharel, não perde o sentimento da elegância, ainda em lances daqueles. Duarte, ao ver a moça, compôs o chambre, apalpou a gravata e fez uma cerimoniosa cortesia, a que ela correspondeu com tamanha gentileza e graça, que a aventura começou a parecer muito menos aterradora.

– Meu caro doutor, esta é a noiva.

A moça abaixou os olhos; Duarte respondeu que não tinha vontade de casar.

– Três cousas vai o senhor fazer agora mesmo, continuou impassivelmente o velho: a primeira, é casar; a segunda, escrever o seu testamento; a terceira engolir certa droga do Levante...

– Veneno! interrompeu Duarte.

– Vulgarmente é esse o nome; eu dou-lhe outro: passaporte do céu.

Duarte estava pálido e frio. Quis falar, não pôde; um gemido, sequer, não lhe saiu do peito. Rolaria ao chão, se não houvesse ali perto uma cadeira em que se deixou cair.

– O senhor, continuou o velho, tem uma fortunazinha de cento e cinquenta contos. Esta pérola será a sua herdeira universal. João Rufino, vá buscar o padre.

O padre entrou, o mesmo padre calvo que abençoara o bacharel pouco antes; entrou e foi direito ao moço, engrolando sonolentemente um trecho de Neemias ou qualquer outro profeta menor; travou-lhe da mão e disse:

– Levante-se!

– Não! não quero! não me casarei!

– E isto? disse da mesa o velho apontando-lhe uma pistola.

– Mas então é um assassinato?

– É; a diferença está no gênero de morte: ou violenta com isto, ou suave com a droga. Escolha!

Duarte suava e tremia. Quis levantar-se e não pôde. Os joelhos batiam um contra o outro. O padre chegou-se-lhe ao ouvido, e disse baixinho:

– Quer fugir?

– Oh! sim! exclamou, não com os lábios, que podia ser ouvido, mas com os olhos em que pôs toda a vida que lhe restava.

– Vê aquela janela? Está aberta; embaixo fica um jardim. Atire-se dali sem medo.

– Oh! padre! disse baixinho o bacharel.

– Não sou padre, sou tenente do exército. Não diga nada.

A janela estava apenas cerrada; via-se pela fresta uma nesga do céu, já meio claro. Duarte não hesitou, coligiu todas as forças, deu um pulo do lugar onde estava e atirou-se a Deus misericórdia por ali abaixo. Não era grande altura, a queda foi pequena; ergueu-se o moço rapidamente, mas o homem gordo, que estava no jardim, tomou-lhe o passo.

– Que é isso? perguntou ele rindo.

Duarte não respondeu, fechou os punhos, bateu com eles violentamente nos peitos do homem e deitou a correr pelo jardim fora. O homem não caiu; sentiu apenas um grande abalo; e, uma vez passada a impressão, seguiu no encalço do fugitivo. Começou então uma carreira vertiginosa. Duarte ia saltando cercas e muros, calcando canteiros, esbarrando árvores, que uma ou outra vez se lhe erguiam na frente. Escorria-lhe o suor em bica, alteava-se-lhe o peito, as forças iam a perder-se pouco a pouco; tinha uma das mãos ferida, a camisa salpicada do orvalho das folhas, duas vezes esteve a ponto de ser apanhado, o chambre pegara-se-lhe em uma cerca de espinhos. Enfim, cansado, ferido, ofegante, caiu nos degraus de pedra de uma casa, que havia no meio do último jardim que atravessara. Olhou para trás; não viu ninguém; o perseguidor não o acompanhara até ali. Podia vir, entretanto; Duarte ergueu-se a custo, subiu os quatro degraus que lhe faltavam, e entrou na casa, cuja porta, aberta, dava para uma sala pequena e baixa.

Um homem que ali estava, lendo um número do *Jornal do Commercio*, pareceu não o ter visto entrar. Duarte caiu numa cadeira. Fitou os olhos no homem. Era o major Lopo Alves. O major, empunhando a folha, cujas dimensões iam-se tornando extremamente exíguas, exclamou repentinamente:

– Anjo do céu, estás vingado! Fim do último quadro.

Duarte olhou para ele, para a mesa, para as paredes, esfregou os olhos, respirou à larga.

– Então! Que tal lhe pareceu?

– Ah! excelente! respondeu o bacharel, levantando-se.

– Paixões fortes, não?

– Fortíssimas. Que horas são?

– Deram duas agora mesmo.

Duarte acompanhou o major até a porta, respirou ainda uma vez, apalpou-se, foi até à janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, ao cabo de um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo: – Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e

ASSIS, Machado de. A chinela turca.

fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me ainda uma vez que o melhor drama está no espectador e não no palco.

FIM DA CHINELA TURCA.

Machado de Assis

[*Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 107-125]

Editores: José Américo Miranda e Gracinéa I. Oliveira.

NA ARCA

TRÊS CAPÍTULOS INÉDITOS DO GÊNESIS

CAPÍTULO A

1. – Então Noé disse a seus filhos Japhet, Sem e Cham: – “Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor, nós, e nossas mulheres, e todos os animais. A arca tem de parar no cabeço de uma montanha; desceremos a ela.

2. – “Porque o Senhor cumpriu a sua promessa, quando me disse: Resolvi dar cabo de toda a carne; o mal domina a terra, quero fazer perecer os homens. Faze uma arca de madeira; entra nela tu, tua mulher e teus filhos,

3. – “E as mulheres de teus filhos, e um casal de todos os animais.

4. – “Agora, pois, se cumpriu a promessa do Senhor, e todos os homens pereceram, e fecharam-se as cataratas do céu; tornaremos a descer à terra, e a viver no seio da paz e da concórdia.”

5. – Isto disse Noé, e os filhos de Noé muito se alegraram de ouvir as palavras de seu pai; e Noé os deixou sós, retirando-se a uma das câmaras da arca.

6. – Então Japhet levantou a voz e disse: – “Aprazível vida vai ser a nossa. A figueira nos dará o fruto, a ovelha a lã, a vaca o leite, o sol a claridade e a noite a tenda.

7. – “Porquanto seremos únicos na terra, e toda a terra será nossa, e ninguém perturbará a paz de uma família, poupada do castigo que feriu a todos os homens

8. – “Para todo o sempre.” Então Sem, ouvindo falar o irmão, disse: – “Tenho uma ideia.” Ao que Japhet e Cham responderam: – “Vejamos a tua ideia, Sem.”

9. – E Sem falou a voz de seu coração, dizendo: – “Meu pai tem a sua família; cada um de nós tem a sua família; a terra é de sobra; podíamos viver em tendas separadas. Cada um de nós fará o que lhe parecer melhor: e plantará, caçará, ou lavrará a madeira, ou fiará o linho.”

10. – E respondeu Japhet: – “Acho bem lembrada a ideia de Sem; podemos viver em tendas separadas. A arca vai descer ao cabeço de uma montanha; meu pai e Cham descirão para o lado do nascente; eu e Sem para o lado do poente. Sem ocupará duzentos côvados de terra, eu outros duzentos.”

11. – Mas dizendo Sem: – “Acho pouco duzentos côvados” –, retorquiu Japhet: “Pois sejam quinhentos cada um. Entre a minha terra e a tua haverá um rio, que as divida no meio, para se não confundir a propriedade. Eu fico na margem esquerda e tu na margem direita;

12. – “E a minha terra se chamará a terra de Japhet, e a tua se chamará a terra de Sem; e iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia.”

13. – E tendo Sem aprovado a divisão, perguntou a Japhet: “Mas o rio? a quem pertencerá a água do rio, a corrente?”

14. – “Porque nós possuímos as margens, e não estatuímos nada a respeito da corrente.” E respondeu Japhet, que podiam pescar de um e outro lado; mas, divergindo o irmão, propôs dividir o rio em duas partes, fincando um pau no meio. Japhet, porém, disse que a corrente levaria o pau.

15. – E tendo Japhet respondido assim, acudiu o irmão: – “Pois que te não serve o pau, fico eu com o rio, e as duas margens; e para que não haja conflito, podes levantar um muro, dez ou doze côvados, para lá da tua margem antiga.

16. – “E se com isto perdes alguma cousa, nem é grande a diferença, nem deixa de ser acertado, para que nunca jamais se turbe a concórdia entre nós, segundo é a vontade do Senhor.”

17. – Japhet porém replicou: – “Vai bugiar! Com que direito me tiras a margem, que é minha, e me roubas um pedaço de terra? Porventura és melhor do que eu,

18. – “Ou mais belo, ou mais querido de meu pai? que direito tens de violar assim tão escandalosamente a propriedade alheia?”

19. – “Pois agora te digo que o rio ficará do meu lado, com ambas as margens, e que se te atreveres a entrar na minha terra, matar-te-ei como Caim matou a seu irmão.”

20. – Ouvindo isto, Cham atemorizou-se muito, e começou a aquietar os dous irmãos,

21. – Os quais tinham os olhos do tamanho de figos e cor de brasa, e olhavam-se cheios de cólera e desprezo.

22. – A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

CAPÍTULO B

1. – Ora, Japhet, tendo curtido a cólera, começou a espumar pela boca, e Cham falou-lhe palavras de brandura,

2. – Dizendo: – “Vejam os meios de conciliar tudo; vou chamar tua mulher e a mulher de Sem.”

3. – Um e outro, porém, recusaram dizendo que o caso era de direito e não de persuasão.

4. – E Sem propôs a Japhet que compensasse os dez côvados perdidos, medindo outros tantos nos fundos da terra dele. Mas Japhet respondeu:

5. – “Por que me não mandas logo para os confins do mundo? Já te não contentas com quinhentos côvados; queres quinhentos e dez, e eu que fique com quatrocentos e noventa.

6. – “Tu não tens sentimentos morais? não sabes o que é justiça? não vês que me esbulhas descaradamente? e não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com risco de vida?

7. – “E que, se é preciso correr sangue, o sangue há de correr já e já,

8. – “Para te castigar a soberba e lavar a tua iniquidade?”

9. – Então Sem avançou para Japhet; mas Cham interpôs-se, pondo uma das mãos no peito de cada um;

10. – Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dous irmãos, e começaram a vigiar-se um ao outro.

11. – E disse Cham: – “Ora, pois, tenho uma ideia maravilhosa, que há de acomodar tudo;

12. – “A qual me é inspirada pelo amor, que tenho a meus irmãos. Sacrificarei pois a terra que me couber ao lado de meu pai, e ficarei com o rio e as duas margens, dando-me vós uns vinte côvados cada um.”

13. – E Sem e Japhet riram com desprezo e sarcasmo, dizendo: – “Vai plantar tâmaras! Guarda a tua ideia para os dias da velhice.” E puxaram as orelhas e o nariz de Cham; e Japhet, metendo dous dedos na boca, imitou o silvo da serpente, em ar de surriada.

14. – Ora, Cham envergonhado e irritado, espalmou a mão dizendo: – “Deixa estar!” e foi dali ter com o pai e as mulheres dos dous irmãos.

15. – Japhet porém disse a Sem: – “Agora que estamos sós, vamos decidir este grave caso, ou seja de língua ou de punho. Ou tu me cedas as duas margens, ou eu te quebro uma costela.”

16. – Dizendo isto, Japhet ameaçou a Sem com os punhos fechados, enquanto Sem, derreando o corpo, disse com voz irada: “Não te cedo nada, gatuno!”

17. – Ao que Japhet retorquiu irado: “gatuno és tu!”

18. – Isto dito, avançaram um para o outro e atracaram-se. Japhet tinha o braço rijo e adestrado; Sem era forte na resistência. Então Japhet, segurando o irmão pela cinta, apertou-o fortemente, bradando: “De quem é o rio?”

19. – E respondendo Sem: – “É meu!” Japhet fez um gesto para derrubá-lo; mas Sem, que era forte, sacudiu o corpo e atirou o irmão para longe. Japhet, porém, espumando de cólera, tornou a apertar o irmão, e os dous lutaram braço a braço,

20. – Suando e bufando como touros.

21. – Na luta, caíram e rolaram, esmurrando-se um ao outro; o sangue saía dos narizes, dos beiços, das faces; ora vencia Japhet,

22. – Ora vencia Sem; porque a raiva animava-os igualmente, e eles lutavam com as mãos, os pés, os dentes e as unhas; e a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu.

23. – Então as vozes e brados chegaram aos ouvidos de Noé, ao mesmo tempo que seu filho Cham, que lhe apareceu clamando: “Meu pai, meu pai, se de Caim se tomará vingança sete vezes, e de Lamech setenta vezes sete, o que será de Japhet e Sem?”

24. – E pedindo Noé que explicasse o dito, Cham referiu a discórdia dos dous irmãos, e a ira que os animava, e disse: – “Correi a aquietá-los.” Noé disse: – “Vamos.”

25. – A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

CAPÍTULO C

1. – Eis aqui chegou Noé ao lugar onde lutavam os dous filhos,

2. – E achou-os ainda agarrados um ao outro, e Sem debaixo do joelho de Japhet, que com o punho cerrado lhe batia na cara, a qual estava roxa e sangrenta.

3. – Entretanto, Sem, alçando as mãos, conseguiu apertar o pescoço do irmão, e este começou a bradar: “Larga-me, larga-me.”

4. – Ouvindo os brados, as mulheres de Japhet e Sem acudiram também ao lugar da luta, e, vendo-os assim, entraram a soluçar e a dizer: “O que será de nós? A maldição caiu sobre nós e nossos maridos.”

5. – Noé, porém, lhes disse: “Calai-vos, mulheres de meus filhos, eu verei de que se trata, e ordenarei o que for justo.” E caminhando para os dous combatentes,

6. – Bradou: “Cessai a briga. Eu, Noé, vosso pai, o ordeno e mando.” E ouvindo os dous irmãos o pai, detiveram-se subitamente, e ficaram longo tempo atalhados e mudos, não se levantando nenhum deles.

7. – Noé continuou: “Erguei-vos, homens indignos da salvação e merecedores do castigo que feriu os outros homens.”

8. – Japhet e Sem ergueram-se. Ambos tinham feridos o rosto, o pescoço e as mãos, e as roupas salpicadas de sangue, porque tinham lutado com unhas e dentes, instigados de ódio mortal.

9. – O chão também estava alagado de sangue, e as sandálias de um e outro, e os cabelos de um e outro,

10. – Como se o pecado os quisesa marcar com o selo da iniquidade.

11. – As duas mulheres, porém, chegaram-se a eles, chorando e acariciando-os, e via-se-lhes a dor do coração. Japhet e Sem não atendiam a nada, e estavam com os olhos no chão, medrosos de encarar seu pai.

12. – O qual disse: “Ora, pois, quero saber o motivo da briga.”

13. – Esta palavra acendeu o ódio no coração de ambos. Japhet, porém, foi o primeiro que falou e disse:

14. – “Sem invadiu a minha terra, a terra que eu havia escolhido para levantar a minha tenda, quando as águas houverem desaparecido e a arca descer, segundo a promessa do Senhor;

15. – “E eu, que não tolero o esbulho, disse a meu irmão: “Não te contentas com quinhentos côvados e queres mais dez?” E ele me respondeu: “Quero mais dez e as duas margens do rio que há de dividir a minha terra da tua terra.”

16. – Noé, ouvindo o filho, tinha os olhos em Sem; e acabando Japhet, perguntou ao irmão: “Que respondes?”

17. – E Sem disse: – “Japhet mente, porque eu só lhe tomei os dez côvados de terra, depois que ele recusou dividir o rio em duas partes; e propondo-lhe ficar com as duas margens, ainda consenti que ele medisse outros dez côvados nos fundos das terras dele,

18. – “Para compensar o que perdia; mas a iniquidade de Caim falou nele, e ele me feriu a cabeça, a cara e as mãos.”

19. – E Japhet interrompeu-o dizendo: “Porventura não me feriste também? Não estou ensanguentado como tu? Olha a minha cara e o meu pescoço; olha as minhas faces, que rasgaste com as tuas unhas de tigre.”

20. – Indo Noé falar, notou que os dous filhos de novo pareciam desafiar-se com os olhos. Então disse: “Ouvi!” Mas os dous irmãos, cegos de raiva, outra vez se engalfinharam, bradando: – “De quem é o rio?” – “O rio é meu.”

21. – E só a muito custo puderam Noé, Cham e as mulheres de Sem e Japhet, conter os dous combatentes, cujo sangue entrou a jorrar em grande cópia.

22. – Noé, porém, alçando a voz, bradou: – “Maldito seja o que me não obedecer. Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes sete, mas setecentas vezes setenta.

23. – “Ora, pois, vos digo que, antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas.”

24. – Depois ficou meditabundo.

25. – E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:

26. – “Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?”

27. – E nenhum dos filhos de Noé pôde entender esta palavra de seu pai.
28. – A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo.

Machado de Assis

[*Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 127-138]

Editores: José Américo Miranda e Gilson Santos.

ANEXO

[O texto seguinte era uma “parte introdutória” aos “Três capítulos inéditos do Gênesis”, no Folhetim de *O Cruzeiro* – vinha antes de CAPÍTULO A, ocupando a primeira coluna e quase metade da segunda. Machado de Assis o suprimiu quando publicou este escrito em *Papéis avulsos*.]

Um capuchinho de Jerusalém remeteu-me pelo último pacote um preciosíssimo manuscrito: nada menos que três capítulos inéditos do *Gênesis*. O capuchinho, que esteve aqui há anos, conserva grata lembrança do nosso país. Da carta com que me mandou o seu maravilhoso achado, extraio estas duas linhas: “Com que saudades me lembro do seu Brasil! Creia que se alguma vez deixar a terra santa, é lá que irei acabar os meus dias.”

O manuscrito foi achado nos alicerces da casa de Caifás. Está muito amarelo e roído em partes, mas felizmente só três ou quatro letras desapareceram de todo, e ainda assim supre-as o sentido. O capuchinho é bom hebraísta; mas, sabedor da curiosidade com que me entrego a tais estudos, quis dar-me a primazia da tradução, pedindo-me que lha enviasse inédita. Não pude resistir à tentação de a publicar, e o faço sem remorso, porque um achado desta ordem não tolera larga obscuridade.

Disse que eram três capítulos inéditos do *Gênesis*, apesar do frade acreditar que se trata antes de uma interpolação e conseqüentemente que o texto canônico é também o texto integral. A razão que ele tem para afirmar que os três capítulos não são mais do que uma interpolação é a tal ou qual corrupção da língua, não obstante alguns arcaísmos, com que o autor (diz o capucho) quis dar ao escrito um verniz da antiguidade. Discordo, e fico trabalhando numa memória de 600 páginas para demonstrar que o fragmento agora achado é o complemento do livro, uma simples restituição da primitiva Escritura.

Para a boa compreensão do que se vai ler, convém notar que estes três capítulos entram no cap. VIII do *Gênesis*, depois do vers. 17, isto é, antes da saída de Noé da arca, saída que é contada nos vers. 18 e 19. Temos pois que o cap. VIII é dividido em dois, indo o primeiro até o vers. 17; seguem-se os caps. A, B e C; e logo depois a 2ª parte daquele que constitui um capítulo separado.

A tradução é a mais fiel que me foi possível fazer. Lutei com dificuldades grandes. Em dois lugares fui obrigado a dar uma forma excessivamente moderna, para corresponder à ideia aproximada do original. Mas, em toda a tradução, conservei a simplicidade bíblica. Se acrescentar que fiz todo o trabalho em trinta e cinco minutos, ajudado apenas de um dicionário roto, terei dado ideia do esforço e ardor com que meti ombros a uma empresa literária, que considero (vaidade à parte), a maior destes últimos cinquenta anos. Oxalá me compreendam os leitores!

Eleazar [Machado de Assis]

FONTE: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano I, n. 133, p. 1, 14 maio 1878.

D. BENEDITA

UM RETRATO

I

A cousa mais árdua do mundo, depois do ofício de governar, seria dizer a idade exata de D. Benedita. Uns davam-lhe quarenta anos, outros quarenta e cinco, alguns trinta e seis. Um corretor de fundos descia aos vinte e nove; mas esta opinião, eivada de intenções ocultas, carecia daquele cunho de sinceridade que todos gostamos de achar nos conceitos humanos. Nem eu a cito, senão para dizer, desde logo, que D. Benedita foi sempre um padrão de bons costumes. A astúcia do corretor não fez mais do que indigná-la, embora momentaneamente; digo momentaneamente. Quanto às outras conjecturas, oscilando entre os trinta e seis e os quarenta e cinco, não desdiziam das feições de D. Benedita, que eram maduramente graves e juvenilmente graciosas. Mas, se alguma cousa admira é que houvesse suposições neste negócio, quando bastava interrogá-la para saber a verdade verdadeira.

D. Benedita fez quarenta e dous anos no domingo dezanove de setembro de 1869. São seis horas da tarde; a mesa da família está ladeada de parentes e amigos, em número de vinte ou vinte e cinco pessoas. Muitas dessas estiveram no jantar de 1868, no de 1867 e no de 1866, e ouviram sempre aludir francamente à idade da dona da casa. Além disso, veem-se ali, à mesa, uma moça e um rapaz, seus filhos; este é, decerto, no tamanho e nas maneiras, um tanto menino; mas a moça, Eulália, contando dezoito anos, parece ter vinte e um, tal é a severidade dos modos e das feições.

A alegria dos convivas, a excelência do jantar, certas negociações matrimoniais incumbidas ao cônego Roxo, aqui presente, e das quais se falará mais abaixo, as boas qualidades da dona da casa, tudo isso dá à festa um caráter íntimo e feliz. O cônego levanta-se para trincar o peru. D. Benedita acatava esse uso nacional das casas modestas de confiar o peru a um dos convivas, em vez de o fazer retalhar fora da mesa por mãos servis, e o cônego era o pianista daquelas ocasiões solenes. Ninguém conhecia melhor a anatomia do animal, nem sabia operar com mais presteza. Talvez, – e este

fenômeno fica para os entendidos, – talvez a circunstância do canonicato aumentasse ao trinchante, no espírito dos convivas, uma certa soma de prestígio, que ele não teria, por exemplo, se fosse um simples estudante de matemáticas, ou um amanuense de secretaria. Mas, por outro lado, um estudante ou um amanuense, sem a lição do longo uso, poderia dispor da arte consumada do cônego? É outra questão importante.

Venhamos, porém, aos demais convivas, que estão parados, conversando; reina o borborinho próprio dos estômagos meio regalados, o riso da natureza que caminha para a repleção; é um instante de repouso.

D. Benedita fala, como as suas visitas, mas não fala para todas, senão para uma, que está sentada ao pé dela. Essa é uma senhora gorda, simpática, muito risonha, mãe de um bacharel de vinte e dous anos, o Leandrinho, que está sentado defronte delas. D. Benedita não se contenta de falar à senhora gorda, tem uma das mãos desta entre as suas; e não se contenta de lhe ter presa a mão, fita-lhe uns olhos namorados, vivamente namorados. Não os fita, note-se bem, de um modo persistente e longo, mas inquieto, miúdo, repetido, instantâneo. Em todo caso, há muita ternura naquele gesto; e, dado que não a houvesse, não se perderia nada, porque D. Benedita repete com a boca a D. Maria dos Anjos tudo o que com os olhos lhe tem dito: – que está encantada, que considera uma fortuna conhecê-la, que é muito simpática, muito digna, que traz o coração nos olhos, etc., etc., etc. Uma de suas amigas diz-lhe, rindo, que está com ciúmes.

– Que arrebente! responde ela, rindo também.

E voltando-se para a outra:

– Não acha? ninguém deve meter-se com a nossa vida.

E aí tornavam as finezas, os encarecimentos, os risos, as ofertas, mais isto, mais aquilo, – um projeto de passeio, outro de teatro, e promessas de muitas visitas, tudo com tamanha expansão e calor, que a outra palpitava de alegria e reconhecimento.

O peru está comido. D. Maria dos Anjos faz um sinal ao filho; este levanta-se e pede que o acompanhem em um brinde:

– Meus senhores, é preciso desmentir esta máxima dos franceses: – *les absents ont tort*. Bebamos a alguém que está longe, muito longe, no espaço, mas perto, muito perto, no coração de sua digna esposa: – bebamos ao ilustre desembargador Proença.

A assembleia não correspondeu vivamente ao brinde; e para compreendê-lo basta ver o rosto triste da dona da casa. Os parentes e os mais íntimos disseram baixinho entre si que o Leandrinho fora estouvado; enfim, bebeu-se, mas sem estrépito; ao que parece, para não avivar a dor de D. Benedita. Vã precaução! D. Benedita, não podendo conter-se, deixou rebentarem-lhe as lágrimas, levantou-se da mesa, retirou-se da sala. D. Maria dos Anjos acompanhou-a. Sucedeu um silêncio mortal entre os convivas. Eulália pediu a todos que continuassem, que a mãe voltava já.

– Mamãe é muito sensível, disse ela, e a ideia de que papai está longe de nós...

O Leandrinho, consternado, pediu desculpa a Eulália. Um sujeito, ao lado dele, explicou-lhe que D. Benedita não podia ouvir falar do marido sem receber um golpe no coração – e chorar logo; ao que o Leandrinho acudiu dizendo que sabia da tristeza dela, mas estava longe de supor que o seu brinde tivesse tão mau efeito.

– Pois era a cousa mais natural, explicou o sujeito, porque ela morre pelo marido.

– O cônego, acudiu Leandrinho, disse-me que ele foi para o Pará há uns dous anos...

– Dous anos e meio; foi nomeado desembargador pelo ministério Zacarias. Ele queria a relação de S. Paulo, ou da Bahia; mas não pôde ser e aceitou a do Pará.

– Não voltou mais?

– Não voltou.

– D. Benedita naturalmente tem medo de embarcar...

– Creio que não. Já foi uma vez à Europa. Se bem me lembro, ela ficou para arranjar alguns negócios de família; mas foi ficando, ficando, e agora...

– Mas era muito melhor ter ido em vez de padecer assim... Conhece o marido?

– Conheço; um homem muito distinto, e ainda moço, forte; não terá mais de quarenta e cinco anos. Alto, barbado, bonito. Aqui há tempos disse-se que ele não teimava com a mulher, porque estava lá de amores com uma viúva.

– Ah!

– E houve até quem viesse contá-lo a ela mesma. Imagine como a pobre senhora ficou! Chorou uma noite inteira, no dia seguinte não quis almoçar, e deu todas as ordens para seguir no primeiro vapor.

– Mas não foi?

– Não foi; desfez a viagem daí a três dias.

D. Benedita voltou nesse momento, pelo braço de D. Maria dos Anjos. Trazia um sorriso envergonhado; pediu desculpa da interrupção, e sentou-se com a recente amiga ao lado, agradecendo os cuidados que lhe deu, pegando-lhe outra vez na mão.

– Vejo que me quer bem, disse ela.

– A senhora merece, disse D. Maria dos Anjos.

– Mereço? inquiriu ela entre desvanecida e modesta.

E declarou que não, que a outra é que era boa, um anjo, um verdadeiro anjo; palavra que ela sublinhou com o mesmo olhar namorado, não persistente e longo, mas inquieto e repetido. O cônego, pela sua parte, com o fim de apagar a lembrança do incidente, procurou generalizar a conversa, dando-lhe por assunto a eleição do melhor doce. Os pareceres divergiram muito. Uns acharam que era o de coco, outros o de caju,

alguns o de laranja, etc. Um dos convivas, o Leandrinho, autor do brinde, dizia com os olhos, – não com a boca, – e dizia-o de um modo astucioso, que o melhor doce eram as faces de Eulália, um doce moreno, corado; dito que a mãe dele interiormente aprovava, e que a mãe dela não podia ver, tão entregue estava à contemplação da recente amiga. Um anjo, um verdadeiro anjo!

II

D. Benedita levantou-se, no dia seguinte, com a ideia de escrever uma carta ao marido, uma longa carta em que lhe narrasse a festa da véspera, nomeasse os convivas e os pratos, descrevesse a recepção noturna, e, principalmente, desse notícia das novas relações com D. Maria dos Anjos. A mala fechava-se às duas horas da tarde, D. Benedita acordara às nove, e, não morando longe (morava no Campo da Aclamação), um escravo levaria a carta ao correio muito a tempo. Demais, chovia; D. Benedita arredou a cortina da janela, deu com os vidros molhados; era uma chuvinha teimosa, o céu estava todo brochado de uma cor pardo-escuro, malhada de grossas nuvens negras. Ao longe, viu flutuar e voar o pano que cobria o balaio que uma preta levava à cabeça: concluiu que ventava. Magnífico dia para não sair, e, portanto, escrever uma carta, duas cartas, todas as cartas de uma esposa ao marido ausente. Ninguém viria tentá-la.

Enquanto ela compõe os babadinhos e rendas do roupão branco, um roupão de cambraia que o desembargador lhe dera em 1862, no mesmo dia aniversário, 19 de Setembro, convidou a leitora a observar-lhe as feições. Vê que não lhe dou Vênus; também não lhe dou Medusa. Ao contrário de Medusa, nota-se-lhe o alisado simples do cabelo, preso sobre a nuca. Os olhos são vulgares, mas têm uma expressão bonachã. A boca é daquelas que, ainda não sorrindo, são risonhas, e tem esta outra particularidade, que é uma boca sem remorsos nem saudades: podia dizer sem desejos, mas eu só digo o que quero, e só quero falar das saudades e dos remorsos. Toda essa cabeça, que não entusiasmo, nem repele, assenta sobre um corpo antes alto do que baixo, e não magro nem gordo, mas fornido na proporção da estatura. Para que falar-lhe das mãos? Há de admirá-las logo, ao travar da pena e do papel, com os dedos afilados e vadios, dous deles ornados de cinco ou seis anéis.

Creio que é bastante ver o modo por que ela compõe as rendas e os babadinhos do roupão para compreender que é uma senhora pichosa, amiga do arranjo das cousas e de si mesma. Noto que rasgou agora o babadinho do punho esquerdo, mas é porque, sendo também impaciente, não podia mais “com a vida deste diabo.” Essa foi a sua expressão, acompanhada logo de um “Deus me perdoe!” que inteiramente lhe extraiu o veneno. Não digo que ela bateu com o pé, mas adivinha-se, por ser um gesto natural de algumas senhoras irritadas. Em todo caso, a cólera durou pouco mais de meio minuto. D. Benedita foi à caixinha de costura para dar um ponto no rasgão, e contentou-se com um alfinete. O alfinete

caiu no chão, ela abaixou-se a apanhá-lo. Tinha outros, é verdade, muitos outros, mas não achava prudente deixar alfinetes no chão. Abaixando-se, aconteceu-lhe ver a ponta da chinela, na qual pareceu-lhe descobrir um sinal branco; sentou-se na cadeira que tinha perto, tirou a chinela, e viu o que era: era um roidinho de barata. Outra raiva de D. Benedita, porque a chinela era muito galante, e fora-lhe dada por uma amiga do ano passado. Um anjo, um verdadeiro anjo! D. Benedita fitou os olhos irritados no sinal branco; felizmente a expressão bonachã deles não era tão bonachã que se deixasse eliminar de todo por outras expressões menos passivas, e retomou o seu lugar. D. Benedita entrou a virar e revirar a chinela, e a passá-la de uma para outra mão, a princípio com amor, logo depois maquinalmente, até que as mãos pararam de todo, a chinela caiu no regaço, e D. Benedita ficou a olhar para o ar, parada, fixa. Nisto o relógio da sala de jantar, começou a bater horas. D. Benedita logo às primeiras duas, estremeceu:

– Jesus! Dez horas!

E, rápida, calçou a chinela, concertou depressa o punho do roupão, e dirigiu-se à escrivaninha, para começar a carta. Escreveu, com efeito, a data, e um: – “Meu ingrato marido”; enfim, mal traçara estas linhas: – “Você lembrou-se ontem de mim? Eu...” quando Eulália lhe bateu à porta, bradando:

– Mamãe, mamãe, são horas de almoçar.

D. Benedita abriu a porta, Eulália beijou-lhe a mão, depois levantou as suas ao céu:

– Meu Deus! que dorminhoca!

– O almoço está pronto?

– Há que séculos!

– Mas eu tinha dito que hoje o almoço era mais tarde... Estava escrevendo a teu pai.

Olhou alguns instantes para a filha, como desejosa de lhe dizer alguma coisa grave, ao menos difícil, tal era a expressão indecisa e séria dos olhos. Mas não chegou a dizer nada; a filha repetiu que o almoço estava na mesa, pegou-lhe do braço e levou-a.

Deixemo-las almoçar à vontade; descansemos nessa outra sala, a de visitas, sem aliás inventariar os móveis dela, como o não fizemos em nenhuma outra sala ou quarto. Não é que eles não prestem, ou sejam de mau gosto; ao contrário, são bons. Mas a impressão geral que se recebe é esquisita, como se ao trastejar daquela casa houvesse presidido um plano truncado, ou uma sucessão de planos truncados. Suponhamos que a Moda, a Fantasia e o Acaso iam morar juntos; não alfiariam a casa de outra maneira. Uma traria o adorno em voga no mês de agosto ou março, outra o que lhe desse na cabeça, o último, enfim, o que achasse à mão. Era assim a casa de D. Benedita.

Mãe, filha e filho almoçaram. Deixemos o filho, que nos não importa, um pirralho de doze anos, que parece ter oito, tão mofino é ele. Eulália interessa-nos, não só pelo que

vimos de relance no capítulo passado, como porque, ouvindo a mãe falar em D. Maria dos Anjos e no Leandrinho, ficou muito séria e, talvez, um pouco amuada. D. Benedita percebeu que o assunto não era aprazível à filha, e recuou da conversa, como alguém que desanda uma rua para evitar um importuno; recuou e ergueu-se; a filha veio com ela para a sala de visitas.

Eram onze horas menos um quarto. D. Benedita conversou com a filha até depois de meio-dia, para ter tempo de descansar o almoço e escrever a carta. Sabem que a mala fecha às duas horas. De facto, alguns minutos, poucos, depois do meio-dia, D. Benedita disse à filha que fosse estudar piano, porque ela ia acabar a carta. Saiu da sala; Eulália foi à janela, relanceou a vista pelo Campo, e, se lhes disser que com uma pontazinha de tristeza nos olhos, podem crer que é a pura verdade. Não era todavia, a tristeza dos débeis ou dos indecisos; era a tristeza dos resolutos, a quem dói de antemão um ato pela mortificação que há de trazer a outros, e que, não obstante, juram a si mesmos praticá-lo, e praticam. Convenho que nem todas essas particularidades podiam estar nos olhos de Eulália, mas por isso mesmo é que as histórias são contadas por alguém, que se incumbe de preencher as lacunas e divulgar o escondido. Que era uma tristeza máscula, era; – e que daí a pouco os olhos sorriam de um sinal de esperança, também não é mentira.

– Isto acaba, murmurou ela, vindo para dentro.

Justamente nessa ocasião parava um carro à porta, apeava-se uma senhora, ouvia-se a campainha da escada, descia um moleque a abrir a cancela, e subia as escadas D. Maria dos Anjos. D. Benedita, quando lhe disseram quem era, largou a pena, alvoroçada; vestiu-se à pressa, calçou-se, e foi à sala.

– Com este tempo! exclamou. Ah! isto é que é querer bem à gente!

– Vim sem esperar pela sua visita, só para mostrar que não gosto de cerimônias, e que entre nós deve haver a maior liberdade.

Vieram os cumprimentos de estilo, as palavrinhas doces, os afagos da véspera. D. Benedita não se fartava de dizer que a visita naquele dia era uma grande fineza, uma prova de verdadeira amizade; mas queria outra, acrescentou daí a um instante, que D. Maria dos Anjos ficasse para jantar. Esta desculpou-se alegando que tinha de ir a outras partes; demais, essa era a prova que lhe pedia, – a de ir jantar à casa dela primeiro. D. Benedita não hesitou, prometeu que sim, naquela mesma semana.

– Estava agora mesmo escrevendo o seu nome, continuou.

– Sim?

– Estou escrevendo a meu marido, e falo da senhora. Não lhe repito o que escrevi, mas imagine que falei muito mal da senhora, que era antipática, insuportável, maçante, aborrecida... Imagine!

– Imagino, imagino. Pode acrescentar que, apesar de ser tudo isso, e mais alguma coisa, apresento-lhe os meus respeitos.

– Como ela tem graça para dizer as cousas! comentou D. Benedita olhando para a filha.

Eulália sorriu sem convicção. Sentada na cadeira fronteira à mãe, ao pé da outra ponta do sofá em que estava D. Maria dos Anjos, – Eulália dava à conversação das duas a soma de atenção que a cortesia lhe impunha, e nada mais. Chegava a parecer aborrecida; cada sorriso que lhe abria a boca era de um amarelo pálido, um sorriso de favor. Uma das tranças, – era de manhã, trazia o cabelo em duas tranças caídas pelas costas abaixo, – uma delas servia-lhe de pretexto a alhear-se de quando em quando, porque puxava-a para a frente e contava-lhe os fios do cabelo, – ou parecia contá-los. Assim o creu D. Maria dos Anjos, quando lhe lançou uma ou duas vezes os olhos, curiosa, desconfiada. D. Benedita é que não via nada; via a amiga, a feiticeira, como lhe chamou duas ou três vezes, – “feiticeira como ela só.”

– Já!

D. Maria dos Anjos explicou que tinha de ir a outras visitas; mas foi obrigada a ficar ainda alguns minutos, a pedido da amiga. Como trouxesse um mantelete de renda preta, muito elegante, D. Benedita disse que tinha um igual, e mandou buscá-lo. Tudo demoras. Mas a mãe do Leandrinho estava tão contente! D. Benedita enchia-lhe o coração; achava nela todas as qualidades que melhor se ajustavam à sua alma e aos seus costumes, ternura, confiança, entusiasmo, simplicidade, uma familiaridade cordial e pronta. Veio o mantelete; vieram oferecimentos de alguma coisa, um doce, um licor, um refresco; D. Maria dos Anjos não aceitou nada mais do que um beijo e a promessa de que iriam jantar com ela naquela semana.

– Quinta-feira, disse D. Benedita.

– Palavra?

– Palavra.

– Que quer que lhe faça se não for? Há de ser um castigo bem forte.

– Bem forte? Não me fale mais.

D. Maria dos Anjos beijou com muita ternura a amiga; depois abraçou e beijou também a Eulália, mas a efusão era muito menor de parte a parte. Uma e outra mediam-se, estudavam-se, começavam a compreender-se. D. Benedita levou a amiga até o patamar da escada, depois foi à janela para vê-la entrar no carro; a amiga, depois de entrar no carro, pôs a cabeça de fora, olhou para cima, e disse-lhe adeus, com a mão.

– Não falte, ouviu?

– Quinta-feira.

Eulália já não estava na sala; D. Benedita correu a acabar a carta. Era tarde: não relatara o jantar da véspera, nem já agora podia fazê-lo. Resumiu tudo; encareceu muito as novas relações; enfim, escreveu estas palavras:

“O cônego Roxo falou-me em casar Eulália com o filho de D. Maria dos Anjos; é um moço formado em direito este ano; é conservador, e espera uma promotoria, agora, se o Itaboraí não deixar o ministério. Eu acho que o casamento é o melhor possível. O Dr. Leandrinho (é o nome dele) é muito bem-educado; fez um brinde a você, cheio de palavras tão bonitas, que eu chorei. Eu não sei se Eulália querera ou não; desconfio de outro sujeito que outro dia esteve conosco nas Laranjeiras. Mas você que pensa? Devo limitar-me a aconselhá-la, ou impor-lhe a nossa vontade? Eu acho que devo usar um pouco da minha autoridade; mas não quero fazer nada sem que você me diga. O melhor seria se você viesse cá.”

Acabou e fechou a carta; Eulália entrou nessa ocasião, ela deu-lha para mandar, sem demora, ao correio; e a filha saiu com a carta sem saber que tratava dela e do seu futuro. D. Benedita deixou-se cair no sofá, cansada, exausta. A carta era muito comprida apesar de não dizer tudo; e era-lhe tão enfadonho escrever cartas compridas!

III

Era-lhe tão enfadonho escrever cartas compridas! Esta palavra, fecho do capítulo passado, explica a longa prostração de D. Benedita. Meia hora depois de cair no sofá, ergueu-se um pouco, e percorreu o gabinete com os olhos, como procurando alguma coisa. Essa coisa era um livro. Achou o livro, e podia dizer achou os livros, pois nada menos de três estavam ali, dous abertos, um marcado em certa página, todos em cadeiras. Eram três romances que D. Benedita lia ao mesmo tempo. Um deles, note-se, custou-lhe não pouco trabalho. Deram-lhe notícia na rua, perto de casa, com muitos elogios; chegara da Europa na véspera. D. Benedita ficou tão entusiasmada, que apesar de ser longe e tarde, arrepiou caminho e foi ela mesmo comprá-lo, correndo nada menos de três livrarias. Voltou ansiosa, namorada do livro, tão namorada que abriu as folhas, jantando, e leu os cinco primeiros capítulos naquela mesma noite. Sendo preciso dormir, dormiu; no dia seguinte não pôde continuar, depois esqueceu-o. Agora, porém, passados oito dias, querendo ler alguma coisa, aconteceu-lhe justamente achá-lo à mão.

– Ah!

E ei-la que torna ao sofá, que abre o livro com amor, que mergulha o espírito, os olhos e o coração na leitura tão desastrosamente interrompida. D. Benedita ama os romances, é natural; e adora os romances bonitos, é naturalíssimo. Não admira que esqueça tudo para ler este; tudo, até a lição de piano da filha, cujo professor chegou e saiu, sem que ela fosse à sala. Eulália despediu-se do professor; depois foi ao gabinete, abriu a porta, caminhou pé ante pé até o sofá, e acordou a mãe com um beijo.

- Dorminhoca!
- Ainda chove?
- Não, senhora; agora parou.
- A carta foi?

– Foi; mandei o José a toda a pressa. Aposto que mamãe esqueceu-se de dar lembranças a papai? Pois olhe, eu não me esqueço nunca.

D. Benedita bocejou. Já não pensava na carta; pensava no colete que encomendara à Charavel, um colete de barbatanas mais moles do que o último. Não gostava de barbatanas duras; tinha o corpo mui sensível. Eulália falou ainda algum tempo do pai, mas calou-se logo, e vendo no chão o livro aberto, o famoso romance, apanhou-o, fechou-o, pô-lo em cima da mesa. Nesse momento vieram trazer uma carta a D. Benedita; era do cônego Roxo, que mandava perguntar se estavam em casa naquele dia, porque iria ao enterro dos ossos.

- Pois não! bradou D. Benedita; estamos em casa, venha, pode vir.

Eulália escreveu o bilhete de resposta. Daí a três quartos de hora fazia o cônego a sua entrada na sala de D. Benedita. Era um bom homem o cônego, velho amigo daquela casa, na qual, além de trincar o peru nos dias solenes, como vimos, exercia o papel de conselheiro, e exercia-o com lealdade e amor. Eulália, principalmente, merecia-lhe muito; vira-a pequena, galante, travessa, amiga dele, e criou-lhe uma afeição paternal, tão paternal que tomara a peito casá-la bem, e nenhum noivo melhor do que o Leandrinho, pensava o cônego. Naquele dia, a ideia de ir jantar com elas era antes um pretexto; o cônego queria tratar o negócio diretamente com a filha do desembargador. Eulália, ou porque adivinhasse isso mesmo, ou porque a pessoa do cônego lhe lembrasse o Leandrinho, ficou logo preocupada, aborrecida.

Mas, preocupada ou aborrecida, não quer dizer triste ou desconsolada. Era resoluto, tinha tãpera, podia resistir, e resistiu, declarando ao cônego, quando ele naquela noite lhe falou do Leandrinho, que absolutamente não queria casar.

- Palavra de moça bonita?
- Palavra de moça feia.
- Mas, por quê?
- Porque não quero.
- E se mamãe quiser?
- Não quero eu.
- Mau! isso não é bonito, Eulália.

Eulália deixou-se estar. O cônego ainda tornou ao assunto, louvou as qualidades do candidato, as esperanças da família, as vantagens do casamento; ela ouvia tudo, sem contestar nada. Mas quando o cônego formulava de um modo direto a questão, a resposta invariável era esta:

- Já disse tudo.

– Não quer?

– Não.

O desconsolo do bom cônego era profundo e sincero. Queria casá-la bem, e não achava melhor noivo. Chegou a interrogá-la discretamente, sobre se tinha alguma preferência em outra parte. Mas Eulália, não menos discretamente, respondia que não, que não tinha nada; não queria nada; não queria casar. Ele creu que era assim, mas recebeu também que não fosse assim; faltava-lhe o trato suficiente das mulheres para ler através de uma negativa. Quando referiu tudo a D. Benedita, esta ficou assombrada com os termos da recusa; mas tornou logo a si, e declarou ao padre que a filha não tinha vontade, faria o que ela quisesse, e ela queria o casamento.

– Já agora nem espero resposta do pai, concluiu; declaro-lhe que ela há de casar. Quinta-feira vou jantar com D. Maria dos Anjos, e combinaremos as cousas.

– Devo dizer-lhe, ponderou o cônego, que D. Maria dos Anjos não deseja que se faça nada à força.

– Qual força! Não é preciso força.

O cônego refletiu um instante: – Em todo caso, não violentaremos qualquer outra afeição que ela possa ter, disse ele.

D. Benedita não respondeu nada; mas consigo, no mais fundo de si mesma, jurou que, houvesse o que houvesse, acontecesse o que acontecesse, a filha seria nora de D. Maria dos Anjos. E ainda consigo, depois de sair o cônego: – Tinha que ver! um tico de gente, com fumaças de governar a casa!

A quinta-feira raiou. Eulália, – o tico de gente, levantou-se fresca, lépida, loquaz, com todas as janelas da alma abertas ao sopro azul da manhã. A mãe acordou ouvindo um trecho italiano, cheio de melodia; era ela que cantava, alegre, sem affectação, com a indiferença das aves que cantam para si ou para os seus, e não para o poeta, que as ouve e traduz na língua imortal dos homens. Era isto Eulália, naquela quinta-feira do jantar. D. Benedita afagara muito a ideia de a ver abatida, carrancuda, e gastara uma certa soma de imaginação em compor os seus modos, delinear os seus atos, ostentar energia e força. E nada! Em vez de uma filha rebelde, uma criatura gárrula e submissa. Era começar mal o dia; era sair aparelhada para destruir uma fortaleza, e dar com uma cidade aberta, pacífica, hospedeira, que lhe pedia o favor de entrar e partir o pão da alegria e da concórdia. Era começar o dia muito mal.

A segunda causa do tédio de D. Benedita foi um ameaço de enxaqueca, às três horas da tarde; um ameaço, ou uma suspeita de possibilidade de ameaço. Chegou a transferir a visita, mas a filha ponderou que talvez a visita lhe fizesse bem, e em todo caso, era tarde para deixar de ir. D. Benedita não teve remédio, aceitou o reparo. Ao espelho, penteando-se, esteve quase a dizer que definitivamente ficava; chegou a insinuá-lo à filha.

– Mamãe veja que D. Maria dos Anjos conta com a senhora, disse-lhe Eulália.

– Pois sim, redarguiu a mãe, mas não prometi ir doente.

Enfim, vestiu-se, calçou as luvas, deu as últimas ordens; e devia doer-lhe muito a cabeça, porque os modos eram arrebitados, uns modos de pessoa constrangida ao que não quer. A filha animava-a muito, lembrava-lhe o vidrinho dos saís, instava que saíssem, descrevia a ansiedade de D. Maria dos Anjos, consultava de dous em dous minutos o pequenino relógio, que trazia na cintura, etc. Uma amofinação, realmente.

– O que tu estás é me amofinando, disse-lhe a mãe.

E saiu, saiu exasperada, com uma grande vontade de esganar a filha, dizendo consigo que a pior cousa do mundo era ter filhas. Os filhos ainda vá: criam-se, fazem carreira por si; mas as filhas!

Felizmente, o jantar de D. Maria dos Anjos aquietou-a; e não digo que a enchesse de grande satisfação, porque não foi assim. Os modos de D. Benedita não eram os do costume; eram frios, secos, ou quase secos; ela, porém, explicou de si mesma a diferença, noticiando o ameaço da enxaqueca, notícia mais triste do que alegre, e que, aliás, alegrou a alma de D. Maria dos Anjos, por esta razão fina e profunda: antes a frieza da amiga fosse originada na doença do que na quebra do afecto. Demais, a doença não era grave. E que fosse grave! Não houve naquele dia mãos presas, olhos nos olhos, manjares comidos entre carícias mútuas; não houve nada do jantar de domingo. Um jantar apenas conversado; não alegre, conversado; foi o mais que alcançou o cônego. Amável cônego! As disposições de Eulália, naquele dia, cumularam-no de esperanças; o riso que brincava nela, a maneira expansiva da conversa, a docilidade com que se prestava a tudo, a tocar, a cantar, e o rosto afável, meigo, com que ouvia e falava ao Leandrinho, tudo isso foi para a alma do cônego uma renovação de esperanças. Logo hoje é que D. Benedita estava doente! Realmente, era caiporismo.

D. Benedita reanimou-se um pouco, à noite, depois do jantar. Conversou mais, discutiu um projeto de passeio ao Jardim Botânico, chegou mesmo a propor que fosse logo no dia seguinte; mas Eulália advertiu que era prudente esperar um ou dous dias até que os efeitos da enxaqueca desaparecessem de todo; e o olhar que mereceu à mãe, em troca do conselho, tinha a ponta aguda de um punhal. Mas a filha não tinha medo dos olhos maternos. De noite, ao despentear-se, recapitulando o dia, Eulália repetiu consigo a palavra que lhe ouvimos, dias antes, à janela:

– Isto acaba.

E, satisfeita de si, antes de dormir, puxou uma certa gaveta, tirou uma caixinha, abriu-a, aventou um cartão de alguns centímetros de altura, – um retrato. Não era retrato de mulher, não só por ter bigodes, como por estar fardado; era, quando muito, um oficial de marinha. Se bonito ou feio, é matéria de opinião. Eulália achava-o bonito; a

prova é que o beijou, não digo uma vez, mas três. Depois mirou-o, com saudade, tornou a fechá-lo e guardá-lo.

Que fazias tu, mãe cautelosa e ríspida, que não vinhas arrancar às mãos e à boca da filha um veneno tão subtil e mortal? D. Benedita, à janela, olhava a noite, entre as estrelas e os lampiões de gás, com a imaginação vagabunda, inquieta, roída de saudades e desejos. O dia tinha-lhe saído mal, desde manhã. D. Benedita confessava, naquela doce intimidade da alma consigo mesma, que o jantar de D. Maria dos Anjos não prestara para nada, e que a própria amiga não estava provavelmente nos seus dias de costume. Tinha saudades, não sabia bem de quê, e desejos, que ignorava. De quando em quando, bocejava ao modo preguiçoso e arrastado dos que caem de sono; mas se alguma coisa tinha era fastio, – fastio, impaciência, curiosidade. D. Benedita cogitou seriamente em ir ter com o marido; e tão depressa a ideia do marido lhe penetrou no cérebro, como se lhe apertou o coração de saudades e remorsos, e o sangue pulou-lhe num tal ímpeto de ir ver o desembargador que, se o pacote do Norte estivesse na esquina da rua e as malas prontas, ela embarcaria logo e logo. Não importa; o pacote devia estar prestes a sair, oito ou dez dias; era o tempo de arranjar as malas. Iria por três meses somente, não era preciso levar muita coisa. Ei-la que se consola da grande cidade fluminense, da similitude dos dias, da escassez das cousas, da persistência das caras, da mesma fixidez das modas, que era um dos seus árduos problemas: – por que é que as modas hão de durar mais de quinze dias?

– Vou, não há que ver, vou ao Pará, disse ela a meia-voz.

Com efeito, no dia seguinte, logo de manhã, comunicou a resolução à filha, que a recebeu sem abalo. Mandou ver as malas que tinha, achou que era preciso mais uma, calculou o tamanho, e determinou comprá-la. Eulália, por uma inspiração súbita:

– Mas, mamãe, nós não vamos por três meses?

– Três... ou dous.

– Pois, então, não vale a pena. As duas malas chegam.

– Não chegam.

– Bem; se não chegarem, pode-se comprar na véspera. E mamãe mesmo escolhe; é melhor do que mandar esta gente que não sabe nada.

D. Benedita achou a reflexão judiciosa, e guardou o dinheiro. A filha sorriu para dentro. Talvez repetisse consigo a famosa palavra da janela: – Isto acaba. A mãe foi cuidar dos arranjos, escolha de roupa, lista das cousas que precisava comprar, um presente para o marido, etc. Ah! que alegria que ele ia ter! Depois do meio-dia saíram para fazer encomendas, visitas, comprar as passagens, quatro passagens; levavam uma escrava consigo. Eulália ainda tentou arredá-la da ideia, propondo a transferência da viagem; mas D. Benedita declarou peremptoriamente que não. No escritório da Companhia de Paquetes disseram-lhe que o do Norte saía na sexta-feira da outra

semana. Ela pediu as quatro passagens; abriu a carteirinha, tirou uma nota, depois duas, refletiu um instante.

– Basta vir na véspera, não?

– Basta, mas pode não achar mais.

– Bem; o senhor guarde os bilhetes: eu mando buscar.

– O seu nome?

– O nome? O melhor é não tomar o nome; nós viremos três dias antes de sair o vapor. Naturalmente ainda haverá bilhetes.

– Pode ser.

– Há de haver.

Na rua, Eulália observou que era melhor ter comprado logo os bilhetes; e, sabendo-se que ela não desejava ir para o Norte nem para o Sul, salvo na fragata em que embarcasse o original do retrato da véspera, há de supor-se que a reflexão da moça era profundamente maquiavélica. Não digo que não. D. Benedita, entretanto, noticiou a viagem aos amigos e conhecidos, nenhum dos quais a ouviu espantado. Um chegou a perguntar-lhe se, enfim, daquela vez era certo. D. Maria dos Anjos, que sabia da viagem pelo cônego, se alguma cousa a assombrou, quando a amiga se despediu dela, foram as atitudes geladas, o olhar fixo no chão, o silêncio, a indiferença. Uma visita de dez minutos apenas, durante os quais D. Benedita disse quatro palavras no princípio: – Vamos para o Norte. E duas no fim: – Passe bem. E os beijos? Dous tristes beijos de pessoa morta.

IV

A viagem não se fez por um motivo supersticioso. D. Benedita, no domingo à noite, advertiu que o pacote seguia na sexta-feira, e achou que o dia era mau. Iriam no outro pacote. Não foram no outro; mas desta vez os motivos escapam inteiramente ao alcance do olhar humano, e o melhor alvitre em tais casos é não teimar com o impenetrável. A verdade é que D. Benedita não foi, mas iria no terceiro pacote, a não ser um incidente que lhe trocou os planos.

Tinha a filha inventado uma festa e uma amizade nova. A nova amizade era uma família do Andaraí; a festa não se sabe a que propósito foi, mas deve ter sido esplêndida, porque D. Benedita ainda falava dela três dias depois. Três dias! Realmente, era demais. Quanto à família, era impossível ser mais amável; ao menos, a impressão que deixou na alma de D. Benedita foi intensíssima. Uso este superlativo, porque ela mesma o empregou: é um documento humano.

– Aquela gente? Oh! deixou-me uma impressão intensíssima.

E toca a andar para Andaraí, namorada de D. Petronilha, esposa do conselheiro Beltrão, e de uma irmã dela, D. Maricota, que ia casar com um oficial de marinha,

irmão de outro oficial de marinha, cujos bigodes, olhos, cara, porte, cabelos, são os mesmos do retrato que o leitor entreviu há tempos na gavetinha de Eulália. A irmã casada tinha trinta e dois anos, e uma seriedade, umas maneiras tão bonitas, que deixaram encantada a esposa do desembargador. Quanto à irmã solteira era uma flor, uma flor de cera, outra expressão de D. Benedita, que não altero com receio de entibiar a verdade.

Um dos pontos mais obscuros desta curiosa história é a pressa com que as relações se travaram, e os acontecimentos se sucederam. Por exemplo, uma das pessoas que estiveram em Andaraí, com D. Benedita, foi o oficial de marinha retratado no cartão particular de Eulália, 1º tenente Mascarenhas, que o conselheiro Beltrão proclamou futuro almirante. Vede, porém, a perfídia do oficial: vinha fardado; e D. Benedita, que amava os espetáculos novos, achou-o tão distinto, tão bonito, entre os outros moços à paisana, que o preferiu a todos, e lho disse. O oficial agradeceu comovido. Ela ofereceu-lhe a casa; ele pediu-lhe licença para fazer uma visita.

– Uma visita? Vá jantar conosco.

Mascarenhas fez uma cortesia de aquiescência.

– Olhe, disse D. Benedita, vá amanhã.

Mascarenhas foi, e foi mais cedo. D. Benedita falou-lhe da vida do mar; ele pediu-lhe a filha em casamento. D. Benedita ficou sem voz, pasmada. Lembrou-se, é verdade, que desconfiara dele, um dia, nas Laranjeiras; mas a suspeita acabara. Agora não os vira conversar nem olhar uma só vez. Em casamento! Mas seria mesmo em casamento? Não podia ser outra coisa; a atitude séria, respeitosa, implorativa do rapaz dizia bem que se tratava de um casamento. Que sonho! Convidar um amigo, e abrir a porta a um genro: era o cúmulo do inesperado. Mas o sonho era bonito; o oficial de marinha era um galhardo rapaz, forte, elegante, simpático, metia toda a gente no coração, e principalmente parecia adorá-la, a ela, D. Benedita. Que magnífico sonho! D. Benedita, voltou do pasmo, e respondeu que sim, que Eulália era sua. Mascarenhas pegou-lhe na mão e beijou-a filialmente.

– Mas o desembargador? disse ele.

– O desembargador concordará comigo.

Tudo andou assim depressa. Certidões passadas, banhos corridos, marcou-se o dia do casamento; seria vinte e quatro horas depois de recebida a resposta do desembargador. Que alegria a da boa mãe! que atividade no preparo do enxoval, no plano e nas encomendas da festa, na escolha dos convidados, etc.! Ela ia de um lado para outro, ora a pé, ora de carro, fizesse chuva ou sol. Não se detinha no mesmo objeto muito tempo; a semana do enxoval não era a do preparo da festa, nem a das visitas; alternava as cousas, voltava atrás, com certa confusão, é verdade. Mas aí estava a filha para suprir as faltas, corrigir os defeitos, cercear as demasias, tudo com a sua habilidade

natural. Ao contrário de todos os noivos, este não as importunava; não jantava todos os dias com elas, segundo lhe pedia a dona da casa; jantava aos domingos, e visitava-as uma vez por semana. Matava as saudades por meio de cartas, que eram contínuas, longas e secretas, como no tempo do namoro. D. Benedita não podia explicar uma tal esquivança, quando ela morria por ele; e então vingava-se da esquisitice, morrendo ainda mais, e dizendo dele por toda a parte as mais belas cousas do mundo.

– Uma pérola! uma pérola!

– E um bonito rapaz, acrescentavam.

– Não é? De truz.

A mesma cousa repetia ao marido nas cartas que lhe mandava, antes e depois de receber a resposta da primeira. A resposta veio; o desembargador deu o seu consentimento, acrescentando que lhe doía muito não poder vir assistir às bodas, por achar-se um tanto adoentado; mas abençoava de longe os filhos, e pedia o retrato do genro.

Cumpriu-se o acordo à risca. Vinte e quatro horas depois de recebida a resposta do Pará efetuou-se o casamento, que foi uma festa admirável, esplêndida, no dizer de D. Benedita, quando a contou a algumas amigas. Oficiou o cônego Roxo, e claro é que D. Maria dos Anjos não esteve presente, e menos ainda o filho. Ela esperou, note-se, até à última hora um bilhete de participação, um convite, uma visita, embora se abstivesse de comparecer; mas não recebeu nada. Estava atônita, revolvendo a memória a ver se descobria alguma inadvertência sua que pudesse explicar a frieza das relações; não achando nada, supôs alguma intriga. E supôs mal, pois foi um simples esquecimento. D. Benedita, no dia do consórcio, de manhã, teve ideia de que D. Maria dos Anjos não recebera participação.

– Eulália, parece que não mandamos participação a D. Maria dos Anjos? disse ela à filha, almoçando.

– Não sei; mamãe é quem se incumbiu dos convites.

– Parece que não, confirmou D. Benedita. João, dá cá mais açúcar.

O copeiro deu-lhe o açúcar; ela, mexendo o chá, lembrou-se do carro que iria buscar o cônego, e reiterou uma ordem da véspera.

Mas a fortuna é caprichosa. Quinze dias depois do casamento, chegou a notícia do óbito do desembargador. Não descrevo a dor de D. Benedita; foi dilacerante e sincera. Os noivos, que devaneavam na Tijuca, vieram ter com ela; D. Benedita chorou todas as lágrimas de uma esposa austera e fidelíssima. Depois da missa do sétimo dia, consultou a filha e o genro acerca da ideia de ir ao Pará, erigir um túmulo ao marido, e beijar a terra em que ele repousava. Mascarenhas trocou um olhar com a mulher; depois disse à sogra que era melhor irem juntos, porque ele devia seguir para o Norte daí a três meses em comissão do governo. D. Benedita recalcitou um pouco, mas aceitou o prazo,

dando desde logo todas as ordens necessárias à construção do túmulo. O túmulo fez-se; mas a comissão não veio, e D. Benedita não pôde ir.

Cinco meses depois, deu-se um pequeno incidente na família. D. Benedita mandara construir uma casa no caminho da Tijuca, e o genro, com o pretexto de uma interrupção na obra, propôs acabá-la. D. Benedita consentiu, e o ato era tanto mais honroso para ela, quanto que o genro começava a parecer-lhe insuportável com a sua excessiva disciplina, com as suas teimas, impertinências, etc. Verdadeiramente, não havia teimas; nesse particular, o genro de D. Benedita contava tanto com a sinceridade da sogra que nunca teimava; deixava que ela própria se desmentisse dias depois. Mas pode ser que isto mesmo a mortificasse. Felizmente, o governo lembrou-se de o mandar ao Sul; Eulália, grávida, ficou com a mãe.

Foi por esse tempo que um negociante, viúvo, teve ideia de cortejar D. Benedita. O primeiro ano da viuvez estava passado. D. Benedita acolheu a ideia com muita simpatia, embora sem alvoroço. Defendia-se consigo; alegava a idade e os estudos do filho, que em breve estaria a caminho de S. Paulo, deixando-a só, sozinha no mundo. O casamento seria uma consolação, uma companhia. E consigo, na rua ou em casa, nas horas disponíveis, aprimorava o plano com todos os floreios da imaginação vivaz e súbita; era uma vida nova, pois desde muito, antes mesmo da morte do marido, pode-se dizer que era viúva. O negociante gozava do melhor conceito: a escolha era excelente.

Não casou. O genro tornou do Sul, a filha deu à luz um menino robusto e lindo, que foi a paixão da avó durante os primeiros meses. Depois, o genro, a filha e o neto foram para o Norte. D. Benedita achou-se só e triste; o filho não bastava aos seus afectos. A ideia de viajar tornou a rutilar-lhe na mente, mas como um fósforo, que se apaga logo. Viajar sozinha era cansar e aborrecer-se ao mesmo tempo; achou melhor ficar. Uma companhia lírica, adventícia, sacudiu-lhe o torpor, e restituiu-a à sociedade. A sociedade incutiu-lhe outra vez a ideia do casamento, e apontou-lhe logo um pretendente, desta vez um advogado, também viúvo.

– Casarei? não casarei?

Uma noite,volvendo D. Benedita este problema, à janela da casa de Botafogo, para onde se mudara desde alguns meses, viu um singular espetáculo. Primeiramente uma claridade opaca, espécie de luz coada por um vidro fosco, vestia o espaço da enseada, fronteiro à janela. Nesse quadro apareceu-lhe uma figura vaga e transparente, trajada de névoas, toucada de reflexos, sem contornos definidos, porque morriam todos no ar. A figura veio até ao peitoril da janela de D. Benedita; e de um gesto sonolento, com uma voz de criança, disse-lhe estas palavras sem sentido:

– Casa... não casarás... se casas... casarás... não casarás... e casas... casando...

D. Benedita ficou aterrada, sem poder mexer-se; mas ainda teve a força de perguntar à figura quem era. A figura achou um princípio de riso, mas perdeu-o logo;

depois respondeu que era a fada que presidira ao nascimento de D. Benedita: Meu nome é Veleidade, concluiu; e, como um suspiro, dispersou-se na noite e no silêncio.

FIM DE D. BENEDITA

MACHADO DE ASSIS

[*Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 139-177]

Editores: Gracinéa I. Oliveira e José Américo Miranda.

O SEGREDO DO BONZO

CAPÍTULO INÉDITO DE FERNÃO MENDES PINTO

Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade Fuchéu, capital do reino de Bungo, com o padre-mestre Francisco, e de como el-rei se houve com o Fucarandono e outros bonzos, que tiveram por acertado disputar ao padre as primazias da nossa santa religião. Agora direi de uma doutrina não menos curiosa que saudável ao espírito, e digna de ser divulgada a todas as repúblicas da cristandade.

Um dia, andando a passeio com Diogo Meireles, nesta mesma cidade Fuchéu, naquele ano de 1552, sucedeu deparar-se-nos um ajuntamento de povo, à esquina de uma rua, em torno a um homem da terra, que discorria com grande abundância de gestos e vozes. O povo, segundo o esmo mais baixo, seria passante de cem pessoas, varões somente, e todos embasbacados. Diogo Meireles, que melhor conhecia a língua da terra, pois ali estivera muitos meses, quando andou com bandeira de veniaga (agora ocupava-se no exercício da medicina, que estudara convenientemente, e em que era exímio) ia-me repetindo pelo nosso idioma o que ouvia ao orador, e que em resumo, era o seguinte: – Que ele não queria outra cousa mais do que afirmar a origem dos grilos, os quais procediam do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova; que este descobrimento, impossível a quem não fosse, como ele, matemático, físico e filósofo, era fruto de dilatados anos de aplicação, experiência e estudo, trabalhos e até perigos de vida; mas enfim, estava feito, e todo redundava em glória do reino de Bungo, e especialmente da cidade Fuchéu, cujo filho era; e, se por ter aventado tão sublime verdade, fosse necessário aceitar a morte, ele a aceitaria ali mesmo, tão certo era que a ciência valia mais do que a vida e seus deleites.

A multidão, tanto que ele acabou, levantou um tumulto de aclamações, que esteve a ponto de ensurdecer-nos, e alçou nos braços o homem, bradando: Patimau, Patimau, viva Patimau que descobriu a origem dos grilos. E todos se foram com ele ao alpendre de um mercador, onde lhe deram refrescos e lhe fizeram muitas saudações e reverências, à maneira deste gentio, que é em extremo obsequioso e cortês.

Desandando o caminho, vínhamos nós, Diogo Meireles e eu, falando do singular achado da origem dos grilos, quando, a pouca distância daquele alpendre, obra de seis credos, não mais, achamos outra multidão de gente, em outra esquina, escutando a outro homem. Ficamos espantados com a semelhança do caso, e Diogo Meireles, visto que também este falava apressado, repetiu-me da mesma maneira o teor da oração. E dizia este outro, com grande admiração e aplauso da gente que o cercava, que enfim descobrira o princípio da vida futura, quando a terra houvesse de ser inteiramente destruída, e era nada menos que uma certa gota de sangue de vaca; daí provinha a excelência da vaca para habitação das almas humanas, e o ardor com que esse distinto animal era procurado por muitos homens à hora de morrer; descobrimento que ele podia afirmar com fé e verdade, por ser obra de experiências repetidas e profunda cogitação, não desejando nem pedindo outro galardão mais que dar glória ao reino de Bungo e receber dele a estimação que os bons filhos merecem. O povo, que escutara esta fala com muita veneração, fez o mesmo alarido e levou o homem ao dito alpendre, com a diferença que o trepou a uma charola; ali chegando, foi regalado com obséquios iguais aos que faziam a Patimau, não havendo nenhuma distinção entre eles, nem outra competência nos banqueteadores, que não fosse a de dar graças a ambos os banqueteados.

Ficamos sem saber nada daquilo, porque nem nos parecia casual a semelhança exata dos dous encontros, nem racional ou crível a origem dos grilos, dada por Patimau, ou o princípio da vida futura, descoberto por Languru, que assim se chamava o outro. Sucedeu, porém, costearmos a casa de um certo Titané, alparqueiro, o qual correu a falar a Diogo Meireles, de quem era amigo. E, feitos os cumprimentos, em que o alparqueiro chamou as mais galantes cousas a Diogo Meireles, tais como – ouro da verdade e sol do pensamento, – contou-lhe este o que víramos e ouvíramos pouco antes. Ao que Titané acudiu com grande alvoroço: – Pode ser que eles andem cumprindo uma nova doutrina, dizem que inventada por um bonzo de muito saber, morador em umas casas pegadas ao monte Coral. E porque ficássemos cobiçosos de ter alguma notícia da doutrina, consentiu Titané em ir conosco no dia seguinte às casas do bonzo, e acrescentou: – Dizem que ele não a confia a nenhuma pessoa, senão às que de coração se quiserem filiar a ela; e, sendo assim, podemos simular que o queremos unicamente com o fim de a ouvir; e se for boa, chegaremos a praticá-la à nossa vontade.

No dia seguinte, ao modo concertado, fomos às casas do dito bonzo, por nome Pomada, um ancião de cento e oito anos, muito lido e sabido nas letras divinas e humanas, e grandemente aceito a toda aquela gentildade, e por isso mesmo malvisto de outros bonzos, que se finavam de puro ciúme. E tendo ouvido o dito bonzo a Titané quem éramos e o que queríamos, iniciou-nos primeiro com várias cerimônias e

bugiarias necessárias à recepção da doutrina, e só depois dela é que alçou a voz para confiá-la e explicá-la.

Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber, têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contacto com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Suponhamos um poeta, um virtuoso, um sabedor de cousas da terra e do céu; se ele não tiver diante de si um público, é como se ele mesmo não existisse. Um dia, estando a cuidar nestas cousas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

Neste ponto, afiamos os ouvidos e ficamos pendurados da boca do bonzo, o qual, como lhe dissesse Diogo Meireles que a língua da terra me não era familiar, ia falando com grande pausa, porque eu nada perdesse. E continuou dizendo: – Mal podeis adivinhar o que me deu ideia da nova doutrina; foi nada menos que a pedra da lua, essa insigne pedra tão luminosa que, posta no cabeça de uma montanha ou no píncaro de uma torre, dá claridade a uma campina inteira, ainda a mais dilatada. Uma tal pedra, com tais quilates de luz, não existiu nunca, e ninguém jamais a viu; mas muita gente crê que existe e mais de um dirá que a viu com os seus próprios olhos. Considerei o caso, e entendi que, se uma cousa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente. Tão depressa fiz este achado especulativo, como dei graças a Deus do favor especial, e determinei-me a verificá-lo por experiências; o que alcancei, em mais de um caso, que não relato, por vos não tomar o tempo. Para compreender a eficácia do meu sistema, basta advertir que os grilos não podem nascer do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova, e por outro lado, o princípio da vida futura não está em uma certa gota de sangue de vaca; mas Patimau e Languru, varões astutos, com tal arte souberam meter estas duas ideias no ânimo da multidão, que hoje desfrutam a nomeada de grandes físicos e maiores filósofos, e têm consigo pessoas capazes de dar a vida por eles.

Não sabíamos em que maneira déssemos ao bonzo as mostras do nosso vivo contentamento e admiração. Ele interrogou-nos ainda algum tempo, compridamente,

acerca da doutrina e dos fundamentos dela, e depois de reconhecer que a entendíamos, incitou-nos a praticá-la, a divulgá-la cautelosamente, não porque houvesse nada contrário às leis divinas ou humanas, mas porque a má compreensão dela podia daná-la e perdê-la em seus primeiros passos; enfim, despediu-se de nós com a certeza (são palavras suas) de que abalávamos dali com a verdadeira alma de pomadistas; denominação esta que, por se derivar do nome dele, lhe era em extremo agradável.

Com efeito, antes de cair a tarde, tínhamos os três combinado em pôr por obra uma ideia tão judiciosa quão lucrativa, pois não é só lucro o que se pode haver em moeda, senão também o que traz consideração e louvor, que é outra e melhor espécie de moeda, conquanto não dê para comprar damascos ou chaparias de ouro. Combinamos, pois, à guisa de experiência, meter cada um de nós, no ânimo da cidade Fuchéu, uma certa convicção, mediante a qual houvéssemos os mesmos benefícios que desfrutavam Patimau e Languru; mas, tão certo é que o homem não olvida o seu interesse, entendeu Titané que lhe cumpria lucrar de duas maneiras, cobrando da experiência ambas as moedas, isto é, vendendo também as suas alparcas: ao que nos não opusemos, por nos parecer que nada tinha isso com o essencial da doutrina.

Consistiu a experiência de Titané em uma cousa que não sei como diga para que a entendam. Usam neste reino de Bungo, e em outros destas remotas partes, um papel feito de casca de canela moída e goma, obra mui prima, que eles talham depois em pedaços de dois palmos de comprimento, e meio de largura, nos quais desenhavam com vivas e variadas cores, e pela língua do país, as notícias da semana, políticas, religiosas, mercantis e outras, as novas leis do reino, os nomes das fustas, lancharas, balões e toda a casta de barcos que navegam estes mares, ou em guerra, que a há frequente, ou de veniaga. E digo as notícias da semana, porque as ditas folhas são feitas de oito em oito dias, em grande cópia, e distribuídas ao gentio da terra, a troco de uma espórtula, que cada um dá de bom grado para ter as notícias primeiro que os demais moradores. Ora, o nosso Titané não quis melhor esquina que este papel, chamado pela nossa língua *Vida e claridade das cousas mundanas e celestes*, título expressivo, ainda que um tanto derramado. E, pois, fez inserir no dito papel que acabavam de chegar notícias frescas de toda a costa de Malabar e da China, conforme as quais não havia outro cuidado que não fossem as famosas alparcas dele Titané; que estas alparcas eram chamadas as primeiras do mundo, por serem mui sólidas e graciosas; que nada menos de vinte e dous mandarins iam requerer ao imperador para que, em vista do esplendor das famosas alparcas de Titané, as primeiras do universo, fosse criado o título honorífico de “alparca do Estado”, para recompensa dos que se distinguissem em qualquer disciplina do entendimento; que eram grossíssimas as encomendas feitas de todas as partes, às quais ele Titané ia acudir, menos por amor ao lucro do que pela glória que dali provinha à nação; não recuando, todavia, do propósito em que estava e ficava de dar de graça aos pobres do reino umas cinquenta corjas das ditas alparcas, conforme já fizera declarar a

el-rei e o repetia agora; enfim, que apesar da primazia no fabrico das alparcas assim reconhecida em toda a terra, ele sabia os deveres da moderação, e nunca se julgaria mais do que um obreiro diligente e amigo da glória do reino de Bungo.

A leitura desta notícia comoveu naturalmente a toda a cidade Fuchéu, não se falando em outra cousa durante toda aquela semana. As alparcas de Titané, apenas estimadas, começaram de ser buscadas com muita curiosidade e ardor, e ainda mais nas semanas seguintes, pois não deixou ele de entreter a cidade, durante algum tempo, com muitas e extraordinárias anedotas acerca da sua mercadoria. E dizia-nos com muita graça: – Vede que obedeço ao principal da nossa doutrina, pois não estou persuadido da superioridade das tais alparcas, antes as tenho por obra vulgar, mas fi-lo crer ao povo, que as vem comprar agora, pelo preço que lhes taxo. Não me parece, atalhei, que tenhais cumprido a doutrina em seu rigor e substância, pois não nos cabe inculcar aos outros uma opinião que não temos, e sim a opinião de uma qualidade que não possuímos; este é, ao certo, o essencial dela.

Dito isto, assentaram os dous que era a minha vez de tentar a experiência, o que imediatamente fiz; mas deixo de a relatar em todas as suas partes, por não demorar a narração da experiência de Diogo Meireles, que foi a mais decisiva das três, e a melhor prova desta deliciosa invenção do bonzo. Direi somente que, por algumas luzes que tinha de música e charamela, em que aliás era mediano, lembrou-me congregar os principais de Fuchéu para que me ouvissem tanger o instrumento; os quais vieram, escutaram e foram-se repetindo que nunca antes tinham ouvido cousa tão extraordinária. E confesso que alcancei um tal resultado com o só recurso dos ademanos, da graça em arquear os braços para tomar a charamela, que me foi trazida em uma bandeja de prata, da rigidez do busto, da unção com que alcei os olhos ao ar, e do desdém e ufanía com que os baixei à mesma assembleia, a qual neste ponto rompeu em um tal concerto de vozes e exclamações de entusiasmo, que quase me persuadiu do meu merecimento.

Mas, como digo, a mais engenhosa de todas as nossas experiências, foi a de Diogo Meireles. Lavrava então na cidade uma singular doença, que consistia em fazer inchar os narizes, tanto e tanto, que tomavam metade e mais da cara ao paciente, e não só a punham horrenda, senão que era molesto carregar tamanho peso. Conquanto os físicos da terra propusessem extrair os narizes inchados, para alívio e melhoria dos enfermos, nenhum destes consentia em prestar-se ao curativo, preferindo o excesso à lacuna, e tendo por mais aborrecível que nenhuma outra cousa a ausência daquele órgão. Neste apertado lance, mais de um recorria à morte voluntária, como um remédio, e a tristeza era muita em toda a cidade Fuchéu. Diogo Meireles, que desde algum tempo praticava a medicina, segundo ficou dito atrás, estudou a moléstia e reconheceu que não havia perigo em desnarigar os doentes, antes era vantajoso por lhes levar o mal, sem trazer fealdade, pois tanto valia um nariz disforme e pesado como nenhum; não alcançou, todavia, persuadir os infelizes ao sacrifício. Então ocorreu-lhe uma graciosa

invenção. Assim foi que, reunindo muitos físicos, filósofos, bonzos, autoridades e povo, comunicou-lhes que tinha um segredo para eliminar a moléstia, sem eliminar o órgão; e esse segredo era nada menos que substituir o nariz achacado por um nariz são, mas de pura natureza metafísica, isto é, inacessível aos sentidos humanos, e contudo tão verdadeiro ou ainda mais do que o cortado; cura esta praticada por ele em várias partes, e muito aceita aos físicos de Malabar. O assombro da assembleia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, sendo que a maioria não sabia que acreditasse, pois se lhe repugnava a metafísica do nariz, cedia entretanto à energia das palavras de Diogo Meireles, ao tom alto e convencido com que ele expôs e definiu o seu remédio. Foi então que alguns filósofos, ali presentes, um tanto envergonhados do saber de Diogo Meireles, não quiseram ficar-lhe atrás, e declararam que havia bons fundamentos para uma tal invenção, visto não ser o homem todo outra coisa mais do que um produto da idealidade transcendental; donde resultava que podia trazer, com toda a verosimilhança, um nariz metafísico, e juravam ao povo que o efeito era o mesmo.

A assembleia aclamou a Diogo Meireles; e os doentes começaram de buscá-lo, em tanta cópia, que ele não tinha mãos a medir. Diogo Meireles desnarigava-os com muitíssima arte; depois estendia delicadamente os dedos a uma caixa, onde fingia ter os narizes substitutos, colhia um e aplicava-o ao lugar vazio. Os enfermos, assim curados e supridos, olhavam uns para os outros, e não viam nada no lugar do órgão cortado; mas, certos e certíssimos de que ali estava o órgão substituto, e que este era inacessível aos sentidos humanos, não se davam por defraudados, e tornavam aos seus ofícios. Nenhuma outra prova quero da eficácia da doutrina e do fruto dessa experiência, senão o facto de que todos os desnarigados de Diogo Meireles continuaram a prover-se dos mesmos lenços de assoar. O que tudo deixo relatado para glória do bonzo e benefício do mundo.

FIM DO SEGREDO DO BONZO

A SERENÍSSIMA REPÚBLICA

(CONFERÊNCIA DO CÔNEGO VARGAS)

Meus senhores,

Antes de comunicar-vos uma descoberta, que reputo de algum lustre para o nosso país, deixai que vos agradeça a prontidão com que acudistes ao meu chamado. Sei que um interesse superior vos trouxe aqui; mas não ignoro também, – e fora ingratidão ignorá-lo, – que um pouco de simpatia pessoal se mistura à vossa legítima curiosidade científica. Oxalá possa eu corresponder a ambas.

Minha descoberta não é recente; data do fim do ano de 1876. Não a divulguei então, – e, a não ser o *Globo*, interessante diário desta capital, não a divulgaria ainda agora, – por uma razão que achará fácil entrada no vosso espírito. Esta obra de que venho falar-vos, carece de retoques últimos, de verificações e experiências complementares. Mas o *Globo* noticiou que um sábio inglês descobriu a linguagem fônica dos insetos, e cita o estudo feito com as moscas. Escrevi logo para a Europa e aguardo as respostas com ansiedade. Sendo certo, porém, que pela navegação aérea, invento do padre Bartolomeu, é glorificado o nome estrangeiro, enquanto o do nosso patrício mal se pode dizer lembrado dos seus naturais, determinei evitar a sorte do insigne Voador, vindo a esta tribuna, proclamar alto e bom som, à face do universo, que muito antes daquele sábio, e fora das ilhas britânicas, um modesto naturalista descobriu cousa idêntica, e fez com ela obra superior.

Senhores, vou assombrar-vos, como teria assombrado a Aristóteles, se lhe perguntasse: Credes que se possa dar um régimen social às aranhas? Aristóteles responderia negativamente, com vós todos, porque é impossível crer que jamais se chegasse a organizar socialmente esse articulado arisco, solitário, apenas disposto ao trabalho, e dificilmente ao amor. Pois bem, esse impossível fi-lo eu.

Ouçó um riso, no meio do sussurro de curiosidade. Senhores, cumpre vencer os preconceitos. A aranha parece-vos inferior, justamente porque não a conheceis. Amais o

cão, prezais o gato e a galinha, e não advertis que a aranha não pula nem ladra como o cão, não mia como o gato, não cacareja como a galinha, não zune nem morde como o mosquito, não nos leva o sangue e o sono como a pulga. Todos esses bichos são o modelo acabado da vadiação e do parasitismo. A mesma formiga, tão gabada por certas qualidades boas, dá no nosso açúcar e nas nossas plantações, e funda a sua propriedade roubando a alheia. A aranha, senhores, não nos aflige nem defrauda; apanha as moscas, nossas inimigas, fia, tece, trabalha e morre. Que melhor exemplo de paciência, de ordem, de previsão, de respeito e de humanidade? Quanto aos seus talentos, não há duas opiniões. Desde Plínio até Darwin, os naturalistas do mundo inteiro formam um só coro de admiração em torno desse bichinho, cuja maravilhosa teia a vassoura inconsciente do vosso criado destrói em menos de um minuto. Eu repetiria agora esses juízos, se me sobrasse tempo; a matéria, porém, excede o prazo, sou constrangido a abreviá-la. Tenho-os aqui, não todos, mas quase todos; tenho, entre eles, esta excelente monografia de Büchner, que com tanta subtileza estudou a vida psíquica dos animais. Citando Darwin e Büchner, é claro que me restrinjo à homenagem cabida a dois sábios de primeira ordem, sem de nenhum modo absolver (e as minhas vestes o proclamam) as teorias gratuitas e errôneas do materialismo.

Sim, senhores, descobri uma espécie araneida que dispõe do uso da fala; coligi alguns, depois muitos dos novos articulados, e organizei-os socialmente. O primeiro exemplar dessa aranha maravilhosa apareceu-me no dia 15 de dezembro de 1876. Era tão vasta, tão colorida, dorso rubro, com listras azuis, transversais, tão rápida nos movimentos, e às vezes tão alegre, que de todo me cativou a atenção. No dia seguinte vieram mais três, e as quatro tomaram posse de um recanto de minha chácara. Estudei-as longamente; achei-as admiráveis. Nada, porém, se pode comparar ao pasmo que me causou a descoberta do idioma araneida, uma língua, senhores, nada menos que uma língua rica e variada, com a sua estrutura sintática, os seus verbos, conjugações, declinações, casos latinos e formas onomatopaicas, uma língua que estou gramaticando para uso das academias, como o fiz sumariamente para meu próprio uso. E fi-lo, notei bem, vencendo dificuldades aspérrimas com uma paciência extraordinária. Vinte vezes desanimei; mas o amor da ciência dava-me forças para arremeter a um trabalho, que hoje declaro, não chegaria a ser feito duas vezes na vida do mesmo homem.

Guardo para outro recinto a descrição técnica do meu arácnide, e a análise da língua. O objeto desta conferência é, como disse, ressaltar os direitos da ciência

brasileira, por meio de um protesto em tempo; e, isto feito, dizer-vos a parte em que reputo a minha obra superior à do sábio de Inglaterra. Devo demonstrá-lo, e para este ponto chamo a vossa atenção.

Dentro de um mês tinha comigo vinte aranhas; no mês seguinte cinquenta e cinco; em março de 1877 contava quatrocentas e noventa. Duas forças serviram principalmente à empresa de as congregar: – o emprego da língua delas, desde que pude discerni-la um pouco, e o sentimento de terror que lhes infundi. A minha estatura, as vestes talares, o uso do mesmo idioma, fizeram-lhes crer que era eu o deus das aranhas, e desde então adoraram-me. E vede o benefício desta ilusão. Como as acompanhasse com muita atenção e miudeza, lançando em um livro as observações que fazia, cuidaram que o livro era o registro dos seus pecados, e fortaleceram-se ainda mais na prática das virtudes. A flauta também foi um grande auxiliar. Como sabeis, ou deveis saber, elas são doudas por música.

Não bastava associá-las; era preciso dar-lhes um governo idôneo. Hesitei na escolha; muitos dos atuais pareciam-me bons, alguns excelentes, mas todos tinham contra si o existirem. Explico-me. Uma forma vigente de governo ficava exposta a comparações que poderiam amesquinhá-la. Era-me preciso, ou achar uma forma nova, ou restaurar alguma outra abandonada. Naturalmente adotei o segundo alvitre, e nada me pareceu mais acertado do que uma república, à maneira de Veneza, o mesmo molde, e até o mesmo epíteto. Obsoleto, sem nenhuma analogia, em suas feições gerais, com qualquer outro governo vivo, cabia-lhe ainda a vantagem de um mecanismo complicado, – o que era meter à prova as aptidões políticas da jovem sociedade.

Outro motivo determinou a minha escolha. Entre os diferentes modos eleitorais da antiga Veneza, figurava o do saco e bolas, iniciação dos filhos da nobreza no serviço do Estado. Metiam-se as bolas com os nomes dos candidatos no saco, e extraía-se anualmente um certo número, ficando os eleitos desde logo aptos para as carreiras públicas. Este sistema fará rir aos doutores do sufrágio; a mim não. Ele exclui os desvarios da paixão, os desazos da inépcia, o congresso da corrupção e da cobiça. Mas não foi só por isso que o aceitei; tratando-se de um povo tão exímio na fiação de suas teias, o uso do saco eleitoral era de fácil adaptação, quase uma planta indígena.

A proposta foi aceita. Sereníssima República pareceu-lhes um título magnífico, roçagante, expansivo, próprio a engrandecer a obra popular.

Não direi, senhores, que a obra chegou à perfeição, nem que lá chegue tão cedo. Os meus pupilos não são os solários de Campanella ou os utopistas de Morus; formam um povo recente, que não pode trepar de um salto ao cume das nações seculares. Nem o tempo é operário que ceda a outro a lima ou o alvião; ele fará mais e melhor do que as teorias do papel, válidas no papel e mancas na prática. O que posso afirmar-vos é que, não obstante as incertezas da idade, eles caminham, dispondo de algumas virtudes, que presumo essenciais à duração de um Estado. Uma delas, como já disse, é a perseverança, uma longa paciência de Penélope, segundo vou mostrar-vos.

Com efeito, desde que compreenderam que no ato eleitoral estava a base da vida pública, trataram de o exercer com a maior atenção. O fabrico do saco foi uma obra nacional. Era um saco de cinco polegadas de altura e três de largura, tecido com os melhores fios, obra sólida e espessa. Para compô-lo foram aclamadas dez damas principais, que receberam o título de mães da república, além de outros privilégios e foros. Uma obra-prima, podeis crê-lo. O processo eleitoral é simples. As bolas recebem os nomes dos candidatos, que provarem certas condições, e são escritas por um oficial público, denominado “das inscrições”. No dia da eleição, as bolas são metidas no saco e tiradas pelo oficial das extrações, até perfazer o número dos elegendos. Isto que era um simples processo inicial na antiga Veneza, serve aqui ao provimento de todos os cargos.

A eleição fez-se a princípio com muita regularidade; mas, logo depois, um dos legisladores declarou que ela fora viciada, por terem entrado no saco duas bolas com o nome do mesmo candidato. A assembleia verificou a exatidão da denúncia, e decretou que o saco, até ali de três polegadas de largura, tivesse agora duas; limitando-se a capacidade do saco, restringia-se o espaço à fraude, era o mesmo que suprimi-la. Aconteceu, porém, que na eleição seguinte, um candidato deixou de ser inscrito na competente bola, não se sabe se por descuido ou intenção do oficial público. Este declarou que não se lembrava de ter visto o ilustre candidato, mas acrescentou nobremente que não era impossível que ele lhe tivesse dado o nome; neste caso não houve exclusão, mas distração. A assembleia, diante de um fenômeno psicológico inelutável, como é a distração, não pôde castigar o oficial; mas, considerando que a estreiteza do saco podia dar lugar a exclusões odiosas, revogou a lei anterior e restaurou as três polegadas.

Nesse ínterim, senhores, faleceu o primeiro magistrado, e três cidadãos apresentaram-se candidatos ao posto, mas só dous importantes, Hazeroth e Magog, os

próprios chefes do partido rectilíneo e do partido curvilíneo. Devo explicar-vos estas denominações. Como eles são principalmente geômetras, é a geometria que os divide em política. Uns entendem que a aranha deve fazer as teias com fios rectos, é o partido rectilíneo; – outros pensam, ao contrário, que as teias devem ser trabalhadas com fios curvos, – é o partido curvilíneo. Há ainda um terceiro partido, misto e central, com este postulado: – as teias devem ser urdidas de fios rectos e fios curvos; é o partido recto-curvilíneo; e finalmente, uma quarta divisão política, o partido antirrecto-curvilíneo, que fez tábua rasa de todos os princípios litigantes, e propõe o uso de umas teias urdidas de ar, obra transparente e leve, em que não há linhas de espécie alguma. Como a geometria apenas poderia dividi-los, sem chegar a apaixoná-los, adotaram uma simbólica. Para uns, a linha recta exprime os bons sentimentos, a justiça, a probidade, a inteireza, a constância, etc., ao passo que os sentimentos ruins ou inferiores, como a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia, são perfeitamente curvos. Os adversários respondem que não, que a linha curva é a da virtude e do saber, porque é a expressão da modéstia e da humildade; ao contrário, a ignorância, a presunção, a toleima, a parlapatice, são rectas, duramente rectas. O terceiro partido, menos anguloso, menos exclusivista, desbastou a exageração de uns e outros, combinou os contrastes, e proclamou a simultaneidade das linhas como a exata cópia do mundo físico e moral. O quarto limita-se a negar tudo.

Nem Hazeroth nem Magog foram eleitos. As suas bolas saíram do saco, é verdade, mas foram inutilizadas, a do primeiro por faltar a primeira letra do nome, a do segundo por lhe faltar a última. O nome restante e triunfante era o de um argentário ambicioso, político obscuro, que subiu logo à poltrona ducal, com espanto geral da república. Mas os vencidos não se contentaram de dormir sobre os louros do vencedor; requereram uma devassa. A devassa mostrou que o oficial das inscrições intencionalmente viciara a ortografia de seus nomes. O oficial confessou o defeito e a intenção; mas explicou-os dizendo que se tratava de uma simples elipse; delito, se o era, puramente literário. Não sendo possível perseguir ninguém por defeitos de ortografia ou figuras de retórica, pareceu acertado rever a lei. Nesse mesmo dia ficou decretado que o saco seria feito de um tecido de malhas, através das quais as bolas pudessem ser lidas pelo público, e, *ipso facto*, pelos mesmos candidatos, que assim teriam tempo de corrigir as inscrições.

Infelizmente, senhores, o comentário da lei é a eterna malícia. A mesma porta aberta à lealdade serviu à astúcia de um certo Nabiga, que se conchavou com o oficial das extrações, para haver um lugar na assembleia. A vaga era uma, os candidatos três; o oficial extraiu as bolas com os olhos no cômplice, que só deixou de abanar negativamente a cabeça, quando a bola pegada foi a sua. Não era preciso mais para condenar a ideia das malhas. A assembleia, com exemplar paciência, restaurou o tecido espesso do régimen anterior; mas, para evitar outras elipses, decretou a validação das bolas cuja inscrição estivesse incorreta, uma vez que cinco pessoas jurassem ser o nome inscrito o próprio nome do candidato.

Este novo estatuto deu lugar a um caso novo e imprevisto, como ides ver. Tratou-se de eleger um coletor de espórtulas, funcionário encarregado de cobrar as rendas públicas, sob a forma de espórtulas voluntárias. Eram candidatos, entre outros, um certo Caneca e um certo Nebraska. A bola extraída foi a de Nebraska. Estava errada, é certo, por lhe faltar a última letra; mas, cinco testemunhas juraram, nos termos da lei, que o eleito era o próprio e único Nebraska da república. Tudo parecia findo, quando o candidato Caneca requereu provar que a bola extraída não trazia o nome de Nebraska, mas o dele. O juiz de paz deferiu ao peticionário. Veio então um grande filólogo, – talvez o primeiro da república, além de bom metafísico, e não vulgar matemático, – o qual provou a cousa nestes termos:

– Em primeiro lugar, disse ele, deveis notar que não é fortuita a ausência da última letra do nome Nebraska. Por que motivo foi ele escrito incompletamente? Não se pode dizer que por fadiga ou amor da brevidade, pois só falta a última letra, um simples *a*. Carência de espaço? Também não; vede; há ainda espaço para duas ou três sílabas. Logo, a falta é intencional, e a intenção não pode ser outra senão chamar a atenção do leitor para a letra *k*, última escrita, desamparada, solteira, sem sentido. Ora, por um efeito mental, que nenhuma lei destruiu, a letra reproduz-se no cérebro de dois modos, a forma gráfica, e a forma sônica: *k* e *ca*. O defeito, pois, no nome escrito, chamando os olhos para a letra final, incrusta desde logo no cérebro esta primeira sílaba: *Ca*. Isto posto, o movimento natural do espírito é ler o nome todo; volta-se ao princípio, à inicial *ne*, do nome *Nebrask*. – *Cané*. – Resta a sílaba do meio, *bras*, cuja redução a esta outra sílaba *ca*, última do nome Caneca, é a cousa mais demonstrável do mundo. E, todavia, não a demonstrarei, visto faltar-vos o preparo necessário ao entendimento da significação espiritual ou filosófica da sílaba, suas origens e efeitos, fases, modificações, consequências lógicas e sintáxicas, dedutivas ou indutivas, simbólicas e

outras. Mas, suposta a demonstração, aí fica a última prova, evidente e clara, da minha afirmação primeira pela anexação da sílaba *ca* às duas *Cane*, dando este nome Caneca.

A lei emendou-se, senhores, ficando abolida a faculdade da prova testemunhal e interpretativa dos textos, e introduzindo-se uma inovação, o corte simultâneo de meia polegada na altura e outra meia na largura do saco. Esta emenda não evitou um pequeno abuso na eleição dos alcaides, e o saco foi restituído às dimensões primitivas, dando-se-lhe, todavia, a forma triangular. Compreendeis que esta forma trazia consigo uma consequência: ficavam muitas bolas no fundo. Daí a mudança para a forma cilíndrica; mais tarde deu-se-lhe o aspecto de uma ampulheta, cujo inconveniente se reconheceu ser igual ao do triângulo, e então adotou-se a forma de um crescente, etc. Muitos abusos, descuidos e lacunas tendem a desaparecer, e o restante terá igual destino, não inteiramente, decerto, pois a perfeição não é deste mundo, mas na medida e nos termos do conselho de um dos mais circunspectos cidadãos da minha república, Erasmus, cujo último discurso sinto não poder dar-vos integralmente. Encarregado de notificar a última resolução legislativa às dez damas, incumbidas de urdir o saco eleitoral, Erasmus contou-lhes a fábula de Penélope, que fazia e desfazia a famosa teia, à espera do esposo Ulisses.

– Vós sois a Penélope da nossa república, disse ele ao terminar; tendes a mesma castidade, paciência e talentos. Refazei o saco, amigas minhas, refazei o saco, até que Ulisses, cansado de dar às pernas, venha tomar entre nós o lugar que lhe cabe. Ulisses é a Sapiência.

FIM DA SERENÍSSIMA REPÚBLICA.

Machado de Assis
[*Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 225-239]
Editores: José Américo Miranda, Gilson Santos e João Vítor Freitas.

O ESPELHO

ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de cousas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão era a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

– Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dous ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões que se deduziram do tronco principal, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, – uma conjectura, ao menos.

– Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

– Duas?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no coração*”. Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

– Não?

– Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, – na verdade, gentilíssima, – que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

– Perdão; essa senhora quem é?

– Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a ama da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até

há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que concerta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

– Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

– Espelho grande?

– Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o

“senhor alferes” merecia muito mais. O certo é que todas essas cousas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

– Não.

– O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

– Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

– Vai entender. Os factos explicarão melhor os sentimentos; os factos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos factos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado, e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma cousa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

– Matá-lo?

– Antes assim fosse.

– Causa pior?

– Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinham saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; e à tarde comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: *Never, for ever! – For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: – *Never, for ever! – For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. *Tic-tac, tic-tac*. Ninguém nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

– Sim, parece que tinha um pouco de medo.

– Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra cousa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: – o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos

amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono, a consciência do meu ser novo e único, – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Sœur Anne, sœur Anne, ne vois-tu rien venir?* Nada, cousa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. *Tic-tac, tic-tac*. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como a tia Marcolina, deixava-se estar. *Sœur Anne, sœur Anne...* Cousa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

– Mas não comia?

– Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, líras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. Às vezes fazia ginástica; outras dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pêndula. *Tic-tac, tic-tac...*

– Na verdade, era de enlouquecer.

– Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. – Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o

espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha ideia...

– Diga.

– Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

– Mas, diga, diga.

– Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regímen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

FIM DO ESPELHO

Machado de Assis
[*Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 241-257]
Editores: Gracinéa I. Oliveira e José Américo Miranda.

**TEXTOS COM APARATO
EDITORIAL**

TEORIA DO MEDALHÃO*

DIÁLOGO

- 1 – Estás com sono?
- 2 – Não, senhor.
- 3 – Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?
- 4 – Onze.
- 5 – Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854,¹ vinhas tu à luz, um pirralho de nada,² e estás homem, longos bigodes, alguns namoros...³
- 6 – Papai...⁴
- 7 – Não te ponhas com denguiques, e falemos como dous⁵ amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te cousas⁶ importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão,⁷ apesar de precoces, não foram tudo aos

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (p. 1, 18 dez. 1881), PA1882 (p. 91-106), PA1937 (p. 103-117), PA1952 (p. 101-115), OCA1959 (v. II, p. 288-293), PAGK1989 (p. 67-76), OCA1994 (v. II, p. 288-295), CJG1998 (v. I, p. 328-337), PAIT2005 (p. 205-217), OCA2008 (v. 2, p. 308-312). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos, João Vítor Freitas, Anália Freitas Cruz Oliveira, Emily Rodrigues Ferreira e José Américo Miranda. Revisão e notas: José Américo Miranda e Gilson Santos.

¹ anos, no dia 5 de agosto de 1854,] anos no dia 5 de agosto de 1854 – em PA1937.

² nada,] nada; – em GN.

³ namoros...] namoros. . (erro tipográfico) – PA1952.

⁴ – Papai...] Papai.. (erro tipográfico) – PA1952.

⁵ dous] dois – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2008. No próprio texto machadiano de 1882 há oscilação: veja-se a grafia “dois” ao final do diálogo (nota 131).

⁶ cousas] coisas – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2008.

⁷ William Pitt (1759-1806): assumiu o cargo de primeiro-ministro britânico em 1783, quando contava apenas 24 anos. Napoleão Bonaparte (1769-1821): estadista, líder militar e imperador francês (1804-1814).

vinte e um anos. Mas,⁸ qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre,⁹ ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as cousas¹⁰ integralmente,¹¹ com seus ônus e precalços,¹² glórias e desdouros, e ir por diante.

8 – Sim, senhor.

9 – Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho¹³ hoje, dia da tua maioridade.

10 – Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?

11 – Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém,¹⁴ as instruções de um pai,¹⁵ e acabo¹⁶ como vês, sem outra consolação e relevo moral,¹⁷ além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos¹⁸ da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regímen¹⁹ do aprumo e do compasso. O sábio que disse: “a gravidade é um mistério do corpo”,²⁰ definiu a

⁸ Mas,] Mas – em PA1937 e em PA1952.

⁹ ilustre,] ilustre – em PA1937.

¹⁰ cousas] coisas – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2008.

¹¹ integralmente,] integralmente – em PA1937 e em PA1952.

¹² precalços,] percalços, – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2008. A forma “percalço” encontra-se registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*; entretanto, não se encontra mais em alguns dicionários (sinal de que a palavra caiu em desuso), que trazem apenas “percalço”. Nos dicionários, aparecem primeiro as acepções positivas (mais antigas) – “vantagem”, “ganho”, “lucro”, “proventos”; e, em seguida, vêm os significados negativos (introduzidos na língua mais recentemente) – “dificuldade, obstáculo, transtorno”. No contexto em que aparece – “Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as cousas integralmente, com seus ônus e precalços, glórias e desdouros, e ir por diante.” –, a palavra “percalço” faz parte de um jogo antitético, organizado em quiasmo: o termo “ônus” se opõe a “percalços” como “glórias” se opõe a “desdouros”. A primeira antítese começa pelo termo negativo; a segunda, pelo positivo – daí o quiasmo. Machado de Assis, que com frequência utilizava formas linguísticas mais antigas (muitas vezes já em desuso), empregou a forma “percalço” (que muitos editores atualizaram para “percalço”). Entendemos que se justifica manter a forma “percalço” no texto, não só porque ela consta do *Vocabulário ortográfico*, mas, também, para que a estranheza provoque no leitor o reconhecimento do sentido (positivo) da palavra no quiasmo.

¹³ aconselho] aconselho, – em GN.

¹⁴ faltaram-me, porém,] faltaram-me, porém – em PA1882 (erro tipográfico?).

¹⁵ pai,] pai – em PA1937.

¹⁶ acabo] acabo, – em GN, em PA1937 e em PA1952.

¹⁷ moral,] moral – em GN.

¹⁸ improvisos] improvisos – em OCA1959.

¹⁹ regímen] regime – em CJG1998 e em OCA2008.

²⁰ corpo”,] corpo” – em OCA2008. O sábio a que se refere Machado de Assis é La Rochefoucauld (1613-1680), filósofo e moralista francês, autor das *Máximas*. Dentre elas, a de número 257 é a fonte da citação machadiana: “*La gravité est un mystère du corps, inventé pour cacher les défauts de l’esprit*” (“A gravidade é um mistério do corpo, inventado para ocultar os defeitos do espírito”). (<http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/papeisavulsos.htm>)

compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto,²¹ é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos...²²

12 – É verdade, por que quarenta e cinco anos?²³

13 – Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinquenta anos,²⁴ conquanto alguns exemplos se deem entre os cinquenta e cinco e os sessenta;²⁵ mas estes são raros. Há-os também de quarenta anos,²⁶ e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta;²⁷ não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos:²⁸ esse madrugalar é privilégio do gênio.

14 – Entendo.

15 – Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, deves pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; cousa²⁹ que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia;³⁰ mas era muito melhor dispor dos dous.³¹ O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à³² morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

16 – Mas quem lhe diz que eu...³³

17 – Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inófia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse facto,³⁴ posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí

²¹ que, embora resida no aspecto,] que embora resida no aspecto – em PA1952.

²² quarenta e cinco anos...] 45 anos... – em GN.

²³ quarenta e cinco anos?] 45 anos? – em GN.

²⁴ quarenta e cinco e cinquenta anos,] 45 e 50 anos, – em GN; quarenta e cinco e cinquenta, – em PA1937 e em PA1952.

²⁵ cinquenta e cinco e os sessenta;] 55 e os 60; – em GN.

²⁶ Há-os também de quarenta anos,] Há os também de 40 anos, – em GN.

²⁷ trinta e cinco e de trinta;] 35 e de 30; – em GN.

²⁸ vinte e cinco anos:] 25 anos: – em GN.

²⁹ cousa] coisa – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2008.

³⁰ plateia;] plateia, – em PA1952; plateia: – em PAIT2005.

³¹ dous.] dois. – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2008.

³² até à] até a – em OCA2008.

³³ eu...] eu.... – em PA1882.

³⁴ facto,] fato, – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2008.

uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

18 – Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.

19 – Não é; há um meio; é lançar mão de um régimen³⁵ debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc.³⁶ O voltarete, o dominó e o whist³⁷ são remédios aprovados. O whist³⁸ tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio,³⁹ que é a forma mais acentuada da circunspecção.⁴⁰ Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro;⁴¹ mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.

20 – Como assim, se também é um exercício corporal?

21 – Não digo que não,⁴² mas há cousas⁴³ em que a observação desmente a teoria. Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio⁴⁴ e parada é utilíssimo,⁴⁵ com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de ideias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

22 – Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

23 – Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios,⁴⁶ em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar,⁴⁷ ou por qualquer outra razão que me escape, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa,

³⁵ régimen] regime – em CJG1998 e em OCA2008.

³⁶ discursos, etc.] discursos etc. – em OCA2008.

³⁷ whist] uíste – em PA1952; whist – em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2008.

³⁸ whist] uíste – em PA1952; whist – em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2008.

³⁹ silêncio,] silêncio – em PA1937.

⁴⁰ circunspecção.] circumpecção. – em PA1882; circunspeção. – em PA1952.

⁴¹ elas façam repousar o cérebro;] eles façam repousar o espírito, – em GN.

⁴² não,] não – em PA1937.

⁴³ cousas] coisas – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2008.

⁴⁴ recreio] recreio, – em PA1937.

⁴⁵ e parada é utilíssimo,] e parada, é utilíssimo, – em GN, em PAGK1989, em PAIT2005; a parada é utilíssima, – em PA1952.

⁴⁶ pasmatórios,] pasmatórios – em PA1937 e em PA1952.

⁴⁷ lugar,] lugar – em PA1937 e em PA1952.

de qualquer coisa,⁴⁸ quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade:⁴⁹ 75 por cento⁵⁰ desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões,⁵¹ e uma tal⁵² monotonia é grandemente saudável. Com este regímen,⁵³ durante oito, dez, dezoito meses – suponhamos dous anos,⁵⁴ – reduzos o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das ideias; há de ser naturalmente simples, túbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

24 – Isto⁵⁵ é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...⁵⁶

25 – Podes; puedes empregar umas quantas figuras expressivas,⁵⁷ a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras,⁵⁸ que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. *Caveant, consules*⁵⁹ é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do *Si vis pacem para bellum*.⁶⁰ Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício:⁶¹ seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos,⁶² incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora,⁶³ mas fá-lo-ei por escrito. De resto,⁶⁴ o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema,⁶⁵ basta figurar

⁴⁸ coisa,] coisa, – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2008.

⁴⁹ Mazade:] Mazade; – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em CJG1998 e em OCA2008. Charles de Mazade (1820-1893), escritor francês que exerceu papel de destaque na *Revue des Deux Mondes* – prestigiosa revista de cultura geral –, onde publicou crônica política entre 1852 e 1858 e entre 1863 e 1893.

⁵⁰ 75 por cento] 75 % – em GN; setenta e cinco por cento – em OCA2008.

⁵¹ opiniões,] opiniões – em PA1937.

⁵² tal] ta – em GN.

⁵³ regímen,] regime, – em CJG1998 e em OCA2008.

⁵⁴ dous anos,] dois anos, – em PA1952, em CJG1998; dois anos – em OCA2008.

⁵⁵ Isto] Isso – em GN.

⁵⁶ quando...] quando.... – em PA1882.

⁵⁷ expressivas,] expressivas: – em PA1937 e em PA1952.

⁵⁸ outras,] outras – em GN.

⁵⁹ *Caveant, consules*] *Caveant consules* – em PA1937, em PA1952, em PAGK1989 e em PAIT2005. Expressão latina: “Acautelem-se, cónsules.” (tradução nossa)

⁶⁰ Expressão latina: “Se desejas a paz, prepara-te para a guerra.” (tradução nossa)

⁶¹ artifício:] artifício; – em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2008.

⁶² anos,] anos – em PA1937.

⁶³ agora,] agora – em PA1937.

⁶⁴ De resto,] De resto – em PA1937.

⁶⁵ um tal sistema,] um sistema, – em OCA1959.

uma hipótese. Faz-se uma lei,⁶⁶ executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma colecta⁶⁷ fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis,⁶⁸ causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos,⁶⁹ e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel,⁷⁰ tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes!⁷¹ – E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro⁷² súbito de sol.

26 – Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

27 – Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término,⁷³ e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. E de duas uma: – ou elas estarão usadas e divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas:⁷⁴ no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio;⁷⁵ no segundo, podes ter a coquette de as trazer, para mostrar que também és pintor. De outiva,⁷⁶ com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia;⁷⁷ porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo,⁷⁸ traz o perigo de inocular ideias novas, e é radicalmente falso. Acresce que⁷⁹ no dia em que viesses a assenhorear-te do espírito daquelas leis e fórmulas, serias provavelmente levado a empregá-las com um tal

⁶⁶ lei,] lei; – em PA1937 e em PA1952.

⁶⁷ colecta] coleta – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2008.

⁶⁸ causas prováveis,] cousas prováveis, – em GN; causas prováveis – em PA1937.

⁶⁹ conceitos,] conceitos – em PA1937 e em PA1952.

⁷⁰ aranzel,] arranzel, – em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2008.

⁷¹ Antes das leis, reformemos os costumes!] “Antes das leis, reformemos os costumes!” – em GN.

⁷² jorro] jorro, – em PA1937.

⁷³ Término: antiga divindade romana, que se identifica com os limites entre as propriedades; é essencialmente imutável. (Cf. GRIMAL, 1993, p. 438; HARVEY, 1998, p. 484)

⁷⁴ novas:] novas; – em PA1937, em PA1952 e em PAGK1989.

⁷⁵ próprio:] próprio; – em PA1937.

⁷⁶ outiva,] oitiva, – em CJG1998 e em OCA2008.

⁷⁷ a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia;] toda essa terminologia; – em OCA1959.

⁷⁸ cansativo,] cansativo – em PA1937 e em PA1952.

⁷⁹ que] que, – em PA1937, em PA1952 e em OCA2008.

ou qual comedimento, como a costureira – esperta e afreguesada, – que,⁸⁰ segundo um poeta clássico,

Quanto mais pano tem, mais poupa o corte,
Menos monte alardeia de retalhos;⁸¹

e este fenômeno, tratando-se de um medalhão, é que não seria científico.⁸²

28 – Upa,⁸³ que a profissão é difícil.⁸⁴

29 – E ainda não chegamos ao cabo.

30 – Vamos a ele.

31 – Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, cousas⁸⁵ miúdas, que antes exprimem a constância do afecto⁸⁶ do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote⁸⁷ solicite os favores dela mediante ações heroicas ou custosas,⁸⁸ é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um *Tratado científico da criação dos carneiros*,⁸⁹ compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm⁹⁰ singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser

⁸⁰ – esperta e afreguesada, – que,] esperta e afreguesada, que, – em GN.

⁸¹ Em PA1937, estes versos vêm em itálico, e alinhados à esquerda ao corpo do texto; em PA1952, vêm em itálico, deslocados para a direita, alinhados com os travessões (que iniciam os parágrafos). Estes versos pertencem ao poema “Carta ao senhor F. J. M. de B.”, de Filinto Elísio, nome árcade do padre Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819).

⁸² científico.] científico, – em PA1882.

⁸³ – Upa,] – Upa! – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2008.

⁸⁴ difícil.] difícil – em PA1937; difícil! – em PA1952, em PAGK1989 e em CJG1998.

⁸⁵ cousas] coisas – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2008.

⁸⁶ afecto] afeto – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2008.

⁸⁷ D. Quixote] d. Quixote – em OCA2008.

⁸⁸ custosas,] custosas – em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2008.

⁸⁹ *Tratado científico da criação dos carneiros.*] *Tratado Científico da Criação dos Carneiros*, – em OCA1994. A proximidade da referência a um tratado científico sobre carneiros com a referência a D. Quixote lembra o início da novela de Cervantes (1547-1616), passagem em que é mencionada a biblioteca e a comida (mesquinha) usual do Quixote: “Una olla de algo más vaca que carnero [...]”. A edição do IV centenário de *Don Quijote* (1605) traz a seguinte nota: “Porque la carne de vaca (para la olla ‘cocido’) era más barata.” (CEVANTES, 2004, p. 27, nota 9) Informa a edição traduzida pelos viscondes de Castilho e Azevedo, em nota: “Na época, apreciava-se muito mais a carne de carneiro do que a de vaca.” (CERVANTES, 1960, p. 73, nota 3) Parece ser parte do processo composicional machadiano a existência de nexos fracos (pouco consistentes para chamar a atenção do leitor) entre passagens vizinhas. É muitas vezes assim que se dá a transição de um assunto a outro na prosa do autor. Seria este o caso nesta passagem?

⁹⁰ têm] tem – em GN, em PA1882, e em PA1937 (em outra ocorrência – no parágrafo 25 – essas três edições trazem essa forma verbal grafada com acento – “têm”).

trazidos⁹¹ a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo facto⁹² em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

32 – Percebi.

33 – Essa é publicidade constante, barata, fácil,⁹³ de todos os dias; mas há outra. Qualquer que seja a teoria das artes, é fora de dúvida⁹⁴ que o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública instigam à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito. Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção, principalmente se a sagacidade dos amigos não achar em ti repugnância. Em semelhante caso, não só as regras da mais vulgar polidez mandam aceitar o retrato ou o busto, como seria desazado impedir que os amigos o expusessem em qualquer casa pública. Dessa maneira o nome fica ligado à pessoa; os que houverem lido o teu recente discurso (suponhamos) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão na compostura das feições o autor dessa obra grave,⁹⁵ em que a “alavanca do progresso” e o “suor do trabalho”,⁹⁶ vencem as “faucês hiantes” da miséria. No caso de que uma comissão te leve à casa⁹⁷ o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d’água: é uso antigo,⁹⁸ razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se⁹⁹ esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos *reporters*¹⁰⁰ dos jornais. Em todo o caso,¹⁰¹ se as obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte,¹⁰² podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo¹⁰³ a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual

⁹¹ trazidos] trazidas – em PA1882.

⁹² facto] fato – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2008.

⁹³ fácil,] fácil – em OCA1959.

⁹⁴ artes, é fora de dúvida] artes. é fora de dúvida – em PAGK1989.

⁹⁵ grave,] grave – em GN.

⁹⁶ e o “suor do trabalho”,] e o suor do trabalho”, – em PA1882 e em PA1937; e “o suor do trabalho” – em PA1952 e em OCA1959, em PAGK1989.

⁹⁷ à casa] a casa – em PAGK1989 e em CJG1998. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em nota a uma ocorrência semelhante, numa crônica de “A Semana”, afirma: “Na *Gazeta de Notícias*, o *a* vem acentuado, em desacordo com a boa norma, comumente seguida pelo autor.” (FERREIRA, 1953, v. 3, p. 48) Laudelino Freire, em nota semelhante a uma passagem do conto “Marcha fúnebre”, de *Relíquias de casa velha* (1906), afirma: “Como se vê Machado de Assis é dos que admitem crase antes da palavra *casa*, com verbos de movimento.” (MACHADO de Assis, 1921, p. 181) Preservamos, nesta edição, o acento indicador da crase.

⁹⁸ antigo,] anigo, – em OCA1994.

⁹⁹ Mais. Se] Mais, se – em GN.

¹⁰⁰ reporters] repórteres – em PA1952, em PAIT2005 e em OCA2008.

¹⁰¹ Em todo o caso,] Em todo caso, – em GN e em OCA2008.

¹⁰² parte,] parte – em GN.

¹⁰³ mesmo] mesmo, – em OCA1994 e em OCA2008.

escrúpulo, aliás desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente.

34 – Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.

35 – Nem eu te digo outra cousa.¹⁰⁴ É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas.¹⁰⁵ Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável,¹⁰⁶ de figura obrigada, de rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesado e cru de substantivos desadjetivados,¹⁰⁷ e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o *odorífero* das flores, o *anilado* dos céus, o *prestimoso* dos cidadãos, o *noticioso* e *suculento* dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.

36 – E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os *deficits*¹⁰⁸ da vida?

37 – Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

38 – Nem política?

39 – Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe¹⁰⁹ somente a utilidade do *scibboleth*¹¹⁰ bíblico.

40 – Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

41 – Podes e deves;¹¹¹ é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: – ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom,¹¹² própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; – é mais fácil e mais atraente. Supõe que desejas saber por que motivo a

¹⁰⁴ cousa.] coisa. – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2008.

¹⁰⁵ Referência a Js 6,20.

¹⁰⁶ indispensável,] indispensável – em PA1937.

¹⁰⁷ desadjetivados,] desajetivados, – em PA1952 e em OCA1959.

¹⁰⁸ deficits] déficits – em PAIT2005.

¹⁰⁹ reconhecer-lhe] reconhecer-lhes – em GN e em CJG1998. O pronome “lhe”, nesta passagem, tem valor de plural. Augusto Epifânio da Silva Dias afirma: “No português arcaico médio é frequente a forma *lhe* como plural, e ainda é muito vulgar na linguagem do povo; ocorre às vezes nos próprios escritores modernos, nomeadamente em Bocage [...]” (DIAS, 1918, p. 63)

¹¹⁰ *scibboleth*] *sibboleth* – em GN. A palavra “*scibboleth*” servia para diferenciar os gileaditas dos efraimitas, que, por não conseguirem pronunciá-la como os seus inimigos de Gileade, foram degolados. O episódio é narrado em Jz 12,6. (<http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/papeisavulsos.htm>)

¹¹¹ deves;] deves: – em PA1937.

¹¹² de bom-tom,] do bom-tom, – em OCA1959.

7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguaiana¹¹³ para Canguçu; serás ouvido tão somente pelo ministro da guerra,¹¹⁴ que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado,¹¹⁵ formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso,¹¹⁶ não transcendas¹¹⁷ nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

42 – Farei o que puder. Nenhuma imaginação?

43 – Nenhuma;¹¹⁸ antes¹¹⁹ fazes correr o boato de que um tal dom é ínfimo.

44 – Nenhuma filosofia?

45 – Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. “Filosofia da história”,¹²⁰ por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proibto-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.¹²¹

46 – Também ao riso?

47 – Como ao riso?

48 – Ficar sério,¹²² muito sério...

49 – Conforme. Tens um¹²³ gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente,¹²⁴ – e este ponto é melindroso...

50 – Diga.¹²⁵

51 – Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de¹²⁶ mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire,¹²⁷ feição própria dos cépticos¹²⁸ e desabusados.¹²⁹ Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos,

¹¹³ Uruguaiana] Uruguiana – em OCA1959.

¹¹⁴ ministro da guerra,] Ministro da Guerra, – em OCA1994.

¹¹⁵ achado,] acabado, – em PA1952.

¹¹⁶ caso,] caso – em GN.

¹¹⁷ transcendas] transcedas – em GN.

¹¹⁸ Nenhuma;] Nenhuma: – em GN.

¹¹⁹ antes] antes, – em PA1952.

¹²⁰ “Filosofia da história”,] “Filosofia da história,” – em PA1882.

¹²¹ originalidade, etc., etc.] originalidade etc. etc. – em OCA2008.

¹²² – Ficar sério,] – Ficar, sério, – em PA1952.

¹²³ um] um um – PA1882.

¹²⁴ Somente,] Somente – em OCA2008.

¹²⁵ Diga.] Diga... – em PA1937, em PA1952, em PAGK1989 e em PAIT2005.

¹²⁶ de] do – em PA1882.

¹²⁷ Luciano (Samósata, c. 125-Alexandria, 192 d.C.): autor grego, cuja obra ridiculariza a religião, a superstição popular e os sistemas filosóficos; redescobriu as sátiras de Menipo de Gádara (Gádara, 300 – Tebas, 260 a.C.). Jonathan Swift (Dublin, 1667-1745) e Voltaire, pseudônimo de François-Marie Arouet (Paris, 1694-1778): escritores satíricos, ambos pertencentes à tradição luciânica.

¹²⁸ cépticos] cépticos – em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2008.

¹²⁹ desabusados.] desabusados – em GN.

nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como¹³⁰ uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebeitar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto?

52 – Meia-noite.

53 – Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois¹³¹ anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse,¹³² meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o *Príncipe*¹³³ de Machiavelli.¹³⁴ Vamos dormir.

FIM DA TEORIA DO MEDALHÃO

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CJG1998 – *Contos*: uma antologia, 1998, edição de John Gledson.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.

PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.

PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.

PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.

PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

Referências

A BÍBLIA sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1867.

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista. São Paulo: Paulus, 2000.

¹³⁰ como] com – em PA1882 e em PA1937.

¹³¹ vinte e dois] vinte e dous – em PA1937 e em OCA1994.

¹³² te disse,] te, disse, – em OCA1959.

¹³³ *Príncipe*] *Príncipe* – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2008.

¹³⁴ Machiavelli.] Maquiavel. – em OCA2008.

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. Diálogo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 350, p. 1, 18 dez. 1881.

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. Diálogo. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882.

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. Diálogo. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *A semana*. Revisor crítico: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953. 3v.

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. Diálogo. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. II.

ASSIS, Machado de. A Teoria do medalhão. Diálogo. In: *Papéis avulsos*. Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 1989.

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. Diálogo. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1994. v. II.

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. Diálogo. In: *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas: John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 1.

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. Diálogo. In: *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. Diálogo. In: *Papéis avulsos*. Prefácio de John Gledson; notas de Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha*. Tradução dos viscondes de Castilho e Azevedo, acompanhada de uma seleção das mais importantes notas dos principais comentadores do *Quixote*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Nota al texto: Francisco Rico. [São Paulo]: Real Academia Española, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Ver ASSIS, 1953.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Lisboa: Difel, 1993.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOBIM, José Luís. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2001.

MACHADO de Assis. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1921. [Estante clássica da *Revista de Língua Portuguesa*, v. II]

NASCENTES, Antenor. *Tesouros da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

Endereços eletrônicos

http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/papeisavulsos.htm

A CHINELA TURCA*

1 Vede o Bacharel Duarte. Acaba de compor o mais teso e correto laço de gravata que apareceu naquele ano de 1850, e anunciam-lhe a visita do major¹ Lopo Alves. Notai que é de noite, e passa de nove horas. Duarte estremeceu² e tinha duas razões para isso.³ A primeira era ser o major, em qualquer ocasião, um dos mais enfadonhos sujeitos do tempo. A segunda é que ele⁴ preparava-se justamente para ir ver, em um baile,⁵ os mais finos cabelos louros e os mais pensativos olhos azuis, que este nosso clima, tão avaro deles, produzira. Datava de uma semana aquele namoro. Seu coração, deixando-se prender entre duas valsas, confiou aos olhos, que eram castanhos, uma declaração em regra, que eles pontualmente transmitiram à moça,⁶ dez minutos antes da ceia, recebendo favorável resposta logo depois do chocolate. Três dias depois, estava a caminho a primeira carta, e pelo jeito que levavam as cousas⁷ não era de admirar que,⁸ antes do fim do ano,⁹ estivessem ambos a caminho¹⁰ da igreja.¹¹ Nestas circunstâncias, a

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: EP (14 nov. 1875, p. 3-6), PA1882 (p. 107-125), PA1937 (p. 119-138), PA1952 (p. 117-136), OCA1959 (v. II, p. 294-301), PAGK1989 (p. 77-87), OCA1994 (v. II, p. 295-303), CJG1998 (v. I, p. 220-231), PAIT2005 (p. 99-115) e em OCA2015 (v. II, p. 268-274). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda e Gracinéa I. Oliveira. O periódico *A Época*, em que este conto foi publicado pela primeira vez, foi, segundo Nelson Werneck Sodré (1966, p. 281), uma “revista literária que Machado de Assis e Joaquim Nabuco fizeram em 1875, e que viveu apenas quatro números”. Na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, só existem os números 1, 2 e 3.

¹ major] Major – em OCA1994.

² estremeceu] estremeceu, – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

³ Vede o Bacharel Duarte. Acaba de compor o mais teso e correto laço de gravata que apareceu naquele ano de 1850, e anunciam-lhe a visita do major Lopo Alves. Notai que é de noite, e passa de nove horas. Duarte estremeceu e tinha duas razões para isso.] Acabava o bacharel Duarte de compor o mais teso, correto e imperturbável laço de gravata, que apareceu naquele ano de 1850, quando o criado lhe anunciou a visita do major Lopo Alves. O bacharel estremeceu, e tinha duas razões para isso. – em EP.

⁴ ele] o bacharel – em EP.

⁵ em um baile,] em uma *soirée*, – em EP.

⁶ moça,] moça – em EP.

⁷ cousas] cousas, – em PA1937; coisas, – em PA1952; coisas – em CJG1998 e em OCA2015.

⁸ que,] que – em EP.

⁹ ano,] ano – em EP.

¹⁰ a caminho] no caminho – em EP.

¹¹ Inicia-se, neste ponto, um novo parágrafo em EP.

chegada de Lopo Alves era uma verdadeira calamidade. Velho amigo¹² da família, companheiro de seu finado pai no exército,¹³ tinha jus o major a todos os respeitos.¹⁴ Impossível despedi-lo ou tratá-lo com frieza. Havia felizmente uma circunstância atenuante; o major era aparentado com Cecília, a moça dos olhos azuis; em caso de necessidade, era um voto seguro.

2 Duarte enfiou um chambre e dirigiu-se para a sala, onde Lopo Alves, com um rolo debaixo do braço e¹⁵ os olhos fitos no ar, parecia totalmente alheio à chegada do bacharel.

3 – Que bom vento o trouxe a Catumbi a semelhante hora?¹⁶ perguntou Duarte,¹⁷ dando à voz uma expressão de prazer, aconselhada não menos pelo interesse que pelo bom-tom.

4 – Não sei se o vento que me trouxe é bom ou mau, respondeu¹⁸ o major¹⁹ sorrindo por baixo do espesso bigode grisalho;²⁰ sei que foi um vento rijo. Vai sair?

5 – Vou ao Rio Comprido.

6 – Já sei; vai à casa²¹ da viúva Meneses. Minha mulher e as pequenas já lá devem estar: eu irei mais tarde, se puder. Creio que é cedo,²² não?

7 Lopo Alves tirou o relógio e viu que eram nove horas e meia. Passou a mão pelo bigode, levantou-se,²³ deu alguns passos na sala, tornou a sentar-se e disse:

¹² Velho amigo] Antigo amigo – em EP.

¹³ no exército,] nas campanhas do Rio de Prata, – em EP.

¹⁴ a todos os respeitos.] á todos os seus respeitos. – em EP. Na variante, conservamos o acento agudo sobre o “a” pelo fato de que no século XIX, embora o acento agudo sobre o “a” fosse usado para indicar crase, muitas vezes a preposição (sem o fenômeno da crase) trazia o acento. Veja-se a defesa deste acento na preposição “a” no pós-escrito à segunda edição de *Iracema*, por José de Alencar (1870). Além disso, o acento não é necessariamente atribuível ao autor, pois havia o caso das ortografias da casa – sobre isso, ver crônica de “A Semana”, de 15 de março de 1896 (*Machadiana Eletrônica*, v. 7, n. 14, p. 143), em que Machado de Assis diz, falando sobre as diversas formas de uma mesma palavra: “Nas Alagoas pode haver, como aqui no Rio de Janeiro, a *ortografia da casa*.” (grifo do cronista) A essas observações, acrescente-se que este é o único texto de *Papéis avulsos* publicado no periódico *A Época*, de Joaquim Nabuco. Em obras do próprio Joaquim Nabuco encontram-se exemplos (muitos) como este: “Ler um canto opulento, rico, dos *Lusíadas*, ler o poema, direi melhor, parece á muitos uma coisa tão extraordinária como levantar a pesada espada de nossos maiores e suas armas de combate.” (NABUCO, 1872, p. 8; é nosso o itálico em “á”)

¹⁵ e] e, – em EP.

¹⁶ a Catumbi a semelhante hora?] á Catumbi á semelhante hora? – em EP. Ver nota 14.

¹⁷ perguntou Duarte,] – perguntou Duarte, – em OCA2015.

¹⁸ bom ou mal, respondeu] bom ou mal – respondeu – em OCA2015.

¹⁹ major] major, – em PA1937 e em PA1952.

²⁰ bigode grisalho;] bigode grisalho –; – em OCA2015.

²¹ à casa] à *soirée* – em EP.

²² cedo,] cedo – em PA1937.

²³ levantou-se,] levantou-se (em final de linha) – em EP.

8 – Dou-lhe uma notícia, que certamente não espera. Saiba que fiz... fiz um drama.²⁴

9 – Um drama! exclamou o bacharel.²⁵

10 – Que quer? Desde criança padeci destes achaques literários. O serviço militar não foi remédio que me curasse, foi um paliativo. A doença regressou com a força dos primeiros tempos. Já agora não há remédio senão deixá-la, e ir simplesmente ajudando a natureza.

11 Duarte recordou-se de que efetivamente o major falava noutro tempo de alguns discursos inaugurais, duas ou três nênias e boa soma de artigos que escrevera acerca das campanhas do Rio da Prata.²⁶ Havia porém²⁷ muitos anos que Lopo Alves deixara em paz os generais platinos e os defuntos;²⁸ nada fazia supor que a moléstia volvesse, sobretudo caracterizada por um drama. Esta circunstância²⁹ explicá-la-ia o bacharel, se soubesse que Lopo Alves³⁰ algumas semanas antes, assistira à representação de uma peça do gênero ultrarromântico, obra que lhe agradou muito e lhe sugeriu a ideia de afrontar as luzes do tablado.³¹ Não entrou o major nestas minuciosidades necessárias, e o bacharel ficou sem conhecer o motivo da explosão dramática do militar. Nem o soube, nem curou disso. Encareceu muito as faculdades mentais do major, manifestou calorosamente a ambição que nutria de o ver sair triunfante naquela estreia, prometeu que o recomendaria a³² alguns amigos que tinha no *Correio Mercantil*, e só estacou e empalideceu quando viu o major, trêmulo de bem-aventurança, abrir o rolo que trazia consigo.

12 – Agradeço-lhe as suas boas intenções, disse Lopo Alves, e aceito³³ o obséquio que me promete; antes dele, porém, desejo outro. Sei que é inteligente e lido; há de me dizer francamente o que pensa deste trabalho.³⁴ Não lhe peço elogios, exijo franqueza e franqueza rude. Se achar que não é bom, diga-o sem rebuço.

²⁴ Saiba que fiz... fiz um drama.] Sabe que fiz....fiz um drama. – em EP.

²⁵ drama! exclamou o bacharel.] drama! – exclamou o bacharel. – em OCA2015.

²⁶ acerca das campanhas do Rio da Prata.] acerca das campanhas relatadas em Tito Lívio. – em EP. Neste ponto começa novo parágrafo em EP.

²⁷ Havia porém] Havia, porém, – em PA1937 e em PA1952.

²⁸ generais platinos e os defuntos;] generais romanos e os defuntos: –em EP.

²⁹ Esta circunstância] Esta última circunstância – em EP.

³⁰ Lopo Alves] Lopo Alves, – em EP, em PA1937, em PA1952, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

³¹ as luzes do tablado.] as luzes da rampa. – em EP. Neste ponto, começa novo parágrafo em EP.

³² a] e – em PA1937.

³³ – Agradeço-lhe as suas boas intenções, disse Lopo Alves, e aceito] – Agradeço-lhe as suas boas intenções – disse Lopo Alves –, e aceito – em OCA2015.

³⁴ deste trabalho.] deste trabalhinho. – em EP.

13 Duarte procurou desviar aquele cálix³⁵ de amargura; mas era difícil pedi-lo, e impossível alcançá-lo. Consultou melancolicamente o relógio, que marcava nove horas e cinquenta e cinco minutos, enquanto o major folheava paternalmente as cento e oitenta folhas do manuscrito.

14 – Isto vai depressa, disse Lopo Alves; eu sei³⁶ o que são rapazes e o que são bailes. Descanse que ainda hoje dançará duas ou três valsas com *ela*, se a tem, ou com elas. Não acha melhor irmos para o seu gabinete?

15 Era indiferente, para o bacharel, o lugar do suplício; acedeu ao desejo do hóspede. Este, com a liberdade que lhe davam as relações, disse ao moleque³⁷ que não deixasse entrar ninguém.³⁸ O algoz não queria testemunhas. A porta do gabinete fechou-se; Lopo Alves tomou lugar ao pé da mesa, tendo em frente o bacharel, que mergulhou o corpo e o desespero numa vasta poltrona de marroquim, resoluto a não dizer palavra para ir mais depressa ao termo.

16 O drama dividia-se em sete quadros. Esta indicação produziu um calafrio no ouvinte. Nada havia de novo naquelas cento e oitenta páginas, senão a letra do autor. O mais eram os lances, os caracteres, as *ficelles* e até o estilo dos mais acabados tipos do romantismo desgrenhado. Lopo Alves cuidava pôr por obra uma invenção, quando não fazia mais do que alinhar as suas reminiscências. Noutra ocasião, a obra³⁹ seria um bom passatempo.⁴⁰ Havia logo no primeiro quadro, espécie de prólogo, uma criança roubada à família, um envenenamento, dous⁴¹ embuçados, a ponta de um punhal e quantidade de adjetivos não menos afiados que o punhal. No segundo quadro dava-se conta da morte de um dos embuçados, que devia ressuscitar no terceiro, para ser preso no quinto, e matar o tirano no sétimo.⁴² Além da morte aparente do embuçado, havia no segundo quadro o rapto da menina, já então moça de dezessete anos, um monólogo que parecia durar igual prazo, e o roubo de um testamento.

17 Eram quase onze horas quando acabou a leitura deste segundo quadro. Duarte mal podia conter a cólera; era já impossível ir ao Rio Comprido. Não é fora de propósito conjecturar⁴³ que, se o major expirasse naquele momento, Duarte agradecia⁴⁴ a morte como um benefício da Providência. Os sentimentos do bacharel não faziam crer tamanha ferocidade; mas a leitura de um mau livro é capaz de produzir fenômenos ainda

³⁵ cálix] cálice – em OCA2015.

³⁶ – Isto vai depressa, disse Lopo Alves; eu sei] – Isto vai depressa – disse Lopo Alves –; eu sei – em OCA2015.

³⁷ moleque] criado – em EP.

³⁸ Neste ponto, começa novo parágrafo em EP.

³⁹ obra] leitura – em EP; sobra – em PA1937.

⁴⁰ Neste ponto, começa novo parágrafo em EP.

⁴¹ dous] dois – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015.

⁴² no sétimo.] do sétimo. – em PA1882, em OCA1959, em OCA1994. Em EP, neste ponto começa novo parágrafo.

⁴³ conjecturar] conjeturar – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

⁴⁴ agradecia] agradeceria – em EP e em PA1952.

mais espantosos. Acresce que, enquanto aos olhos carnavais do bacharel aparecia em toda a sua espessura a grenha de Lopo Alves, fulgiam-lhe ao espírito⁴⁵ os fios de ouro que ornavam a formosa cabeça de Cecília; via-a com os olhos azuis,⁴⁶ a tez⁴⁷ branca e rosada, o gesto⁴⁸ delicado e gracioso, dominando⁴⁹ todas as demais damas que deviam estar⁵⁰ no salão da viúva Meneses. Via aquilo, e ouvia mentalmente a música, a palestra, o soar dos passos, e o ruje-ruje das sedas; enquanto a voz rouquenha e sensaborona de Lopo Alves ia desfiando os quadros e os diálogos, com a impassibilidade de uma⁵¹ grande convicção.

18 Voava o tempo,⁵² e o ouvinte já não sabia a conta dos quadros. Meia-noite soara desde muito; o baile estava perdido. De repente, viu Duarte que o major enrolava outra vez o manuscrito, erguia-se, empertigava-se, cravava nele uns olhos odientos e maus, e saía arrebatadamente do gabinete.⁵³ Duarte quis chamá-lo, mas o pasmo tolhera-lhe a voz e os movimentos. Quando pôde dominar-se, ouviu o bater do tacão rijo e colérico do dramaturgo na pedra da calçada.⁵⁴ Foi à janela; nada viu nem ouviu; autor e drama tinham desaparecido.

19 – Por que não fez ele isso há mais tempo? disse o rapaz suspirando.⁵⁵

20 O suspiro mal teve tempo de abrir as asas e sair pela janela fora, em demanda do Rio Comprido, quando o moleque⁵⁶ do bacharel veio anunciar-lhe a visita de um homem baixo e gordo.

21 – A esta hora! exclamou Duarte.⁵⁷

22 – A esta hora, repetiu o homem baixo e gordo, entrando na sala. A esta ou⁵⁸ a qualquer hora,⁵⁹ pode a polícia entrar na casa do cidadão, uma vez que se trata de um delito grave.

⁴⁵ ao espírito] aos olhos do espírito – em EP.

⁴⁶ via-a com os olhos azuis,] ele a via com os seus olhos azuis, – em EP.

⁴⁷ a tez] sua tez – em EP.

⁴⁸ o gesto] seu gesto – em EP.

⁴⁹ dominando] á dominar – em EP. Ver nota 14.

⁵⁰ que deviam estar] que lá deviam estar – em EP.

⁵¹ uma] sua – em EP.

⁵² Voava o tempo,] O tempo ia passando, – em EP.

⁵³ De repente, viu Duarte que o major enrolava outra vez o manuscrito, erguia-se, empertigava-se, cravava nele uns olhos odientos e maus, e saía arrebatadamente do gabinete.] De repente, viu Duarte que o major, que parecia ler atentamente o manuscrito, ergueu-se, empertigou-se, cravou nele uns olhos odientos e maus, e saiu arrebatadamente do gabinete. – em EP.

⁵⁴ Em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015, neste ponto começa novo parágrafo.

⁵⁵ – Por que não fez ele isso há mais tempo? disse o rapaz suspirando.] – Por que não fez ele isso há mais tempo? disse o rapaz, suspirando. – em PA1937; – Por que não fez ele isso há mais tempo? – disse o rapaz suspirando. – em OCA2015.

⁵⁶ moleque] criado – em EP.

⁵⁷ – A esta hora! exclamou Duarte.] – A esta hora! – exclamou Duarte. – em OCA2015.

⁵⁸ – A esta hora, repetiu o homem baixo e gordo, entrando na sala. A esta ou] – A esta hora – repetiu o homem baixo e gordo, entrando na sala. – A esta ou – em OCA2015.

⁵⁹ a qualquer hora,] á qualquer hora, – em EP. Ver nota 14.

- 23 – Um delito!
- 24 – Creio que me conhece...⁶⁰
- 25 – Não tenho essa honra.
- 26 – Sou empregado na polícia.
- 27 – Mas que tenho eu com o senhor?⁶¹ de que delito se trata?
- 28 – Pouca cousa:⁶² um furto. O senhor é acusado de haver subtraído uma chinela turca. Aparentemente não vale nada ou vale pouco a tal chinela. Mas há chinela e chinela. Tudo depende das circunstâncias.
- 29 O homem disse isto com um riso sarcástico, e cravando no bacharel uns olhos de inquisidor.⁶³ Duarte não sabia sequer da existência do objeto roubado. Concluiu que havia equívoco de nome, e não se zangou com a injúria irrogada à sua pessoa, e de algum modo à sua classe, atribuindo-se-lhe a ratonice. Isto mesmo disse ao empregado da polícia, acrescentando que não era motivo, em todo caso,⁶⁴ para incomodá-lo a semelhante hora.
- 30 – Há de perdoar-me, disse o representante da autoridade. A chinela⁶⁵ de que se trata vale algumas dezenas de contos de réis; é ornada de finíssimos diamantes, que a tornam singularmente preciosa. Não é turca só pela forma, mas também pela origem. A dona, que é uma de⁶⁶ nossas patricias mais viageiras, esteve, há cerca de três anos⁶⁷ no Egito, onde a comprou a um judeu.⁶⁸ A história, que este aluno de Moisés referiu acerca daquele produto da indústria muçulmana, é verdadeiramente miraculosa, e, no meu sentir, perfeitamente mentirosa. Mas não vem ao caso dizê-la.⁶⁹ O que importa saber é que ela foi roubada e que a polícia tem denúncia contra o senhor.
- 31 Neste ponto do discurso, chegara-se o homem à janela; Duarte suspeitou que fosse um doudo⁷⁰ ou um ladrão. Não teve tempo de examinar a suspeita, porque⁷¹ dentro de alguns segundos, viu entrar cinco homens armados, que lhe lançaram as mãos e o levaram, escada abaixo, sem embargo dos gritos que soltava e dos movimentos desesperados que fazia. Na rua havia um carro, onde o meteram à força. Já lá estava o

⁶⁰ conhece...] conhece..... – em EP.

⁶¹ – Mas que tenho eu com o senhor?] – Mas que tenho eu com V. S.? – em EP.

⁶² cousa:] coisa: – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015.

⁶³ uns olhos de inquisidor.] um olhar inquisitorial. – em EP.

⁶⁴ em todo caso,] em todo o caso, – em EP.

⁶⁵ – Há de perdoar-me, disse o representante da autoridade. A chinela] – Há de perdoar-me – disse o representante da autoridade. – A chinela – em OCA2015.

⁶⁶ de] das – em EP.

⁶⁷ anos] anos, – em PA1952, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

⁶⁸ a um judeu.] á um judeu. – em EP. Ver nota 14.

⁶⁹ dizê-la.] dizê-lo. – em PAGK1989 e em CJG1998. O pronome concorda com “a história”; não vimos razão para corrigir a passagem. O emprego do gênero neutro – em “dizê-lo” – não nos parece necessário.

⁷⁰ doudo] doido – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015.

⁷¹ porque] porque, – em PAGK1989, em CJG1998 e em PAIT2005.

homem baixo e gordo, e mais um sujeito alto e magro,⁷² que o receberam e fizeram sentar no fundo do carro. Ouviu-se estalar o chicote do cocheiro e o carro partiu à desfilada.

32 – Ah! ah! disse o homem gordo. Com que então pensava⁷³ que podia impunemente furtar chinelas turcas, namorar moças louras, casar talvez com elas... e rir ainda por cima do gênero humano.⁷⁴

33 Ouvindo aquela alusão à dama dos seus pensamentos, Duarte teve um calafrio.⁷⁵ Tratava-se, ao que parecia, de algum desforço de rival suplantado. Ou a alusão seria casual e estranha à aventura? Duarte perdeu-se num cipoal de conjecturas,⁷⁶ enquanto o carro ia sempre andando a todo galope.⁷⁷ No fim de algum tempo, arriscou uma observação.⁷⁸

34 – Quaisquer que sejam os meus crimes, suponho que a polícia...

35 – Nós não somos da polícia,⁷⁹ interrompeu friamente o homem magro.

36 – Ah!

37 – Este cavalheiro e eu fazemos um par. Ele, o senhor e eu faremos um terno.⁸⁰ Ora, terno não é melhor que par; não é, não pode ser.⁸¹ Um casal é o ideal. Provavelmente não me entendeu?

38 – Não, senhor.⁸²

39 – Há de entender logo mais.

40 Duarte resignou-se à espera,⁸³ enfronhou-se no silêncio, derreou o corpo,⁸⁴ e deixou correr o carro e a aventura. Obra de cinco minutos depois estacavam os cavalos.

41 – Chegamos, disse o homem gordo.⁸⁵

42 Dizendo isto,⁸⁶ tirou um lenço da algibeira e ofereceu-o ao bacharel para que tapasse os olhos. Duarte recusou, mas o homem magro observou-lhe que era mais prudente obedecer que resistir. Não resistiu o bacharel; atou o lenço e apeou-se. Ouviu,

⁷² magro,] magro – em PA1937 e em PA1952.

⁷³ – Ah! ah! disse o homem gordo. Com que então pensava] – Ah! ah! disse o homem gordo. Com que então V. S. pensava – em EP; – Ah! ah! – disse o homem gordo. – Com que então pensava – em OCA2015.

⁷⁴ humano.] humano? – em EP.

⁷⁵ Duarte teve um calafrio.] o moço estremeceu e sentiu um calafrio. – em EP.

⁷⁶ conjecturas,] conjeturas, – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em CJG1998.

⁷⁷ a todo galope.] a todo o galope. – em EP.

⁷⁸ arriscou uma observação.] Duarte arriscou uma observação: – em EP.

⁷⁹ – Nós não somos da polícia,] – Nós não somos polícia, – em EP; – Nós não somos da polícia – (com travessão no lugar da vírgula) – em OCA2015.

⁸⁰ Ele, o senhor e eu faremos um terno.] Ele, o senhor, e eu faremos um terno. – em EP.

⁸¹ não é, não pode ser.] não, não pode ser. – em OCA1994 e em OCA2015.

⁸² – Não, senhor.] – Não, senhor, – em EP.

⁸³ à espera,] ao adiamento, – em EP; à espera – em PA1937.

⁸⁴ enfronhou-se no silêncio, derreou o corpo,] envolveu-se no silêncio e no chambre, – em EP.

⁸⁵ – Chegamos, disse o homem gordo.] – Chegamos – disse o homem gordo. – em OCA2015.

⁸⁶ Dizendo isto,] Dizendo isto – em EP.

daí a pouco,⁸⁷ ranger uma porta; duas pessoas,⁸⁸ – provavelmente as mesmas que o acompanharam no carro,⁸⁹ – seguraram-lhe as mãos⁹⁰ e o conduziram por uma infinidade de corredores e escadas. Andando, ouvia o bacharel algumas vozes desconhecidas, palavras soltas, frases truncadas.⁹¹ Afinal pararam; disseram-lhe que se sentasse e destapassem os olhos. Duarte obedeceu;⁹² mas ao desvendar-se, não viu ninguém mais.

43 Era uma sala vasta, assaz iluminada, trastejada com elegância e opulência. Era talvez sobreposse a variedade dos adornos; contudo, a pessoa que os escolhera devia ter gosto apurado.⁹³ Os bronzes, charões, tapetes, espelhos,⁹⁴ – a cópia infinita de objetos que enchiam a sala, era⁹⁵ tudo da melhor fábrica. A vista daquilo restituiu a serenidade de ânimo ao bacharel; não era provável que ali morassem ladrões.⁹⁶

44 Reclinou-se o moço indolentemente na otomana... Na otomana! esta⁹⁷ circunstância trouxe à memória do rapaz o princípio da aventura e o roubo da chinela. Alguns minutos de reflexão bastaram para ver que a tal chinela era já agora mais que problemática. Cavando mais fundo no terreno das conjecturas,⁹⁸ pareceu-lhe achar uma explicação nova e definitiva. A chinela vinha a ser pura metáfora; tratava-se do coração de Cecília, que ele roubara, delito de que o queria punir o já imaginado rival. A isto deviam ligar-se naturalmente as palavras misteriosas do homem magro: o par é melhor que o terno; um casal é o ideal.

45 – Há de ser isso, concluiu Duarte; mas quem⁹⁹ será esse pretendente derrotado?

46 Neste momento abriu-se uma porta do fundo da sala e negrejou a batina¹⁰⁰ de um padre alvo e calvo. Duarte levantou-se,¹⁰¹ como por efeito de uma mola. O padre atravessou lentamente a sala, ao passar por ele deitou-lhe a bênção, e foi sair por outra porta rasgada na parede fronteira. O bacharel ficou sem movimento, a olhar para a

⁸⁷ Ouviu, daí a pouco,] Ouviu daí a pouco – em EP.

⁸⁸ pessoas,] pessoas – em PA1937 e em OCA2015.

⁸⁹ carro,] carro – em PA1937 e em OCA2015.

⁹⁰ as mãos] nas mãos – em EP.

⁹¹ vozes desconhecidas, palavras soltas, frases truncadas.] vozes desconhecidas, que proferiam baixinho palavras soltas e frases truncadas. – em EP.

⁹² obedeceu;] obedeceu: – em PA1937 e em PA1952.

⁹³ Neste ponto começa novo parágrafo em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994.

⁹⁴ espelhos,] espelhos – em PA1937, em PA1952 e em OCA2015.

⁹⁵ sala, era] sala era – em EP.

⁹⁶ ladrões.] ladrões, – em PA1937.

⁹⁷ esta] Esta – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

⁹⁸ conjecturas,] conjecturas – em PA1937; conjeturas, – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em CJG1998.

⁹⁹ – Há de ser isso, concluiu Duarte; mas quem] – Há de ser isso – concluiu Duarte –; mas quem – em OCA2015.

¹⁰⁰ abriu-se uma porta do fundo da sala e negrejou a batina] abriu-se uma porta do fundo da sala e apareceu, ou melhor, negrejou a batina – em EP.

¹⁰¹ Duarte levantou-se,] Duarte levantou-se – em EP.

porta, a olhar sem ver, estúpido de todos os sentidos.¹⁰² O inesperado daquela aparição baralhou totalmente as ideias anteriores a respeito da aventura.¹⁰³ Não teve tempo, entretanto, de cogitar alguma nova explicação, porque a primeira porta foi de novo aberta e entrou por ela outra figura,¹⁰⁴ desta vez o homem magro, que foi direito a ele e o convidou a segui-lo. Duarte não opôs resistência. Saíram por uma terceira porta, e, atravessados alguns corredores mais ou menos alumiados, foram dar a outra¹⁰⁵ sala, que só o era por duas velas postas em castiçais de prata. Os castiçais estavam sobre uma mesa larga. Na cabeceira desta havia um homem velho que representava ter cinquenta e cinco¹⁰⁶ anos; era uma figura atlética, farta¹⁰⁷ de cabelos na cabeça e na cara.

47 – Conhece-me? perguntou o velho,¹⁰⁸ logo que Duarte entrou na sala.

48 – Não, senhor.

49 – Nem é preciso. O que vamos fazer exclui absolutamente a necessidade de qualquer apresentação. Saberá em primeiro lugar que o roubo da chinela foi um simples pretexto...¹⁰⁹

50 – Oh! decerto! interrompeu Duarte.¹¹⁰

51 – Um simples pretexto, continuou o velho, para trazê-lo¹¹¹ a esta nossa casa. A chinela não foi roubada; nunca saiu das mãos da dona. João Rufino, vá buscar a chinela.

52 O homem magro saiu, e o velho declarou ao bacharel que a famosa chinela não tinha nenhum diamante, nem fora comprada a nenhum judeu do Egito; era, porém, turca, segundo se lhe disse, e um milagre de pequenez.¹¹² Duarte ouviu as explicações, e, reunindo todas as forças,¹¹³ perguntou resolutamente:

53 – Mas, senhor, não me dirá de uma vez o que querem de mim e o que estou fazendo nesta casa?

54 – Vai sabê-lo, respondeu¹¹⁴ tranquilamente o velho.

¹⁰² Em EP, neste ponto, começa novo parágrafo.

¹⁰³ baralhou totalmente as ideias anteriores a respeito da aventura.] baralhou totalmente as ideias do bacharel, a respeito da aventura, de que estava sendo protagonista. – em EP.

¹⁰⁴ figura,] figura – em PA1937.

¹⁰⁵ a outra] á outra – em EP. Ver nota 14.

¹⁰⁶ cinquenta e cinco] cinquenta e dous – em EP.

¹⁰⁷ farta] farta, – em EP.

¹⁰⁸ – Conhece-me? perguntou o velho,] – Conhece-me? – perguntou o velho, – em OCA2015.

¹⁰⁹ pretexto...] pretexto.... – em EP.

¹¹⁰ – Oh! decerto! interrompeu Duarte.] Oh! decerto! interrompeu Duarte. – em PA1937; – Oh! decerto! – interrompeu Duarte. – em OCA2015.

¹¹¹ – Um simples pretexto, continuou o velho, para trazê-lo] – Um simples pretexto – continuou o velho – para trazê-lo – em OCA2015.

¹¹² pequenez] pequenez – em EP, em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

¹¹³ forças,] forças – em EP.

¹¹⁴ – Vai sabê-lo, respondeu] – Vai sabê-lo – respondeu – em OCA2015.

55 A porta abriu-se e apareceu o homem magro com a chinela na mão. Duarte, convidado a aproximar-se da luz, teve ocasião de verificar que a pequenez era realmente miraculosa. A chinela era de marroquim finíssimo; no assento do pé, estufado¹¹⁵ e forrado de seda cor azul, rutilavam¹¹⁶ duas letras bordadas a ouro.

56 – Chinela de criança, não lhe parece? disse o velho.¹¹⁷

57 – Suponho que sim.

58 – Pois supõe mal; é chinela de moça.

59 – Será; nada tenho com isso.

60 – Perdão! tem muito, porque vai casar com a dona.¹¹⁸

61 – Casar! exclamou Duarte.¹¹⁹

62 – Nada menos. João Rufino, vá buscar a dona da chinela.

63 Saiu o homem magro, e voltou logo depois. Assomando à porta, levantou o reposteiro e deu entrada a uma mulher,¹²⁰ que caminhou para o centro da sala. Não era mulher, era uma sílfide, uma visão de poeta, uma criatura divina.¹²¹ Era loura; tinha os olhos azuis, como os de Cecília, extáticos,¹²² uns olhos que buscavam o céu ou pareciam viver dele. Os cabelos, deleixadamente¹²³ penteados, faziam-lhe em volta da cabeça,¹²⁴ um como resplendor de santa; santa somente, não mártir, porque o sorriso¹²⁵ que lhe desabrochava os lábios,¹²⁶ era um sorriso de bem-aventurança, como raras vezes há de ter tido a terra.¹²⁷ Um vestido branco, de finíssima cambraia, envolvia-lhe castamente o corpo, cujas formas aliás desenhava, pouco para os olhos, mas¹²⁸ muito para a imaginação.

¹¹⁵ Parece-nos que “estofado” seria uma leitura melhor do vocábulo; entretanto, não nos sentimos autorizados a “corrigir” o texto.

¹¹⁶ rutilavam] havia – em EP.

¹¹⁷ – Chinela de criança, não lhe parece? disse o velho.] – Chinela de criança, não lhe parece? diss e a veelho. – em PA1882; – Chinela de criança, não lhe parece? – disse o velho. – em OCA2015.

¹¹⁸ com a dona.] com ela. – em EP.

¹¹⁹ – Casar! exclamou Duarte.] – Casar! – exclamou Duarte. – em OCA2015.

¹²⁰ mulher.] mulher – em EP.

¹²¹ Neste ponto começa novo parágrafo em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994.

¹²² tinha os olhos azuis, como os de Cecília, extáticos,] tinha os olhos azuis, não pensativos como os de Cecília, mas extáticos, – em EP.

¹²³ deleixadamente] desleixadamente – em PA1937, em PA1952 e em OCA2015.

¹²⁴ cabeça,] cabeça – em PAIT2005.

¹²⁵ sorriso] sorriso, – em EP.

¹²⁶ lábios,] lábios – em PAIT2005.

¹²⁷ Neste ponto começa novo parágrafo em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

¹²⁸ mas] mais – em PA1882 e em PA1937. A expressão “mais muito” (ou seja, “muito mais”) se opõe muito bem a “pouco”; entretanto, na errata, o autor registra, no caso deste conto, apenas um erro, e afirma o seguinte: “Alguns erros escaparam que a inteligência do leitor terá corrigido.” Julgamos ser este um dos casos que ele supõe que “o leitor terá corrigido”. Observe-se que, em EP, vem “mas”, e não “mais”. Provavelmente houve erro tipográfico na nova composição.

64 Um rapaz, como o bacharel, não perde o sentimento da elegância, ainda em lances daqueles.¹²⁹ Duarte, ao ver a moça, compôs o chambre,¹³⁰ apalpou a gravata e fez uma cerimoniosa cortesia, a que ela¹³¹ correspondeu com tamanha gentileza e graça, que a aventura começou a parecer muito menos aterradora.

65 – Meu caro doutor, esta é a noiva.

66 A moça abaixou os olhos; Duarte respondeu que não tinha vontade de casar.

67 – Três cousas¹³² vai o senhor fazer agora mesmo, continuou¹³³ impassivelmente o velho: a primeira,¹³⁴ é casar; a segunda,¹³⁵ escrever o seu testamento;¹³⁶ a terceira¹³⁷ engolir certa droga do Levante...

68 – Veneno! interrompeu Duarte.¹³⁸

69 – Vulgarmente é esse o nome; eu dou-lhe outro: passaporte do céu.

70 Duarte estava pálido e frio. Quis falar, não pôde; um gemido, sequer, não lhe saiu do peito. Rolaria ao chão, se não houvesse ali perto uma cadeira em que se deixou cair.

71 – O senhor, continuou o velho, tem uma fortunazinha¹³⁹ de cento e cinquenta contos. Esta pérola será a sua herdeira universal. João Rufino, vá buscar o padre.

72 O padre entrou, o mesmo padre calvo que abençoara o bacharel pouco antes; entrou e foi direito ao moço, engrolando sonolentemente um trecho de Neemias ou qualquer outro profeta menor; travou-lhe da mão e disse:

73 – Levante-se!

74 – Não! não quero! não me casarei!

75 – E isto? disse da mesa o velho¹⁴⁰ apontando-lhe uma pistola.

76 – Mas então é um assassinato?

77 – É; a diferença está no gênero de morte: ou violenta com isto, ou suave com a droga. Escolha!

¹²⁹ em lances daqueles.] em lances como aquele. – em EP.

¹³⁰ compôs o chambre,] compôs, o melhor que pôde, o chambre, – em EP.

¹³¹ ela] a moça – em EP.

¹³² cousas] coisas – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015.

¹³³ agora mesmo, continuou] agora mesmo – continuou em OCA2015.

¹³⁴ o velho: a primeira,] o velho: primeira, – em EP; o velho: a primeira – em PA1937 e em OCA1994; o velho – a primeira – em OCA2015.

¹³⁵ a segunda,] segunda, – em EP; a segunda – em OCA1994 e em OCA2015.

¹³⁶ escrever o seu testamento;] fazer testamento; – em EP.

¹³⁷ a terceira] terceira, – em EP; a terceira, – em PA1937, em PAGK1989 e em PAIT2005.

¹³⁸ – Veneno! interrompeu Duarte.] – Veneno! – interrompeu Duarte. – em OCA2015.

¹³⁹ – O senhor, continuou o velho, tem uma fortunazinha] – O senhor – continuou o velho – tem uma fortunazinha – em OCA2015.

¹⁴⁰ – E isto? disse da mesa o velho] – E isto? disse da mesa o velho, – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em PAIT2005; – E isto? – disse da mesa o velho, – em OCA2015.

- 78 Duarte suave¹⁴¹ e tremia. Quis levantar-se e não pôde. Os joelhos batiam um contra o outro. O padre chegou-se-lhe ao ouvido, e disse baixinho:
- 79 – Quer fugir?
- 80 – Oh! sim! exclamou,¹⁴² não com os lábios,¹⁴³ que podia ser ouvido, mas com os olhos em que pôs toda a vida que lhe restava.
- 81 – Vê aquela janela? Está aberta;¹⁴⁴ embaixo fica um jardim. Atire-se dali sem medo.
- 82 – Oh! padre! disse baixinho o bacharel.¹⁴⁵
- 83 – Não sou padre, sou tenente do exército. Não diga nada.
- 84 A janela estava apenas cerrada; via-se pela fresta uma nesga do céu, já meio claro.¹⁴⁶ Duarte não hesitou, coligiu¹⁴⁷ todas as forças, deu um pulo do lugar onde estava e atirou-se a¹⁴⁸ Deus misericórdia por ali abaixo. Não era grande altura, a queda foi pequena; ergueu-se o moço rapidamente, mas o homem gordo,¹⁴⁹ que estava no jardim,¹⁵⁰ tomou-lhe o passo.
- 85 – Que é isso? perguntou ele rindo.¹⁵¹
- 86 Duarte não respondeu, fechou os punhos, bateu com eles violentamente nos peitos¹⁵² do homem e deitou a correr pelo¹⁵³ jardim fora. O homem não caiu; sentiu apenas um grande abalo; e, uma vez passada a impressão,¹⁵⁴ seguiu no encalço do fugitivo. Começou então uma carreira vertiginosa. Duarte ia saltando cercas e muros, calcando canteiros, esbarrando árvores,¹⁵⁵ que uma ou outra vez se lhe erguiam na

¹⁴¹ suave] suave – em OCA1994.

¹⁴² – Oh! sim! exclamou,] – Oh! sim! exclamou Duarte, – em EP; – Oh! sim! – exclamou, – em OCA2015.

¹⁴³ lábios,] lábios – em PA1937 e em PA1952.

¹⁴⁴ Está aberta;] Está aberta: – em EP.

¹⁴⁵ – Oh! padre! disse baixinho o bacharel.] – Oh! padre! – disse baixinho o bacharel. – em OCA2015.

¹⁴⁶ claro.] claro; – em EP.

¹⁴⁷ coligiu] reuniu – em EP.

¹⁴⁸ a] á – em EP. Ver nota 14.

¹⁴⁹ gordo,] gordo – em EP.

¹⁵⁰ jardim,] jardim – em EP.

¹⁵¹ – Que é isso? perguntou ele rindo.] – Que é isso? perguntou ele, rindo. – em EP e em PA1937; – Que é isso? – perguntou ele rindo. – em OCA2015.

¹⁵² nos peitos] nos ombros – em EP.

¹⁵³ pelo] pela – em PA1882.

¹⁵⁴ sentiu apenas um grande abalo; e, uma vez passada a impressão,] sentiu apenas o abalo do golpe; mas, passada a impressão, – em EP; sentiu apenas um grande abalo; e, uma vez passada a impressão. – em OCA1994.

¹⁵⁵ árvores,] árvores – em EP. Com o sentido que tem aí, de “chocar-se fisicamente com algo”, o verbo “esbarrar” é transitivo indireto. Pode ser que se trate de erro tipográfico, já que em EP está “esbarrando nas árvores”; pode até ter resultado de intervenção do autor. A mudança da regência verbal nos parece adequada à ideia de “atropelo”, presente nos acontecimentos narrados.

frente.¹⁵⁶ Escorria-lhe o suor em bica, alteava-se-lhe o peito, as forças iam a perder-se pouco a pouco;¹⁵⁷ tinha uma das mãos ferida,¹⁵⁸ a camisa salpicada do orvalho das folhas, duas vezes¹⁵⁹ esteve a ponto de ser apanhado,¹⁶⁰ o chambre pegara-se-lhe em uma cerca de espinhos. Enfim, cansado, ferido, ofegante, caiu nos degraus de pedra de uma casa, que havia no meio do último jardim que atravessara.¹⁶¹ Olhou para trás; não viu ninguém;¹⁶² o perseguidor não o acompanhara até ali. Podia vir, entretanto; Duarte ergueu-se a custo, subiu os quatro degraus que lhe faltavam, e entrou na casa, cuja porta, aberta, dava para uma sala pequena e baixa.

87 Um homem que ali estava, lendo um número do *Jornal do Commercio*,¹⁶³ pareceu não o ter visto entrar. Duarte caiu numa cadeira. Fitou os olhos no homem. Era o major¹⁶⁴ Lopo Alves.¹⁶⁵ O major, empunhando a folha, cujas dimensões iam-se tornando extremamente exíguas,¹⁶⁶ exclamou repentinamente:

88 – Anjo do céu, estás vingado! Fim do último quadro.

89 Duarte olhou para ele, para a mesa, para as paredes, esfregou os olhos, respirou à larga.

90 – Então! Que tal lhe pareceu?¹⁶⁷

91 – Ah! excelente! respondeu o bacharel,¹⁶⁸ levantando-se.

92 – Paixões fortes, não?¹⁶⁹

93 – Fortíssimas. Que horas são?

94 – Deram duas agora mesmo.¹⁷⁰

95 Duarte acompanhou o major até a¹⁷¹ porta, respirou ainda uma vez, apalpou-se, foi até à janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, ao cabo de

¹⁵⁶ esbarrando árvores, que uma ou outra vez se lhe erguiam na frente.] esbarrando nas árvores que uma ou outra vez se lhe erguiam na frente. – em EP; esbarrando árvores, que uma ou outra vez se lhe erguiam na frente. – em PA1937.

¹⁵⁷ perder-se pouco a pouco;] perder-se a pouco e pouco; – em EP.

¹⁵⁸ ferida,] feridas, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

¹⁵⁹ folhas, duas vezes] folhas. Duas vezes – em EP.

¹⁶⁰ apanhado,] apanhado; – em EP.

¹⁶¹ Em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015, neste ponto começa novo parágrafo.

¹⁶² ninguém;] ninguém: – em OCA1994 e em OCA2015.

¹⁶³ lendo um número do *Jornal do Commercio*,] lendo o *Jornal do Commercio*, – em EP.

¹⁶⁴ major] Major – em OCA1994.

¹⁶⁵ Em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994, neste ponto começa novo parágrafo.

¹⁶⁶ O major, empunhando a folha, cujas dimensões iam-se tornando extremamente exíguas,] O major, empunhando o *Jornal*, cujas formas iam-se tornando extremamente exíguas, – em EP.

¹⁶⁷ Que tal lhe pareceu?] Que tal lhe parece o drama? – em EP.

¹⁶⁸ – Ah! excelente! respondeu o bacharel,] Ah! excelente! respondeu o bacharel, – em PA1937; – Ah! excelente! – respondeu o bacharel, – em OCA2015.

¹⁶⁹ – Paixões fortes, não?] Paixões fortes não? – em PA1937.

¹⁷⁰ – Deram duas agora mesmo.] – Duas. – em EP.

¹⁷¹ até a] até à – em PA1937, em PA1952, em PAGK1989 e em PAIT2005. Em Machado, o uso mais comum é “até à”.

um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo: – Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio¹⁷² e uma grave lição: provaste-me ainda uma vez que¹⁷³ o melhor drama está no espectador e não no palco.¹⁷⁴

FIM DA CHINELA TURCA.

Abreviaturas empregadas nesta edição

CJG1998 – *Contos*: uma antologia, 1998, edição de John Gledson.
EP – *A Época*.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.
PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

Referências

ALENCAR, José de. Pós-escrito (à segunda edição). In: *Iracema*. Edição crítica de M. Cavalcanti Proença. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 99-118.

ASSIS, Machado de. A chinela turca. *A Época*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3-6, 14 nov. 1875.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

¹⁷² Um bom negócio] Um negócio – em PA1937 e em PA1952.

¹⁷³ ainda uma vez que] que muitas vezes – em PA1882 (corrigido na errata), em – PA1937 e em PA1952.

¹⁷⁴ Duarte acompanhou o major até a porta, respirou ainda uma vez, apalpou-se, foi até à janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, a cabo de um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo: – Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me que muitas vezes o melhor drama está no espectador e não no palco.] Livre do pesadelo, Duarte despediu-se do major jurando a si próprio nunca mais assistir à leitura de melodramas, sejam ou não obras de major. É a moralidade do conto. – em EP (nessa edição, ao pé da coluna, vem o pseudônimo de Machado de Assis: *Manassés*). Em PA1937, ao pé do texto, vem: *A Época*, 14 novembro, 1875; em OCA2015: *A Época*, 14 de novembro de 1875; *Manassés*.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. 3v.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 3v.

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas por John Gledson. São Paulo: Companhia dos Livros, 1998. 2v.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn e Rodrigo Lacerda. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2.

NABUCO, Joaquim. *Camões e os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1872.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

NA ARCA*

TRÊS CAPÍTULOS INÉDITOS DO GÊNESIS¹

CAPÍTULO A

1. – Então Noé disse a seus filhos Japhet, Sem e Cham:² – “Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor, nós, e nossas mulheres,³ e todos os animais. A arca tem de parar no cabeço de uma montanha; descenderemos a ela.⁴

2. – “Porque o Senhor cumpriu a sua promessa, quando me disse: Resolvi⁵ dar cabo de toda a carne; o mal domina a terra, quero fazer perecer os homens. Faze uma arca de⁶ madeira; entra nela tu, tua mulher⁷ e teus filhos,⁸

3. – “E as mulheres de teus filhos, e um casal de todos os animais.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CRU (14 maio 1878, p. 1), PA1882 (p. 127-138), VAS (28 jul. 1889, p. 1-3), PA1937 (p. 139-151), PA1952 (p. 137-149), OCA1959 (v. II, p. 301-305), PAGK1989 (p. 88-94), OCA1994 (v. II, p. 303-307), CJG1998 (v. I, p. 255-262), PAIT2005 (p. 117-126) e em OCA2015 (v. 2, p. 275-278). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda e Gilson Santos. Em CRU, no “Folhetim”, o subtítulo vem assim: TRÊS CAPÍTULOS (INÉDITOS) DO GÊNESIS, e, logo abaixo, ocupando toda a primeira coluna e aproximadamente 1/3 da segunda, há uma introdução que não vem no texto-base desta edição. Essa introdução (que não traz título algum) antecede o CAPÍTULO A. Nós a transcrevemos ao final dos três capítulos, como ANEXO. Em OCA2015 o subtítulo vem em romano e itálico.

¹ DO GÊNESIS] da Gênesis – em VAS.

² Japhet, Sem e Cham:] Jafé, Sem e Cam: – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015. Os nomes de alguns dos personagens bíblicos vêm grafados, no texto-base, com os dígrafos “ph” e “ch”. Conservamos a grafia dos nomes pelo estranhamento que causam e pelo arcaísmo que representam. São eles: “Japhet” (Jafé), “Cham” (Cam) e Lamech (Lameque).

³ mulheres,] mulheres – em CRU.

⁴ descenderemos a ela.] descenderemos imediatamente. – em CRU.

⁵ Resolvi] “Resolvi – em OCA1994.

⁶ de] do – em PA1882.

⁷ tua mulher] tua mulher, – em OCA2015.

⁸ filhos,] filhos. – em VAS, em PA1937, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

4. – “Agora, pois, se cumpriu a promessa do Senhor, e todos os homens⁹ pereceram, e fecharam-se as cataratas do céu;¹⁰ tornaremos a descer à terra, e a viver no seio da paz e da concórdia.”¹¹

5. – Isto disse Noé, e os filhos de Noé muito se alegraram de ouvir as palavras de seu pai; e Noé os deixou sós, retirando-se a uma das câmaras da arca.

6. – Então Japhet levantou a voz e disse: – “Aprazível vida vai ser a nossa. A figueira nos dará o fruto, a ovelha a lã, a vaca o leite, o sol a claridade¹² e a noite a tenda.

7. – “Porquanto seremos únicos na terra, e toda a terra será nossa, e ninguém perturbará a paz de uma família, poupada do castigo¹³ que feriu a todos os homens¹⁴

8. – “Para todo o sempre.” Então Sem, ouvindo falar o irmão, disse: – “Tenho uma ideia.” Ao que Japhet e Cham responderam: – “Vejamos a tua ideia, Sem.”

9. – E Sem¹⁵ falou a voz de seu coração,¹⁶ dizendo: – “Meu pai tem a sua família; cada um de nós tem a sua família;¹⁷ a terra é de sobra; podíamos viver em tendas separadas. Cada um de nós fará o que lhe parecer¹⁸ melhor: e plantará,¹⁹ caçará, ou lavrará a madeira, ou fiará o linho.”

10. – E respondeu Japhet: – “Acho bem lembrada a ideia de Sem; podemos viver em tendas separadas. A arca vai descer ao cabeço de uma montanha; meu pai e Cham descerão para o lado do nascente; eu e Sem para o lado do poente.²⁰ Sem ocupará duzentos côvados de terra, eu outros duzentos.”

⁹ homens] homens, – em OCA1994.

¹⁰ do céu;] do céu, – em PA1937.

¹¹ A dupla sinalização – travessão e aspas – no início das falas dos personagens apresenta algumas irregularidades, mesmo no texto-base desta edição (PA1882). Preservamos quase todas elas, pelo sentido estilístico-expressivo que podem ter. Ver o artigo “O labirinto do sentido: a pontuação em ‘Na arca’, de Machado de Assis”, neste número da *Machadiana Eletrônica*. Teriam sido necessárias no mínimo 16 intervenções, para regularizar o sistema da pontuação neste escrito machadiano. Há irregularidades, também, no tocante ao fechamento dessas falas com aspas, nas diversas edições cotejadas – o que não anotamos, para não sobrecarregar inutilmente o aparato. Nessas edições, às vezes as aspas vêm depois da pontuação que encerra o período, às vezes antes. No texto-base as aspas vêm sempre depois dessa pontuação – o que sucede também em VAS (exceto por uma omissão delas no versículo 12 do capítulo B) e em PAIT2005. Em OCA2015, em que também as aspas vêm sempre depois do sinal de pontuação que fecha o período, há algo de hipercorreção, que consiste no acréscimo de ponto-final depois das aspas no caso dos períodos que terminam por ponto de exclamação ou de interrogação.

¹² claridade] cla-/dade – em PA1882 (falta uma sílaba à palavra, que vem dividida ao meio em final de linha).

¹³ castigo] castigo, – em CRU.

¹⁴ homens] homens. – em VAS, em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em CJG1998 e em OCA2015.

¹⁵ Sem] sem – em VAS.

¹⁶ coração,] coração – em CRU.

¹⁷ “Meu pai tem a sua família; cada um de nós tem a sua família;] “Meu pai, cada um de nós tem a sua família; – em PA1937.

¹⁸ o que lhe parecer] o que parecer – em VAS.

¹⁹ melhor: e plantará,] melhor: plantará, – em PA1937; melhor, e plantará, – em OCA2015.

²⁰ meu pai e Cham descerão para o lado do nascente; eu e Sem para o lado do poente.] meu pai e Cham descerão para o lado do poente. – em PA1937 e em PA1952.

11. – Mas²¹ dizendo Sem: – “Acho pouco duzentos côvados” –,²² retorquiu Japhet: “Pois sejam quinhentos cada um.²³ Entre a minha²⁴ terra e a tua haverá um rio, que as divida no meio, para se não confundir a propriedade. Eu fico na margem esquerda e tu na margem direita;

12. – “E a minha terra se chamará a terra de Japhet,²⁵ e a tua se chamará a terra de Sem; e iremos²⁶ às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia.”

13. – E tendo Sem aprovado a divisão, perguntou a Japhet: “Mas o rio?²⁷ a quem pertencerá a água do rio, a corrente?

14. – “Porque nós possuímos as margens, e não estatuímos nada a respeito da corrente.” E respondeu Japhet,²⁸ que podiam pescar de um e outro lado; mas, divergindo o irmão, propôs dividir o rio em duas partes,²⁹ fincando um pau no meio. Japhet, porém, disse que a corrente levaria o pau.

15. – E tendo Japhet respondido assim, acudiu o irmão: – “Pois que te não serve o pau, fico eu com o rio,³⁰ e as duas margens; e para que não haja conflito, podes levantar um muro, dez ou doze côvados, para lá da tua margem antiga.³¹

16. – “E se com isto perdes alguma coisa,³² nem é grande a diferença, nem deixa de ser acertado, para que nunca jamais se turbe a concórdia entre nós,³³ segundo é a vontade do Senhor.”

17. – Japhet porém³⁴ replicou: – “Vai bugiar! Com que direito me tiras a margem, que é minha, e me roubas um pedaço de terra? Porventura és melhor do que eu,³⁵

²¹ Mas] Mas, – em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994.

²² – “Acho pouco duzentos côvados” –,] – “Acho pouco duzentos côvados” – (com travessão, sem a vírgula) – em PA1952 e em OCA2015; “Acho pouco duzentos côvados”, – (com aspas, vírgula, travessão – nessa ordem) – em OCA1959 e em OCA1994.

²³ retorquiu Japhet: “Pois sejam quinhentos cada um.] retorquiu Jafé: – “Pois sejam quinhentos cada um. – em OCA2015.

²⁴ a minha] a minha – em PA1937.

²⁵ a terra de Japhet,] terra de Jafé, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

²⁶ e iremos;] iremos; – em VAS.

²⁷ “Mas o rio? – Mas o rio? – em CRU; – “Mas o rio? – em OCA2015.

²⁸ Japhet,] Jafé – em PAIT2005.

²⁹ Modernamente, a pontuação desse trecho, porque quem “propõe” é Sem, seria: “mas, divergindo, o irmão [Sem] propôs dividir o rio em duas partes, fincando um pau no meio.” Em seguida, Japhet contesta essa ideia (ficando claro que a proposta não partiu dele, como a pontuação sugere). Embora não esteja conforme aos hábitos atuais, essa maneira não é estranha ao modo de pontuar de Machado de Assis. Ver, no artigo “O labirinto do sentido: a pontuação em ‘Na arca’, de Machado de Assis”, neste número da *Machadiana Eletrônica*, a discussão desta passagem.

³⁰ com o rio,] com o rio – em VAS.

³¹ antiga.] antiga.” – em CRU.

³² coisa,] coisa, – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015.

³³ a concórdia entre nós,] a concórdia concórdia entre nós, – em VAS.

³⁴ Japhet porém] Japhet, porém, – em PA1937 e em PA1952.

³⁵ és melhor do que eu,] és melhor do que eu. – em PA1937.

18. – “Ou mais belo, ou mais querido de meu pai? que³⁶ direito tens de violar assim tão escandalosamente a propriedade alheia?

19. – “Pois agora te digo que o rio ficará do meu lado, com ambas as margens, e que se te atreveres a entrar³⁷ na minha terra, matar-te-ei como Caim matou a seu irmão.”

20. – Ouvindo isto, Cham atemorizou-se muito,³⁸ e começou a aquietar os dous irmãos,³⁹

21. – Os quais tinham os olhos do tamanho de figos e cor de brasa, e olhavam-se cheios de cólera e desprezo.

22. – A arca, porém, boiava⁴⁰ sobre as águas do abismo.

CAPÍTULO B

1. – Ora, Japhet, tendo curtido a cólera, começou a espumar pela boca, e Cham falou-lhe palavras de brandura,⁴¹

2. – Dizendo: – “Vejam os um meio de conciliar tudo; vou chamar tua mulher e a mulher de Sem.”

3. – Um e outro, porém, recusaram⁴² dizendo que o caso era de direito e não de persuasão.

4. – E Sem propôs a Japhet que compensasse os dez côvados perdidos, medindo outros tantos nos fundos da terra dele. Mas Japhet respondeu:

5. – “Por que me não mandas⁴³ logo para⁴⁴ os confins do mundo? Já te não contentas com quinhentos côvados; queres quinhentos e dez, e eu que fique com quatrocentos e noventa.

6. – “Tu não tens sentimentos morais? não sabes o que é justiça? não vês que me esbulhas descaradamente? e não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com risco de vida?

7. – “E que, se é preciso correr sangue, o sangue há de correr já e já,⁴⁵

8. – “Para te castigar a soberba e lavar a tua iniquidade?”⁴⁶

³⁶ que] Que – em CRU, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

³⁷ e que se te atreveres a entrar] e que se tu te atreveres e penetrar – em CRU; e que, se te atreveres a entrar – em PA1952.

³⁸ muito,] muito – em PAGK1989.

³⁹ os dous irmãos,] os dous irmãos. – em PA1937 e em OCA1959; os dois irmãos, – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015 (nessas edições “dous” foi grafado “dois” em todas as ocorrências; não registramos os casos seguintes).

⁴⁰ A arca, porém, boiava] A arca porém boiava – em CRU.

⁴¹ brandura,] brandura. – em PA1937.

⁴² recusaram] recusaram, – em PA1937 e em PA1952.

⁴³ Por que me não mandas] Por que não me mandas – em PAGK1989 e em PAIT2005.

⁴⁴ para] pata – em PA1937.

⁴⁵ já e já,] já e já. – em VAS.

⁴⁶ iniquidade?”] iniquidade? – em PA1937; iniquidade?”. – em OCA2015.

9. – Então Sem avançou para Japhet; mas Cham interpôs-se, pondo uma das mãos no peito de cada um;

10. – Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio,⁴⁷ tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dous irmãos, e começaram a vigiar-se um ao outro.⁴⁸

11. – E disse Cham: – “Ora, pois,⁴⁹ tenho uma ideia maravilhosa, que há de acomodar tudo;⁵⁰

12. – “A qual⁵¹ me é inspirada pelo amor, que tenho a meus irmãos. Sacrificarei pois⁵² a terra que me couber ao lado de meu pai, e ficarei com o rio e as duas margens, dando-me vós uns vinte côvados cada um.”⁵³

13. – E Sem e Japhet riram com desprezo e sarcasmo, dizendo: – “Vai plantar tâmaras! Guarda a tua ideia para os dias da velhice.” E puxaram as orelhas e o nariz de Cham; e Japhet, metendo dous dedos na boca, imitou o silvo da serpente, em ar de surriada.

14. – Ora, Cham⁵⁴ envergonhado e irritado, espalmou a mão dizendo:⁵⁵ – “Deixa estar!”⁵⁶ e foi dali ter com o pai e as mulheres dos dous irmãos.

15. – Japhet porém disse⁵⁷ a Sem: – “Agora que estamos sós, vamos decidir este grave caso, ou seja de língua ou de punho. Ou tu me cedas as duas margens,⁵⁸ ou eu te quebro uma costela.”

16. – Dizendo isto, Japhet ameaçou a Sem com os punhos fechados, enquanto Sem, derreando o corpo, disse com voz irada: “Não te cedo nada, gatuno!”⁵⁹

17. – Ao que Japhet retorquiu irado: “gatuno és tu!”⁶⁰

18. – Isto dito, avançaram um para o outro e atracaram-se. Japhet tinha o braço rijo e adestrado; Sem era forte na resistência. Então Japhet, segurando o irmão pela cinta, apertou-o fortemente, bradando: “De quem é o rio?”⁶¹

⁴⁷ dilúvio,] dilúvio – em PA1952 e em PAIT2005.

⁴⁸ e começaram a vigiar-se um ao outro.] estendendo o focinho sobre as patas dianteiras; – em CRU.

⁴⁹ – “Ora, pois,] – “Ora pois, – em CRU; “Ora, pois, – em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994.

⁵⁰ acomodar tudo;] conciliar tudo; – em CRU; acomodar tudo, – em PA1937.

⁵¹ “A qual] A qual – em PA1937.

⁵² Sacrificarei pois] Sacrificarei, pois, – em PA1937 e em PA1952.

⁵³ cada um.”] cada um. – em VAS.

⁵⁴ – Ora, Cham] – Ora, Cam, – em PAGK1989, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

⁵⁵ a mão dizendo:] a mão, dizendo: – em PA1937.

⁵⁶ – “Deixa estar!”] – “Deixa estar! – em CRU.

⁵⁷ Japhet porém disse] Japhet, porém, disse – em PA1937 e em PA1952.

⁵⁸ margens,] margens – em CRU.

⁵⁹ disse com voz irada: “Não te cedo nada, gatuno!”] disse com voz irada: – “Não te cedo nada, gatuno!” – em OCA2015.

⁶⁰ Japhet retorquiu irado: “gatuno és tu!”] Japhet retorquiu irado: “gatuno será ele!” – em CRU; Japhet retorquiu, irado: “Gatuno és tu!” – em PA1937; Jafé retorquiu, irado: “Gatuno és tu!” – em PA1952; Jafé retorquiu irado: “Gatuno és tu!” – em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em PAIT2005; retorquiu irado: – “Gatuno és tu!”. – em OCA2015.

⁶¹ bradando: “De quem é o rio?”] bradando: – “De quem é o rio?”. – em OCA2015.

19. – E respondendo Sem:⁶² – “É meu!”⁶³ Japhet fez um gesto para derrubá-lo; mas Sem, que era forte, sacudiu o corpo e atirou o irmão para longe.⁶⁴ Japhet, porém, espumando de cólera,⁶⁵ tornou a apertar o irmão, e os dous lutaram braço a braço,⁶⁶

20. – Suando e bufando como touros.

21. – Na luta, caíram e rolaram, esmurrando-se um ao outro; o sangue saía dos narizes, dos beiços, das faces; ora vencia Japhet,

22. – Ora vencia Sem; porque a raiva animava-os igualmente, e eles lutavam com as mãos, os pés, os dentes e as unhas; e a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu.

23. – Então as vozes e brados⁶⁷ chegaram aos ouvidos de Noé, ao mesmo tempo que seu filho Cham, que lhe apareceu⁶⁸ clamando: “Meu pai, meu pai,⁶⁹ se de Caim se tomará vingança sete vezes, e de Lamech⁷⁰ setenta vezes sete, o que será de Japhet e Sem?”⁷¹

24. – E pedindo Noé que explicasse o dito, Cham referiu a discórdia dos dous irmãos, e a ira que os animava, e disse: – “Correi a aquietá-los.” Noé disse: – “Vamos.”

25. – A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

CAPÍTULO C

1. – Eis aqui chegou Noé ao lugar onde lutavam os dous filhos,⁷²

2. – E achou-os ainda agarrados um ao outro,⁷³ e Sem debaixo do joelho de Japhet, que com o punho cerrado lhe batia na cara, a qual estava roxa e sangrenta.

⁶² E respondendo Sem:] E respondendo em: – em CRU; E respondeu Sem: – em VAS.

⁶³ – “É meu!”] – “É meu!”. – em OCA2015.

⁶⁴ longe.] longe, – em PA1882, em VAS e em PAIT2005; longe; – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em PA1994, em CJG1998 e em OCA2015. Recuperamos o ponto-final de CRU.

⁶⁵ cólera,] cólera – em PA1937.

⁶⁶ braço,] braço. – em PA1937.

⁶⁷ e brados] e os brados – em CRU.

⁶⁸ apareceu] apareceu, – em PA1937 e em PA1952.

⁶⁹ clamando: “Meu pai, meu pai,] clamando: – “Meu pai, meu pai, – em OCA2015.

⁷⁰ de Lamech] da Lamech – em PA1937; de Lameque – em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994. Ver nota 2.

⁷¹ Japhet e Sem?”] Japhet e Sem? – em PA1937. Quanto à insistência no número 7, o texto bíblico (Gn 4,13-15), no tocante a Caim, diz: “13 E Caim disse ao Senhor: O meu pecado é muito grande, para eu poder alcançar o perdão. 14 Eis aí me lanças tu hoje da face da terra, e eu me irei esconder da tua face, e andarei vagabundo e fugitivo na terra: todo o que pois me achar, matar-me-á. 15 E o Senhor lhe respondeu: Não será assim: antes o que matar a Caim, será castigado *sete vezes mais*. E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que o não matasse quem quer que o encontrasse.” Lamech era descendente de Caim, e, sobre ele, narra o texto (Gn 4,23-24): “23 E disse Lamech a suas duas mulheres Ada e Sela: Ouvi mulheres de Lamech a minha voz; escutai as minhas palavras: Eu matei um homem com uma ferida que lhe fiz, e um rapaz com uma pancada que lhe dei. 24 De Caim tomar-se-á vingança *sete vezes*: mas de Lamech *setenta vezes sete*.” Outro Lamech da História Sagrada foi descendente de Seth, filho de Adão, nascido depois da morte de Abel. Ele foi o pai de Noé, e (Gn 5,31) o tempo de sua vida foi de 777 anos. (grifos nossos)

⁷² filhos,] filhos. – em VAS.

⁷³ agarrados um ao outro,] engalfinhados, – em CRU.

3. – Entretanto, Sem, alçando as mãos, conseguiu apertar o pescoço do irmão, e este começou a bradar: “Larga-me,⁷⁴ larga-me.”⁷⁵

4. – Ouvindo os brados, as mulheres de Japhet e Sem acudiram também ao lugar da luta, e, vendo-os assim, entraram a soluçar e a dizer: “O que será de nós?”⁷⁶ A maldição caiu sobre nós e nossos maridos.”

5. – Noé, porém, lhes disse: “Calai-vos,⁷⁷ mulheres de meus filhos, eu verei de que se trata, e ordenarei o que for justo.” E caminhando para os dous combatentes,

6. – Bradou: “Cessai a briga.”⁷⁸ Eu, Noé, vosso pai, o ordeno e mando.” E ouvindo os dous irmãos o pai, detiveram-se subitamente, e ficaram longo tempo atalhados e mudos, não se levantando nenhum deles.

7. – Noé continuou: “Erguei-vos,⁷⁹ homens indignos da salvação e merecedores do castigo que feriu os outros homens.”⁸⁰

8. – Japhet e Sem ergueram-se. Ambos tinham feridos⁸¹ o rosto, o pescoço e as mãos, e as roupas salpicadas de sangue, porque tinham lutado com unhas e dentes, instigados de ódio mortal.

9. – O chão também estava alagado de sangue, e as sandálias de um e outro, e os cabelos de um e outro,⁸²

10. – Como se o pecado os quisesa marcar com o selo da iniquidade.

11. – As duas mulheres, porém, chegaram-se a eles, chorando e acariciando-os, e via-se-lhes a dor do coração. Japhet e Sem não atendiam a nada, e estavam com os olhos no chão, medrosos de encarar seu pai.

12. – O qual disse: “Ora, pois,⁸³ quero saber o motivo da briga.”

13. – Esta palavra acendeu o ódio no coração de ambos. Japhet, porém, foi o primeiro que falou⁸⁴ e disse:

14. – “Sem invadiu a minha terra,⁸⁵ a terra que eu havia escolhido para levantar a minha tenda,⁸⁶ quando as águas houverem desaparecido e a arca descer, segundo a promessa do Senhor;

⁷⁴ começou a bradar: “Larga-me,] começou a bradar: – “Larga-me, – em VAS e em OCA2015.

⁷⁵ larga-me.”] larga-me!” – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em PAIT2005; larga-me!” – em OCA2015.

⁷⁶ entraram a soluçar e a dizer: “O que será de nós?] entraram a soluçar e a dizer: – “O que será de nós? – em OCA2015.

⁷⁷ lhes disse: “Calai-vos,] lhes disse: – “Calai-vos, – em OCA2015.

⁷⁸ Bradou: “Cessai a briga.] Bradou: – “Cessai a briga. – em OCA2015.

⁷⁹ Noé continuou: “Erguei-vos,] Noé continuou: – “Erguei-vos, – em OCA2015.

⁸⁰ homens.”] homens ” – em PA1882. Recuperamos o ponto-final de CRU.

⁸¹ feridos] ferido – em VAS.

⁸² um e outro,] um e outro. – em PA1937.

⁸³ O qual disse: “Ora, pois,] O qual disse: – “Ora, pois, – em OCA2015.

⁸⁴ falou] falou, – em CRU.

⁸⁵ terra,] terra – em VAS (em final de linha).

⁸⁶ tenda,] tenda – em PA1937.

15. – “E eu, que não tolero o esbulho, disse a meu irmão: “Não te contentas⁸⁷ com quinhentos côvados e queres mais dez?” E ele⁸⁸ me respondeu: “Quero mais⁸⁹ dez e as duas margens do rio que há de dividir a minha terra da tua terra.”

16. – Noé, ouvindo o filho, tinha os olhos em Sem; e acabando Japhet, perguntou ao irmão: “Que respondes?”⁹⁰

17. – E Sem disse: – “Japhet⁹¹ mente, porque eu só lhe tomei os dez côvados de terra, depois que ele recusou dividir o rio em duas partes; e propondo-lhe⁹² ficar com as duas margens, ainda consenti que ele medisse outros dez côvados nos fundos das terras dele,⁹³

18. – “Para compensar o que perdia; mas a iniquidade de Caim falou nele, e ele me feriu a cabeça,⁹⁴ a cara e as mãos.”

19. – E Japhet interrompeu-o dizendo: “Porventura⁹⁵ não me feriste também? Não estou⁹⁶ ensanguentado como tu? Olha a minha cara e o meu pescoço;⁹⁷ olha as minhas faces, que rasgaste com as tuas unhas de tigre.”

20. – Indo Noé falar, notou que os dous filhos de novo pareciam desafiar-se com os olhos. Então disse: “Ouvi!” Mas⁹⁸ os dous irmãos, cegos de raiva, outra vez se engalfinharam, bradando:⁹⁹ – “De quem é o rio?” – “O rio é meu.”¹⁰⁰

21. – E só a muito custo puderam Noé, Cham e as mulheres de Sem e Japhet,¹⁰¹ conter os dous combatentes, cujo sangue entrou a jorrar em grande cópia.¹⁰²

⁸⁷ disse a meu irmão: “Não te contentas] disse a meu irmão: Não te contentas – em OCA2015.

⁸⁸ mais dez?” E ele] mais dez? “E ele – em CRU, em PA1882 e em PA1937; mais dez? E ele – em OCA2015. Provável erro transmitido de CRU para PA1882.

⁸⁹ me respondeu: “Quero mais] me respondeu: Quero mais – em OCA2015.

⁹⁰ perguntou ao irmão: “Que respondes?”] perguntou ao irmão: – “Que respondes?”. – em OCA2015.

⁹¹ E Sem disse: – “Japhet] E Sem disse: – “Japhet – em CRU, em PA1882 e em VAS. Ambos os sinais (travessão e aspas) estão presentes; adotamos a ordem em que eles vêm em todas as demais falas. Provável erro transmitido de CRU para PA1882.

⁹² e propondo-lhe] propondo-lhe – em PA1937.

⁹³ dele,] dele. – em CRU e em PA1952.

⁹⁴ e ele me feriu a cabeça,] e ele me feriu na cabeça, – em PA1952.

⁹⁵ E Japhet interrompeu-o dizendo: “Porventura] E Japhet interrompeu-o, dizendo: “Porventura – em PA1937 e em PA1952; E Japhet interrompeu-o dizendo: – “Porventura – em OCA2015.

⁹⁶ estou] estou eu – em CRU.

⁹⁷ pescoço;] pescoço; – em VAS.

⁹⁸ “Ouvi!” Mas] “Ouvi!”. – Mas – em OCA2015.

⁹⁹ engalfinharam, bradando:] engalfinharam bradando: – em VAS (a palavra “engalfinharam” vem em final de linha). Em PA1937, aqui termina o versículo 20.

¹⁰⁰ – “O rio é meu.”] – “O rio é meu!” – em PA1952. Em PA1937, neste ponto, já no versículo 21, o texto continua em outro parágrafo (único parágrafo dentro de um versículo, em todo o texto; e só em PA1937).

¹⁰¹ e as mulheres de Sem e Japhet,] e as mulheres de Sem e Jafé – em OCA1994 e em PAIT2005 e em OCA2015.

¹⁰² cópia.] opia. – em PA1937.

22. – Noé, porém,¹⁰³ alçando a voz, bradou:¹⁰⁴ – “Maldito¹⁰⁵ seja o que me não obedecer. Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes sete, mas setecentas vezes setenta.¹⁰⁶

23. – “Ora, pois,¹⁰⁷ vos digo que, antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas.”

24. – Depois ficou meditando.¹⁰⁸

25. – E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:¹⁰⁹

26. – “Eles ainda não possuem a terra¹¹⁰ e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?”¹¹¹

27. – E nenhum dos filhos de Noé pôde entender esta palavra de seu pai.

28. – A arca, porém,¹¹² continuava a boiar sobre as águas do abismo.¹¹³

Abreviaturas empregadas nesta edição

CJG1998 – *Contos*: uma antologia, 1998, edição de John Gledson.

CRU – *O Cruzeiro*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.

PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.

PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.

PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.

PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

VAS – *Vassourense*. [No jornal, o título corrente é *O Vassourense*.]

¹⁰³ Noé, porém,] Noé porém – em CRU.

¹⁰⁴ bradou:] brado: – em PA1937.

¹⁰⁵ – “Maldito] – Maldito – em PA1882, em VAS e em PA1937. Recuperamos as aspas que se perderam na transmissão de CRU para PA1882.

¹⁰⁶ Ver nota 71.

¹⁰⁷ “Ora, pois,] “Ora pois – em CRU.

¹⁰⁸ meditando.] meditando; – em CRU.

¹⁰⁹ tristeza:] convicção: – em CRU.

¹¹⁰ terra] terra, – em CRU.

¹¹¹ Rússia?”] Rússia!” – em PA1937; Rússia!” – em PA1952; Rússia?”. – em OCA2015. A guerra entre Rússia e Turquia (Império Otomano) de 1877-1878 (ano da primeira publicação deste escrito de Machado de Assis) foi apenas mais uma das guerras entre esses países, que vinham desde o século XVI. Ao longo do tempo, a Rússia expandiu seu território em direção à costa norte do mar Negro e ao Mediterrâneo.

¹¹² A arca, porém,] A arca porém – em CRU.

¹¹³ Em CRU, ao pé do texto, vem o pseudônimo com que Machado de Assis o assinou: ELEAZAR. Em VAS, vem: MACHADO DE ASSIS. Em OCA2015: *O Cruzeiro*, 14 de maio de 1878; *Eleazar*.

Referências

A BÍBLIA sagrada. Traduzida em português segundo a vulgata latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.

ASSIS, Machado de. Na arca. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano I, n. 133, p. 1, 14 maio 1878.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

ASSIS, Machado de. Na arca. *Vassourense*. Vassouras, ano VIII, n. 80, p. 1-3, 28 jul. 1889.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. 3v.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 3v.

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas por John Gledson. São Paulo: Companhia dos Livros, 1998. 2v.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn e Rodrigo Lacerda. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2.

ANEXO

[O texto seguinte era uma “parte introdutória” aos “Três capítulos inéditos do Gênesis”, no Folhetim de *O Cruzeiro* – vinha antes de CAPÍTULO A, ocupando a primeira coluna e quase metade da segunda. Machado de Assis o suprimiu quando publicou este escrito em *Papéis avulsos*.]

Um capuchinho de Jerusalém remeteu-me pelo último pacote um preciosíssimo manuscrito: nada menos que três capítulos inéditos do *Gênesis*. O capuchinho, que esteve aqui há anos, conserva grata lembrança do nosso país. Da carta com que me mandou o seu maravilhoso achado, extraio estas duas linhas: “Com que saudades me lembro do seu Brasil! Creia que se alguma vez deixar a terra santa, é lá que irei acabar os meus dias.”

O manuscrito foi achado nos alicerces da casa de Caifás. Está muito amarelo e roído em partes, mas felizmente só três ou quatro letras desapareceram de todo, e ainda assim supre-as o sentido. O capuchinho é bom hebraísta; mas, sabedor da curiosidade com que me entrego a tais estudos, quis dar-me a primazia da tradução, pedindo-me que lha enviasse inédita. Não pude resistir à tentação de a publicar, e o faço sem remorso, porque um achado desta ordem não tolera larga obscuridade.

Disse que eram três capítulos inéditos do *Gênesis*, apesar do frade acreditar que se trata antes de uma interpolação e conseqüentemente que o texto canônico é também o texto integral. A razão que ele tem para afirmar que os três capítulos não são mais do que¹¹⁴ uma interpolação é a tal ou qual corrupção da língua, não obstante alguns arcaísmos, com que o autor (diz o capucho) quis dar ao escrito um verniz da antiguidade. Discordo, e fico trabalhando numa memória de 600 páginas para demonstrar que o fragmento agora achado é o complemento do livro, uma simples restituição da primitiva Escritura.

Para a boa compreensão do que se vai ler, convém notar que estes três capítulos entram no cap. VIII do *Gênesis*, depois do vers. 17, isto é, antes da saída de Noé da arca, saída que é contada nos vers. 18 e 19. Temos pois que o cap. VIII é dividido em dois, indo o primeiro até o vers. 17; seguem-se os caps. A, B e C; e logo depois a 2ª parte daquele que constitui um capítulo separado.

A tradução é a mais fiel que me foi possível fazer. Lutei com dificuldades grandes. Em dois lugares fui obrigado a dar uma forma excessivamente moderna, para corresponder à ideia aproximada do original. Mas, em toda a tradução, conservei a simplicidade bíblica. Se acrescentar que fiz todo o trabalho em trinta e cinco minutos, ajudado apenas de um dicionário roto, terei dado ideia do esforço e ardor com que meti ombros a uma empresa literária, que considero (vaidade à parte), a maior destes últimos cinquenta anos. Oxalá me compreendam os leitores!

¹¹⁴ que] que, – em CRU. Suprimimos a vírgula.

D. BENEDITA*

UM RETRATO¹

I²

1 A cousa³ mais árdua do mundo, depois do ofício de governar, seria dizer a idade exata de D. Benedita.⁴ Uns davam-lhe quarenta anos, outros quarenta e cinco, alguns trinta e seis. Um corretor de fundos descia aos vinte e nove; mas esta opinião, eivada de intenções ocultas,⁵ carecia daquele cunho de sinceridade que todos gostamos de achar nos conceitos humanos. Nem eu a cito, senão para dizer, desde logo, que D. Benedita foi sempre um padrão de bons costumes. A astúcia do corretor não fez mais do que indigná-la, embora⁶ momentaneamente; digo momentaneamente. Quanto às outras conjecturas,⁷ oscilando entre os trinta e seis e os quarenta e cinco, não desdiziam das feições de D. Benedita, que eram maduramente graves e juvenilmente graciosas. Mas,⁸ se alguma cousa admira é que houvesse suposições neste negócio, quando bastava interrogá-la para saber a verdade verdadeira.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: EST (15 abr. 1882, p. 71; 30 abr. 1882, p. 83; 15 maio 1882, p. 95; 31 maio 1882, p. 107; 15 jun. 1882, p. 119), PA1882 (p. 139-177), PA1937 (p. 153-191), PA1952 (p. 151-188), OCA1959 (v. II, p. 305-320), PAGK1989 (p. 95-117), OCA1994 (v. II, p. 307-323), CJG1998 (v. I, p. 338-361), PAIT2005 (p. 127-160) e em OCA2015 (v. II, p. 279-292). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gracinéa I. Oliveira e José Américo Miranda.

¹ EST não traz o subtítulo nesta parte I, embora o traga nas demais. Em PA1937, o título vem no na página que separa este conto dos outros (nas edições W. M. Jackson há esses frontispícios divisórios), e o subtítulo vem no alto da página seguinte, em que começa o texto. Em OCA2015, o subtítulo vem entre parênteses, em itálico, assim: (*Um retrato*).

² Em OCA1959 e em OCA1994, as quatro partes do conto foram nomeadas assim: CAPÍTULO PRIMEIRO, CAPÍTULO II, CAPÍTULO III e CAPÍTULO IV.

³ cousa] coisa – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015. Nessas três edições, “cousa” foi sempre grafado “coisa”. Não registramos os outros casos (mais de vinte), ao longo do conto.

⁴ idade exata de D. Benedita] idade de D. Benedita – em OCA1959; idade exata de d. Benedita – em OCA2015 (nesta e em todas as outras ocorrências, ao longo do conto – com exceção dos casos em que o nome começa frases; não registramos os outros casos.).

⁵ ocultas,] amorosas, – em EST.

⁶ embora] embora, – em OCA1959 e em OCA1994.

⁷ conjecturas,] conjecturas, – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em CJG1998.

⁸ Mas,] Mas – em PA1937.

2 D. Benedita fez quarenta e dous⁹ anos no domingo¹⁰ dezenove¹¹ de setembro de 1869. São seis horas da tarde; a mesa da família está ladeada de parentes e amigos, em número de vinte ou vinte e cinco pessoas. Muitas dessas estiveram no jantar de 1868, no de 1867 e no de 1866, e ouviram sempre aludir francamente à idade da dona da casa. Além disso, veem-se ali, à mesa, uma moça e um rapaz, seus filhos; este é, decerto, no tamanho e nas maneiras, um tanto menino; mas a moça, Eulália, contando dezoito anos, parece ter vinte e um, tal é a severidade dos modos e das feições.

3 A alegria dos convivas, a excelência do jantar, certas negociações matrimoniais incumbidas ao cônego¹² Roxo, aqui presente, e das quais se falará mais abaixo, as boas qualidades da dona da casa, tudo isso dá à festa um caráter íntimo e feliz. O cônego levanta-se para trincar o peru. D. Benedita acatava esse uso nacional das casas modestas de confiar o peru a um dos convivas, em vez de o fazer retalhar fora da mesa por mãos servis, e o cônego era o pianista daquelas ocasiões solenes. Ninguém conhecia melhor a anatomia do animal, nem sabia operar com mais presteza. Talvez, – e este fenômeno fica para os entendidos, –¹³ talvez a circunstância do canonicato aumentasse ao trinchante, no espírito dos convivas, uma certa soma de prestígio, que ele não teria, por exemplo, se fosse um simples estudante de matemáticas,¹⁴ ou um amanuense de secretaria. Mas, por outro lado, um estudante ou um amanuense, sem a lição do longo uso, poderia dispor da arte consumada do cônego? É outra questão importante.

4 Venhamos, porém, aos demais convivas, que estão parados, conversando;¹⁵ reina o borborinho¹⁶ próprio dos estômagos meio regalados, o riso da natureza que caminha para a repleção; é um instante de repouso.

5 D. Benedita fala, como as suas visitas, mas não fala para todas, senão para uma, que está sentada ao pé dela. Essa é uma senhora gorda, simpática, muito risonha, mãe de um bacharel de vinte e dous anos, o Leandrinho, que está sentado defronte delas. D. Benedita não se contenta de falar à senhora¹⁷ gorda, tem uma das mãos desta entre as suas; e não se contenta de lhe ter presa a mão, fita-lhe uns olhos namorados, vivamente namorados. Não os fita, note-se bem, de um modo persistente e longo, mas inquieto, miúdo, repetido,

⁹ dous] dois – em PA1952 e em CJG1998 e em OCA2015. Nessas três edições, “dous” foi sempre grafado “dois”. Não registramos os outros casos (mais de uma dezena), ao longo do conto.

¹⁰ domingo] domingo, – em PA1937 e em PA1952. John Gledson conferiu: era, de fato, um domingo esta data. (Cf. GLEDSON, 2011, p. 23)

¹¹ dezenove] 19 – em OCA2015.

¹² cônego] Cônego – em OCA1994.

¹³ Talvez, – e este fenômeno fica para os entendidos, –] Talvez – e este fenômeno fica para os entendidos – (com os travessões, sem as vírgulas) – em PA1937 e em OCA2015.

¹⁴ matemáticas,] matemáticas – em PA1937 e em PA1952.

¹⁵ conversando;] conversando: – em PA1937.

¹⁶ borborinho] burburinho – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

¹⁷ senhora] sombra – em OCA1994.

instantâneo. Em todo caso, há muita ternura naquele gesto; e,¹⁸ dado que não a houvesse, não se perderia nada, porque D. Benedita repete com a boca a D. Maria dos Anjos¹⁹ tudo o que com os olhos lhe tem dito: – que está encantada, que considera uma fortuna conhecê-la, que é muito simpática, muito digna, que traz o coração nos olhos, etc., etc., etc.²⁰ Uma de suas amigas diz-lhe, rindo, que está com ciúmes.

6 – Que arrebente! responde ela,²¹ rindo também.

7 E voltando-se para a outra:

8 – Não acha? ninguém deve meter-se com a nossa vida.

9 E aí tornavam as finezas, os encarecimentos, os risos,²² as ofertas, mais isto, mais aquilo,²³ – um projeto de passeio, outro de teatro, e promessas de muitas visitas, tudo com tamanha expansão e calor, que a outra palpitava de alegria e reconhecimento.

10 O peru está comido. D. Maria dos Anjos faz um sinal ao filho; este levanta-se e pede que o acompanhem em um brinde:

11 – Meus senhores, é preciso desmentir esta máxima dos franceses: – *les absents ont tort*.²⁴ Bebamos a alguém que está longe, muito longe, no espaço, mas perto, muito perto, no coração de sua digna esposa: – bebamos ao ilustre desembargador²⁵ Proença.

12 A assembleia não correspondeu vivamente ao brinde; e para²⁶ compreendê-lo basta ver o rosto triste da dona da casa. Os parentes e os mais íntimos disseram baixinho entre si que o Leandrinho fora estouvado; enfim, bebeu-se, mas sem estrépito; ao que parece, para não avivar a dor de D. Benedita. Vã precaução! D. Benedita, não podendo conter-se, deixou rebentarem-lhe as lágrimas, levantou-se da mesa, retirou-se da sala. D. Maria dos Anjos acompanhou-a. Sucedeu um silêncio mortal entre os convivas. Eulália pediu a todos que continuassem, que a mãe voltava já.

13 – Mamãe é muito sensível, disse ela, e a ideia²⁷ de que papai está longe de nós...

14 O Leandrinho, consternado, pediu desculpa a Eulália. Um sujeito, ao lado dele, explicou-lhe que D. Benedita não podia ouvir falar do marido sem receber um golpe no

¹⁸ e,] e – em PA1937 e em PA1952.

¹⁹ D. Maria dos Anjos] d. Maria dos Anjos – em OCA2015 (nesta e em todas as outras ocorrências, ao longo do conto).

²⁰ olhos, etc., etc., etc.] olhos, etc., etc. – em OCA1959; olhos etc. etc. etc. – em OCA2015.

²¹ – Que arrebente! responde ela,] – Que arrebente! – responde ela, – em OCA2015.

²² os risos,] os riso, – em PA1937.

²³ aquilo,] aquilo – em OCA2015.

²⁴ A propósito destas palavras, a edição de *Papéis avulsos* de 2011 traz a seguinte nota, de Hélio Guimarães (In: ASSIS, 2011, p. 136, nota 1): “O provérbio francês ‘*Les absents ont tort*’ indica que os ausentes, por não poderem defender-se, nunca têm razão. A frase tem registro literário na peça *L’obstacle imprévu*, do dramaturgo francês Philippe Néricault (1680-1754).”

²⁵ desembargador] Desembargador – em OCA1994.

²⁶ e para] para – em PA1937 (nesta edição, a letra “e” não foi impressa; o espaço que seria ocupado por ela está vazio) e em PA1952.

²⁷ sensível, disse ela, e a ideia] sensível – disse ela –, e a ideia – em OCA2015.

coração – e chorar logo; ao que o Leandrinho acudiu²⁸ dizendo que sabia da tristeza dela, mas estava longe de supor que o seu brinde tivesse tão mau efeito.

15 – Pois era a cousa mais natural, explicou o sujeito, porque ela²⁹ morre pelo marido.

16 – O cônego, acudiu Leandrinho, disse-me³⁰ que ele foi para o Pará há uns dous anos...

17 – Dous anos e meio; foi nomeado desembargador pelo ministério Zacarias.³¹ Ele queria a relação de S. Paulo,³² ou da Bahia; mas não pôde ser e aceitou a do Pará.

18 – Não voltou mais?

19 – Não voltou.

20 – D. Benedita naturalmente tem medo de embarcar...

21 – Creio que não. Já foi uma vez à Europa. Se bem me lembro, ela ficou para arranjar alguns negócios de família; mas foi ficando, ficando, e agora...³³

22 – Mas era muito melhor ter ido em vez de padecer assim... Conhece o marido?

23 – Conheço; um homem muito distinto, e ainda moço, forte; não terá mais de quarenta e cinco anos. Alto, barbado, bonito. Aqui há tempos disse-se que ele não teimava com a mulher, porque estava lá de amores com uma viúva.

24 – Ah!

25 – E houve até quem viesse contá-lo a ela mesma. Imagine como a pobre senhora ficou! Chorou uma noute³⁴ inteira, no dia seguinte não quis almoçar, e deu todas as ordens para seguir no primeiro vapor.

²⁸ acudiu] acudiu, – em PA1937.

²⁹ natural, explicou o sujeito, porque ela] natural – explicou o sujeito – porque ela – em OCA2015.

³⁰ – O cônego, acudiu o Leandrinho, disse-me] O cônego – acudiu o Leandrinho – disse-me – em OCA2015.

³¹ Zacarias de Góis e Vasconcelos (1815-1877), político (na época) liberal progressista, esteve na chefia do ministério até 1868, quando foi substituído pelo visconde de Itaboraí (1802-1872), um político conservador. Houve, portanto, não só mudança de gabinete, mas mudança de situação (com conservadores substituindo liberais no poder). O aniversário de d. Benedita narrado neste conto é o de 1869; seu marido foi nomeado pelo gabinete de Zacarias (antes de 1868) e Leandrinho, conservador, aguarda uma nomeação para promotor pelo gabinete de Itaboraí. Há consenso entre os historiadores sobre o fato de que essa mudança de gabinete deu início ao processo que resultaria na proclamação da república. Em 1870 terminou a Guerra do Paraguai, com a morte de Solano López. No mesmo ano foi criado o Partido Republicano. John Gledson (2011, p. 25) considera a quarta parte deste conto, em que os acontecimentos se precipitam, e a ação passa da geração de d. Benedita à geração mais jovem (Eulália e Mascarenhas), uma alegoria do processo histórico que resultou na proclamação da república. Como o conto foi publicado em 1882, poderíamos dizer que Machado de Assis se encontrava, quando o escreveu, mergulhado no processo histórico, no olho do furacão.

³² relação de S. Paulo,] relação de S. Paulo – em PA1937; Relação de S. Paulo – em PA1952; Relação de S. Paulo, – em OCA1959 e em OCA1994; Relação de São Paulo, – em OCA2015.

³³ foi ficando, ficando, e agora...] foi ficando, e agora... – em PA1937 e em PA1952.

³⁴ uma noute] uma uma noute – em PA1882 (erro tipográfico, provavelmente devido à mudança de página); uma noite – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015. Observe-se que edições (PA1937, OCA1959 e OCA1994) que conservaram “cousa” e “dous”, mudaram “noute” para “noite”. Observe-se, também, que há oscilação no próprio texto do conto, que ora traz “noute”, ora “noite”.

26 – Mas não foi?

27 – Não foi; desfez a viagem daí a três dias.

28 D. Benedita voltou nesse momento, pelo braço de D. Maria dos Anjos. Trazia um sorriso envergonhado; pediu desculpa³⁵ da interrupção,³⁶ e sentou-se com a recente amiga ao lado, agradecendo os cuidados que lhe deu, pegando-lhe outra vez na mão.

29 – Vejo que me quer bem, disse ela.³⁷

30 – A senhora merece, disse D. Maria dos Anjos.³⁸

31 – Mereço? inquiriu ela³⁹ entre desvanecida e modesta.

32 E declarou que não, que a outra é que era boa, um anjo, um verdadeiro anjo; palavra que ela sublinhou com o mesmo olhar namorado, não persistente e longo, mas inquieto e repetido. O cônego, pela sua parte, com o fim de apagar a lembrança do incidente, procurou generalizar a conversa, dando-lhe por assunto a eleição do melhor doce. Os pareceres divergiram⁴⁰ muito. Uns acharam que era o de coco, outros o de caju, alguns o de laranja, etc.⁴¹ Um dos convivas, o Leandrinho, autor do brinde, dizia com os olhos, – não com a boca, – e dizia-o⁴² de um modo astucioso, que o melhor doce eram as faces de Eulália, um doce moreno, corado; dito que a mãe dele interiormente aprovava, e que a mãe dela não podia ver, tão entregue estava à contemplação da recente amiga. Um anjo, um verdadeiro anjo!

II

33 D. Benedita levantou-se, no dia seguinte, com a ideia de escrever uma carta ao marido, uma longa carta em que lhe narrasse a festa da véspera, nomeasse os convivas e os pratos, descrevesse a recepção noturna, e, principalmente, desse notícia das novas relações com D. Maria dos Anjos. A mala fechava-se às duas horas da tarde, D. Benedita acordara às nove, e, não morando longe (morava no Campo⁴³ da Aclamação), um escravo levaria a carta ao correio muito a tempo. Demais, chovia; D. Benedita arredou a cortina da janela, deu com os vidros molhados; era uma chuvinha teimosa, o céu estava todo brochado de uma cor pardo-escura, malhada de grossas nuvens negras. Ao longe, viu flutuar e voar o pano que cobria o balaio que uma preta levava à cabeça: concluiu que

³⁵ desculpa] desculpas – em PA1937.

³⁶ interrupção,] interrupção – em PA1952.

³⁷ – Vejo que me quer bem, disse ela.] – Vejo que me quer bem – disse ela. – em OCA2015.

³⁸ – A senhora merece, disse D. Maria dos Anjos.] – A senhora merece – disse d. Maria dos Anjos. – em OCA2015.

³⁹ – Mereço? inquiriu ela] – Mereço? inquiriu ela, – em PA1937; – Mereço? – inquiriu ela – em OCA2015.

⁴⁰ divergiram] divergiam – em PA1952.

⁴¹ laranja, etc.] laranja etc. – em OCA2015.

⁴² com os olhos, – não com a boca, – e dizia-o] com os olhos – não com a boca – e dizia-o – em OCA2015.

⁴³ Campo] campo – CJG1998 e em OCA2015.

ventava. Magnífico dia para não sair, e, portanto,⁴⁴ escrever uma carta, duas cartas, todas as cartas de uma esposa ao marido ausente. Ninguém viria tentá-la.

34 Enquanto ela compõe os babadinhos e rendas do roupão branco, um roupão de cambraia que o desembargador lhe dera em 1862, no mesmo dia aniversário,⁴⁵ 19 de Setembro,⁴⁶ convido a leitora a observar-lhe as feições. Vê que não lhe dou Vênus; também não lhe dou Medusa. Ao contrário de Medusa, nota-se-lhe o alisado simples do cabelo, preso sobre a nuca. Os olhos são vulgares, mas têm⁴⁷ uma expressão bonachã.⁴⁸ A boca é daquelas que, ainda não sorrindo, são risonhas, e tem esta outra particularidade, que é uma boca sem remorsos nem saudades: podia dizer sem desejos, mas eu só digo o que quero, e só quero falar das saudades⁴⁹ e dos remorsos. Toda essa cabeça, que não entusiasma, nem repele, assenta sobre um corpo antes alto do que baixo, e não magro nem gordo, mas fornido na proporção da estatura. Para que falar-lhe das mãos? Há de admirá-las logo, ao travar da pena e do papel, com os dedos afilados e vadios, dous deles ornados de cinco ou seis anéis.

35 Creio que é bastante ver o modo por que ela compõe as rendas e os babadinhos do roupão⁵⁰ para compreender que é uma senhora pichosa,⁵¹ amiga do arranjo das cousas e de si mesma. Noto que rasgou agora o babadinho do punho esquerdo, mas é porque, sendo também impaciente, não podia mais “com a vida deste diabo.”⁵² Essa foi a sua expressão, acompanhada logo de um “Deus me perdoe!” que inteiramente lhe extraiu o veneno. Não digo que ela bateu com o pé, mas adivinha-se, por ser um gesto natural de algumas senhoras irritadas. Em todo caso, a cólera durou pouco mais de meio minuto. D. Benedita foi à caixinha de costura para dar um ponto no rasgão, e contentou-se com um alfinete. O alfinete caiu no chão, ela abaixou-se a apanhá-lo. Tinha outros, é verdade, muitos outros, mas não achava prudente deixar alfinetes no chão. Abaixando-se,⁵³ aconteceu-lhe ver a ponta da chinela, na qual pareceu-lhe descobrir um sinal branco; sentou-se na cadeira que tinha perto, tirou a chinela, e viu o que era: era um roidinho de barata. Outra raiva de D. Benedita, porque a chinela era muito galante, e fora-lhe dada por uma amiga do ano passado. Um

⁴⁴ e, portanto,] e portanto, – em PA1937 e em PA1952.

⁴⁵ dia aniversário,] dia do aniversário, – em PA1952.

⁴⁶ Setembro,] setembro, – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

⁴⁷ têm] tem – em EST, em PA1882 e em PA1937. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”.

⁴⁸ Os dicionários e manuais registram “bonachona” como feminino de “bonachão”; Laudelino Freire (1954, v. II, p. 1066), entretanto, traz “bonachã”.

⁴⁹ saudades] saudades – em OCA1994.

⁵⁰ roupão] roupão, – em PA1952.

⁵¹ pichosa,] caprichosa – em PA1937 e em PA1952. “Nimiamente apurado, e atilado, que quer tudo com muita exactidão, e punctualidade, e não sofre o mínimo defeito” (SILVA, BLUTEAU, 1789, t. 2, p. 201).

⁵² diabo.”] diabo”. – em OCA1959, em PAGK1989, em PAIT2005 e em OCA2015.

⁵³ Abaixando-se,] E abaixando-se, – em PA1937 e em PA1952.

anjo, um verdadeiro anjo! D. Benedita fitou os olhos irritados no sinal branco; felizmente a expressão bonachã deles não era tão bonachã que se deixasse eliminar de todo por outras expressões menos passivas, e retomou o seu lugar. D. Benedita entrou a virar e revirar a chinela, e a passá-la de uma para outra mão, a princípio com amor, logo depois maquinalmente, até que as mãos pararam de todo, a chinela caiu no regaço, e D. Benedita ficou a olhar para o ar, parada, fixa. Nisto o relógio da sala de jantar,⁵⁴ começou a bater horas. D. Benedita⁵⁵ logo às primeiras duas,⁵⁶ estremeceu:

36 – Jesus! Dez horas!

37 E, rápida, calçou a chinela, concertou⁵⁷ depressa o punho do roupão, e dirigiu-se à escrivaninha, para começar a carta.⁵⁸ Escreveu, com efeito, a data, e um: – “Meu ingrato marido”; enfim, mal traçara estas linhas: – “Você⁵⁹ lembrou-se ontem de mim? Eu...”⁶⁰ quando Eulália lhe bateu à porta, bradando:

38 – Mamãe, mamãe, são horas de almoçar.

39 D. Benedita abriu a porta, Eulália beijou-lhe a mão, depois levantou as suas ao céu:

40 – Meu Deus! que dorminhoca!

41 – O almoço está pronto?

42 – Há que séculos!

43 – Mas eu tinha dito que hoje o almoço era mais tarde... Estava escrevendo a teu pai.

44 Olhou alguns instantes para a filha, como desejosa de lhe dizer alguma coisa grave, ao menos difícil, tal era a expressão indecisa e séria dos olhos. Mas não chegou a dizer nada;⁶¹ a filha repetiu que o almoço⁶² estava na mesa, pegou-lhe do braço e levou-a.

45 Deixemo-las almoçar à vontade; descansemos nessa outra sala, a de visitas, sem aliás inventariar os móveis dela, como o não fizemos em nenhuma outra sala ou quarto. Não é que eles não prestem, ou sejam de mau gosto; ao contrário, são bons. Mas a impressão geral que se recebe é esquisita, como⁶³ se ao trastejar daquela casa houvesse

⁵⁴ jantar,] jantar – em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

⁵⁵ D. Benedita] D. Benedita, – em `PAGK1989 e em PAIT2005.

⁵⁶ duas,] duas – em OCA1994 e em OCA2015.

⁵⁷ concertou] consertou – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

⁵⁸ carta.] carta – em PAGK1989 (em final de linha).

⁵⁹ linhas: – “Você] linhas: – Você – em EST, em PA1882 e em PA1937. Estas aspas, não abertas no texto-base, fecham-se adiante; ver nota n. 60.

⁶⁰ Eu...”] Eu...” – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

⁶¹ Em EST o ponto e vírgula tem aspecto de dois-pontos; entretanto, como a composição tipográfica, com toda certeza, é a mesma, só pode ser um caso de má impressão da vírgula.

⁶² o almoço] a almoço – em EST e em PA1882.

⁶³ como] com – em PA1937.

presidido um plano truncado, ou uma sucessão de planos truncados.⁶⁴ Suponhamos que a Moda, a Fantasia e o Acaso iam morar juntos; não alfaíariam a casa de outra maneira. Uma traria o adorno em voga no mês de agosto ou março, outra o que lhe desse na cabeça, o último, enfim, o que achasse à mão. Era assim a casa de D. Benedita.

46 Mãe, filha e filho almoçaram. Deixemos o filho, que nos não importa, um pirralho de doze anos, que parece ter oito, tão mofino é ele. Eulália interessa-nos, não só pelo que vimos de relance no capítulo passado, como porque,⁶⁵ ouvindo a mãe falar em D. Maria dos Anjos e no Leandrinho, ficou muito séria e, talvez, um pouco amuada. D. Benedita percebeu que o assunto não era aprazível à filha, e recuou da conversa, como alguém que desanda uma rua para evitar um importuno; recuou e ergueu-se; a filha veio com ela para a sala de visitas.⁶⁶

47 Eram onze horas menos um quarto. D. Benedita conversou com a filha até depois de⁶⁷ meio-dia, para ter tempo de descansar o almoço e escrever a carta. Sabem que a mala fecha às duas horas. De facto,⁶⁸ alguns minutos, poucos, depois do meio-dia, D. Benedita disse à filha que fosse estudar piano, porque ela ia acabar a carta. Saiu da sala; Eulália foi à janela, relanceou a vista pelo Campo,⁶⁹ e, se lhes disser que com uma pontazinha de tristeza nos olhos,⁷⁰ podem crer que é a pura verdade. Não era todavia,⁷¹ a tristeza dos débeis ou dos indecisos; era a tristeza dos resolutos, a quem dói de antemão um ato pela mortificação que há de trazer a outros, e que, não obstante, juram a si mesmos praticá-lo, e praticam. Convenho que nem todas essas particularidades⁷² podiam estar nos olhos de Eulália, mas por isso mesmo é que as histórias são contadas por alguém, que se incumbe de preencher as lacunas e divulgar o escondido. Que era uma tristeza máscula, era; – e que daí a pouco os olhos sorriam de um sinal de esperança, também não é mentira.

⁶⁴ O trecho que segue, a partir deste ponto, até o final do parágrafo, está em EST, mas não em PA1882 nem nas demais edições do conto. Em PA1882, assim como em todas as outras edições de *Papéis avulsos*, o parágrafo seguinte não é um parágrafo autônomo, porque se emenda a este, neste ponto. Em outras palavras, os dois parágrafos (n. 45 e n. 46) de EST e desta nossa edição, fundiram-se num só em PA1882. O trecho suprimido em PA1882 nos parece bem adequado a “um retrato”, pelo que contém de estático, e pelos coabitantes imaginários; talvez tenha sido suprimido por acidente tipográfico – por isso, reconstituímos o parágrafo, tal como ele vem em EST. Sobre essa questão, ver o artigo “Sequestro de um retrato: o conto ‘D. Benedita’, de Machado de Assis, – d’A Estação aos *Papéis avulsos*”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

⁶⁵ porque,] porque – em EST.

⁶⁶ O texto que constitui este parágrafo (n. 46), em PA1882 (e em todas as edições de *Papéis avulsos*) faz parte do parágrafo anterior. Ver nota 64.

⁶⁷ de] do – em EST, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

⁶⁸ De facto,] De fato, – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

⁶⁹ Campo,] campo, – em OCA2015.

⁷⁰ olhos,] olhos – em PA1937 e em PA1952.

⁷¹ Não era todavia,] Não era, todavia, – em PAGK1989, em CJG1998 e em PAIT2005; Não era todavia – em PA1952 e em OCA2015.

⁷² particularidades] particuladades – em EST e em PA1882.

- 48 – Isto acaba, murmurou ela,⁷³ vindo para dentro.
- 49 Justamente nessa ocasião parava um carro à porta, apeava-se uma senhora, ouvia-se a campainha da escada, descia um moleque a abrir a cancela, e subia as escadas⁷⁴ D. Maria dos Anjos. D. Benedita, quando lhe disseram quem era, largou a pena, alvoroçada; vestiu-se à pressa, calçou-se, e foi à sala.
- 50 – Com este tempo! exclamou. Ah! isto é que é⁷⁵ querer bem à gente!
- 51 – Vim sem esperar pela sua visita, só para mostrar que não gosto de cerimônias, e que entre nós deve haver a maior liberdade.
- 52 Vieram os cumprimentos de estilo, as palavrinhas doces, os afagos da véspera. D. Benedita não se fartava de dizer⁷⁶ que a visita naquele dia era uma grande fineza, uma prova de verdadeira amizade; mas queria outra, acrescentou daí a um instante, que D. Maria dos Anjos ficasse para jantar. Esta desculpou-se alegando⁷⁷ que tinha de ir a outras partes; demais, essa era a prova que lhe pedia, – a de ir jantar⁷⁸ à casa dela primeiro. D. Benedita não hesitou, prometeu que sim, naquela mesma semana.
- 53 – Estava agora mesmo escrevendo o seu nome, continuou.⁷⁹
- 54 – Sim?
- 55 – Estou escrevendo a meu marido, e falo da senhora. Não lhe repito o que escrevi, mas imagine que falei muito mal da senhora, que era antipática, insuportável, maçante, aborrecida... Imagine!
- 56 – Imagino, imagino. Pode acrescentar que, apesar de ser tudo isso,⁸⁰ e mais alguma cousa, apresento-lhe os meus respeitos.
- 57 – Como ela tem graça para dizer as cousas! comentou D. Benedita⁸¹ olhando para a filha.
- 58 Eulália sorriu sem convicção. Sentada na cadeira fronteira à mãe, ao pé da outra ponta do sofá em que estava D. Maria dos Anjos, – Eulália⁸² dava à conversação das duas a soma de atenção que a cortesia lhe impunha, e nada mais.⁸³ Chegava a parecer aborrecida; cada sorriso que lhe abria a boca era de um amarelo pálido, um sorriso de favor. Uma das tranças, – era de manhã,⁸⁴ trazia o cabelo em duas tranças caídas pelas

⁷³ – Isto acaba, murmurou ela,] – Isto acaba – murmurou ela, – em OCA2015.

⁷⁴ as escadas] es escadas – em PA1882 e em EST.

⁷⁵ – Com este tempo! exclamou. Ah! isto é que é] – Com este tempo! – exclamou. – Ah! isto é que é – em OCA2015.

⁷⁶ dizer] dizer, – em OCA1994.

⁷⁷ alegando] dizendo – em EST.

⁷⁸ que lhe pedia, – a de ir jantar] que lhe pedia – a de ir jantar – em PA1937 e em OCA2015.

⁷⁹ o seu nome, continuou.] o seu nome – continuou. – em OCA2015.

⁸⁰ isso,] isso – em PA1937 e em PA1952.

⁸¹ cousas! comentou D. Benedita] coisas! – comentou d. Benedita (com travessão) – em OCA2015.

⁸² D. Maria dos Anjos, – Eulália] D. Maria dos Anjos, Eulália – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

⁸³ Em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994, neste ponto começa outro parágrafo.

⁸⁴ Uma das tranças, – era de manhã,] Uma das tranças – era de manhã, – em PA1937 e em OCA2015.

costas abaixo, – uma delas⁸⁵ servia-lhe de pretexto a alhear-se de quando em quando, porque puxava-a para a frente e contava-lhe os fios do cabelo, – ou parecia contá-los.⁸⁶ Assim o creu D. Maria dos Anjos, quando lhe lançou⁸⁷ uma ou duas vezes os olhos, curiosa, desconfiada. D. Benedita é que não via nada;⁸⁸ via a amiga, a feiticeira, como lhe chamou duas ou três vezes, – “feiticeira como ela só.”⁸⁹

59 – Já!⁹⁰

60 D. Maria dos Anjos explicou que tinha de ir a outras visitas; mas foi obrigada a ficar ainda alguns minutos, a pedido da amiga. Como trouxesse um mantelete de renda preta, muito elegante, D. Benedita disse que tinha um igual,⁹¹ e mandou buscá-lo. Tudo demoras. Mas a mãe do Leandrinho estava tão contente! D. Benedita enchia-lhe o coração; achava nela todas as qualidades que melhor se ajustavam à sua alma e aos seus costumes, ternura, confiança, entusiasmo, simplicidade, uma familiaridade cordial e pronta. Veio o mantelete;⁹² vieram oferecimentos de alguma cousa, um doce, um licor, um refresco; D. Maria dos Anjos não aceitou nada mais do que um beijo e a promessa de que iriam jantar com ela naquela semana.

61 – Quinta-feira, disse D. Benedita.⁹³

62 – Palavra?

63 – Palavra.

64 – Que quer que lhe faça se não for? Há de ser um castigo bem forte.

65 – Bem forte? Não me fale mais.

66 D. Maria dos Anjos⁹⁴ beijou com muita ternura a amiga; depois abraçou e beijou também a Eulália, mas a efusão era muito menor de parte a parte. Uma e outra mediam-se, estudavam-se, começavam a compreender-se. D. Benedita levou a amiga até o patamar da escada, depois foi à janela para vê-la entrar no carro; a amiga, depois de entrar no carro,⁹⁵ pôs a cabeça de fora, olhou para cima, e disse-lhe adeus, com a mão.

67 – Não falte, ouviu?

68 – Quinta-feira.

⁸⁵ caídas pelas costas abaixo, – uma delas] caídas pelas costas abaixo – uma delas – em PA1937 e em OCA2015.

⁸⁶ os fios do cabelo, – ou parecia contá-los.] os fios do cabelo – ou parecia contá-los. – em OCA2015.

⁸⁷ lançou] deitou – em EST.

⁸⁸ nada;] nada: – em PA1937 e em PA1952.

⁸⁹ duas ou três vezes, – “feiticeira como ela só.”] duas ou três vezes, – “feiticeira como ela só”. – em PA1952, em PA1937, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994 e em CJG1998; duas ou três vezes – “feiticeira como ela só”. – em OCA2015.

⁹⁰ Já!] Já?! – em PA1952.

⁹¹ igual,] igual – em PA1937, em PA1952, em PAGK1989 e em CJG1998.

⁹² mantelete;] mantelete: – em PA1937.

⁹³ Quinta-feira, disse D. Benedita.] Quinta-feira – disse d. Benedita. – em OCA2015.

⁹⁴ D. Maria dos Anjos] D, Maria dos Anjos – em EST e em PA1882.

⁹⁵ a amiga, depois de entrar no carro,] a amiga entrada no carro, – em EST.

69 Eulália já não estava na sala; D. Benedita correu a acabar a carta. Era tarde:⁹⁶ não relatara o jantar da véspera, nem já agora podia fazê-lo. Resumiu tudo; encareceu muito as novas relações; enfim, escreveu estas palavras:

70 “O cônego⁹⁷ Roxo falou-me em casar Eulália com o filho de D. Maria dos Anjos; é um moço formado em direito este ano; é conservador, e espera uma promotoria, agora, se o Itaboraí⁹⁸ não deixar o ministério. Eu acho que o casamento é o melhor possível. O Dr.⁹⁹ Leandrinho (é o nome dele) é muito bem-educado; fez um brinde a você, cheio de palavras tão bonitas, que eu chorei. Eu não sei se Eulália querera ou não; desconfio de outro sujeito que outro dia esteve conosco nas Laranjeiras. Mas você que pensa? Devo limitar-me a aconselhá-la, ou impor-lhe a nossa vontade? Eu acho que devo usar um pouco da¹⁰⁰ minha autoridade; mas não quero fazer nada sem que você me diga. O melhor seria se você viesse cá.”¹⁰¹

71 Acabou e fechou a carta; Eulália entrou nessa ocasião, ela deu-lha para mandar, sem demora, ao correio; e a filha¹⁰² saiu com a carta sem saber que tratava dela e do seu futuro. D. Benedita deixou-se cair no sofá, cansada, exausta. A carta era muito comprida apesar de não dizer tudo; e era-lhe tão enfadonho escrever cartas compridas!

III

72 Era-lhe tão enfadonho escrever cartas compridas! Esta palavra, fecho do capítulo passado, explica a longa prostração de D. Benedita. Meia hora depois de cair no sofá, ergueu-se um pouco, e percorreu o gabinete¹⁰³ com os olhos, como procurando alguma coisa. Essa coisa era um livro. Achou o livro, e podia dizer achou os livros, pois nada menos de três estavam ali, dous abertos, um marcado em certa página, todos em cadeiras. Eram três romances que D. Benedita lia ao mesmo tempo. Um deles, note-se, custou-lhe não pouco trabalho. Deram-lhe notícia na rua, perto de casa, com muitos elogios; chegara da Europa na véspera. D. Benedita ficou tão entusiasmada, que¹⁰⁴ apesar de ser longe e tarde,¹⁰⁵ arrepiou caminho e foi ela mesmo¹⁰⁶ comprá-lo, correndo nada menos de três livrarias. Voltou ansiosa, namorada do livro, tão namorada que abriu

⁹⁶ Era tarde:] Era tarde; – em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

⁹⁷ cônego] Cônego – em OCA1994.

⁹⁸ Ver nota 31.

⁹⁹ Dr.] dr. – em OCA2015.

¹⁰⁰ da] de – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

¹⁰¹ Todo este parágrafo, em OCA1959 e em OCA1994, vem impresso em corpo menor, sem aspas e separado do restante do texto por um espaço ligeiramente maior do que o utilizado entre as demais linhas e parágrafos. Em OCA2015, além dessas mesmas características, o parágrafo vem deslocado para a direita.

¹⁰² e a filha] e filha – em OCA2015.

¹⁰³ o gabinete] gabinete – em EST.

¹⁰⁴ que] que, – em PA1937 e em PA1952.

¹⁰⁵ tarde,] tarde – em PAIT2005.

¹⁰⁶ ela mesmo] ela mesma – em PAIT2005 e em OCA2015.

as folhas, jantando, e leu os cinco primeiros capítulos naquela mesma noite.¹⁰⁷ Sendo preciso dormir, dormiu; no dia seguinte não pôde continuar, depois esqueceu-o. Agora, porém, passados oito dias, querendo ler alguma coisa, aconteceu-lhe justamente achá-lo à mão.

73 – Ah!

74 E ei-la que torna ao sofá, que abre o livro com amor, que mergulha o espírito, os olhos e o coração na leitura tão desastrosamente interrompida. D. Benedita ama os romances, é natural; e adora os romances bonitos, é naturalíssimo. Não admira que esqueça tudo para ler este; tudo, até a lição de piano da filha, cujo professor chegou e saiu, sem que ela fosse à sala. Eulália despediu-se do professor; depois foi ao gabinete, abriu a porta, caminhou pé ante pé até o sofá, e acordou a mãe com um beijo.

75 – Dorminhoca!

76 – Ainda chove?

77 – Não, senhora; agora parou.

78 – A carta foi?

79 – Foi; mandei o José a toda a pressa. Aposto que mamãe esqueceu-se de dar lembranças a papai? Pois olhe, eu não me esqueço nunca.

80 D. Benedita bocejou. Já não pensava na carta; pensava no colete que encomendara à Charavel,¹⁰⁸ um colete de barbatanas mais moles do que o último. Não gostava de barbatanas duras; tinha o corpo mui sensível. Eulália falou ainda algum tempo do pai, mas calou-se logo, e vendo no chão o livro aberto, o famoso romance, apanhou-o, fechou-o, pô-lo em cima da mesa. Nesse momento vieram trazer uma carta a D. Benedita; era do cônego¹⁰⁹ Roxo, que mandava perguntar se estavam em casa naquele dia, porque iria ao enterro dos ossos.¹¹⁰

81 – Pois não! bradou D. Benedita; estamos em casa, venha, pode vir.¹¹¹

82 Eulália escreveu o bilhete de resposta. Daí a três quartos de hora fazia o cônego a sua entrada na sala de D. Benedita. Era um bom homem o cônego, velho amigo daquela casa, na qual, além de trincar o peru nos dias solenes, como vimos, exercia o papel de conselheiro, e exercia-o com lealdade e amor. Eulália, principalmente, merecia-lhe muito; vira-a pequena, galante, travessa, amiga dele, e criou-lhe uma afeição paternal, tão paternal que tomara a peito casá-la bem, e nenhum noivo melhor do que¹¹² o Leandrinho,¹¹³ pensava o cônego. Naquele dia, a ideia de ir

¹⁰⁷ noute.] noite. – em PA1937, em PA1952 e em CJG1998 e em OCA2015. Ver nota n. 34.

¹⁰⁸ Madame Charavel: coleteira famosa no Rio de Janeiro, que publicava anúncios em jornais. (Cf. *Jornal do Commercio*, p. 4, 29 jan. 1870).

¹⁰⁹ cônego] Cônego – em OCA1994.

¹¹⁰ Enterro dos ossos: comezaina do dia seguinte a uma festa, banquete, aproveitando-lhe as sobras.

¹¹¹ – Pois não! bradou D. Benedita; estamos em casa, venha, pode vir.] – Pois não! – bradou d. Benedita. – Estamos em casa, venha, pode vir. – em OCA2015.

¹¹² melhor do que] melhor que – em PA1937 e em PA1952.

¹¹³ Leandrinho,] Lendrinho, – em OCA1959.

jantar com elas era antes um pretexto; o cônego queria tratar o negócio diretamente com a filha do desembargador. Eulália, ou porque adivinhasse isso mesmo, ou porque a pessoa do cônego lhe lembrasse o Leandrinho, ficou logo preocupada, aborrecida.

83 Mas, preocupada ou aborrecida, não quer dizer triste ou desconsolada. Era resoluto, tinha têmpera, podia resistir, e resistiu, declarando ao cônego, quando ele naquela noute¹¹⁴ lhe falou do Leandrinho, que absolutamente não queria casar.

84 – Palavra de moça bonita?

85 – Palavra de moça feia.

86 – Mas, por quê?

87 – Porque não quero.

88 – E se mamãe quiser?

89 – Não quero eu.

90 – Mau! isso não é bonito,¹¹⁵ Eulália.

91 Eulália deixou-se estar. O cônego ainda tornou ao assunto, louvou as qualidades do candidato,¹¹⁶ as esperanças da família, as vantagens do casamento; ela ouvia tudo, sem contestar nada. Mas¹¹⁷ quando o cônego formulava de um modo direto a questão, a resposta invariável era esta:

92 – Já disse tudo.

93 – Não quer?

94 – Não.

95 O desconsolo do bom cônego era profundo e sincero. Queria cas  -la bem, e não achava melhor noivo. Chegou a interrogá-la discretamente, sobre se tinha alguma preferência em outra parte. Mas Eulália, não menos discretamente, respondia que não, que não tinha nada; não queria nada; não queria casar. Ele creu que era assim, mas recebeu também que não fosse assim; faltava-lhe o trato suficiente das mulheres para ler através de uma negativa.¹¹⁸ Quando referiu tudo a D. Benedita, esta ficou assombrada com os termos da recusa; mas tornou logo a si, e declarou ao padre que a filha não tinha vontade, faria o que ela quisesse, e ela queria o casamento.

96 – Já agora nem espero resposta do pai, concluiu; declaro-lhe¹¹⁹ que ela há de casar. Quinta-feira vou jantar com D. Maria dos Anjos, e combinaremos¹²⁰ as cousas.

97 – Devo dizer-lhe, ponderou o cônego, que D. Maria dos Anjos¹²¹ não deseja que se faça nada    força.

¹¹⁴ noute] noite – em PA1937, em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015. Observe-se que PA1937 conservou “cousas” e “dous”, mas alterou “noute” para “noite”.

¹¹⁵ bonito,] bonito. – em PA1937.

¹¹⁶ candidato,] candidato – em EST e em PA1882.

¹¹⁷ Mas] Mas, – em PA1937 e em PA1952 e em PAIT2005.

¹¹⁸ negativa.] negativa, – em PA1937.

¹¹⁹ resposta do pai, concluiu; declaro-lhe] resposta do pai – concluiu –; declaro-lhe – em OCA2015.

¹²⁰ e combinaremos] combinaremos – em PA1937 e em PA1952.

¹²¹ – Devo dizer-lhe, ponderou o cônego, que D. Maria dos Anjos] – Devo dizer-lhe – ponderou o cônego – que d. Maria dos Anjos – em OCA2015.

98 – Qual força! Não é preciso força.

99 O cônego refletiu um instante:¹²² – Em todo caso, não violentaremos qualquer outra afeição¹²³ que ela possa ter, disse ele.¹²⁴

100 D. Benedita não respondeu nada; mas consigo, no mais fundo de si mesma, jurou que, houvesse o que houvesse, acontecesse o que acontecesse, a filha seria nora de D. Maria dos Anjos. E ainda consigo, depois de sair o cônego: – Tinha que ver! um tico de gente, com fumaças de governar a casa!

101 A quinta-feira raiou. Eulália, – o tico de gente, levantou-se¹²⁵ fresca, lépida, loquaz, com todas as janelas da alma abertas ao sopro azul da manhã. A mãe acordou ouvindo um trecho italiano, cheio de melodia; era ela que cantava, alegre, sem afectação,¹²⁶ com a indiferença das aves que cantam para si ou para os seus, e não para o poeta, que as ouve e traduz na língua imortal¹²⁷ dos homens. Era isto Eulália, naquela quinta-feira do jantar.¹²⁸ D. Benedita afagara muito a ideia de a ver abatida,¹²⁹ carrancuda, e gastara uma certa soma de imaginação em compor os seus modos, delinear os seus atos, ostentar energia e força. E nada! Em vez de uma filha rebelde, uma criatura gárrula e submissa. Era começar mal o dia; era sair aparelhada para destruir uma fortaleza, e dar com uma cidade aberta, pacífica, hospedeira, que lhe pedia o favor de entrar e partir o pão da alegria e da concórdia. Era começar o dia muito mal.¹³⁰

102 A segunda causa do tédio de D. Benedita foi um ameaço de enxaqueca, às três horas da tarde; um ameaço, ou uma suspeita de¹³¹ possibilidade de ameaço. Chegou a transferir a visita, mas a filha ponderou que talvez a visita lhe fizesse bem, e em todo caso,¹³² era tarde para deixar de ir. D. Benedita não teve remédio, aceitou o reparo. Ao

¹²² instante:] instante. – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015 (nessas edições, assim como em PAGK1989, a fala seguinte do cônego começa em outro parágrafo).

¹²³ afeição] afeição, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

¹²⁴ que ela possa ter, disse ele.] que ela possa ter – disse ele. – em OCA2015.

¹²⁵ Eulália, – o tico de gente, levantou-se] Eulália – o tico de gente, levantou-se – em PA1937; Eulália, – o tico de gente, – levantou-se – em PAGK1989 e em CJG1998; Eulália – o tico de gente – levantou-se – em OCA2015.

¹²⁶ afectação,] afetação, – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

¹²⁷ imortal] mortal – em PA1952.

¹²⁸ Este período – “Era isto Eulália, naquela quinta-feira do jantar.” – não vem em PA1882 nem nas demais edições de *Papéis avulsos*. As razões para incluí-lo nesta edição são as mesmas que apresentamos para a inclusão de outro trecho – ver nota 64. Ver, também o artigo “Sequestro de um retrato: o conto ‘D. Benedita’, de Machado de Assis, – d’A *Estação* aos *Papéis avulsos*”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

¹²⁹ abatida,] baatida, – em EST.

¹³⁰ muito mal.] muito mal – em EST e em PA1882.

¹³¹ de] da – em PA1937 e em PA1952.

¹³² caso,] caso – em PAIT2005.

espelho, penteando-se, esteve quase a dizer que definitivamente ficava;¹³³ chegou a insinuá-lo à filha.

103 – Mamãe¹³⁴ veja que D. Maria dos Anjos conta com a senhora, disse-lhe Eulália.¹³⁵

104 – Pois sim, redarguiu a mãe, mas não prometi ir doente.¹³⁶

105 Enfim, vestiu-se, calçou as luvas,¹³⁷ deu as últimas ordens; e devia¹³⁸ doer-lhe muito a cabeça, porque os modos eram arrebitados, uns modos de pessoa constrangida ao que não quer. A filha animava-a muito, lembrava-lhe o vidrinho dos saís, instava que saíssem, descrevia a ansiedade de D. Maria dos Anjos, consultava de dous em dous minutos o pequenino relógio, que trazia na cintura, etc.¹³⁹ Uma amofinação, realmente.

106 – O que tu estás é me amofinando, disse-lhe a mãe.¹⁴⁰

107 E saiu, saiu exasperada, com uma grande vontade de esganar a filha, dizendo consigo que a pior cousa do mundo era ter filhas.¹⁴¹ Os filhos ainda vá:¹⁴² criam-se, fazem carreira por si; mas as filhas!

108 Felizmente, o jantar de D. Maria dos Anjos aquietou-a; e não digo que a enchesse de grande satisfação, porque não foi assim. Os modos de D. Benedita não eram os do costume; eram frios, secos, ou quase secos; ela, porém, explicou de si mesma a diferença, noticiando o ameaço da enxaqueca, notícia mais triste do que alegre, e que, aliás, alegrou a alma de D. Maria dos Anjos, por esta razão fina e profunda: antes a frieza da amiga fosse originada na doença do que na quebra do afecto.¹⁴³ Demais, a doença não era grave. E que fosse grave! Não houve¹⁴⁴ naquele dia mãos presas, olhos nos olhos, manjares comidos entre carícias mútuas; não houve nada do jantar de domingo. Um jantar apenas conversado; não alegre, conversado; foi o mais que alcançou o cônego. Amável cônego! As disposições de Eulália, naquele dia,

¹³³ ficava;] ficava: – em PA1937, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

¹³⁴ – Mamãe] – Mamãe, – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

¹³⁵ D. Maria dos Anjos conta com a senhora, disse-lhe Eulália.] dona Maria dos Anjos conta com a senhora – disse-lhe Eulália. – em OCA2015.

¹³⁶ Pois sim, redarguiu a mãe, mas não prometi ir doente.] Pois sim, redarguiu a mãe, mas não prometi ir doente. – em EST e em PA1882; Pois sim – redarguiu a mãe –, mas não prometi ir doente. – em OCA2015. .

¹³⁷ luvas,] lavas, – em CJG1998. Este erro foi corrigido na edição de 2011, da Penguin Classics Companhia das Letras.

¹³⁸ e devia] devia – em PA1937.

¹³⁹ na cintura, etc.] na cintura etc. – em OCA2015.

¹⁴⁰ – O que tu estás é me amofinando, disse-lhe a mãe.] – O que tu estás é me amofinando – disse-lhe a mãe. – em OCA2015.

¹⁴¹ ter filhas.] ter filhos. – em OCA1959.

¹⁴² vá:] vá; – em PA1937 e em OCA2015.

¹⁴³ afecto.] afeto. – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

¹⁴⁴ a doença não era grave. E que fosse grave! Não houve] a doença não era grave! Não houve – em PA1937 e em PA1952.

cumularam-no¹⁴⁵ de esperanças; o riso que brincava nela, a maneira expansiva da conversa, a docilidade com que se prestava a tudo, a tocar, a cantar, e o rosto afável,¹⁴⁶ meigo, com que ouvia e falava ao Leandrinho, tudo isso foi para a alma do cônego uma renovação de esperanças. Logo hoje¹⁴⁷ é que D. Benedita estava doente! Realmente, era caiporismo.

109 D. Benedita reanimou-se um pouco, à noite, depois do jantar. Conversou mais, discutiu um projeto de passeio ao Jardim Botânico, chegou mesmo a propor que fosse logo no dia seguinte; mas Eulália advertiu que era prudente esperar um ou dois dias até que os efeitos da enxaqueca desaparecessem de todo; e o olhar que mereceu à mãe,¹⁴⁸ em troca do conselho, tinha a ponta aguda de um punhal. Mas a filha não tinha medo dos olhos maternos. De noite, ao despentear-se, recapitulando o dia, Eulália repetiu consigo a palavra que lhe ouvimos, dias antes, à janela:

110 – Isto acaba.¹⁴⁹

111 E, satisfeita de si, antes de dormir, puxou uma certa gaveta, tirou uma caixinha, abriu-a, aventou um cartão de alguns centímetros de altura, – um retrato.¹⁵⁰ Não era retrato de mulher, não só por ter bigodes, como por estar fardado; era, quando muito, um oficial de marinha. Se bonito ou feio, é matéria de opinião. Eulália achava-o bonito; a prova é que o beijou, não digo uma vez, mas três. Depois mirou-o, com saudade, tornou a fechá-lo e guardá-lo.

112 Que fazias tu, mãe cautelosa e ríspida,¹⁵¹ que não vinhas arrancar às mãos e à boca da filha um veneno tão subtil¹⁵² e mortal? D. Benedita, à janela, olhava a noite, entre as estrelas e os lampiões de gás, com a imaginação vagabunda, inquieta, roída¹⁵³ de saudades e desejos. O dia tinha-lhe saído mal, desde manhã. D. Benedita confessava, naquela doce intimidade da alma¹⁵⁴ consigo mesma, que o jantar de D. Maria dos Anjos não prestara para nada, e que a própria amiga não estava provavelmente nos seus dias de costume. Tinha saudades, não sabia bem de quê, e desejos, que ignorava. De quando em quando, bocejava ao modo preguiçoso e arrastado dos que caem de sono; mas se alguma coisa tinha era fastio, – fastio,¹⁵⁵ impaciência, curiosidade. D. Benedita cogitou seriamente em ir ter com o marido; e tão depressa a ideia do marido lhe penetrou no

¹⁴⁵ cumularam-no] encheram-no – em EST.

¹⁴⁶ a tocar, a cantar, e o rosto afável,] a tocar, e o rosto afável, – em PA1937.

¹⁴⁷ Logo hoje] E logo hoje – em EST.

¹⁴⁸ à mãe,] da mãe, – em PA1937.

¹⁴⁹ – Isto acaba.] “Isto acaba.” – em OCA1994.

¹⁵⁰ altura, – um retrato.] altura – um retrato. (sem a vírgula, com o travessão) – em PA1937, em PA1952 e em OCA2015.

¹⁵¹ ríspida,] ríspida – em OCA1959.

¹⁵² subtil] sutil – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

¹⁵³ roída] comida – em EST.

¹⁵⁴ alma] alma, – em PA1937.

¹⁵⁵ fastio, – fastio,] fastio – fastio, – em PA1937 e em OCA2015.

cérebro, como se lhe apertou o coração de saudades e remorsos, e o sangue¹⁵⁶ pulou-lhe num tal ímpeto de ir ver o desembargador que, se o pacote do Norte¹⁵⁷ estivesse na esquina da rua e as malas prontas,¹⁵⁸ ela embarcaria logo e logo. Não importa; o pacote devia estar prestes a sair, oito ou dez dias; era o tempo de arranjar as malas. Iria por três meses somente, não era preciso levar muita coisa.¹⁵⁹ Ei-la¹⁶⁰ que se consola da grande cidade fluminense, da similitude dos dias, da escassez das cousas, da persistência das caras, da mesma fixidez das modas, que era um dos seus árduos problemas: – por que é que as modas hão de durar mais de quinze dias?

113 – Vou, não há que ver, vou ao Pará, disse ela a meia-voz.¹⁶¹

114 Com efeito, no dia seguinte, logo de manhã, comunicou a resolução à filha, que a recebeu sem abalo. Mandou ver as malas que tinha, achou que era preciso mais uma, calculou o tamanho, e determinou comprá-la.¹⁶² Eulália, por uma inspiração súbita:

115 – Mas, mamãe, nós não vamos por três meses?

116 – Três... ou dous.¹⁶³

117 – Pois, então, não vale a pena. As duas malas chegam.

118 – Não chegam.

119 – Bem; se não chegarem, pode-se comprar na véspera. E mamãe mesmo¹⁶⁴ escolhe; é melhor do que mandar esta gente que não sabe nada.¹⁶⁵

120 D. Benedita achou a reflexão judiciosa, e guardou o dinheiro. A filha sorriu para dentro. Talvez repetisse consigo a famosa¹⁶⁶ palavra da janela: – Isto acaba. A mãe foi cuidar dos arranjos, escolha de roupa,¹⁶⁷ lista das cousas que precisava comprar, um presente para o marido, etc.¹⁶⁸ Ah! que¹⁶⁹ alegria que ele ia ter! Depois do meio-dia saíram para fazer encomendas, visitas, comprar as passagens, quatro passagens; levavam uma escrava consigo. Eulália ainda tentou arredá-la da ideia, propondo a

¹⁵⁶ e o sangue] o sangue – em PA1937 e em PA1952.

¹⁵⁷ Norte] norte – em OCA2015.

¹⁵⁸ prontas,] prontas (o espaço da vírgula preservado, no final da linha) – em EST.

¹⁵⁹ Em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994, aqui começa outro parágrafo.

¹⁶⁰ Ei-la] E ei-la – em EST. Estas palavras, em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994, iniciam outro parágrafo.

¹⁶¹ – Vou, não há que ver, vou ao Pará, disse ela a meia-voz.] – Vou, não há que ver, vou ao Pará – disse ela a meia-voz. – em OCA2015.

¹⁶² comprá-la.] mandá-la comprar. – em EST.

¹⁶³ – Três... ou dous.] Três ou dous. – em EST

¹⁶⁴ E mamãe mesmo] A mamãe mesmo – em PA1937 e em PA1952; E mamãe mesma – em OCA2015.

¹⁶⁵ Um pouco acima (ver nota 162), o autor fez pequeno ajuste no texto – ajuste que demandaria outro aqui, pois a fala de Eulália, dizendo que “é melhor do que mandar esta gente que não sabe nada” pressupõe o que foi dito anteriormente (e que foi alterado pelo autor). A passagem, no entanto, na forma em que está, pode ser perfeitamente compreendida: ela pressupõe a presença de escravos na casa (já mencionada no texto); os escravos é que seriam “esta gente que não sabe nada” – que iria comprar a mala para D. Benedita.

¹⁶⁶ famosa] mesma – em PA1937 e em PA1952.

¹⁶⁷ roupa,] roupas, – em PAGK1989.

¹⁶⁸ marido, etc.] marido etc. – em OCA2015.

¹⁶⁹ que] Que – em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994.

transferência da viagem; mas D. Benedita declarou peremptoriamente que não. No escritório da Companhia¹⁷⁰ de Paquetes disseram-lhe que o do Norte¹⁷¹ saía na sexta-feira da outra semana. Ela pediu as quatro passagens; abriu a carteirinha, tirou uma nota, depois duas, refletiu um instante.

121 – Basta vir na véspera, não?

122 – Basta, mas pode não achar mais.

123 – Bem; o senhor guarde os bilhetes:¹⁷² eu mando buscar.

124 – O seu nome?

125 – O nome? O melhor é não tomar o nome; nós viremos três dias antes de sair o vapor. Naturalmente ainda haverá bilhetes.

126 – Pode ser.

127 – Há de haver.

128 Na rua, Eulália observou que era melhor ter comprado logo os bilhetes; e,¹⁷³ sabendo-se que ela não desejava ir para o Norte nem para o Sul,¹⁷⁴ salvo na fragata em que embarcasse o original do retrato da véspera, há de supor-se que a reflexão da moça era profundamente maquiavélica. Não digo que não. D. Benedita, entretanto, noticiou a viagem aos amigos e conhecidos, nenhum dos quais a ouviu espantado. Um chegou a perguntar-lhe se, enfim, daquela vez era certo. D. Maria dos Anjos, que sabia da viagem pelo cônego, se alguma coisa a assombrou, quando a amiga se despediu dela, foram as atitudes geladas, o olhar fixo no chão, o silêncio, a indiferença. Uma visita de dez minutos apenas, durante os quais D. Benedita disse quatro palavras no princípio: – Vamos para o Norte.¹⁷⁵ E duas no fim: – Passe bem. E os beijos? Dous tristes beijos de pessoa morta.

IV

129 A viagem não se fez¹⁷⁶ por um motivo supersticioso. D. Benedita, no domingo à noite,¹⁷⁷ advertiu que o pacote seguia na sexta-feira, e achou que o dia era mau. Iriam no outro pacote. Não foram no outro; mas desta vez os motivos escapam inteiramente ao alcance do olhar humano, e o melhor alvitre em tais casos é não teimar com o impenetrável. A verdade é que D. Benedita não foi, mas iria no terceiro pacote, a não ser um incidente que lhe trocou os planos.

¹⁷⁰ Companhia] Companhia – em EST.

¹⁷¹ Norte] norte – em OCA2015.

¹⁷² bilhetes:] bilhetes; – em PA1952.

¹⁷³ e,] e – em EST.

¹⁷⁴ para o Norte nem para o Sul,] para o norte em para o sul, – em OCA2015.

¹⁷⁵ Norte.] norte. – em OCA2015.

¹⁷⁶ não se fez] não se fez esperar – em OCA1959.

¹⁷⁷ noite,] noite, – em PA1937, em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015. Ver notas n. 34, n. 107 e n. 114

130 Tinha a filha inventado uma festa e uma amizade nova. A nova amizade era uma família do Andaraí; a festa não se sabe a que propósito foi, mas deve ter sido esplêndida, porque D. Benedita ainda falava dela três dias depois. Três dias! Realmente, era demais. Quanto à¹⁷⁸ família, era impossível ser mais amável; ao menos, a impressão que deixou na alma de D. Benedita foi intensíssima. Uso este superlativo, porque ela mesma o empregou: é um documento humano.

131 – Aquela gente? Oh! deixou-me uma impressão intensíssima.

132 E toca a andar para Andaraí, namorada de D. Petronilha,¹⁷⁹ esposa do conselheiro¹⁸⁰ Beltrão, e de uma irmã dela, D. Maricota,¹⁸¹ que ia casar¹⁸² com um oficial de marinha, irmão de outro oficial de marinha, cujos bigodes, olhos, cara,¹⁸³ porte, cabelos,¹⁸⁴ são os mesmos do retrato que o leitor entreviu há tempos na gavetinha de Eulália. A irmã casada tinha trinta e dois anos, e uma seriedade, umas maneiras tão bonitas, que deixaram encantada a esposa do desembargador. Quanto à irmã solteira era uma flor, uma flor de cera, outra expressão de D. Benedita, que não altero com receio de entibiar a verdade.

133 Um dos pontos mais obscuros desta curiosa história é a pressa com que as relações se travaram, e os acontecimentos se sucederam. Por exemplo, uma das pessoas que estiveram em Andaraí, com D. Benedita,¹⁸⁵ foi o oficial de marinha¹⁸⁶ retratado no cartão particular de Eulália, 1º tenente¹⁸⁷ Mascarenhas, que o conselheiro¹⁸⁸ Beltrão proclamou futuro almirante. Vede, porém, a perfídia do oficial: vinha fardado;¹⁸⁹ e D. Benedita, que amava os espetáculos novos, achou-o tão distinto, tão bonito,¹⁹⁰ entre os outros moços à paisana, que o preferiu a todos, e lho disse. O oficial agradeceu comovido. Ela ofereceu-lhe a casa;¹⁹¹ ele pediu-lhe licença para fazer uma visita.

134 – Uma visita? Vá jantar conosco.

135 Mascarenhas fez uma cortesia de aquiescência.

136 – Olhe, disse D. Benedita, vá amanhã.¹⁹²

¹⁷⁸ à] a – em PA1937.

¹⁷⁹ D. Petronilha,] d. Petronilha, – em OCA2015.

¹⁸⁰ conselheiro] Conselheiro – em OCA1994.

¹⁸¹ D. Maricota,] d. Maricota, – em OCA2015.

¹⁸² casar] casar, – em PA1937.

¹⁸³ cara,] cara – em PA1937.

¹⁸⁴ cabelos,] cabelos – em OCA1994 e em OCA2015.

¹⁸⁵ uma das pessoas que estiveram em Andaraí, com D. Benedita,] uma das pessoas apresentadas em Andaraí, a D. Benedita, – em EST.

¹⁸⁶ marinha] marinha, – em PA1952.

¹⁸⁷ 1º tenente] primeiro-tenente – em CJG1998 e em OCA2015.

¹⁸⁸ conselheiro] Conselheiro – em OCA1994.

¹⁸⁹ fardado;] fardado, em EST.

¹⁹⁰ bonito,] bonito – em PA1937 e em PA1952.

¹⁹¹ casa;] casa: – em EST.

¹⁹² – Olhe, disse D. Benedita, vá amanhã.] – Olhe – disse D. Benedita –, vá amanhã. – em OCA2015.

137 Mascarenhas foi, e foi mais cedo. D. Benedita falou-lhe da vida do mar; ele pediu-lhe a filha em casamento. D. Benedita ficou sem voz, pasmada. Lembrou-se, é verdade, que desconfiara dele, um dia, nas Laranjeiras; mas a suspeita acabara. Agora não os vira conversar nem olhar uma só vez. Em casamento! Mas seria mesmo em casamento? Não podia ser outra cousa; a atitude séria, respeitosa, implorativa do rapaz dizia bem que se tratava de um casamento. Que sonho! Convidar um amigo, e abrir a porta a um genro:¹⁹³ era o cúmulo do inesperado. Mas o sonho era bonito; o oficial de marinha era um galhardo rapaz, forte, elegante, simpático, metia toda a gente no coração, e principalmente parecia adorá-la, a ela, D. Benedita. Que magnífico sonho! D. Benedita, voltou do pasmo,¹⁹⁴ e respondeu que sim, que Eulália era sua. Mascarenhas pegou-lhe¹⁹⁵ na mão e beijou-a filialmente.

138 – Mas o desembargador? disse ele.¹⁹⁶

139 – O desembargador concordará comigo.

140 Tudo andou assim depressa. Certidões passadas, banhos corridos, marcou-se o dia do casamento; seria vinte e quatro horas depois de recebida a resposta do desembargador. Que alegria a da boa mãe! que atividade no preparo do enxoval, no plano e nas encomendas da festa, na escolha dos convidados, etc.¹⁹⁷ Ela ia de um lado para outro, ora a pé, ora de carro, fizesse chuva ou sol. Não se detinha no mesmo objeto muito tempo; a semana do enxoval não era a do preparo da festa, nem a das visitas; alternava as cousas, voltava atrás, com certa confusão, é verdade. Mas aí estava a filha para suprir as faltas, corrigir os defeitos, cercear as demasias, tudo com a sua habilidade natural. Ao contrário de todos os noivos, este não as importunava; não jantava todos os dias com elas, segundo lhe pedia a dona da casa; jantava aos domingos, e visitava-as uma vez por semana. Matava as saudades por meio de cartas, que eram contínuas, longas e secretas, como no tempo do namoro. D. Benedita não podia explicar uma tal esquivança, quando ela morria por ele; e então vingava-se da esquisitice, morrendo ainda mais, e dizendo dele por toda a parte as mais belas cousas do mundo.

141 – Uma pérola! uma pérola!

142 – E um bonito rapaz, acrescentavam.¹⁹⁸

143 – Não é? De truz.

¹⁹³ genro:] genro; – em PA1937.

¹⁹⁴ parecia adorá-la, a ela, D. Benedita. Que magnífico sonho! D. Benedita, voltou do pasmo,] parecia adorá-la, a ela. D. Benedita voltou do pasmo – em PA1937 e em PA1952; parecia adorá-la, a ela, D. Benedita. Que magnífico sonho! D. Benedita voltou do pasmo, – em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em PAIT2005; parecia adorá-la, a ela, d. Benedita. Que magnífico sonho! D. Benedita voltou do pasmo, – em OCA2015.

¹⁹⁵ pegou-lhe] pergou-lhe – em OCA1994.

¹⁹⁶ – Mas o desembargador? disse ele.] – Mas o desembargador? – disse ele. – em OCA2015.

¹⁹⁷ convidados, etc.!] convidados etc.! – em OCA2015.

¹⁹⁸ – E um bonito rapaz, acrescentavam.] – E um bonito rapaz – acrescentavam. – em OCA2015.

144 A mesma cousa¹⁹⁹ repetia ao marido nas cartas que lhe mandava, antes e depois de receber a resposta da primeira. A resposta veio;²⁰⁰ o desembargador deu o seu consentimento, acrescentando que lhe doía muito não poder vir assistir às bodas, por achar-se um tanto adoentado; mas abençoava de longe os filhos, e pedia o retrato do genro.

145 Cumpriu-se o acordo à risca. Vinte e quatro horas depois de recebida a resposta do Pará efetuou-se o casamento, que foi uma festa admirável, esplêndida, no dizer de D. Benedita, quando a contou a algumas amigas. Oficiou o cônego²⁰¹ Roxo, e claro é que D. Maria dos Anjos não esteve presente, e menos ainda o filho. Ela esperou, note-se, até à última hora²⁰² um bilhete de participação, um convite, uma visita, embora se abstivesse de comparecer; mas não recebeu nada. Estava atônita, revolvendo a memória a ver se descobria alguma inadvertência sua que pudesse explicar a frieza das relações; não achando nada, supôs alguma intriga. E supôs mal, pois foi um simples esquecimento. D. Benedita, no dia do consórcio, de manhã, teve ideia de que D. Maria dos Anjos não recebera participação.

146 – Eulália, parece que não mandamos participação a D. Maria dos Anjos? disse ela à filha, almoçando.²⁰³

147 – Não sei; mamãe é quem se incumbiu dos convites.

148 – Parece que não, confirmou D. Benedita. João, dá cá mais açúcar.²⁰⁴

149 O copeiro deu-lhe o açúcar; ela, mexendo o chá, lembrou-se do carro que iria buscar o cônego,²⁰⁵ e reiterou uma ordem da véspera.

150 Mas a fortuna é caprichosa. Quinze dias depois do casamento, chegou a notícia do óbito do desembargador. Não descrevo a dor de D. Benedita; foi dilacerante e sincera. Os noivos, que devaneavam na Tijuca, vieram ter com ela; D. Benedita chorou todas as lágrimas de uma esposa austera e fidelíssima. Depois da missa do sétimo dia,²⁰⁶ consultou a filha e o genro acerca da ideia de ir ao Pará, erigir um túmulo ao marido, e beijar a terra em que ele repousava. Mascarenhas trocou um olhar com a mulher; depois disse à sogra que era melhor irem juntos, porque ele devia seguir para o Norte²⁰⁷ daí a

¹⁹⁹ A mesma cousa] E a mesma cousa – em EST e em PA1937; E a mesma coisa – em PA1952.

²⁰⁰ veio;] veio: – em PAIT2005.

²⁰¹ cônego] Cônego – em OCA1994.

²⁰² até à última hora] até última hora (com o espaço do “à” em branco) – em OCA1994; até última hora – em OCA2015.

²⁰³ a D. Maria dos Anjos? disse ela à filha, almoçando.] a D. Maria dos Anjos, disse ela à filha, almoçando. – em PA1937 e em PA1952; a d. Maria dos Anjos? – disse ela à filha, almoçando. – em OCA2015.

²⁰⁴ – Parece que não, confirmou D. Benedita. João, dá cá mais açúcar.] – Parece que não – confirmou D. Benedita. – João, dá cá mais açúcar. – em OCA2015.

²⁰⁵ cônego,] cônego – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

²⁰⁶ dia,] dia – em PA1952.

²⁰⁷ Norte] norte – em OCA2015.

três meses em comissão do governo. D. Benedita recalcitrou um pouco, mas aceitou o prazo, dando desde logo todas as ordens necessárias à construção do túmulo. O túmulo fez-se; mas a comissão não veio, e D. Benedita não pôde ir.

151 Cinco meses depois, deu-se um pequeno incidente na família. D. Benedita mandara construir uma casa no caminho da Tijuca, e o genro, com o pretexto de uma interrupção na obra, propôs acabá-la. D. Benedita consentiu, e o ato era tanto mais honroso para ela, quanto que o genro começava a parecer-lhe insuportável com a sua excessiva disciplina, com as suas teimas, impertinências, etc.²⁰⁸ Verdadeiramente, não havia teimas; nesse particular, o genro de D. Benedita contava tanto com a sinceridade da sogra que nunca teimava; deixava que ela própria se desmentisse dias depois. Mas pode ser que isto mesmo a mortificasse. Felizmente, o governo lembrou-se de o mandar ao Sul;²⁰⁹ Eulália, grávida, ficou com a mãe.

152 Foi por esse tempo que um negociante, viúvo,²¹⁰ teve ideia de cortejar D. Benedita. O primeiro ano da²¹¹ viuvez estava passado. D. Benedita acolheu a ideia com muita simpatia, embora sem alvoroço. Defendia-se consigo; alegava a idade e os estudos do filho, que em breve estaria a caminho de S. Paulo,²¹² deixando-a só, sozinha no mundo. O casamento seria uma consolação, uma companhia. E consigo, na rua ou em casa, nas horas disponíveis, aprimorava o plano com todos os floreios da imaginação vivaz e súbita; era uma vida nova, pois desde muito, antes mesmo da morte do marido, pode-se dizer que era viúva.²¹³ O negociante gozava do melhor conceito: a escolha era excelente.

153 Não casou. O genro tornou do Sul,²¹⁴ a filha deu à luz um menino robusto e lindo, que foi a paixão da avó durante os primeiros meses. Depois,²¹⁵ o genro, a filha e o neto foram para o Norte.²¹⁶ D. Benedita achou-se só e triste; o filho não bastava aos seus afectos.²¹⁷ A ideia de viajar tornou a rutilar-lhe na mente,²¹⁸ mas como um fósforo, que se apaga logo. Viajar sozinha era cansar e aborrecer-se ao mesmo tempo; achou melhor ficar.²¹⁹ Uma companhia lírica, adventícia, sacudiu-lhe o torpor, e restituiu-a à

²⁰⁸ impertinências, etc.] impertinências etc. – em OCA2015.

²⁰⁹ Sul;] sul; – em OCA2015.

²¹⁰ negociante, viúvo,] negociante viúvo, – em OCA1959; negociante viúvo – em OCA1994 e em OCA2015.

²¹¹ da] de – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

²¹² S. Paulo,] São Paulo, – em PA1952, em PAGK1989, em CJG1998 e em OCA2015.

²¹³ viúva.] viúva – em EST (há uma sombra, muito discreta, no texto digitalizado, que pode ser o ponto).

²¹⁴ Sul,] sul, – em OCA2015.

²¹⁵ Depois,] Depois – em PA1937 e em PA1952.

²¹⁶ Norte.] norte. – em OCA2015.

²¹⁷ afectos.] afetos. – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

²¹⁸ mente,] mente. – em EST (há uma sombra, muito discreta, ligada ao ponto, no texto digitalizado; pode ser vírgula).

²¹⁹ Em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015, neste ponto começa um novo parágrafo.

sociedade. A sociedade incutiu-lhe outra vez a ideia do casamento, e apontou-lhe logo um pretendente, desta vez um advogado, também viúvo.

154 – Casarei? não casarei?

155 Uma noite,volvendo D. Benedita este problema, à²²⁰ janela da casa de Botafogo, para onde se mudara desde alguns meses, viu um singular espetáculo. Primeiramente uma claridade opaca,²²¹ espécie de luz coada por um vidro fosco, vestia o espaço da enseada, fronteiro à janela. Nesse quadro apareceu-lhe uma figura vaga e transparente, trajada de névoas, toucada de reflexos, sem contornos definidos, porque morriam todos²²² no ar. A figura veio até ao²²³ peitoril da janela de D. Benedita; e de²²⁴ um gesto sonolento, com uma voz de criança, disse-lhe estas palavras sem sentido:

156 – Casa... não casarás... se casas... casarás... não casarás... e casas... casando...

157 D. Benedita ficou aterrada, sem poder mexer-se; mas ainda teve a força de perguntar à figura quem era. A figura achou um princípio de riso, mas perdeu-o logo; depois respondeu que era a fada que presidira ao nascimento de D. Benedita: Meu²²⁵ nome é Veleidade, concluiu;²²⁶ e, como um suspiro, dispersou-se na noite e no silêncio.²²⁷

FIM DE D. BENEDITA²²⁸

Abreviaturas empregadas nesta edição

CJG1998 – *Contos*: uma antologia, 1998, edição de John Gledson.

EST – *A Estação*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.

PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.

²²⁰ à] è – em OCA1994 e em OCA2015.

²²¹ opaca,] opaca – em PA1937.

²²² todos] todos, – em PA1937 e em PA1952.

²²³ até ao] até o – em OCA2015.

²²⁴ e de] de – em PA1937.

²²⁵ Meu] meu – em EST.

²²⁶ Veleidade, concluiu;] Veleidade – concluiu; – em OCA2015.

²²⁷ Em EST, ao pé do texto, vem o nome do autor: MACHADO DE ASSIS. Em PA1937 vem esta data: 1882.

²²⁸ Em EST, em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994 e em CJG1998 não há este registro final. Em OCA2015 vem esta informação: *A Estação, abril-junho de 1992; Machado de Assis*.

PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.

PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.

PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

Referências

ASSIS, Machado de. D. Benedita. *A Estação*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 7, p. 71, 15 abr. 1882; ano XI, n. 8, p. 83, 30 abr. 1882; ano XI, n. 9, p. 95, 15 maio 1882; ano XI, n. 10, p. 107, 31 maio 1882; ano XI, n. 11, p. 119, 15 jun. 1882)

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.

ASSIS, Machado de. D. Benedita: um retrato. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa em três volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959. p. 305-320.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 1989. [Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury.]

ASSIS, Machado de. D. Benedita. Um retrato. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 307-323.

ASSIS, Machado de. D. Benedita. Um retrato. In: *Contos: uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 1, p. 338-361. [Seleção, introdução e notas: John Gledson.]

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Prefácio de John Gledson. Notas de Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

ASSIS, Machado de. D. Benedita. (*Um retrato*). In: LEITE, Aluizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloísa (Orgs.). *Machado de Assis: obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2. p. 279-292.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 5v.

GLEDSOON, John. Prefácio. *Papéis avulsos: um livro brasileiro?* In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Prefácio de John Gledson. Notas de Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 7-34.

SILVA, Antônio de Moraes; BLUTEAU, Rafael. *Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antônio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1789. 2t.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática da língua portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII. [Edição fac-similar de 1922.]

O SEGREDO DO BONZO*

CAPÍTULO INÉDITO DE FERNÃO MENDES PINTO¹

1 Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade Fuchéu, capital do reino de Bungo,² com o padre-mestre³ Francisco, e de como el-rei se houve com o Fucarandono⁴ e outros bonzos, que tiveram⁵ por acertado disputar ao padre as primazias da nossa santa religião.⁶ Agora direi de uma doutrina não menos curiosa que saudável ao espírito, e digna de ser divulgada a todas as repúblicas da cristandade.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (30 abr. 1882, p. 1), PA1882 (p. 179-192), PA1937 (p. 193-208), PA1952 (p. 189-203), OCA1959 (v. II, p. 320-325), PAGK1989 (p. 118-125), OCA1994 (v. II, p. 323-328), CJG1998 (v. I, p. 362-370), PAIT2005 (p. 161-173) e em OCA2015 (v. 2, p. 293-297). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos. Em GN, no Folhetim, o título é “Um capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto – De uma curiosa doutrina que achei em Fuchéu, e do que aí sucedeu a tal respeito”.

¹ Este “capítulo inédito” deveria figurar entre os capítulos CCXIII e CCXIV na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Ao final de *Papéis avulsos* (1882, p. 294-295), há, sem as aspas, a seguinte nota do autor: “NOTA C / O SEGREDO DO BONZO pág. 179 / Como se terá visto, não há aqui um simples *pastiche*, nem esta imitação foi feita com o fim de provar forças, trabalho que, se fosse só isso, teria bem pouco valor. Era-me preciso, para dar a possível realidade à invenção, colocá-la a distância grande, no espaço e no tempo; e para tornar a narração sincera, nada me pareceu melhor do que atribuí-la ao viajante escritor que tantas maravilhas disse. Para os curiosos acrescentarei que as palavras: *Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade Fuchéu*, – foram escritas com o fim de supor o capítulo intercalado nas *Peregrinações*, entre os caps. CCXIII e CCXIV. / O bonzo do meu escrito chama-se Pomada, e pomadistas os seus sectários. *Pomada* e *pomadista* são locuções familiares da nossa terra: é o nome local do charlatão e do charlatanismo.”

² “Cidade Fuchéu, metrópole [...] do Reino de Bungo na Ilha Japão”: assim vem na *Peregrinação* (capítulo CCXI).

³ padre-mestre] Padre-mestre – em OCA1994.

⁴ Fucarandono era o bonzo de maior fama na região em que se passaram os acontecimentos narrados. Este personagem aparece na *Peregrinação* (cap. CCXI, p. 571 e p. 573): “Desejoso o bonzo de que não lhe fugisse a presa que tinha como muito certa [o padre-mestre Francisco], confiado no seu saber, porque tinha grau de tundo nos colégios de Fiancima, onde se dizia que ele estivera trinta anos como lente de prima numa faculdade que eles entre si têm como suprema, como entre nós a sagrada Teologia, chegando ao paço a este tempo que digo, mandou dizer a El-Rei por um dos bonzos que vinham com ele que estava ali o *Fucarandono*, porque assim se chamava ele, do que El-Rei ficou carregado, e com semblante triste, por lhe parecer que pela sua muita ciência podia embaraçar o padre e fazê-lo perder a honra que tinha ganho com os outros.” (grifo nosso)

⁵ tiveram] houveram – em PA1937 e em PA1952.

⁶ Fernão Mendes Pinto (1510?-1583), que teve uma vida aventureira, conheceu Francisco Xavier no Oriente, e esteve com ele no Japão. Suas narrativas exuberantes, entretanto, na *Peregrinação* (1614), contêm fatos reais e ficcionais. Nelas, ele não se mostra superior aos povos e às culturas orientais. (Cf. ARAÚJO, 1996)

2 Um dia, andando a passeio com Diogo Meireles, nesta mesma cidade Fuchéu, naquele ano de 1552, sucedeu deparar-se-nos um ajuntamento de povo, à esquina de uma rua, em torno a um homem da terra, que discorria com grande abundância de gestos e vozes. O povo, segundo o esmo mais baixo, seria passante de cem pessoas, varões somente, e todos embasbacados. Diogo Meireles, que melhor conhecia a língua da terra, pois ali estivera muitos meses, quando andou com bandeira⁷ de veniaga (agora ocupava-se no exercício da medicina, que estudara convenientemente, e em que era exímio) ia-me repetindo pelo nosso idioma o que ouvia ao orador, e que⁸ em resumo, era o seguinte: – Que ele não queria outra cousa mais do que afirmar a origem dos grilos, os quais procediam do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova; que este descobrimento,⁹ impossível a quem não fosse, como ele, matemático, físico e filósofo, era fruto de dilatados anos de aplicação, experiência e estudo, trabalhos e até perigos de vida; mas¹⁰ enfim, estava feito, e todo redundava¹¹ em glória do reino de Bungo, e especialmente da cidade Fuchéu, cujo¹² filho era; e, se por ter aventado tão sublime verdade, fosse necessário aceitar a morte, ele a aceitaria ali mesmo, tão certo era que a ciência valia mais do que a vida¹³ e seus deleites.

3 A multidão, tanto que ele acabou, levantou um tumulto de aclamações, que esteve a ponto de ensurdecer-nos, e alçou nos braços o homem,¹⁴ bradando: Patimau, Patimau, viva Patimau que descobriu a origem dos grilos.¹⁵ E todos se foram com ele ao alpendre de um mercador, onde lhe deram refrescos e lhe fizeram muitas saudações e reverências, à maneira deste gentio, que é em¹⁶ extremo obsequioso e cortesão.

4 Desandando o caminho, vínhamos nós, Diogo Meireles e eu, falando do singular achado da origem dos grilos, quando, a pouca distância daquele alpendre, obra de seis credos,¹⁷ não mais, achamos outra multidão de gente, em outra esquina, escutando a outro homem. Ficamos espantados com a semelhança do caso, e Diogo Meireles, visto

⁷ andou com bandeira] andou com a bandeira – em OCA1959.

⁸ e que] e que, – em PA1952, em PAGK1989 e em PAIT2005.

⁹ este descobrimento,] esta descoberta, – em GN.

¹⁰ mas] mas, – em GN e em PA1952.

¹¹ estava feito, e todo redundava] estava achada, e toda redundava – em GN.

¹² cujo] cuja – em PA1882, em PA1937, em PAGK1989 e em PAIT.

¹³ a ciência valia mais do que a vida] a ciência mais do que a vida – em PA1937.

¹⁴ o homem,] o homem – em OCA1959 e em OCA1994; homem – em OCA2015.

¹⁵ Patimau, Patimau, viva Patimau que descobriu a origem dos grilos.] Patimau, Patimau! Viva Patimau, que descobriu a origem dos grilos! – em PA1952; Patimau, Patimau, viva Patimau, que descobriu a origem dos grilos. – em OCA1959 e em OCA1994; Patimau, Patimau, viva Patimau que descobriu a origem dos grilos! – em PAGK1989, em CJG1998 e em OCA2015.

¹⁶ em] um – em PA1937.

¹⁷ Esse modo de medir o tempo (e, consequentemente, a distância) é utilizado por Fernão Mendes Pinto, na *Peregrinação* (v. II, cap. CCVII, p. 539): “[...] e outras muitas palavras a este modo, de que não me lembro bem, ao fim das quais, inclinando a cabeça sobre o púlpito, como se descansasse daquele trabalho, esteve quedo cerca de dois ou três credos, e tornando a levantá-la, com rosto alegre [...]” (grifo nosso)

que também este falava apressado, repetiu-me da¹⁸ mesma maneira o teor da oração. E dizia este outro, com grande admiração e aplauso da gente que o cercava, que enfim descobrira o princípio da vida futura, quando a terra houvesse de ser inteiramente destruída, e era nada menos que uma certa gota de sangue de vaca; daí provinha a excelência da vaca para habitação das almas humanas, e o ardor com que esse distinto animal era procurado por muitos homens à hora de morrer; descobrimento¹⁹ que ele podia afirmar com fé e verdade, por ser obra de experiências repetidas e profunda cogitação, não desejando nem pedindo outro galardão mais que dar glória ao reino de Bungo e receber dele a estimação que os bons filhos merecem. O povo, que escutara esta fala com muita veneração, fez o mesmo alarido e levou o homem ao dito alpendre, com a diferença que o trepou a uma charola; ali chegando, foi regalado com obséquios iguais aos que faziam a Patimau, não havendo nenhuma distinção entre eles, nem outra competência nos banqueteadores, que não fosse a de dar graças a ambos os banqueteados.

5 Ficamos sem saber nada daquilo, porque nem nos parecia casual a semelhança exata dos dous²⁰ encontros, nem racional ou crível a origem dos grilos, dada por Patimau, ou o princípio da vida futura, descoberto por Languru, que assim se chamava o outro. Sucedeu, porém, costearmos a casa de um certo Titané, alparqueiro, o qual correu a falar a Diogo Meireles, de quem era amigo. E, feitos os cumprimentos, em que o alparqueiro chamou as mais galantes cousas a Diogo Meireles, tais como – ouro da verdade e sol do pensamento, – contou-lhe²¹ este o que víramos e ouvíramos pouco antes. Ao que Titané acudiu com grande alvoroço: – Pode ser que eles andem cumprindo uma nova doutrina, dizem que inventada por um bonzo de muito saber, morador em umas casas pegadas ao monte Coral. E porque ficássemos cobiçosos de ter alguma notícia da doutrina, consentiu Titané em ir conosco no dia seguinte às casas do bonzo, e acrescentou: – Dizem que ele não a confia a nenhuma pessoa, senão²² às que de coração se quiserem filiar a ela; e, sendo assim, podemos simular que o queremos unicamente com o fim de a ouvir; e se for boa, chegaremos a praticá-la à nossa vontade.

6 No dia seguinte, ao modo concertado, fomos às casas do dito bonzo, por nome Pomada,²³ um ancião de cento e oito anos, muito lido e sabido nas letras divinas e humanas, e grandemente aceito a toda aquela gentilidade, e por isso mesmo malvisto²⁴

¹⁸ da] na – em PAGK1989.

¹⁹ descobrimento] descoberta – em GN.

²⁰ Observe-se que, no texto, há oscilação entre “dous” e “dois” – ver nota 51.

²¹ pensamento, – contou-lhe] pensamento –, contou-lhe – em OCA2015.

²² senão] se não – em GN, em PA1882, em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

²³ Pomada,] Pimada, – em PA1937.

²⁴ malvisto] mal visto – em GN, em PA1937, em PA1882, em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

de outros bonzos, que se finavam de puro ciúme. E tendo ouvido o dito bonzo a Titané quem éramos e o que queríamos, iniciou-nos primeiro com várias cerimônias e bugiarias necessárias à recepção da doutrina, e só depois dela²⁵ é que alçou a voz para confiá-la e explicá-la.

7 Haveis de entender, começou ele, que²⁶ a virtude e o saber,²⁷ têm duas existências²⁸ paralelas, uma no sujeito que as²⁹ possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contacto com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. [Suponhamos um poeta, um virtuoso, um sabedor de cousas da terra e do céu; se ele não tiver diante de si um público, é como se ele mesmo não existisse.]³⁰ Um dia, estando a cuidar nestas cousas, considereei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás,³¹ nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito,³² poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

8 Neste ponto, afiamos os ouvidos e ficamos pendurados da boca do bonzo, o qual, como lhe dissesse Diogo Meireles que a língua da terra me não era familiar,³³ ia falando com grande pausa, porque³⁴ eu nada perdesse. E continuou dizendo:³⁵ – Mal

²⁵ Era de se esperar que o pronome estivesse no plural (“delas”, isto é, “das cerimônias e das bugiarias”). No singular, há concordância ideológica, ou silepse, coisa comum na prosa machadiana – “dela” concorda com a ideia de “iniciação”.

²⁶ Haveis de entender, começou ele, que] – Haveis de entender, começou ele, que – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994 e em CJG1998; – Haveis de entender – começou ele – que (com travessões, sem as vírgulas) – em OCA2015.

²⁷ saber,] saber – em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

²⁸ existências] existências – em PA1882.

²⁹ Trata-se, aqui, de um caso de silepse, o pronome “as” concorda com a ideia de “qualidades” (ideia implícita em “a virtude e o saber”) – razão pela qual não alteramos o texto. No período seguinte, Machado emprega o masculino (“eles”) para retomar “as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos”. Nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. VIII, há uma longa enumeração de nomes femininos, terminada por um só nome no masculino, e o conjunto deles é retomado pelo pronome “todos”, no masculino: “Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo.” (ASSIS, 1960, p. 123; grifo nosso)

³⁰ Este período existe apenas em GN. Ponderamos que a perda do período pode ter sido por descuido tipográfico, na composição do texto (provavelmente a partir do jornal), porque neste período se encontra a base do raciocínio desenvolvido no restante do parágrafo. Aqui o pusemos entre colchetes, porque não temos plena certeza de sua necessidade.

³¹ e, aliás,] e aliás, – em PA1937.

³² efeito,] efeito – em GN.

³³ familiar,] muito familiar, – em GN.

³⁴ porque] por que – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015. Nesta passagem, porque = para que.

³⁵ Em PAGK1989, a partir deste ponto começa novo parágrafo.

podeis adivinhar o que me deu ideia da nova doutrina; foi nada menos que a pedra da lua, essa insigne pedra tão luminosa que, posta no cabeça de uma montanha ou no píncaro de uma torre, dá claridade a uma campina inteira, ainda a mais dilatada. Uma tal pedra,³⁶ com tais quilates de luz, não existiu nunca, e ninguém jamais a viu; mas muita gente crê que existe e mais de um dirá que a viu com os seus próprios olhos.³⁷ Considerei o caso, e entendi que, se uma cousa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião,³⁸ a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente. Tão depressa fiz este achado especulativo,³⁹ como dei graças a Deus do favor especial, e determinei-me a verificá-lo⁴⁰ por experiências; o que alcancei, em mais de um caso, que não relato, por vos não tomar o tempo.⁴¹ Para compreender a eficácia do meu sistema, basta advertir que os grilos não podem nascer do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova, e por outro lado, o princípio da vida futura não está em uma certa gota de sangue de vaca; mas Patimau e Languru, varões astutos, com tal arte souberam meter estas duas ideias no ânimo da multidão, que hoje desfrutam a nomeada de grandes⁴² físicos e maiores filósofos, e têm consigo pessoas capazes de dar a vida por eles.

9 Não sabíamos em que maneira déssemos ao bonzo as mostras do nosso vivo contentamento⁴³ e admiração. Ele interrogou-nos ainda algum tempo, compridamente,⁴⁴ acerca da doutrina e dos fundamentos dela,⁴⁵ e depois de reconhecer que a entendíamos,

³⁶ pedra,] pedra – em PA1937 e em PA1952.

³⁷ os seus próprios olhos.] os seus olhos. – em PA1937.

³⁸ e existir na realidade, sem existir na opinião,] e não pode existir na realidade sem existir na opinião, – em GN.

³⁹ este achado especulativo,] esta descoberta especulativa, – em GN.

⁴⁰ verificá-lo] verificá-la – em GN.

⁴¹ Em diversas passagens da *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto se vale desse expediente – de não narrar alguma passagem, justificando-se de algum modo. Veja-se este exemplo, que vem no capítulo CCVIII: “Com este despacho [de Garcia de Sá, que sucedera d. João de Castro, falecido em junho de 1548] chegou o padre a Malaca no derradeiro dia de Maio do mesmo ano [em que fora para lá despachado em Abril de 1549] de 49, e deteve-se aí alguns dias, pelo mau aviamento que se lhe deu, mas finalmente, depois de passar aí em Malaca muitos trabalhos, embarcou-se em dia de S. João do mesmo ano, ao sol posto, num junco pequeno de um Chim, que se dizia o Necodá ladrão, e fez-se à vela ao outro dia pela manhã, e partiu, na qual viagem também passou assás de trabalhos, *de que me escuso de dar relação, porque me parece desnecessário escrever isto tão pormenorizadamente*, nem farei mais do que tocar brevemente o que for mais importante ao meu intento, conforme à pouca possibilidade do meu fraco engenho.” (*Peregrinação*, v. II, cap. CCVIII, p. 543; grifo nosso) E este outro exemplo (capítulo CCXI): “O padre, respondendo a este falso argumento, desfz-lho por três vezes com palavras e razões tão claras e evidentes, e por comparações tão próprias e naturais, que o bonzo ficou confuso; *as quais aqui não ponho, para evitar prolixidade, mas principalmente porque não cabem no estreito vaso do meu engenho.*” (*Peregrinação*, v. II, cap. CCXI, p. 575; grifo nosso)

⁴² grandes] grande – em PA1882.

⁴³ nosso vivo contentamento] nosso contentamento – em PA1937.

⁴⁴ Ele interrogou-nos ainda algum tempo, compridamente,] Ele interrogou-nos ainda compridamente, – em PA1937 e em PA1952; Ele interrogou-nos ainda algum tempo, compridamente – em OCA2015.

⁴⁵ dela,] delas, – em PA1937.

incitou-nos a praticá-la, a divulgá-la cautelosamente,⁴⁶ não porque houvesse nada contrário às leis divinas ou humanas, mas porque a má compreensão dela podia daná-la e perdê-la⁴⁷ em seus primeiros passos; enfim, despediu-se de nós com a certeza (são palavras suas) de que abalávamos dali com a verdadeira alma de pomadistas; denominação esta que, por se derivar do nome dele, lhe era em extremo agradável.

10 Com efeito, antes de cair a tarde, tínhamos os três combinado em pôr por obra uma ideia tão judiciosa quão lucrativa, pois não é só lucro o que se pode haver em moeda,⁴⁸ senão também o que traz consideração e louvor, que é outra e melhor espécie de moeda, conquanto não dê para comprar damascos ou chaparias de ouro. Combinamos, pois, à guisa de experiência, meter cada um de nós, no ânimo da cidade Fuchéu, uma certa convicção, mediante a qual houvéssemos os mesmos⁴⁹ benefícios que desfrutavam Patimau e Languru; mas, tão certo é que o homem não olvida o seu interesse, entendeu Titané que lhe cumpria lucrar de duas maneiras, cobrando da experiência ambas as moedas, isto é, vendendo também as suas alparcas:⁵⁰ ao que nos não opusemos, por nos parecer que nada tinha isso com o essencial da doutrina.

11 Consistiu a experiência de Titané em uma cousa que não sei como diga para que a entendam. Usam neste reino de Bungo, e em outros destas remotas partes, um papel feito de casca de canela moída e goma, obra mui prima, que eles talham depois em pedaços de dois⁵¹ palmos de comprimento, e meio de largura, nos quais desenhavam com vivas e variadas cores, e pela língua do país, as notícias da semana, políticas, religiosas, mercantis e outras, as novas leis do reino, os nomes das fustas, lancharas, balões e toda a casta⁵² de barcos que navegam estes mares, ou em guerra, que a há frequente, ou de veniaga. E digo as notícias da semana, porque as ditas folhas são feitas de oito em oito dias, em grande cópia, e distribuídas ao gentio da terra, a troco de uma espórtula, que cada um dá de bom grado para ter as notícias primeiro que os demais moradores. Ora,⁵³ o nosso Titané não quis melhor esquina que este papel, chamado pela nossa língua *Vida e claridade das cousas mundanas e celestes*, título expressivo, ainda que um tanto derramado. E, pois, fez inserir no dito papel que acabavam de chegar notícias frescas de toda a costa de Malabar e⁵⁴ da China, conforme as quais não havia outro cuidado que não fossem as famosas⁵⁵ alparcas dele Titané; que estas alparcas eram chamadas as

⁴⁶ divulgá-la cautelosamente,] divulgá-la, cautelosamente, – em PA1937 e em PA1952.

⁴⁷ daná-la e perdê-la] daná-la, perdê-la – em PA1937; daná-la, e perdê-la – em PA1952.

⁴⁸ moeda,] moeda – em PA1937 e em PA1952.

⁴⁹ mesmos] memos – em PA1937.

⁵⁰ alparcas:] alparcas; – em GN.

⁵¹ Observe-se que essa ocorrência documenta a oscilação “dous/dois”. Ver nota 20.

⁵² toda a casta] toda casta – em PA1937.

⁵³ Ora,] Ora – em GN.

⁵⁴ e] e, – em OCA1994.

⁵⁵ as famosas] as famosa – em OCA1959.

primeiras do mundo, por serem mui sólidas e graciosas;⁵⁶ que nada menos de vinte e dous mandarins iam requerer ao imperador para que, em vista do esplendor das famosas alparcas de Titané, as primeiras do universo, fosse criado o título honorífico de “alparca do Estado”, para recompensa dos que se distinguissem em qualquer disciplina do entendimento; que eram grossíssimas as encomendas feitas de todas as partes,⁵⁷ às quais ele Titané ia acudir, menos por amor ao lucro do que pela glória que dali provinha à nação; não recuando, todavia, do propósito em que estava e ficava de dar de graça aos pobres do reino umas cinquenta corjas das ditas alparcas, conforme já fizera declarar a el-rei e o repetia agora; enfim, que apesar da primazia no fabrico das alparcas assim reconhecida em toda a terra, ele sabia os deveres da moderação, e nunca se julgaria mais do que um obreiro diligente e amigo da glória do reino de Bungo.

12 A leitura desta notícia comoveu naturalmente a toda a cidade Fuchéu, não se falando em outra cousa durante toda aquela semana. As alparcas de Titané, apenas estimadas, começaram de ser buscadas com muita curiosidade e ardor, e ainda mais nas semanas seguintes, pois não deixou ele de entreter a cidade, durante algum tempo, com muitas e extraordinárias anedotas acerca da⁵⁸ sua mercadoria. E dizia-nos com muita graça: – Vede⁵⁹ que obedeço ao principal da nossa doutrina, pois não estou persuadido da superioridade das tais alparcas, antes as tenho por obra vulgar, mas fi-lo crer ao povo, que as vem comprar agora, pelo preço que lhes taxo. Não me parece, atalhei, que tendes cumprido⁶⁰ a doutrina em seu rigor e substância, pois não nos cabe inculcar aos outros uma opinião que não temos, e sim a opinião de uma qualidade que não possuímos; este é, ao certo, o essencial dela.

13 Dito isto, assentaram os dous que era a minha vez de tentar a experiência, o que imediatamente fiz; mas deixo de a relatar em todas as suas partes, por não demorar a narração da experiência de Diogo Meireles,⁶¹ que foi a mais decisiva das três, e a melhor prova desta deliciosa invenção do bonzo. Direi somente que, por algumas luzes que tinha de música e charamela, em que aliás era mediano,⁶² lembrou-me congregar os principais de Fuchéu para que me ouvissem tanger o instrumento; os quais vieram, escutaram e foram-se repetindo que nunca antes tinham ouvido cousa tão extraordinária. E confesso que alcancei um tal resultado com o só recurso dos ademanes, da graça em

⁵⁶ graciosas;] graciosas: – em GN.

⁵⁷ as partes,] às partes, – em OCA1994 e em OCA2015.

⁵⁸ da] de – em OCA1994 e em OCA2015.

⁵⁹ Em PAGK1989, com esta fala começa novo parágrafo.

⁶⁰ pelo preço que lhes taxo. Não me parece, atalhei, que tendes cumprido] pelo preço que lhes taxo. – Não me parece, atalhei, que tendes cumprido – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994 e em CJK1998; pelo preço que lhes taxo. – Não me parece – atalhei – que tendes cumprido – em OCA2015. Em PAGK1989, com a mudança do personagem que fala (– Não me parece), começa novo parágrafo.

⁶¹ Ver nota 41.

⁶² mediano,] mediano – em GN (em final de linha).

arquear os braços para tomar a charamela,⁶³ que me foi trazida em uma bandeja de prata, da rigidez do busto, da unção com que alcei os olhos ao ar, e do desdém e ufania com que os baixei à mesma assembleia, a qual neste ponto rompeu em um tal concerto de vozes e exclamações de entusiasmo, que quase me persuadiu do meu merecimento.

14 Mas, como digo, a mais engenhosa de todas as nossas experiências, foi a de Diogo Meireles. Lavrava então na cidade uma singular doença,⁶⁴ que consistia em fazer inchar os narizes, tanto e tanto, que tomavam metade e mais da cara ao paciente, e não só a punham horrenda, senão que era molesto carregar tamanho peso. Conquanto os físicos da terra propusessem extrair os narizes inchados, para alívio e melhoria dos enfermos, nenhum destes consentia em prestar-se ao curativo, preferindo o excesso à lacuna, e tendo por mais aborrecível que nenhuma outra coisa a ausência daquele órgão. Neste apertado lance,⁶⁵ mais de um recorria à morte voluntária,⁶⁶ como um remédio, e a tristeza era muita em toda a cidade Fuchéu. Diogo Meireles, que desde algum tempo praticava a medicina, segundo ficou dito atrás, estudou a moléstia e reconheceu que não havia perigo em desnarigar os doentes, antes era vantajoso por lhes levar o mal,⁶⁷ sem trazer fealdade, pois tanto valia um nariz disforme e pesado como nenhum; não alcançou, todavia, persuadir os infelizes ao sacrifício. Então⁶⁸ ocorreu-lhe uma graciosa invenção. Assim foi que, reunindo muitos físicos, filósofos, bonzos, autoridades e povo, comunicou-lhes que tinha um segredo para eliminar [a moléstia, sem eliminar]⁶⁹ o órgão; e esse segredo era nada menos que substituir o nariz achacado por um nariz são, mas de pura natureza metafísica, isto é, inacessível aos sentidos humanos, e contudo tão verdadeiro ou ainda mais do que o cortado; cura esta praticada por ele em várias partes, e muito aceita aos físicos de Malabar.⁷⁰ O assombro da assembleia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, sendo que a maioria não sabia que acreditasse, pois⁷¹ se lhe repugnava a metafísica do nariz,

⁶³ charamela,] charamela – em GN. A pontuação de GN nos parece mais conforme aos hábitos atuais; ela suprime a ambiguidade do texto. O hábito machadiano, entretanto, de pôr vírgula indistintamente com relação à natureza (explicativa ou restritiva) da oração seguinte, nos levou a respeitar e conservar a pontuação da edição de 1882. A ambiguidade deriva da correlação “tal ... que”. O “que” da correlação vem ao final do período: “E confesso que alcancei um *tal* resultado [...], *que* quase me persuadi do meu merecimento.” (grifos nossos) Essa apódoxe presta-se igualmente a uma outra prótase, que lhe está mais próxima (o que é mais um fator de ambiguidade para a primeira correlação): “a qual neste ponto rompeu em *um tal* concerto de vozes e exclamações de entusiasmo, *que* quase me persuadiu do meu merecimento.” (grifos nossos)

⁶⁴ doença,] doença – em PA1937 e em PA1952.

⁶⁵ lance,] lance – em GN, em PA1882 (nesta edição falta a vírgula; porém o espaço entre “lance” e a palavra seguinte é maior do que o espaço entre as demais palavras da mesma linha), em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

⁶⁶ voluntária,] voluntária – em GN.

⁶⁷ por lhes levar o mal,] por levar o mal, – em PA1937.

⁶⁸ Então] E então – em GN.

⁶⁹ Estas palavras, postas aqui entre colchetes, por nos parecerem mais adequadas à proposta de Diogo Meireles, vêm somente em GN.

⁷⁰ Malabar.] Malabras. – em PA1937.

⁷¹ pois] pois, – em PA1952.

cedia entretanto à energia das palavras de Diogo Meireles, ao tom alto e convencido com que ele expôs e definiu o seu remédio. Foi então que alguns filósofos, ali presentes, um tanto envergonhados do saber de Diogo Meireles, não quiseram ficar-lhe atrás,⁷² e declararam que havia bons fundamentos para uma tal invenção, visto não ser o homem todo outra coisa mais do que um produto da idealidade transcendental; donde resultava que podia trazer, com toda a verosimilhança, um nariz metafísico, e juravam ao povo que o efeito era o mesmo.

15 A assembleia aclamou a Diogo Meireles; e os doentes começaram de buscá-lo, em tanta cópia, que ele não tinha mãos a medir. Diogo Meireles desnarigava-os com muitíssima arte; depois estendia delicadamente os dedos a uma caixa, onde fingia ter os narizes substitutos, colhia um e aplicava-o ao lugar vazio. Os enfermos,⁷³ assim curados e supridos, olhavam uns para os outros, e não viam nada no lugar do órgão cortado; mas, certos e certíssimos de que ali estava o órgão substituto, e que este era inacessível aos sentidos humanos, não se davam por defraudados, e tornavam aos seus ofícios. Nenhuma outra prova quero da eficácia da doutrina e do fruto dessa⁷⁴ experiência, senão o facto de que todos os desnarigados de Diogo Meireles continuaram a prover-se dos mesmos lenços de assoar. O que tudo deixo relatado para glória do bonzo e benefício do mundo.⁷⁵

FIM DO SEGREDO DO BONZO

Abreviaturas empregadas nesta edição

CJG1998 – *Contos*: uma antologia, 1998, edição de John Gledson.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.

PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.

PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.

PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.

PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

⁷² atrás,] atrás – em PA1937 e em PA1952.

⁷³ Os enfermos,] Os enfermos – em GN.

⁷⁴ dessa] desta – em GN; desse – em PA1882.

⁷⁵ No Folhetim da *Gazeta de Notícias*, ao pé do texto, vem assim a indicação de autoria: MACHADO DE ASSIS. Em PA1937, vem o ano: 1882. Em OCA2015: *Gazeta de Notícias*, 30 de abril de 1882; *Machado de Assis*. PAIT2005 traz a mesma inscrição desta nossa edição, assim: FIM DO SEGREDO DO BONZO.

Referências

ARAÚJO, Teresa. PINTO, Fernão Mendes [verbete]. In: MACHADO, Álvaro Manuel (Org. e Dir.). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996. p. 383-385.

ASSIS, Machado de. Um capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto. De uma curiosa doutrina que achei em Fuchéu, e do que aí sucedeu a tal respeito. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 118, p. 1, 30 abr. 1882.

Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730_02/3636>.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. 3v.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Edição crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 3v.

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas por John Gledson. São Paulo: Companhia dos Livros, 1998. 2v.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Org. Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn e Rodrigo Lacerda. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação seguida das suas cartas*. Texto primitivo, inteiramente conforme à primeira edição (1614). Versão integral em português moderno por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-brasileiro, 1952/1953. 2v.

A SERENÍSSIMA REPÚBLICA*

(CONFERÊNCIA DO CÔNEGO VARGAS)

1 Meus senhores,¹

2 Antes de comunicar-vos uma descoberta, que reputo de algum lustre para o
nosso país, deixai que vos agradeça a prontidão com que acudistes ao meu chamado.²
Sei que um interesse superior vos trouxe aqui; mas não ignoro também, – e fora
ingratidão ignorá-lo, – que³ um pouco de simpatia pessoal se mistura à vossa legítima
curiosidade científica. Oxalá possa eu corresponder a ambas.

3 Minha descoberta não é recente; data do fim do ano de 1876. Não a divulguei
então, –⁴ e, a não ser o *Globo*,⁵ interessante diário desta capital, não a divulgaria ainda

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (p. 1, 20 ago. 1882), PA1882 (p. 225-239), PA1937 (p. 243-258), PA1952 (p. 239-253), OCA1959 (v. II, p. 335-340), PAGK1989 (p. 145-152), OCA1994 (v. II, p. 340-345), CJG1998 (v. I, p. 391-410), PAIT2005 (p. 205-217), OCA2015 (v. 2, p. 308-312). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda, Gilson Santos e João Vítor Freitas. Em GN, os quatro primeiros parágrafos (numeração nossa, nesta edição) estão na primeira coluna do folhetim; as primeiras letras, palavras ou sílabas de cada linha ficaram ocultas no microfilme – seguimos, evidentemente, o texto-base (PA1882), para suprir essas lacunas. Em PA1882 (p. 300) há esta nota do autor: “**NOTA E / A SERENÍSSIMA REPÚBLICA.** pág. 225 / Este escrito, publicado primeiro na *Gazeta de Notícias*, como outros do livro, é o único em que há um sentido restrito: – as nossas alternativas eleitorais. Creio que terão entendido isso mesmo, através da forma alegórica.”

¹ Meus senhores,] Meus senhores! – em PA1952.

² que reputo de algum lustre para o nosso país, deixai que vos agradeça a prontidão com que acudistes ao meu chamado.] que reputo de algum lustre para o nosso país, acudistes ao meu chamado. – em PA1937 e em PA1952. Esta variante provavelmente provém das edições Garnier de 1920 e s.d.; uma delas (talvez ambas) deve ter servido de base para as edições W. M. Jackson. Não registramos diferenças de pontuação presentes nessas duas edições Garnier.

³ também, – e fora ingratidão ignorá-lo, – que] também – e fora ingratidão ignorá-lo – que (com os travessões, sem as vírgulas) – em PA1937 e em OCA2015.

⁴ então, –] então – (sem a vírgula, com o travessão) – em PA1937 e em OCA2015.

⁵ Gondim da Fonseca, no “Índice cronológico dos jornais e revistas cariocas existentes de 1808 a 1908, inclusive”, em sua *Biografia do jornalismo carioca* (1808-1908), traz o seguinte verbete: “O GLOBO. 1874-83. Suspendeu a publicação em 78, reapareceu em 81. Foi até 83. Em 81 entrou para a sua redação Quintino Bocaiuva, que lhe deu acentuada feição republicana.” (FONSECA, 1941, p. 349) Nesse periódico, Machado de Assis publicou, em folhetim, os romances *A mão e a luva* (26 set. 1874 a 3 nov. 1874) e *Helena* (6 ago. 1876 a 11 set. 1876).

agora, –⁶ por uma razão que achará fácil entrada no vosso espírito. Esta obra de que venho falar-vos,⁷ carece de retoques últimos, de verificações e experiências complementares. Mas o *Globo* noticiou que um sábio inglês descobriu a linguagem fônica dos insetos, e cita o estudo feito com as moscas.⁸ Escrevi logo para a Europa e aguardo as respostas com ansiedade. Sendo certo, porém, que pela navegação aérea, invento do padre Bartolomeu, é glorificado o nome estrangeiro, enquanto o do nosso patricio mal se pode dizer lembrado dos seus naturais, determinei evitar a sorte do insigne Voador,⁹ vindo a esta tribuna, proclamar alto e bom som,¹⁰ à face do universo, que muito antes daquele sábio, e fora das ilhas britânicas, um modesto naturalista descobriu cousa¹¹ idêntica, e fez com ela obra superior.

4 Senhores, vou assombrar-vos, como teria assombrado a Aristóteles,¹² se lhe perguntasse: Credes que se possa dar um regímen¹³ social às aranhas? Aristóteles responderia negativamente, com¹⁴ vós todos, porque é impossível crer que jamais se chegasse a organizar socialmente esse articulado¹⁵ arisco, solitário, apenas disposto ao trabalho, e dificilmente ao amor. Pois bem, esse impossível fi-lo eu.¹⁶

⁶ agora, –] agora – (sem a vírgula, com o travessão) – em PA1937 e em OCA2015.

⁷ falar-vos,] falar-vos – em PAIT2005.

⁸ John Gledson afirma, em CJG1998 (v. 1, p. 391, segunda nota), não haver encontrado “o artigo que Machado menciona”. Nós também não o encontramos. Segundo ele, “é bem provável que seja uma empulhação; porém, sem dúvida, ele [Machado] está satirizando o jornal” – de tendências republicana e cientificista.

⁹ Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (Santos, 1685 –Toledo, 1724): inventor de uma máquina de voar, chamada na época de “Passarola”. Por isso, recebeu o cognome de padre Voador. Por seus experimentos, foi precursor da aeronáutica no mundo. Era irmão do diplomata Alexandre de Gusmão. O nome estrangeiro glorificado pela invenção de uma máquina de voar é o dos irmãos Montgolfier, Joseph-Michel (1740-1810) e Jacques-Etienne (1745-1799), que inventaram um balão aerostático, que recebeu o nome de “mongolfière”. (*NOUVEAU Larousse universel*, 2t., 1953)

¹⁰ alto e bom som,] alto e bom, – em OCA1959.

¹¹ Respeitamos as oscilações machadianas, no tocante aos ditongos “ou/oi” no texto-base. Não registramos a mudança, muito frequente, de “ou” para “oi” (como nas palavras “cousa”, “doudas”, “dous”) nas diversas edições cotejadas. Em PA1882, concorrem “dous” e “dois”.

¹² Em nota à edição de 2011 (da Penguin Classics Companhia das Letras), Hélió Guimarães anota que Aristóteles (384-322 a.C.), além de outros assuntos, escreveu sobre a história dos animais: [ele] “acreditava que apenas o homem era um animal político, inclinado a viver socialmente com outros homens por ser o único animal capaz de fazer uso da linguagem.” (GUIMARÃES, 2011, p. 197, nota 3)

¹³ dar um regímen] dar regímen – em OCA1994; dar um regime – em PAGK1989, em CJG1998, em OCA2015.

¹⁴ com] como – em GN, em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em CJG1998, em OCA1994 e em OCA2015. É possível que a forma correta seja “como vós todos”, conforme vem em GN, e tenha havido erro (houve outros) na transcrição para o livro. Entretanto, a forma “com vós todos” também faz sentido – o que nos levou a admiti-la nesta edição.

¹⁵ Articulados: “agrupamento, de uma antiga classificação zoológica, que reunia os atuais anelídeos, crustáceos, aracnídeos e insetos.” (HOUAISS, 2001) O “Glossário” dos principais termos científicos empregados na obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin, redigido por Mr. N. S. Dallas, a pedido do autor, traz a seguinte explicação: “*Articulados*: Grande divisão do reino animal, caracterizada geralmente pela divisão do corpo do animal em segmentos (anéis) de que um número maior ou menor é provido de patas compostas, tais como insetos, crustáceos e centípedos.” (DALLAS, in: DARWIN, 2010, p. 354) A aranha pertence hoje ao filo dos Artrópodes, classe dos aracnídeos. (HOUAISS, 2001)

¹⁶ Em GN termina aqui a primeira coluna do texto.

5 Ouço um riso, no meio do sussurro de curiosidade. Senhores, cumpre vencer os preconceitos. A aranha parece-vos inferior, justamente porque não a conheceis. Amais o cão, prezais o gato e a galinha, e não advertis que a aranha não pula nem ladra como o cão, não mia como o gato, não cacareja como a galinha, não zune nem morde como o mosquito, não nos leva o sangue e o sono como a pulga. Todos esses bichos são o modelo acabado da vadiação e do parasitismo. A mesma formiga, tão gabada por certas qualidades boas, dá no nosso açúcar e nas nossas plantações, e funda a sua propriedade roubando a alheia. A aranha, senhores, não nos aflige nem defrauda; apanha as moscas, nossas inimigas, fia, tece, trabalha e morre. Que melhor exemplo de paciência, de ordem, de previsão, de respeito e de humanidade? Quanto aos seus talentos, não há duas opiniões. Desde Plínio até Darwin,¹⁷ os naturalistas do mundo inteiro formam um só coro de admiração em torno desse bichinho, cuja maravilhosa teia a vassoura inconsciente do vosso criado destrói em menos de um minuto. Eu repetiria agora esses juízos, se me sobrasse tempo; a matéria, porém, excede o prazo, sou constrangido a abreviá-la. Tenho-os aqui, não todos, mas quase todos; tenho, entre eles, esta excelente monografia de Büchner,¹⁸ que com tanta subtileza¹⁹ estudou a vida psíquica dos animais. Citando Darwin e Büchner, é claro que me restrinjo à homenagem cabida a dois sábios de primeira ordem, sem de nenhum modo absolver (e as minhas vestes o proclamam) as teorias gratuitas e errôneas do materialismo.

6 Sim, senhores, descobri uma espécie araneida²⁰ que dispõe do uso da fala; coligi alguns, depois muitos dos novos articulados, e organizei-os socialmente. O primeiro

¹⁷ Em nota à edição de 2011 (da Penguin Classics Companhia das Letras), Hélio Guimarães anota que Plínio II (c. 23-70), Plínio o Velho, num dos 37 volumes de sua *História natural*, “faz referências e elogios aos ‘talentos’ das aranhas.” Sobre Charles Darwin (1809-1882), afirma que ele “trata das aranhas em várias passagens do livro *A descendência do homem e seleção em relação ao sexo*, de 1871, do qual Machado possuía a edição francesa de 1873; entre as menções de Darwin a esse animal está a notícia de que ‘muitos escritores declaram que as aranhas são atraídas pela música’, ideia repetida pelo cônego neste conto.” (GUIMARÃES, 2011, p. 198, nota 4)

¹⁸ Büchner] Buchner (nesta passagem e na ocorrência seguinte) – em GN, em PA1882 e em PA1937. Ludwig Büchner (1824-1899): médico e filósofo materialista alemão, autor, entre outras obras, de *Força e matéria* (1855), *O homem e seu lugar na natureza* (1872) e *A vida intelectual dos animais* (1880). De suas obras, Machado de Assis possuía em sua biblioteca as duas últimas, em traduções francesas. Esse cientista era irmão de Georg Büchner, autor de importantes peças teatrais (*Woyzeck*, *Leonce e Lena*, *A morte de Danton*), e de Luise Büchner, ativista dos direitos das mulheres. (ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional, s.d., v. III, p. 1818; MASSA, 2001, p. 34; <https://en.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Büchner>)

¹⁹ Algumas palavras (subtileza, rectilíneo, rectos, recto-curvilíneo, antirrecto-curvilíneo, corrupção) portadoras de consoantes mudas (ou opcionalmente mudas) que constam do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* foram conservadas nessa forma nesta edição; não registramos, entretanto, as edições que suprimiram essas consoantes.

²⁰ araneida] araneida – em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994 (nesta passagem e na ocorrência seguinte nessas edições).

exemplar dessa aranha maravilhosa apareceu-me no dia 15 de dezembro de 1876. Era tão vasta, tão colorida, dorso rubro, com listras azuis, transversais, tão rápida nos movimentos, e às vezes tão alegre, que de todo me cativou a atenção. No dia seguinte vieram mais três, e as quatro tomaram posse de um recanto de minha chácara. Estudei-as longamente; achei-as admiráveis. Nada, porém, se pode comparar ao pasmo que me causou a descoberta do idioma araneida, uma língua, senhores, nada menos que uma língua rica e variada,²¹ com a sua estrutura sintática,²² os seus verbos, conjugações, declinações, casos latinos e formas onomatopaicas, uma língua que estou gramaticando para uso das academias, como o fiz sumariamente para meu próprio uso. E fi-lo, notai bem, vencendo dificuldades aspérrimas²³ com uma paciência extraordinária. Vinte vezes desanimei; mas o amor da ciência dava-me forças para arremeter a um trabalho, que²⁴ hoje declaro, não chegaria a ser²⁵ feito duas vezes na vida do mesmo homem.

7 Guardo para outro recinto a descrição técnica do meu arácnide,²⁶ e a análise da língua. O objeto desta conferência é, como disse, ressaltar os direitos da ciência brasileira, por meio de um protesto em tempo; e, isto feito, dizer-vos a parte em que reputo a minha obra superior à do sábio de Inglaterra. Devo demonstrá-lo, e para este ponto chamo a vossa atenção.

8 Dentro de um mês tinha comigo vinte aranhas; no mês seguinte cinquenta e cinco; em março²⁷ de 1877 contava quatrocentas e noventa. Duas forças serviram principalmente à empresa de as congregar: – o emprego da língua delas, desde que pude discerni-la um pouco, e o sentimento de terror que lhes infundi. A minha estatura, as vestes talaras, o uso do mesmo idioma,²⁸ fizeram-lhes crer que era eu o deus das aranhas, e desde então adoraram-me. E vede o benefício desta ilusão. Como as acompanhasse com muita atenção e miudeza, lançando em um livro as observações que fazia, cuidaram que o livro era o registro dos seus pecados, e fortaleceram-se²⁹ ainda

²¹ variada,] variada – em PA1937 e em PA1952.

²² sintática,] sintática, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

²³ aspérrimas] aspérrimas, – em GN.

²⁴ trabalho, que] trabalho, que, – em PA1952; trabalho que, – em PAGK1989, em CJG1998 e em PAIT2005.

²⁵ ser] sar – em PA1882 (erro tipográfico).

²⁶ arácnide] aracnide – em GN, em PA1882 e em PA1937; aracnídeo – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015. Arácnide é forma não registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*; significa o mesmo que arácnido ou aracnídeo (formas atuais).

²⁷ março] Março – em PA1882 e em PA1937.

²⁸ idioma,] idioma – em PA1937 e em PA1952.

²⁹ fortaleceram-se] fortaleceram-me – em OCA1994.

mais na prática das virtudes. A flauta também foi um grande auxiliar. Como sabeis, ou deveis saber, elas são doudas por música.

9 Não bastava associá-las; era preciso dar-lhes um governo idôneo. Hesitei³⁰ na escolha; muitos dos atuais pareciam-me bons, alguns excelentes, mas todos tinham contra si o existirem. Explico-me. Uma forma vigente de governo ficava exposta a comparações que poderiam amesquinhá-la. Era-me preciso, ou achar uma forma nova, ou restaurar alguma outra abandonada. Naturalmente adotei o segundo alvitre, e nada me pareceu mais acertado do que uma república, à maneira de Veneza, o mesmo molde, e até o mesmo epíteto.³¹ Obsoleto, sem nenhuma analogia, em suas feições gerais, com qualquer outro governo vivo, cabia-lhe ainda a vantagem de um mecanismo complicado, – o que era³² meter à prova as aptidões políticas da jovem sociedade.

10 Outro motivo determinou a minha escolha. Entre os diferentes modos eleitorais da antiga Veneza, figurava o do saco e bolas, iniciação dos filhos da nobreza no serviço do Estado. Metiam-se as bolas com os nomes dos candidatos no saco, e extraía-se anualmente um certo número, ficando os eleitos desde logo aptos para as carreiras públicas. Este sistema fará rir aos doutores do sufrágio; a mim não. Ele exclui os desvarios da paixão, os desazos da inépcia, o congresso da corrupção e da cobiça. Mas não foi só por isso que o aceitei; tratando-se de um povo tão exímio na fiação de suas teias, o uso do saco eleitoral era de fácil adaptação, quase uma planta indígena.

11 A proposta foi aceita. Sereníssima República pareceu-lhes um título magnífico, roçagante, expansivo, próprio a engrandecer a obra popular.

12 Não direi, senhores, que a obra chegou à perfeição, nem que lá chegue tão cedo. Os meus pupilos não são os solários de Campanella ou os utopistas de Morus;³³ formam um povo recente,³⁴ que não pode trepar de um salto ao cume das nações seculares. Nem o tempo é operário que ceda a outro a lima ou o alvião; ele fará mais e melhor do que as

³⁰ Hesitei] Trepidei – em GN.

³¹ A república de Veneza intitulava-se Sereníssima República de Veneza.

³² mecanismo complicado, – o que era] mecanismo complicado – o que era – em PA1937 e em OCA2015.

³³ “Solários” (no plural) é palavra que não consta do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* nem da maioria dos dicionários. Faz exceção à regra o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, que traz este verbete: “SOLÁRIOS, s. m. pl. Habitantes da cidade ideal imaginada por Campanella em sua obra *Civitas solis*”. Laudelino Freire usa justamente a frase deste texto de Machado de Assis em abonação do sentido que atribui à palavra. Curiosamente, entretanto, o mesmo autor (no mesmo *Dicionário*), no verbete UTOPISTA (e não UTOPISTAS), não dá o sentido que a palavra tem neste texto (o de “habitante da Utopia”, localidade imaginária criada por Thomas Morus), mas apenas este: “Aquele que forma ou defende utopias.”

³⁴ recente,] recente – em PA1937 e em PA1952.

teorias do papel, válidas no papel e mancas na prática. O que posso afirmar-vos é que, não obstante as incertezas da idade, eles caminham, dispondo de algumas virtudes, que presumo³⁵ essenciais à duração de um Estado. Uma delas, como já disse, é a perseverança, uma longa paciência de Penélope,³⁶ segundo vou³⁷ mostrar-vos.

13 Com efeito, desde que compreenderam que no ato eleitoral estava a base da vida pública, trataram de o exercer com a maior atenção.³⁸ O fabrico do saco foi uma obra nacional. Era um saco de cinco polegadas de altura e três de largura, tecido com os melhores fios, obra³⁹ sólida e espessa. Para compô-lo foram aclamadas dez damas principais,⁴⁰ que receberam o título de mães da república, além de outros privilégios e foros. Uma obra-prima, podeis crê-lo. O processo eleitoral é simples.⁴¹ As bolas recebem os nomes dos candidatos, que provarem certas condições, e são escritas por um oficial público, denominado “das inscrições”. No dia da eleição, as bolas são metidas no saco e tiradas pelo oficial das extrações,⁴² até perfazer o número dos elegendos. Isto que era um simples processo inicial na antiga Veneza, serve aqui ao provimento de todos os cargos.

14 A eleição fez-se a princípio com muita regularidade; mas, logo depois, um dos legisladores declarou que ela fora viciada, por terem entrado no saco duas bolas com o nome do mesmo candidato. A assembleia verificou a exatidão da denúncia, e decretou que o saco, até ali de três polegadas de largura, tivesse agora duas; limitando-se a capacidade do saco, restringia-se o espaço à fraude, era o mesmo que suprimi-la. Aconteceu, porém, que na eleição seguinte, um candidato deixou de ser inscrito na competente bola, não se sabe se por descuido ou intenção do oficial público. Este declarou que não se lembrava de⁴³ ter visto o ilustre candidato, mas acrescentou nobremente que não era impossível que ele lhe tivesse dado o nome; neste caso não

³⁵ presumo] presumo, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

³⁶ Ver nota 78.

³⁷ vou] von – em PA1882. (erro tipográfico)

³⁸ Numa das anotações que fez de autores clássicos portugueses (como costumava fazer), Machado de Assis registrou a seguinte passagem de um sermão do padre Manuel Bernardes: “Chamara-o [são Carlos Borromeu] para governar homens, *que é a arte das artes*.” (*Sermões e práticas*, segunda parte, 1733, “Sermão de S. Carlos Borromeu”, p. 427; o grifo na citação é nosso) Certamente o interesse de Machado de Assis, ao fazer essa anotação, estava no dito sobre a arte de governar... o que combina muito bem com esta passagem deste escrito, em que afirma que “no ato eleitoral estava a base da vida pública”.

³⁹ fios, obra] fios e obra – em GN.

⁴⁰ Em PA1882, a vírgula está sobrescrita, depois da palavra “principais” (assim: principais’). Há vírgula em GN.

⁴¹ simples.] simples – em PA1937 (erro tipográfico).

⁴² extrações,] extrações. – em PA1882. (erro tipográfico)

⁴³ que não se lembrava de] que não lembrava de – em GN.

houve exclusão, mas distração. A assembleia, diante de um fenômeno psicológico inelutável, como é a distração, não pôde castigar o oficial; mas, considerando que a estreiteza do saco podia dar lugar a exclusões odiosas, revogou a lei anterior e restaurou as três polegadas.

15 Nesse ínterim, senhores, faleceu o primeiro magistrado, e três cidadãos apresentaram-se candidatos ao posto, mas só dois importantes, Hazeroth e Magog,⁴⁴ os próprios chefes do partido rectilíneo e do partido curvilíneo. Devo explicar-vos estas denominações. Como eles são principalmente geômetras, é a geometria que os divide em política. Uns entendem que a aranha deve fazer as teias com fios rectos, é o partido rectilíneo;⁴⁵ – outros pensam, ao contrário, que as teias devem ser trabalhadas com fios curvos, – é o partido⁴⁶ curvilíneo. Há ainda um terceiro partido, misto e central, com este postulado: – as teias⁴⁷ devem ser urdidas de fios rectos e fios curvos; é o partido recto-curvilíneo; e finalmente,⁴⁸ uma quarta divisão política,⁴⁹ o partido antirecto-curvilíneo,⁵⁰ que fez tábua rasa de todos os princípios litigantes, e propõe o uso de umas teias urdidas de ar, obra transparente e leve, em que não há linhas de espécie alguma. Como a geometria apenas poderia dividi-los, sem chegar a apaixoná-los, adotaram uma simbólica. Para uns, a linha recta exprime os bons sentimentos, a justiça, a probidade, a

⁴⁴ Evidentemente, não podemos saber como Machado de Assis escolheu esses nomes. Entretanto, permitimo-nos alguma especulação a respeito deles. Hazeroth e Magog são nomes que ocorrem na Bíblia, topônimo o primeiro, topônimo e antropônimo o segundo. Hazeroth é o nome de um dos lugares em que acampou o povo hebreu, enquanto migrava guiado por Moisés. Nesse lugar, Maria e Aarão se opuseram a Moisés, por ter ele desposado uma mulher cuchita (etíope). Iaweh os convocou à Tenda da Reunião e lhes falou, envolto numa nuvem, entre outras coisas, o seguinte: “Se há entre vós um profeta, / é em visão que me revelo a ele, / é em sonho que lhe falo. / Assim não se dá com o meu servo Moisés, / a quem toda a minha casa está confiada. / Falo-lhe face a face, / claramente e não em enigmas, / e ele vê a forma de Iaweh.” (Nm 12,6-8) Assim, esse nome se associa à clareza (linha reta). Magog é nome de um dos filhos de Jafé (que era filho de Noé). Como topônimo, significava “terra de Gog”. (Ez 38,2) Em nota, A BÍBLIA de Jerusalém (2000, p. 1661, nota a), no capítulo 38 do livro de Ezequiel, esclarece que este texto (capítulo 38) “apresenta já muitos traços apocalípticos.” Se recordarmos que o vocábulo “apocalipse” significa “descoberta, revelação”, e que as revelações aos profetas eram feitas “em visão”, “em sonho”, e tinham linguagem cifrada, “em enigmas” (como a dos “oráculos”), podemos entender o sentido de “discurso obscuro”, que também tem, por extensão de sentido, a palavra “apocalipse”. Se for assim, como Hazeroth se associa à clareza e à linha reta, Magog estaria associado à obscuridade e à linha curva.

⁴⁵ rectilíneo;] retilíneo: – em PAIT2005.

⁴⁶ curvos, – é o partido] curvos – é o partido (sem a vírgula, com o travessão) – em OCA2015.

⁴⁷ postulado: – as teias] postulado: as teias (com os dois-pontos, sem o travessão) – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

⁴⁸ finalmente,] finalmente – em PA1937 e em PA1952.

⁴⁹ política,] poltica, – em PAGK1989 (erro tipográfico).

⁵⁰ antirecto-curvilíneo,] antirecto-curvilíneo – em PA1937 e em PA1952.

inteireza, a constância, etc.,⁵¹ ao passo que os sentimentos ruins ou inferiores, como⁵² a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia, são perfeitamente curvos. Os adversários respondem que não, que a linha curva é a da virtude e do saber, porque é a expressão da modéstia e da humildade;⁵³ ao contrário, a ignorância, a presunção, a toleima, a parlapatice, são rectas, duramente rectas. O terceiro partido, menos anguloso, menos exclusivista, desbastou a exageração de uns e outros, combinou os contrastes, e proclamou a simultaneidade das linhas como a exata cópia do mundo físico e moral. O quarto limita-se a negar tudo.

16 Nem Hazeroth nem Magog foram eleitos. As suas bolas saíram do saco, é verdade, mas foram inutilizadas, a do primeiro por faltar a primeira letra do nome, a do segundo por lhe faltar a última. O nome restante e triunfante era o de um argentário ambicioso,⁵⁴ político obscuro, que subiu logo à poltrona ducal, com espanto geral da república. Mas os vencidos não se contentaram de dormir sobre os louros do vencedor; requereram uma devassa. A devassa mostrou que o oficial das inscrições intencionalmente viciara a ortografia de seus nomes. O oficial confessou o defeito e a intenção; mas explicou-os dizendo que se tratava de uma simples elipse; delito, se o era, puramente literário. Não sendo possível perseguir ninguém por defeitos de ortografia ou figuras de retórica, pareceu acertado rever a lei. Nesse mesmo dia ficou decretado que o saco seria feito de um tecido de malhas, através das quais as bolas pudessem ser lidas pelo público, e, *ipso facto*, pelos mesmos candidatos, que assim teriam tempo de corrigir as inscrições.

17 Infelizmente, senhores, o comentário da lei é a eterna malícia. A mesma porta aberta à lealdade serviu à astúcia de um certo Nabiga, que se conchavou com o oficial das extrações, para haver um lugar na assembleia. A vaga era uma, os candidatos três; o oficial extraiu as bolas com os olhos no cômplice,⁵⁵ que só deixou de abanar negativamente a cabeça, quando a bola pegada foi a sua. Não era preciso mais para condenar a ideia das malhas. A assembleia, com exemplar paciência, restaurou o tecido espesso do régimen⁵⁶ anterior; mas, para evitar outras elipses, decretou a validação das

⁵¹ constância, etc.,] constância etc., – em OCA2015.

⁵² Esse “como”, por não fazer sentido, – já que “a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia” não são “sentimentos” – e pelo paralelismo seguramente intencional (no autor) com o trecho antecedente – “os bons sentimentos, a justiça, a probidade, a inteireza, a constância” – não deveria existir. No primeiro trecho (matriz sequencial do paralelismo), não há “como”. *Lapsus calami*?

⁵³ humildade;] humaildade; – em OCA1994.

⁵⁴ ambicioso,] ambicioso; – em GN.

⁵⁵ cômplice,] cúmplice, – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

⁵⁶ régimen] regime – em CJG1989 e em OCA2015.

bolas cuja inscrição estivesse incorreta, uma vez que cinco pessoas jurassem ser o nome inscrito o próprio nome do candidato.

18 Este novo estatuto deu lugar a um caso novo e imprevisto, como ides ver. Tratou-se de eleger um coletor de espórtulas, funcionário encarregado de cobrar as rendas públicas, sob a forma de espórtulas voluntárias. Eram candidatos, entre outros, um certo Caneca e um certo Nebraska. A bola extraída foi a de Nebraska. Estava errada,⁵⁷ é certo, por lhe faltar a última letra; mas, cinco testemunhas juraram, nos termos da lei, que o eleito era o próprio e único⁵⁸ Nebraska da república. Tudo parecia findo, quando o candidato Caneca requereu provar que a bola extraída não trazia o nome de Nebraska, mas o dele. O juiz de paz deferiu ao peticionário. Veio então um grande filólogo, – talvez⁵⁹ o primeiro da república, além de bom metafísico, e não vulgar matemático, – o qual⁶⁰ provou a cousa nestes termos:

19 – Em primeiro lugar, disse ele, deveis⁶¹ notar que não é fortuita a ausência da última letra do nome Nebraska. Por que motivo foi ele escrito⁶² incompletamente? Não se pode dizer que por fadiga ou amor da brevidade, pois só falta a última letra, um simples *a*. Carência de espaço? Também não; vede;⁶³ há ainda espaço para duas ou três sílabas. Logo, a falta é intencional, e a intenção não pode ser outra⁶⁴ senão chamar a atenção do leitor para a letra *k*, última escrita, desamparada, solteira, sem sentido. Ora, por um efeito mental, que nenhuma lei destruiu, a letra reproduz-se no cérebro de dois modos, a forma gráfica,⁶⁵ e a forma sônica:⁶⁶ *k* e *ca*. O defeito, pois, no nome escrito, chamando os olhos para a letra final, incrusta desde logo no cérebro esta primeira sílaba: *Ca*. Isto posto, o movimento natural do espírito é ler o nome todo; volta-se ao princípio, à inicial *ne*, do nome *Nebrask*. – *Cané*. –⁶⁷ Resta a sílaba do meio, *bras*, cuja redução a esta outra sílaba *ca*, última do nome Caneca, é a cousa mais demonstrável do

⁵⁷ um certo Nebraska. A bola extraída foi a de Nebraska. Estava errada,] um certo Nebraska. Estava errada, – em PA1937. Esta variante já se encontrava nas edições Garnier (a segunda, de 1920, e a terceira, s.d.), uma das quais (ou ambas) deve ter servido de fonte para as edições W. M. Jackson.

⁵⁸ o próprio e único] o próprio e o único – em OCA1994 e em OCA2015.

⁵⁹ filólogo, – talvez] filólogo – talvez (sem a vírgula, com o travessão) – em OCA2015.

⁶⁰ matemático, – o qual] matemático; o qual – em GN; matemático – o qual (sem a vírgula, com o travessão) – em OCA2015.

⁶¹ – Em primeiro lugar, disse ele, deveis] – Em primeiro lugar – disse ele –, deveis (sem as vírgulas, com travessões, e com vírgula depois do terceiro travessão) – em OCA2015.

⁶² escrito] inscrito – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em PAGK1989, em CJG1998 e em OCA2015.

⁶³ vede;] vede: – em GN e em PAGK1989.

⁶⁴ Logo, a falta é intencional, e a intenção não pode ser outra] Logo, a falta é a intenção, não pode ser outra, – em PA1937 e em PA1952. Esta variante provém das edições Garnier de 1920 e s.d.; uma delas (talvez ambas) deve ter servido de base para as edições W. M. Jackson.

⁶⁵ gráfica,] gráfica – em PA1952.

⁶⁶ sônica:] sônica; – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

⁶⁷ *Nebrask*. – *Cané*. –] *Nebrask*, – *Cané*. – (com os dois travessões) – em PA1937; *Nebrask*, – *Cane*. – (com os dois travessões) – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994; *Nebrask*. – *Cane*. – (com os dois travessões) – em OCA2015.

mundo. E, todavia, não a demonstrarei, visto faltar-vos o preparo necessário ao entendimento da significação espiritual ou filosófica da sílaba, suas origens e efeitos, fases, modificações, consequências lógicas e sintáticas, dedutivas ou indutivas, simbólicas e outras. Mas, suposta a demonstração, aí fica a última prova, evidente e clara,⁶⁸ da minha afirmação primeira pela anexação da sílaba *ca* às duas *Cane*, dando este nome Caneca.⁶⁹

20 A lei emendou-se, senhores, ficando⁷⁰ abolida a faculdade da prova testemunhal e interpretativa dos textos, e introduzindo-se uma inovação, o corte simultâneo de meia polegada na altura e outra meia na largura do saco. Esta emenda não evitou um pequeno abuso na eleição dos alcaides, e o saco foi restituído às dimensões primitivas, dando-se-lhe, todavia, a forma triangular. Compreendeis que esta forma trazia consigo uma consequência: ficavam muitas bolas no fundo. Daí a mudança para⁷¹ a forma cilíndrica;

⁶⁸ evidente e clara,] evidente clara, – em PA1882 (erro tipográfico?); evidente, clara, – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em PAGK1989, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015. Restituímos a conjunção “e” ao texto com base na lição de GN.

⁶⁹ Se essa maluca demonstração com base na mutação das letras e dos sons dos dois nomes, por um lado, evoca certos artifícios do padre Vieira, em que sílabas e palavras ganham explicações a partir de suas letras (representações gráficas dos sons da língua), por serem elas (como tudo o mais no universo) obras do criador, por outro lembra muito claramente os raciocínios do filólogo e latinista Antônio de Castro Lopes (1827-1901), que, segundo John Gledson, foi “alvo da sátira machadiana desde pelo menos 1883” (em três crônicas de “Bons Dias!”). (GLEDSON, 2021) Observe-se que “A Sereníssima República” é de 1882. Machado de Assis satirizava os neologismos que o filólogo inventava a partir do latim para substituir estrangeirismos na língua portuguesa (como “cardápio”, para substituir “menu”, por exemplo). Os disparates do filólogo aracnídeo têm muita semelhança com o método “castrolópico” (neologismo usado pelo poeta Correia de Almeida, em *Sátiras, epigramas e outras poesias*, 1863) de explicar etimologias. Veja-se esta, da palavra “carnaval”, que Machado de Assis apresentou a seus leitores em crônica de 3 de março de 1895: “Tal é a filosofia do carnaval; mas qual é a etimologia? O Sr. Dr. Castro Lopes reproduziu terça-feira a sua explicação do nome e da festa. Discordando dos que veem no carnaval uma despedida da carne para entrar no peixe e no jejum da quaresma (*caro vale*, adeus, carne), entende o nosso ilustrado patricio que o carnaval é uma imitação das *lupercalis* romanas, e que o seu nome vem daí. Nota logo que as *lupercalis* eram celebradas em 15 de fevereiro; matava-se uma cabra, os sacerdotes untavam a cara com o sangue da vítima, ou atavam uma máscara no rosto e corriam seminus pela cidade. Isto posto, como é que nasceu o nome carnaval? / Apresenta duas conjecturas, mas adota somente a segunda, por lhe parecer que a primeira exige uma ginástica difícil da parte das letras. Com efeito, supõe essa primeira hipótese que a palavra *lupercalia* perdeu as letras *l*, *p*, *i*, ficando *uercala*; esta, torcida de trás para diante, dá *careual*; a letra *u* entre vogais transforma-se em *v*, e daí *careval*; finalmente, a corrupção popular teria introduzido um *n* depois do *r*, e ter *carneval*, que, com o andar dos tempos, chegou a *carnaval*. Realmente, a marcha seria demasiado longa. As palavras andam muito, em verdade, e nessas jornadas é comum irem perdendo as letras; mas, no caso desta primeira conjectura, a palavra teria não só de as perder, mas de as trocar tanto, que verdadeiramente meteria os pés pelas mãos, chegando ao mundo moderno de pernas para o ar. Ginástica difícil. A segunda conjectura parece ao Sr. Dr. Castro Lopes mais lógica, e é a que nos dá por solução definitiva do problema. / Ei-la aqui. ‘Era muito natural, diz o ilustrado linguista, que nessas festas se entoasse o *canto dos irmãos arvais*; muito naturalmente também ter-se-á dito, às vezes, *a festa do canto arval* (cantus arvalis), palavras que produziram o termo *canarval*, cortada a última sílaba de *cantus* e as duas letras finais de *arvalis*. De *canarval* a *carnaval* a diferença é tão fácil, que ninguém a porá em dúvida.” (ASSIS, 2021) Comparando as explicações de Castro Lopes para a origem da palavra “carnaval” com a demonstração abstrusa do filólogo aracnídeo, diga o leitor se não há um ar de família entre seus métodos e suas maneiras de argumentar.

⁷⁰ ficando] fibando (erro tipográfico) – em OCA1959.

⁷¹ para] pra – em PA1937.

mais tarde deu-se-lhe o aspecto de uma ampulheta, cujo inconveniente se reconheceu ser igual ao do triângulo,⁷² e então adotou-se a forma de um crescente, etc.⁷³ Muitos abusos, descuidos e lacunas tendem a desaparecer, e o restante terá igual destino, não inteiramente, decerto, pois a perfeição não é deste mundo, mas na medida e nos termos do conselho de um dos mais circunspectos cidadãos da minha república, Erasmus, cujo último discurso sinto não poder dar-vos integralmente. Encarregado de notificar a última resolução legislativa às dez damas,⁷⁴ incumbidas de urdir o saco eleitoral, Erasmus contou-lhes a fábula de Penélope, que fazia e desfazia a famosa teia, à espera do esposo Ulisses.

21 – Vós sois a Penélope da nossa república, disse ele ao terminar;⁷⁵ tendes a mesma castidade, paciência e talentos. Refazei o saco, amigas minhas,⁷⁶ refazei o saco, até que Ulisses, cansado de dar às pernas,⁷⁷ venha tomar entre nós o lugar que lhe cabe. Ulisses é a Sapiência.⁷⁸

FIM DA SERENÍSSIMA REPÚBLICA.⁷⁹

⁷² igual ao do triângulo,] igual ao triângulo, –em PA1882 (omissão tipográfica?), em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJK1998, em PAIT2005 e em OCA2015. Restauramos a partícula “do”, que dá correção lógica ao texto (“cujo inconveniente se reconheceu ser igual ao do triângulo”), com base em GN.

⁷³ crescente, etc.] crescente etc. – em OCA2015.

⁷⁴ damas,] damas – em PA1952.

⁷⁵ república, disse ele ao terminar;] república – disse ele ao terminar –; (sem a vírgula, com dois travessões, e com ponto e vírgula depois do último travessão) – em OCA2015.

⁷⁶ amigas minhas,] amigas, – em PA1937 e em PA1952. Esta variante provém das edições Garnier de 1920 e s.d.; uma delas (talvez ambas) deve ter servido de base para as edições W. M. Jackson.

⁷⁷ “Dar às pernas”: Fugir. (NASCENTES, 1966, p. 231)

⁷⁸ Na primeira ocorrência do nome “Penélope”, na edição de 2011 (Penguin Classics Companhia das Letras), Hélio Guimarães pôs a seguinte nota (que reproduzimos aqui, para acrescentar-lhe alguns comentários): “É proverbial a paciência de Penélope, personagem da mitologia grega que se entrega a uma atividade interminável enquanto espera o retorno do marido Ulisses, conforme narrado na *Odisseia*. Assediada por dezenas de pretendentes, Penélope promete decidir-se quando tiver terminado de tecer a mortalha para o pai de Ulisses, Laertes; para adiar a decisão, desmancha à noite aquilo que havia tecido durante o dia, o que lhe permite esperar o retorno de Ulisses da guerra de Troia.” (GUIMARÃES, 2011, p. 202) Essa fala de Erasmus, clara alusão a Erasmo de Roterdã, introduz no conto – uma fantasia alegórico-utópica, que cita explicitamente Thomas Morus (de quem Erasmo foi amigo) e Campanella – uma nota machadiana de ceticismo e de pessimismo. Isso entorna ironia sobre toda a fábula. Ao aconselhar as damas incumbidas de urdir o saco eleitoral a se comportarem como Penélope, ele atribui ao aracnídeo Erasmus a opinião de que não há correção possível neste mundo, não adianta empenhar-se em melhorias: a sociedade humana (representada alegoricamente na fábula das aranhas) persistirá nas fraudes e nos erros. E, ainda, se a expressão “dar às pernas” tiver no conto o sentido que Antenor Nascentes lhe atribui – o de “fugir” –, há uma ponta de malícia ou de humor na interpretação das peripécias de Ulisses.

⁷⁹ Em GN, ao pé do texto não vem esta frase, vem o nome do autor – assim: MACHADO DE ASSIS. Em OCA2015, ao final do texto vem esta informação: “Gazeta de Notícias, 20 de agosto de 1882; Machado de Assis.”

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CJG1998 – *Contos: uma antologia*, 1998, edição de John Gledson.
GN – *Gazeta de Notícias*.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.
PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

Referências

A BÍBLIA sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1867.

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista. São Paulo: Paulus, 2000.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas). *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 231, p. 1, 20 ago. 1882.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas). In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882. p. 225-239.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas) In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson, 1937. p. 243-258.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas) In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson, 1952. p. 239-253.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas). In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. II, p. 335-340.

ASSIS, Machado de. *Helena*. Texto estabelecido pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. Texto estabelecido pela Comissão Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas). In: *Papéis avulsos*. Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 1989, p. 145-152.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas). In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1994. v. II, p. 340-345.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas). In: *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas: John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 1, p. 391-400.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas). In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1994. v. II, p. 340-345.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas). In: *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 205-217.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas). In: *Papéis avulsos*. Prefácio de John Gledson; notas de Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

ASSIS, Machado de. A sereníssima república (conferência do cônego Vargas) In: *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2, p. 308-312.

ASSIS, Machado de. A semana – 144 (3 de março de 1895). Edição, apresentação e notas por John Gledson. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021.

DALLAS, N. S. Glossário. In: DARWIN, 2010, p. 253-263.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2010. [Coleção Folha: livros que mudaram o mundo; v. 1]

ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, s.d. 20v.

FONSECA, Gondim da. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 5v.

GLEDSON, John. Nota n. 3. In: ASSIS, 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOBIM, José Luís. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2001.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, 2001, p. 21-90.

NASCENTES, Antenor. *Tesouros da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

NOUVEAU Larousse universel. Dictionnaire encyclopédique en deux volumes. Publié sous la direction de Paul Augé. Paris: Larousse, 1953. 2t.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

Endereços eletrônicos:

https://en.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Büchner

O ESPELHO*

ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA

1 Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de cousas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

2 Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou¹ outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca;² e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão era³ a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

3 – Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (8 set. 1882, p. 1), PA1882 (p. 241-257), PA1937 (p. 259-276), OCA1959 (v. II, p. 341-346), PAGK1989 (p. 153-162), OCA1994 (v. II, p. 345-352), CJG1998 (v. I, p. 401-410), PAIT2005 (p. 219-233) e em OCA2015 (v. 2, p. 313-318). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gracinéa I. Oliveira e José Américo Miranda.

¹ ou] o – em PA1882 (erro tipográfico).

² nunca;] nunca: – em OCA2015.

³ era] é – em PA1937, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

4 Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dous ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão,⁴ tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões⁵ que se deduziram do tronco principal,⁶ e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, – uma conjectura,⁷ ao menos.⁸

5 – Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele;⁹ uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

6 – Duas?

7 – Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A¹⁰ alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par¹¹ de botas, uma cavatina,¹² um tambor,¹³ etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock,¹⁴ por

⁴ discussão,] discussão – em PA1937.

⁵ de questões] das questões – em PA1937.

⁶ principal,] principal – em PA1937.

⁷ opinião, – uma conjectura,] [opi]nião – uma conjectura, – em GN; opinião – uma conjectura, – em OCA2015.

⁸ Até este ponto, em GN, o texto vem na primeira coluna do rodapé, na primeira página do jornal; sua margem esquerda não aparece completamente no microfilme – cerca de duas ou três letras estão ocultas na reprodução da página. Essa falha, no entanto, não impediu o trabalho de edição, principalmente porque dispomos da primeira edição em livro (PA1882). É de interesse observar que o rodapé, que traz o título de “Folhetim”, tem oito colunas e ocupa pouco menos da metade inferior da primeira página do periódico.

⁹ opinião, redarguiu ele;] opinião, redarguiu ele: – em PAGK1989; opinião – redarguiu ele –; – em OCA2015.

¹⁰ A] Essa – em GN.

¹¹ um par] uma par – em PA1937.

¹² cavatina,] vacatina, – em PA1937.

¹³ tambor,] tambor – em OCA2015.

¹⁴ Shylock,] Shylock (em fim de linha) – em GN. Shylock: judeu rico, personagem da peça *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare.

exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal;¹⁵ *é um punhal que me enterras no coração*”.¹⁶ Vejam bem esta frase;¹⁷ a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

8 – Não?

9 – Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria,¹⁸ e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, – na verdade, gentilíssima, – que¹⁹ muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação,²⁰ a alma exterior substitui-se por outra:²¹ um concerto, um baile do Cassino, a rua²² do Ouvidor, Petrópolis...²³

10 – Perdão; essa senhora quem é?²⁴

11 – Essa senhora é parenta²⁵ do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião...²⁶ E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe;²⁷ restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

¹⁵ Tubal: outro judeu, amigo de Shylock, na peça *O mercador de Veneza*. Sobre as citações neste conto, ver estudo de Gisele Braga Guimarães.

¹⁶ *coração*]. *coção*”. – em PA1937; *coração*.” – em GN, em CJG1998 e em OCA2015.

¹⁷ frase;] frase: – em PAGK1989.

¹⁸ Consta que Camões teria escrito uma carta a d. Francisco de Almeida, em que havia estas palavras: “Enfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoado à minha pátria que, não só me contentei de morrer nela, mas com ela!” (JUROMENHA, 1860, p. 126 e p. 506; BELL, 1936, p. 51-52 e p. 113; MATA MACHADO FILHO, 1982, p. 120) Essa carta, informa Juromenha (e Bell), não existe; Faria e Sousa é que dá notícia dela numa nota manuscrita. (JUROMENHA, 1860, p. 506) A morte de Camões, como se sabe, ocorreu no mesmo ano (1580) em que Portugal caiu sob o domínio de Espanha.

¹⁹ senhora, – na verdade, gentilíssima, – que] senhora – na verdade, gentilíssima – que – em PA1937 e em OCA2015; senhora, – a na verdade, gentilíssima, – que – em OCA1959.

²⁰ estação,] estação (em fim de linha) – em PA1937.

²¹ outra:] outra; – em PA1937.

²² rua] Rua – em OCA1959, em PAGK1989 e em OCA1994.

²³ Petrópolis...] Petrópolis, etc. – em GN.

²⁴ quem é?] quem é?... – em GN.

²⁵ parenta] parente – em PA1937.

²⁶ Legião é o nome que o demônio atribui a si mesmo, nos evangelhos de s. Marcos (Mc 5,9) e de s. Lucas (Lc 8,30). Em Mc 5,9, diz o demônio: “Legião é o meu nome, porque somos muitos.” – em resposta à pergunta de Cristo: “Que nome é o teu?” Em Lc 8,30, lê-se: “E fez Jesus esta pergunta, dizendo: “Que nome é o teu? Ele então respondeu: Legião: porque eram em grande número os demônios que tinham entrado nele.”

²⁷ longe;] longe (em fim de linha) – na GN.

12 Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a ama²⁸ da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia.²⁹ A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que concerta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

13 – Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila,³⁰ note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura;³¹ e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes³² perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de³³ alguns rapazes,³⁴ que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina,³⁵ viúva do capitão Peçanha,³⁶ que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila,

²⁸ ama] alma – em PA1937, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

²⁹ O pomo da mitologia, por oposição ao “pomo da concórdia”, é o “pomo da discórdia”. Eis como Antenor Nascentes explica, em seu *Tesouro da fraseologia brasileira*, a expressão “pomo da discórdia”: “Pessoa ou coisa que dá motivo a uma desavença. A expressão se prende ao caso do julgamento de Páris. Não tendo sido convidada para as núpcias de Tétis e Peleu a fim de não surgirem desavenças, a deusa Discórdia lançou à mesa na hora do banquete uma maçã de ouro que logo pretenderam Juno, Minerva e Vênus. Não se podendo chegar a um acordo, resolveram os deuses submeter o caso ao julgamento do primeiro mortal que as três deusas encontrassem. Aconteceu que esse primeiro mortal foi o pastorzinho Páris, filho de Príamo, rei de Troia, relegado aos campos a fim de não causar a ruína do reino paterno, conforme um sonho havia predito. Cada deusa prometeu a Páris uma coisa excelente, se ele lhe desse o pomo. Juno, a felicidade conjugal; Minerva, a sabedoria e Vênus, o amor da mulher mais bela, Helena. Páris conferiu o prêmio a Vênus, teve o amor de Helena e assim deu origem à guerra de Troia, a qual deu cabo do reino de Príamo.” (NASCENTES, 1966, p. 240)

³⁰ Na vila,] Na vida, – em OCA1959.

³¹ A expressão “choro e ranger de dentes” aparece na Bíblia (Novo Testamento) algumas vezes; está associada às “trevas exteriores” (Mt 8,12 e Mt 25,30), à “fornalha de fogo” (Mt 13,42 e Mt 13,50), aos excluídos do Reino de Deus (Lc 13,28), e ainda em Mt 24,51.

³² estes] esses – em PA1937.

³³ Lembra-me de] Lembro-me de – em PA1937.

³⁴ rapazes,] rapazes – em OCA2015.

³⁵ D. Marcolina,] dona Marcolina, – em OCA2015.

³⁶ capitão Peçanha,] Capitão Peçanha, – em OCA1994.

porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe³⁷ dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá alferes³⁸ para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava,³⁹ não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI.⁴⁰ Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

14 – Espelho grande?

15 – Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque⁴¹ o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o “senhor alferes” merecia muito mais. O certo é que todas essas cousas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

16 – Não.

17 – O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte

³⁷ mãe] mãe, – em PA1937.

³⁸ alferes para cá alferes] alferes para cá, alferes – em GN, em PA1937, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

³⁹ morava,] morava – em PA1937.

⁴⁰ D. João VI.] dom João VI. – em OCA2015.

⁴¹ porque] por que – em OCA1994 e em OCA2015.

mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

18 – Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

19 – Vai entender. Os factos explicarão melhor os sentimentos;⁴² os factos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando.⁴³ Vamos aos factos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas⁴⁴ se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática⁴⁵ ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave;⁴⁶ uma de suas filhas, casada com um lavrador⁴⁷ residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado, e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto

⁴² os sentimentos;] as cousas; – em GN.

⁴³ Referência a Diógenes de Sínope, o Cínico. Hegel, em suas *Preleções sobre a História da Filosofia*, assim se refere a ele: “[Diógenes] refutou tais provas [apresentadas por Zenão de Eleia, sobre a tese de que “o movimento não tem verdade alguma”] da contradição do movimento, de maneira muito simples; levantou-se em silêncio e caminhou de cá para lá – ele as refutou pela ação.” (HEGEL, 1978, p. 203)

⁴⁴ humanas] humanas, – em GN, em PAGK1989, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

⁴⁵ apática] apática, – em GN.

⁴⁶ grave;] grave: – em GN e em PAGK1989.

⁴⁷ lavrador] lavrador, – em GN.

de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

20 – Matá-lo?

21 – Antes assim fosse.

22 – Causa pior?

23 – Ouçam-me.⁴⁸ Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre⁴⁹ quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém,⁵⁰ um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco⁵¹ atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinham⁵² saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; e à tarde⁵³ comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse⁵⁴ consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século,⁵⁵ no velho relógio da sala, cuja pêndula, *tic-tac, tic-tac*,⁵⁶ feria-me a alma interior, como um

⁴⁸ – Antes assim fosse. / – Causa pior? / – Ouçam-me.] Antes assim fosse. / Ouçam-me. (sem os travessões) – em PA1937.

⁴⁹ ninguém, entre] ninguém. entre – em PA1882 (erro tipográfico).

⁵⁰ tudo, nada, ninguém,] tudo, ninguém, – em PA1937.

⁵¹ era um pouco] era até um pouco – em GN.

⁵² tinham] tinha – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

⁵³ e à tarde] à tarde – em PA1937.

⁵⁴ tivesse] tivsse – em GN (erro tipográfico).

⁵⁵ século,] século – em PA1937.

⁵⁶ pêndula, *tic-tac, tic-tac*,] pêndula *tic-tac, tic-tac*, – em PA1937; pêndula, *tic-tac tic-tac*, – em CJG1998.

piparote contínuo da eternidade.⁵⁷ Quando,⁵⁸ muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow,⁵⁹ e topei com este famoso estribilho: *Never, for ever! – For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: – *Never, for ever! – For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. *Tic-tac, tic-tac.* Ninguém nas salas, na varanda, nos corredores,⁶⁰ no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

24 – Sim, parece que tinha um pouco de medo.

25 – Oh!⁶¹ fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra cousa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte,⁶² mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: – o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão⁶³ ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono,⁶⁴ a consciência do meu ser novo e único,⁶⁵ – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava

⁵⁷ da eternidade.] do eternidade. – em PA1882 (erro tipográfico).

⁵⁸ Quando, muitos] Quando. muitos – em PA1882 (erro tipográfico).

⁵⁹ Henry Wadsworth Longfellow: poeta norte-americano (Portland, 1807 – Cambridge, 1882), foi professor de línguas modernas na Universidade de Harvard (1835-1854). Autor, entre outras obras, de *Evangeline* (1847) e *Hiawatha* (1855). (Cf. SAGREDO, 1977, t. II, p. 203-204) O verso citado é do poema “The old clock on the stairs”. Machado introduz pequena variação na ordem das palavras, que vêm sempre assim no refrão (com aspas): “Forever – never! Never – forever!” (Cf. LONGFELLOW, 1865, p. 100)

⁶⁰ nas salas, na varanda, nos corredores,] nas salas, nos corredores, – em PA1937.

⁶¹ – Oh!] – Oh; – em PA1937.

⁶² “Tânato é o gênio masculino alado que personifica a Morte. Na *Ilíada*, surge como o irmão do Sono (*Hypnos*), sendo esta genealogia retomada por Hesíodo, que faz destes dois gênios os filhos da Noite.” (GRIMAL, 1993, p. 427)

⁶³ chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão] chamavam capitão – em PA1937.

⁶⁴ esvaía-se com o sono,] esvaía-se com o sono – em OCA2015; esvaía-se, com o sono, – em PAGK1989 e em PAIT2005.

⁶⁵ único,] único – em OCA2015.

dependente da outra, que teimava em não tornar...⁶⁶ Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Sœur Anne, sœur Anne, ne vois-tu rien venir?* Nada, cousa nenhuma; tal qual como na lenda francesa.⁶⁷ Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. *Tic-tac, tic-tac*. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como a tia⁶⁸ Marcolina, deixava-se estar. *Sœur Anne, sœur Anne...* Cousa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

26 – Mas não comia?

27 – Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo,⁶⁹ mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, líras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. Às vezes fazia ginástica; outras dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pêndula. *Tic-tac, tic-tac...*

28 – Na verdade,⁷⁰ era de enlouquecer.

29 – Vão ouvir cousa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias,⁷¹ deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o

⁶⁶ tornar...] tornar.... – em GN. Nesta ocorrência, as reticências estão representadas, em GN, por quatro pontos. Era comum, no século XIX, as reticências terem mais de três pontos, às vezes, até cinco.

⁶⁷ Trata-se da lenda de Barba Azul, recolhida por Charles Perrault. As palavras citadas no texto são as da última esposa de Barba Azul, quando ela, na iminência de ser morta por seu marido, indagava a sua irmã Anne se seus irmãos já vinham em seu socorro. (Cf. PERRAULT, 1884, p. 27-39) Edith Piaf, em 1953, ou seja, muito tempo depois da publicação do texto machadiano, fez uma belíssima música a partir do trecho do texto de Perrault: “*Soeur Anne, ne vois-tu rien venir? / Je vois des soldats couverts d’armes [...]*.” (ÉDITH, ver em: <<https://rb.gy/vffm8r>>; e PIAF, ver em: <<https://rb.gy/ryxpy4>>)

⁶⁸ como a tia] colo e tia – em PA1937.

⁶⁹ fogo,] fogo; – em GN.

⁷⁰ – Na verdade,] – Na verdade – em GN.

⁷¹ dias,] dias – em PAIT2005.

resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então⁷² tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. – Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto⁷³ de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro;⁷⁴ o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado,⁷⁵ mutilado...⁷⁶ Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente⁷⁷ por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha ideia...

30 – Diga.

31 – Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições⁷⁸ derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

32 – Mas, diga, diga.

33 – Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não⁷⁹ lhes digo nada;⁸⁰ o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco⁸¹ emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali

⁷² Então] E então – em GN.

⁷³ braço com gesto] braço, com um gesto – em GN.

⁷⁴ vidro;] vidro: – em GN.

⁷⁵ esgaçado,] esgarçado, – em OCA2015.

⁷⁶ mutilado...] mutilado.... – em GN. Novamente, reticências com quatro pontos em GN.

⁷⁷ Subitamente] Subitamente, – em PAGK1989.

⁷⁸ feições] feições – em PA1882 (erro tipográfico).

⁷⁹ não] Não – em GN.

⁸⁰ nada;] nada: – em PAGK1989.

⁸¹ pouco a pouco] pouco a pouco, – em GN, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regímen pude atravessar mais seis dias de solidão,⁸² sem os sentir...⁸³

34 Quando os⁸⁴ outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.⁸⁵

FIM DO ESPELHO.⁸⁶

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CJG1998 – *Contos*: uma antologia, 1998, edição de John Gledson.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.

PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.

PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.

PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

Referências

A BÍBLIA sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1867.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 250, p. 1, 8 set. 1882. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&pagfis=4214>. Acesso em: 20 jul. 2020.

⁸² solidão,] solidão – em PA1937.

⁸³ sentir...] sentir. – em GN.

⁸⁴ os] ou – em PAGK1989 e em PAIT2005 (erro tipográfico).

⁸⁵ Em GN, o conto traz, ao pé do texto, a indicação de autoria: MACHADO DE ASSIS. Em OCA2015, o conto traz, ao pé do texto, a seguinte informação: *Gazeta de Notícias*, 08 de setembro de 1882; *Machado de Assis*.

⁸⁶ FIM DO ESPELHO.] FIM DO ESPELHO – em PAIT2005; sem essa frase em PA1937, OCA1959, em PAGK1989, em CJG1998 e em OCA1994.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882. p. 241-257.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: ASSIS, Machado. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1937. p. 259-276.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. II, p. 341-346.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *A cartomante e outros contos: texto integral*. São Paulo: Moderna, 1988. p. 31-35. [Notas do editor e orientação de leitura: Douglas Tufano; Preparação de texto: Christina A. Binato.]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 1989. p. 153-162. [Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury.]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Contos: uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 1, p. 401-410. [Seleção, introdução e notas: John Gledson.]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II, p. 345-352.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 219-233. [Edição preparada por Ivan Teixeira.]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2, p. 313-318

BELL, Aubrey F. G. *Luís de Camões*. Trad. Antônio Álvaro Dória. Porto: Educação Nacional, 1936.

ÉDITH Piaf. Disponível em: <<https://rb.gy/vffm8r>>. Acesso em: 01 set. 2020.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

GUIMARÃES, Gisele Braga. A função das citações machadianas no conto “O espelho”. *Revista Argumento*, Jundiá, ano VI, n. 12, dez. 2004. Disponível em: <<https://rb.gy/l2srqt>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

HEGEL, Georg W. F. Crítica moderna. Trad. Ernildo Stein. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS: fragmentos, doxografia e comentários. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 198-207.

JUROMENHA, Visconde de. Vida de Luís de Camões. In; CAMÕES. *Obras de Luís de Camões* precedidas de um ensaio biográfico no qual se relatam alguns fatos não conhecidos da sua vida aumentadas com algumas composições inéditas do poeta pelo Visconde de Juromenha. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. v. I, p. 1-161.

LONGFELLOW, Henry Wadsworth. *The poetical works of Henry Wadsworth Longfellow*. Complete edition. London: George Routledge, 1865.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Introdução. In: CAMÕES. *Lírica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. p. 11-24.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

PERRAULT, Charles. *Les contes de Perrault*. Précédés d'une préface par J. T. de Saint-Germain. Paris: Théodore Lefèvre, 1884. p. 27-39. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57590567/f1.image>>.

PIAF, Édith. *Soeur Anne* (tradução). Disponível em: <<https://rb.gy/ryxpy4>>. Acesso em: 2 set. 2020.

SAGREDO, José. Versión y adaptación. *Diccionarios Rioduero Literatura II*. Madrid: Ediciones Rioduero, de EDICA, 1977. t. II.

TEIXEIRA, Ivan. Nota sobre a presente edição. In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. LXIII-LXVI.

ARTIGOS

O LABIRINTO DO SENTIDO

EM “NA ARCA”, DE MACHADO DE ASSIS

José Américo Miranda
Universidade Federal de Minas Gerais

Gilson Santos
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Este artigo analisa dois aspectos do texto “Na arca”, publicado em *Papéis avulsos* (1882) por Machado de Assis. A pontuação empregada para marcar o início dos diálogos no texto é examinada em suas relações com o comportamento dos personagens e com a significação da totalidade do texto. Em conexão com a pontuação, são também examinadas as imagens de animais e as escolhas lexicais a eles vinculadas para a caracterização dos personagens.

Palavras-chave: Literatura brasileira; conto; Machado de Assis; “Na arca”.

Este escrito – “Na arca” – de Machado de Assis foi publicado em *O Cruzeiro*, no dia 14 de maio de 1878, assinado com o pseudônimo Eleazar. Apenas uma semana antes, o autor havia publicado, com o mesmo pseudônimo, no mesmo periódico, “Antes da missa – conversa de duas damas”. Esses dois textos pertencem a um mesmo momento, e a um mesmo movimento, na evolução da prosa machadiana. John Gledson (2011, p. 11) chama atenção para os textos dessa época – os “últimos anos da década de 1870”. Segundo ele, em sua tentativa de compreender como o escritor chegou a *Papéis avulsos*, “há uma linha de especulação e de experimentação na ficção, também concentrada nos últimos anos da década de 1870, que conduz a *Papéis avulsos*, e que começa a contar a história do livro.”

A “conversa de duas damas”, intitulada “Antes da missa”, não entrou em *Papéis avulsos*, como, aliás, não entraram outros textos ficcionais muito interessantes – como “O bote de rapé”, “A sonâmbula – ópera cômica em sete colunas”, “Um cão de lata ao rabo”, “O califa de platina (conto árabe)”, “Filosofia de um par de botas” e “Elogio da vaidade” – todos originalmente publicados nas mesmas circunstâncias de “Na arca”.

I

“Na arca”: edição e percepção do texto

O que poderia ser simples peça humorística – paródia da Bíblia – acaba por ser uma intensa, vigorosa, extraordinária realização literária, obra de pensamento e sensibilidade. Como os textos sagrados, “Na arca” merece a máxima vigilância, semelhante à que os massoretas dedicavam à Bíblia hebraica. Nesse escrito machadiano, a exemplo do texto bíblico, exige minucioso desvelo a pontuação – o sentido não é ofício só das palavras, a pontuação também significa.

A importância deste aspecto – a pontuação –, na produção de sentido, não escapou à argúcia do padre Antônio Vieira, que escreveu no “Sermão da Terceira Dominga da Quaresma”, pregado na Capela Real, em 1655 (a citação é longa, mas Machado a merece, e “Na arca” também):

Perguntaram os controversistas, se assim como na Sagrada Escritura são de fé as palavras, serão também de fé os pontos e vírgulas? E respondem que sim; porque os pontos e vírgulas determinam o sentido das palavras; e variados pontos e vírgulas também o sentido se varia. Por isso antigamente havia um conselho chamado dos *Massoretas*, cujo ofício era conservar incorruptamente em sua pureza a pontuação da Escritura. Esta é a galantaria misteriosa daquele Texto dos Cânticos: *Murenulas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento*. Diz o Esposo Divino que fará a sua Esposa umas arrecadas de ouro, esmaltadas de prata: e o esmalte (segundo se tira da raiz hebreia) era de pontos e vírgulas; porque em lugar de *Vermiculatas*: leem outros: *Punctatas; virgulatas argento*. Mas se as arrecadas eram de ouro por que eram os esmaltes de prata, e formados de pontos e vírgulas? Porque as arrecadas são ornamentos das orelhas onde está o sentido da fé: *Fides ex auditu*: e nas palavras de fé, ainda que os pontos e vírgulas pareçam de menos consideração (assim como a prata é de menos preço que o ouro) também pertencem à fé tanto como as mesmas palavras. As palavras, porque distinguem e determinam o sentido. Exemplo. *Surrexit: non est hic*. Ressuscitou; não está aqui. Com estas palavras diz o evangelista que Cristo ressuscitou: e com as mesmas (se se mudar a pontuação) pode dizer um herege, que Cristo não ressuscitou. *Surrexit? Non; est hic*. Ressuscitou? Não; está aqui. De maneira que só com trocar pontos e vírgulas, com as mesmas palavras se diz, que Cristo ressuscitou; e é fé: e com as mesmas se diz, que Cristo não ressuscitou; e é heresia. Vede quão arriscado ofício é o de uma pena na mão. Ofício, que, com mudar um ponto, ou uma vírgula, da heresia pode fazer fé, e da fé pode fazer heresia. Oh que escrupuloso ofício! (VIEIRA, 1959, t. III, p. 198-199)

Quando se edita um texto – e nós preparamos uma edição de “Na arca”¹ – a convivência com ele é muito próxima, e muito intensa. O confronto do texto de base com outras 10 edições – foi este o caso de “Na arca” – implica 11 leituras; e a diligente revisão do trabalho feito, outras 11. Nessas circunstâncias, uma série de pequenos detalhes, que mal chamam a atenção numa leitura corrente, saltam do esconderijo e do disfarce ao primeiro plano. Foi o que sucedeu à pontuação dos “três capítulos inéditos do Gênesis” – e não só à pontuação –, mas também ao tratamento dado a certas imagens e escolhas lexicais. Alguns de tais detalhes são aqui objeto de comentário.

Dos textos confrontados com o da primeira edição em livro, nos *Papéis avulsos*, apenas um é anterior a 1882. Este texto (publicado em *O Cruzeiro* em 14 de maio de 1878) serve-nos para avaliar principalmente duas coisas: se o escritor, para a publicação em livro, o corrigiu ou aperfeiçoou (ou fez qualquer outra alteração – e fez!); ou se os tipógrafos ou revisores introduziram alterações indesejáveis (voluntárias ou não). Lapsos tipográficos são frequentes, sempre acontecem; há uma máxima que diz que não há edições sem erros! Essas distinções, no campo das variantes textuais, nem sempre fáceis de serem feitas, devem ser apreciadas com o máximo de cautela, e eventuais intervenções ou escolhas do editor do texto devem ser feitas com a mão na consciência (sempre que possível justificadas em notas).

Os demais outros (dez) testemunhos servem a outros fins: se publicados em vida do autor poderiam ainda conter aperfeiçoamentos (“Na arca” teve uma publicação posterior ao livro, em 1889, no periódico *Vassourense*); se publicados postumamente, podem conter apenas “erros” (ou variantes) – mas variantes que nos contam uma história: a dos modos como o texto foi tratado na posteridade. Tais variantes, se por vezes são meros “erros”, equívocos de impressão, ocasionalmente são também “correções” de quem leu o texto com muita atenção (ao editá-lo), intervenções que, eventualmente, podem revelar o entendimento que dele tiveram ao longo do tempo.

Voltemos, porém, nossa atenção para o objeto do comentário: o texto, tal como se encontra na edição de 1882. Chama logo a atenção do leitor, em “Na arca”, a dupla sinalização dos diálogos: as falas dos personagens vêm precedidas de travessão e aspas. Diz a norma – norma do nosso tempo, é certo, mas já o senso de equilíbrio a fazia valer no tempo de Machado de Assis: “Não se devem aplicar simultaneamente [no discurso direto de personagem] o travessão inicial e aspas, o que, além de redundante para o destaque da fala, produz um efeito gráfico desagradável.” (ARAÚJO, 1986, p. 64)

Entre os usos do travessão, dois são aqui de interesse: eles se prestam para sinalizar o início do discurso direto de personagens, e para destacar algum trecho intercalado em determinada sequência frasal. Neste último emprego, os travessões podem ser comparados às vírgulas (e muitas vezes podem ser substituídos por elas) ou

¹ A edição que preparamos de “Na arca” pode ser encontrada neste número da *Machadiana Eletrônica*.

aos parênteses. Dessas três opções, diz-nos nossa própria intuição que os travessões destacam; as vírgulas mantêm a expressão intercalada no mesmo nível de importância, no mesmo registro tonal (digamos assim) do restante do período; e os parênteses tendem a pôr em surdina o trecho intercalado, como se o quisessem aproximar do silêncio, reduzir-lhe a importância.

As aspas, por sua vez, servem usualmente para dar realce a certa palavra ou trecho de discurso – além de servir, é claro, para isolar citações diretas de outros textos. Da ideia de citação passa-se facilmente à de fala de um personagem, que é sempre o discurso de um “outro”. A citação, como a fala de um personagem, vem (quase) sempre inserida num discurso que lhe é exterior; no caso da fala de um personagem, o discurso de um narrador.

É principalmente do uso combinado desses dois sinais – em “Na arca” – que trataremos em seguida. Há oscilações nesse uso: as aspas nem sempre acompanham o travessão. Essas oscilações, por sua vez, podem estar associadas, no plano da significação, ao tratamento dado às imagens e às escolhas lexicais do autor.

A regra geral, nos textos machadianos (contos e romances, principalmente), no tocante aos diálogos, é o emprego simples e discreto do travessão. É o quanto basta para sinalizar o início do discurso de personagem. Tal foi o sistema adotado em *Iaiá Garcia*, por exemplo, que saiu em folhetim, como “Na arca”, no mesmo periódico (*O Cruzeiro*) e no mesmo ano (1878).

Que necessidade haveria, “Na arca”, da dupla sinalização? De início, pensamos que fosse o uso no texto sagrado mais frequentado pelo autor. Fomos à Bíblia do padre Antônio Pereira de Figueiredo, de 1866, que Machado possuía em sua biblioteca. Ledo engano nosso: na Bíblia do padre Figueiredo a simplicidade é máxima – em seguida aos verbos *dicendi* há apenas dois-pontos; nem travessão, nem aspas, nem qualquer outro recurso gráfico sinaliza as falas.

Há mais concisão e economia na Bíblia. Nela, os versículos são numerados, sem qualquer pontuação depois dos números; no texto machadiano há ponto e travessão – nele, todos os versículos começam assim (apenas o versículo C,28 não traz o ponto-final, por lapso tipográfico, em *Papéis avulsos*, 1882). Outro lapso, em outra edição: em *O Cruzeiro*, o versículo A,13 vem assim: “23. —”²

Além de marcar o início do versículo, juntamente com o ponto que vem depois do número, o travessão, quando o versículo começa com a fala de um personagem, acumula outra função: a de marcar o início dessa fala. Nesse caso, portanto, ele acumula as duas funções – de marcar os dois inícios.

Veja-se, a título de exemplo, o versículo B,5:

² Os versículos indicados neste artigo vêm precedidos da letra maiúscula (A, B ou C) que indica o capítulo a que pertencem. Todas as citações feitas aqui são da edição que preparamos – ver nota 1.

4. – E Sem propôs a Japhet que compensasse os dez côvados perdidos, medindo outros tantos nos fundos da terra dele. Mas Japhet respondeu:

5. – “Por que me não mandas logo para os confins do mundo? Já te não contentas com quinhentos côvados; queres quinhentos e dez, e eu que fique com quatrocentos e noventa.

A fala de Japhet, que começa no versículo B,5, vem precedida de travessão. Esse sinal, entretanto, marca também, ao mesmo tempo, o início do próprio versículo – basta examinar o sinal no versículo anterior (B,4), para constatar a diferença entre os dois.

* * *

II Capítulo A

Ditas essas palavras, passemos ao texto de “Na arca” – capítulo A. A primeira fala de Noé ocorre já no primeiro versículo; ela como que estabelece o padrão a ser utilizado ao longo do texto – vem precedida por travessão e aspas, a já mencionada dupla sinalização, que marcará o início das falas ao longo do texto. O versículo A,2, por conter ainda a fala de Noé, traz aspas no início. Naquele tempo, toda citação trazia estas aspas (além das aspas iniciais), quando o texto citado era longo: ou em todas as linhas, ou em todos os inícios de novo parágrafo, ou em início de novo verso, ou em início de nova estrofe – como que para lembrar ao leitor que a citação (fala de outro) continua. No segundo versículo entretanto, no interior da fala de Noé, há outro discurso: é a fala do Senhor, que ordenou a construção da arca e prometeu nela salvar do dilúvio a Noé, aos seus, e a casais de todos os animais.

A distância de Noé a Deus é mínima: a pontuação, antes tão enfática, duplicada, agora não existe – “quando [o Senhor] me disse: Resolvi dar cabo de toda a carne; o mal domina a terra, quero fazer perecer os homens.” (A,2) A intimidade é grande, não há protocolos. Entre Noé e os outros homens, e entre estes, de uns a outros, há distância, há distinção; entre Noé e Deus, não. Quanto pode a pontuação de um texto! Ao final do versículo A,4, fecham-se as aspas; termina a fala de Noé a seus três filhos.

Tendo-se afastado Noé, conversam os filhos entre si. Até o versículo A,10 (inclusive), conversam eles “civilizadamente”, com as sinalizações duplicadas no início de cada fala; cada um é cada um, as individualidades estão dadas. A pontuação nesse trecho conforma-se ao padrão estabelecido no princípio do texto; mas as palavras trazem a semente do que está por acontecer. Na utopia envenenada de Japhet, com sua sede de propriedade, sua ambição, com a projeção de que “toda a terra será nossa” (A,7), avança a ideia de Sem – “podíamos viver em tendas separadas” (A,9).

Com toda a terra disponível, a imaginação proprietária dos irmãos termina por sonhar com propriedades bem delimitadas – tudo o que sobra de terra não lhes importa.

Japhet propõe que, ao descerem da arca, cada um demarque duzentos côvados de terra – e é neste ponto que dispara o gatilho da pontuação, que perde o travessão depois que Sem diz achar pouco os “duzentos côvados” propostos pelo irmão. Japhet tem sua impaciência manifestada pela pontuação: “Pois sejam quinhentos cada um” (A,11) – diz ele, numa espécie de aflição causada por seus próprios tormentos e frente à ambição de Sem. Já não há travessão antes de sua (de Japhet) fala.

E Sem não fica atrás de Japhet, feitos que são do mesmo barro, do mesmo sangue: “Mas o rio? a quem pertencerá a água do rio, a corrente?” (A,13) – indaga ele, revidando ao ímpeto de Japhet, aprofundando e fazendo avançar (em fala a que falta também o travessão) os motivos da desavença.

Esses rompantes discursivos, sinalizados pela ausência dos travessões, alternam-se com o retorno a uma postura convencionalmente (mais) equilibrada, com a retomada do emprego dos travessões nas falas seguintes.

O modo de marcar o início das falas nos diálogos – ora com travessão e aspas, ora só com aspas – varia ao longo do texto. Parece-nos que tal oscilação exerce uma função expressiva na narrativa; ela faz sentido. Por esse motivo, respeitamos em nossa edição³ todas as ocorrências dessa “irregularidade” de sinalização presentes no texto de base (1882). Há, entretanto, outras passagens em que a pontuação se apresenta com algum tipo de “problema” – circunstâncias em que cada caso foi submetido a exame crítico por parte dos editores. Em nossa interpretação, as ocorrências da oscilação assinalada – presença ou ausência do travessão no início das falas – formam um sistema de significação, o que não ocorre nos outros casos.

Vimos que a ausência de travessão ocorre pela primeira vez nos versículos A,11-14. Logo em seguida, no versículo A,17, ocorre um vocábulo – “bugiar” –, cujo sentido, “fazer macaquices”, guarda relação com o sistema de significação existente na pontuação. O sentido dessa escolha lexical se esclarecerá na sequência de nossa análise.

* * *

III Capítulo B

No segundo capítulo, aprofunda-se a discórdia entre os irmãos. Cham, que a tudo assistia e que desde o capítulo anterior tentava conciliá-los, propôs-se a chamar a mulher dos dois, mas ambos recusaram. (Sem era o filho mais velho de Noé, Cham o do meio, e Japhet o mais novo.) As falas de Cham, enquanto ele está junto aos irmãos, como pacificador, nos capítulos A e B, são sempre precedidas pela dupla pontuação. Isso mudará um pouco adiante, na presença do pai, ainda no segundo capítulo.

³ Ver nota 1.

À proposta de Sem, para que Japhet “compensasse os dez côvados perdidos [porque Sem afirmara que ficaria com ambas as margens do rio que lhes separava as terras], medindo outros tantos nos fundos da terra dele” (B,4), Japhet reage com uma resposta longa – ela se estende pelos versículos B,5-8 – que é ambígua do ponto de vista da pontuação. Começasse ela no interior do versículo, provavelmente viria sem o travessão; porém, como seu início coincide com o do versículo, o travessão que sinaliza todos os versículos serve a ambos os ofícios: o de sinalizar o versículo e o de iniciar a resposta de Japhet.

O fato é que a temperatura está aumentando, “Sem avançou para Japhet” – mas Cham se interpôs entre eles, “pondo uma das mãos no peito de cada um” (B,9). De algum modo, do ponto de vista filosófico-moral, o episódio chega a um ponto crucial, com o versículo seguinte: “10. – Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dous irmãos, e começaram a vigiar-se um ao outro.”

Aparecem aí, à margem da luta fratricida, dois espectadores muito especiais, o lobo e o cordeiro, símbolos do modo de convivência dos homens uns com os outros. Nessa posição, quase à metade da peça ficcional machadiana, esse versículo se alça à condição de suma da história humana. Deus estava descontente com a humanidade, por isso determinou o dilúvio, para extingui-la toda, com exceção de Noé e os seus – por haver sido ele reconhecido pelo Senhor como o único justo em sua geração.

Esse versículo sofreu relevante intervenção do autor, no processo de transmissão do texto publicado no periódico *O Cruzeiro* para a edição em livro (1882). No rodapé do jornal, o versículo vinha assim: “10. – Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dous irmãos, *estendendo o focinho sobre as patas dianteiras*[.]” (grifo nosso)

A alteração introduzida foi decisiva: traços distintivos dos animais foram removidos – “focinho” e “patas dianteiras” –, e substituídos por atividade cerebral própria de seres racionais – “começaram a vigiar-se um ao outro” –, resultante de desconfiança surgida em decorrência do comportamento “irracional” dos filhos de Noé. Qualidades racionais são atribuídas a animais em oposição a uma progressiva “animalização” dos seres humanos, que já havia dado sinais de si, e que se aprofundará ao longo do texto, conforme ainda veremos – e de tal modo que o individualismo do ser humano fica intimamente associado a esse processo.

Dos filhos de Noé, Cham é o que aparece como moderador do conflito. No versículo anterior àquele em que aparecem o lobo e o cordeiro, ele se apresenta como mediador – literalmente no meio – no desentendimento entre os outros dois irmãos. O tratamento dado à imagem realiza visualmente a ideia da mediação.

Nos dois parágrafos que se seguem à fórmula alegórica do lobo e do cordeiro, Cham expõe sua “ideia maravilhosa, que há de acomodar tudo”: “Sacrificarei pois a terra que me couber ao lado de meu pai, e *ficarei com o rio e as duas margens*, dando-me vós uns vinte côvados cada um” (B,11 – grifo nosso). Não seria excessivo lembrar que a fábula do lobo e do cordeiro, que remonta a Esopo, traz os dois animais à margem de um curso d’água.

Com a aparência de conciliadora, a proposta de Cham é também maliciosa: ela oculta o valor da água – elemento necessário aos dois outros irmãos, para o cultivo de suas terras. Cham é lobo e cordeiro ao mesmo tempo. Fica aí um verso, em meio a nossa prosa. Em outras palavras: Cham não é feito de matéria distinta da de seus irmãos.

Depois do dilúvio, como que arrependido, disse Deus lá consigo (Gn 8,21): “Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens: porque o sentido, e o pensamento do coração do homem são inclinados para o mal dès da sua mocidade. Não tornarei pois a ferir vivente algum, como fiz.” Inacreditável esquecimento este! o Senhor esquecer-se da natureza que dera ao homem! e assim, plantar dentro da arca os males que desejava punir! Exemplarmente estavam lá o lobo e o cordeiro.

Consoante à suposta “ilusão” de Deus, de que o dilúvio purificaria a humanidade, Machado de Assis compôs e publicou em *Crisálidas* um poema – “O dilúvio” –, do qual transcrevemos três estrofes:

Só, como a ideia única
De um mundo que se acaba,
Erma, boiava intrépida,
A arca de Noé;
Pura das velhas nódoas
De tudo o que desaba,
Leva no seio incólumes
A virgindade e a fé.

Lá vai! Que um vento alígero,
Entre os contrários ventos,
Ao lenho calmo e impávido
Abre caminho além...
Lá vai! Em torno angústias,
Clamores e lamentos;
Dentro a esperança, os cânticos,
A calma, a paz e o bem.

Cheio de amor, solícito,
O olhar da divindade,
Vela os escapos naufragos
Da imensa aluvião.
Assim, por sobre o túmulo
Da extinta humanidade
Salva-se um berço: o vínculo
Da nova criação.

Como se vê, a ideia central é a de que no interior da arca não penetrou o mal; nela só haveria “a calma, a paz e o bem.” Já em “Na arca”, a questão é colocada em termos mais “pessimistas” – se é que o pessimismo não implica a prevalência de um dos polos do pensamento dialético.

A proposta de Cham, feita aos irmãos, não foi acatada por eles. Ele, então, retira-se, vai ao encontro do pai e das mulheres dos irmãos – em busca de auxílio. Enquanto isso, sobe novamente a temperatura: e além da pontuação, há algo notável que ocorre nos versículos B,16-17. Sem diz, irado, a Japhet (sem que a fala seja sinalizada por travessão): “Não te cedo nada, gatuno!” Eis o versículo seguinte: “17. – Ao que Japhet retorquiu irado: ‘gatuno és tu!’”

Não é apenas a ausência do travessão que marca a réplica de Japhet; a inicial minúscula em “gatuno”, palavra que inicia sua frase, é significativa, relevante: ela é como que trazida da fala do antagonista – e vem, digamos, em trajes menores, com a roupa que trazia na ocasião. Como todas as outras irregularidades que vimos assinalando, essa inicial minúscula poderia ser um erro tipográfico; porém, somados todos os equívocos, seriam equívocos demais em texto tão breve – o número deles é suficiente para estropiar qualquer texto. E, embora o autor tenha corrigido essa passagem, que era diferente (do que é no livro) em *O Cruzeiro* (1878), ele nem tocou na inicial minúscula! É compreensível que o editor desse escrito machadiano tenda a corrigir a inicial minúscula, elevando-a a maiúscula. Entretanto, entendida no contexto das oscilações não aleatórias da pontuação inicial das falas (que ocorrem em momentos em que assumem significados expressivos), parece-nos necessário respeitar o texto-base (ainda que a inicial minúscula tenha sido introduzida no texto pelo acaso).

A partir do versículo em que o lobo e o cordeiro (figuras que recebem atributos humanos) aparecem, intensifica-se a caracterização dos irmãos em litígio por meio de atributos animais – processo este associado às alterações de pontuação, que com clareza indicam momentos em que eles agem passionalmente, ou de modo irracional. Em reação à proposta de Cham (segundo a qual os dois lhe cederiam o rio e suas margens), Japhet imita “o silvo da serpente” (B,13); ao lutarem fisicamente, eles suam e bufam “como touros” (B,20); e Japhet diz que Sem o feriu com suas “unhas de tigre” (C,19). Além disso, há no texto certas escolhas vocabulares relacionadas a animais: ambos se agridem verbalmente, chamando um ao outro de “gatuno” (B,16-17), e ambos lutavam com “os dentes e as unhas”. E, ainda, há palavras depreciativas usadas na caracterização deles: “beiços” (B,21) e “cara” (C,2; C,18 e C,19). Tudo isso é desenvolvimento de um sistema de significações, cujo primeiro vestígio estava em “bugiar” (A,17). O resultado é a animalização dos indivíduos, quando sob o domínio de forças irracionais.

Quando deixados a sós por Cham, que foi ter com o pai, Sem e Japhet partem para o confronto físico (a partir de B,16), “e a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu” (B,22). Esse momento coincide com a precipitação com que Sem se chega a seu pai, e então lhe diz palavras que o pai não entende – palavras precedidas, diga-se, apenas de aspas (sem o travessão). Quando recobra o entendimento, Sem lhe pede que vá em socorro dos irmãos, e então sua fala já vem precedida do travessão. E Noé lhe diz: – “Vamos.”⁴ (B,24).

* * *

IV Capítulo C

O terceiro capítulo começa com os irmãos atacadados, e com a chegada de Noé e das duas mulheres (de Sem e de Japhet). Sem, imobilizado pelo irmão, grita (sem o travessão que precede a fala): “Larga-me, larga-me.” (C,3) As duas mulheres, aflitas diante da cena, indagam (também sem o travessão): “O que será de nós? A maldição caiu sobre nós e nossos maridos.” (C,4)

O próprio Noé se contamina da tensão que está no ar; suas falas – a primeira dirigida às mulheres, ordenando-lhes que se calem (C,5); e a segunda aos filhos, para que cessem a luta (C,6-7) – também vêm sem o travessão inicial. Ainda no versículo C,12, Noé está transtornado (o que se sabe pela pontuação, que não traz o travessão): “Ora, pois, quero saber o motivo da briga.”

Na resposta atropelada de Japhet, se há travessão, é o sinal protocolar do início do versículo C,14; não se trata, propriamente, de sinalização de início de fala. Ele faz acusações contra Sem, para justificar seu destempero. Ao voltar-se para Sem, Noé ainda está transtornado. Sem, por sua vez, enquanto o irmão falava, já se havia recomposto; sua fala já traz o travessão e as aspas convencionais desses capítulos do *Gênesis* – é que ele quer convencer o pai de que a razão está do seu lado.

Na fala de Japhet (C,14-15), há um diálogo entre ele e Sem, que é relatado a Noé. Portanto, Japhet, além de personagem que fala em nome próprio, torna-se momentaneamente “narrador”. Tal é a sua confusão, que na fala de Sem, citada por ele, também não há travessão.

No versículo C,22, Noé recupera a voz de autoridade e sua fala inclui isto: “antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas.” Observe-se o “antes de descer a arca” – sinal de que depois de haverem baixado as águas do dilúvio, a aventura antediluviana pode recomeçar. Os conflitos da história humana, os sistemas econômicos modernos estão como que previstos aí – a

⁴ Economizamos aqui – para evitar aspas sobre aspas, e para não reduzir aspas duplas muito relevantes a aspas simples – economizamos aqui as aspas a que estaríamos obrigados por ser o trecho citado.

cena narrada, do embate entre os irmãos ocorrido no interior da arca, funciona como uma espécie de alegoria do mundo contemporâneo, com o individualismo excessivo, a má distribuição de riquezas, as guerras por questões de limites... O ponto de vista de Noé fica bem próximo do ponto de vista de Deus, expresso em Gn 8,21 – já citado.

Justifica-se assim o versículo C,24 – “Depois ficou meditando.” –, em que, supostamente, por sua intimidade com Deus, Noé antevê o futuro, em fala que os filhos não puderam entender: 26. – “Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?”

Estava em curso, naquele ano (1878), uma das muitas guerras russo-turcas por questões de limites; a Rússia, desde o século XVI, em sucessivas guerras com a Turquia, vinha avançando em direção ao mar Negro e ao Mediterrâneo, expandindo seu território e sua zona de influência. Machado de Assis, sempre atento à miúda e à grande história, não deixou de fazer desse experimento literário uma alegoria do processo histórico em que ele próprio, assim como seu tempo, estava mergulhado.

“A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo.”

THE LABYRINTH OF MEANING

IN “NA ARCA”, BY MACHADO DE ASSIS

Abstract: *This paper analyzes two aspects of the text “Na arca”, published in Papéis avulsos (1882) by Machado de Assis. The punctuation used to mark the beginning of the characters’ speeches in the text is examined in its relations of meaning with the behavior of the characters and with the text as a whole. Associated with the punctuation, the images of animals and the lexical choices linked to them for the representation of the characters are also examined.*

Keywords: *Brazilian literature; short story; Machado de Assis; “Na arca”.*

Referências

A BÍBLIA sagrada, contendo o velho e o novo Testamento; traduzida em português segundo a vulgata latina, por Antônio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de Harrison e Filhos, 1866.

Disponível em:

<<https://archive.org/details/bibliasagradacon00figu/page/6/mode/2up?view=theater>>.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

ASSIS, Machado de. Na arca. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 8, n. 15, [ainda sem numeração das páginas], jan.-jun. 2025. Publicação antecipada disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/40989/27720>>.

GLEDSO, John. Prefácio. *Papéis avulsos*, um livro brasileiro? In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 7-32.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 21-90.

VIEIRA, Antônio. Sermão da Terceira Dominga da Quaresma. Pregado na Capela Real, no ano de 1655. In: *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959. t. III. p. 171-215.

**SEQUESTRO DE UM RETRATO: O CONTO “D. BENEDITA”,
DE MACHADO DE ASSIS, – D’A *ESTAÇÃO* AOS *PAPÉIS AVULSOS***

José Américo Miranda
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este artigo aborda aspectos técnicos da narrativa no conto “D. Benedita”, de Machado de Assis. Tendo editado o conto, constatou o autor do estudo que houve duas pequenas perdas textuais, na passagem do periódico em que foi publicado pela primeira vez (*A Estação*, 15 de abril a 15 de junho de 1882) para o livro em que foi incluído depois – *Papéis avulsos* (1882). A pertinência dos dois trechos perdidos à estrutura da narrativa justifica, na visão do editor do conto, a sua inclusão na nova edição deste conto, tão importante na obra do autor.

Palavras-chave: Crítica Textual, Conto, Machado de Assis, D. Benedita.

I

Os textos reunidos por Machado de Assis em *Papéis avulsos* já haviam sido, todos eles, divulgados em periódicos. Para a finalidade deste artigo, importa que identifiquemos os periódicos em que apareceram pela primeira vez os doze textos do livro. Constam da obra os seguintes escritos (é como Machado de Assis se refere aos textos, já que metade deles não tem estrutura narrativa de “conto” – cf. BRANDÃO, 2021, p. 101-125) – vão assinalados, entre parênteses, adiante de cada texto, o periódico e a data da publicação original: “O alienista” (*A Estação*, 15 out. 1881 a 15 mar. 1882), “Teoria do medalhão” (*Gazeta de Notícias*, 18 dez. 1881), “A chinela turca” (*A Época*, 14 nov. 1875), “Na arca” (*O Cruzeiro*, 14 maio 1878), “D. Benedita” (*A Estação*, 15 abr. a 15 jun. 1882), “O segredo do Bonzo” (*Gazeta de Notícias*, 30 abr. 1882), “O anel de Polícrates” (*Gazeta de Notícias*, 2 jul. 1882), “O empréstimo” (*Gazeta de Notícias*, 30 jul. 1882), “A sereníssima república” (*Gazeta de Notícias*, 20 ago. 1882), “O espelho” (*Gazeta de Notícias*, 8 set. 1882), “Uma visita de Alcibiades”

(*Jornal das Famílias*, out. 1876) e “Verba testamentária” (*Gazeta de Notícias*, 8 out. 1882). (Cf. SOUSA, 1955, *passim*)

Como se vê, o texto mais antigo apareceu em 1875 (“A chinela turca”), e a maioria deles em 1882 – ano em que foi publicado o livro, no mês de novembro. Vê-se, também, que apenas dois (“O alienista” e “D. Benedita”) dos doze textos saíram em *A Estação*, periódico publicado pelos editores Lombaerts, casa que publicou depois o livro *Papéis avulsos*. Esse conjunto de dados será relevante para o desenvolvimento de nosso raciocínio.

Estudaremos aqui apenas o caso de “D. Benedita”; “O alienista” será examinado em outra oportunidade. Este é uma narrativa longa, que não editamos ainda (mas temos indícios, a partir de um exame preliminar, superficial, de que o sucedido com “D. Benedita” – o uso da mesma composição tipográfica no periódico e no livro – se deu também com ele, que é a primeira e a mais longa das narrativas do livro).

A que propósito essas considerações? Veremos. *Papéis avulsos* é um livro curioso, em si mesmo e por alguns detalhes de sua história.

Vamos primeiro a uma fração da história: embora seja um dos importantes livros do autor (é verdade que ele os tem às pencas), livro-irmão das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a Comissão Machado de Assis – instituída em 19 de setembro de 1958, por portaria do presidente da república Juscelino Kubitschek de Oliveira, para estabelecer o texto crítico das obras machadianas (Cf. CAMPOS, 2018, p. 8) – não se debruçou sobre ele, que ficou (no tocante a isso) quase isolado, tendo apenas por companheiro o volume das *Páginas recolhidas* (1899). A Comissão não lhe estabeleceu o texto, não nos deu dele uma edição crítica.

A série das edições críticas da obra machadiana começou justamente pelas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cujos critérios de estabelecimento do texto, preparados por Antônio Houaiss (1960, p. 45-102) e expostos na “Introdução crítico-filológica” da primeira edição crítica dessa obra (reproduzida nas edições subsequentes da edição crítica das *Memórias*), serviram de modelo para a edição dos demais volumes. Voltaremos adiante à história de *Papéis avulsos* (ou de parte dele): aos caminhos de “D. Benedita”, um dos contos do livro, dedicaremos uma das partes deste estudo.

De um escaninho da história, passemos à obra: o título, em si mesmo, já representa algum desafio. Machado de Assis o propôs como uma espécie de enigma – escreveu ele, na “Advertência” que antepôs aos textos:

Este título de *Papéis avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa.

Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil. O livro está nas mãos do leitor. Direi somente que há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que o não são, defendendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendendo-me com S. João e Diderot. (ASSIS, 2005, p. 3)

Tendo-se debruçado sobre essa questão, o professor Jacyntho Lins Brandão (2021, p. 101-102) chama atenção para a ambiguidade do adjetivo “avulsos”, que tanto pode significar publicação distribuída isoladamente ao público – “o que não faz parte de um todo” –, como aquilo que foi arrancado, separado do corpo de que faz parte, e daí passou a circular entre os leitores, apartado do todo a que pertence. A partir dessas significações, o professor desenvolve a ideia (hipotética) de que o livro tenha sido todo escrito antes da publicação de suas partes em jornais – “um livro ainda inédito a partir do qual os contos foram espargidos na imprensa periódica”. (BRANDÃO, 2021, p. 119)

Sobre o que não pode haver dúvida é o fato de o livro ter sido concebido como um todo, conforme explica o autor a Joaquim Nabuco, em carta de 14 de abril de 1883 (ocasião em que lhe enviou o livro): “Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos, porque tudo o que ali está (exceto justamente a *Chinela Turca*) foi escrito com o¹ fim especial de fazer parte de um livro.” (ASSIS, 2009, t. II, p. 250) O “justamente” que vem dentro dos parênteses se justifica: “Chinela turca” havia sido publicado em 1875, em *A Época*, periódico criado e dirigido por Joaquim Nabuco; o conto é, portanto, “justamente”, parte de reminiscências comuns aos dois amigos (era esse o assunto de parte da carta).

O fato de o livro ter sido pensado como conjunto fica demonstrado no forte travamento estrutural que o sustenta, conforme o revelou, no artigo (já citado), o

¹ Na *Correspondência* vem “como” no lugar de “com o”.

mesmo professor Jacyntho Lins Brandão (2021, p. 119-124). Também John Gledson (2011, p. 7-34) enfatizou a unidade do livro e sua significação, num esforço para identificar o “ar de família” que há entre as peças que o compõem.

É geralmente reconhecido o que afirma John Gledson (2011, p. 7) sobre *Papéis avulsos* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “Com estes dois livros, Machado de Assis marca uma quebra com o passado, no estilo, na narração, nos assuntos de que trata.” Aceito isso – a aceitação é geral, e nem é recente –, temos um lapso temporal que vai de 1875, ano da publicação de *Americanas*, aos anos iniciais da década de 1880, marcados pelos dois livros mencionados.

A composição dos poemas de *Americanas* – que, conforme demonstramos em outro estudo, foi livro pensado, planejado e composto como um todo, e tem um travamento estrutural semelhante ao de *Papéis avulsos* –, por sua vez, ocupou o poeta entre os anos de 1870 e 1875 – e, justamente no meio desse período, em 1873, Machado de Assis escreveu e publicou o célebre ensaio “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade”. A publicação de *Americanas* parece ter assinalado o fim de um ciclo, em que um nó se desatou, e ficou superada a opinião que obrigava o escritor nacional a tratar de assuntos locais. As duas obras do início da década de 1880, que mencionamos aqui, resultam do princípio enunciado no “Instinto de nacionalidade”, segundo o qual, o que se deve exigir de um escritor, não é que trate das coisas locais, mas, que tenha “certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” (ASSIS, 2013, p. 432-433)

Existe, pois, uma rede de relações, que indica o caminho percorrido e vincula uns aos outros os seguintes textos: “Instinto de nacionalidade”, as poesias de *Americanas*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Papéis avulsos*. Essa enumeração deixa um lapso (já mencionado), de cerca de cinco anos, que vai, aproximadamente, de 1875 a 1880. Nesse período, bem o indicou John Gledson (2011, p. 11), “há uma linha de especulação e de experimentação na ficção, também concentrada nos últimos anos da década de 1870”, que pode ser preenchida, segundo ele, por “um conjunto estranho de nove itens” (aqui vão eles: “O bote de rapé” – 26 mar. 1878; “A sonâmbula – Ópera cômica em sete colunas” – 26 mar. 1878; “Um cão de lata ao rabo” – 2 abr. 1878; “O califa de platina (conto)” – 9 abr. 1878; “Filosofia de um par de botas” – 23 abr. 1878; “Antes da missa” – 7 maio 1878; “Na arca – Três capítulos (inéditos) do Gênesis” –

14 maio 1878; “O caso Ferrari” – 21 maio 1878; e “Elogio da vaidade” – 28 maio 1878); e, ainda, por “catorze crônicas, chamadas ‘Notas semanais’ [...]” – toda essa produção publicada em *O Cruzeiro* (e assinada com o pseudônimo de Eleazar).² (Cf. GLEDSON, 2011, p.11)

No “Instinto de nacionalidade”, num único parágrafo dedicado ao conto, escreveu Machado de Assis (2013, p. 436): “É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor.” Essa passagem aparentemente não condiz com o que ele afirma na “Advertência” a *Papéis avulsos* – pelo menos, não combina com a interpretação usual da passagem –, obra de caráter nitidamente experimental, em que ele diz (palavras já citadas acima, que retomo para a nova oposição proposta): “Direi somente que se há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que o não são, etc.”

No ensaio sobre a nacionalidade da literatura brasileira, há dois pontos ainda importantes, aos quais não temos dado a devida atenção: o primeiro, na passagem em que Machado (2013, p. 434-435) afirma a quase inexistência de “análises de paixões e caracteres” no romance brasileiro, espécie das “mais superiores” – “uma das partes mais difíceis do romance”; o outro ponto diz respeito ao conto, quando afirma serem raras as “tentativas mais ou menos felizes” de realizá-lo. Isso tudo dito (escrito) em 1873; e que fez Machado de Assis a partir de então, uma vez encerrada a etapa das preocupações com a nacionalidade? Dedicou-se, justamente! ao conto e ao romance de análise.

Ainda um detalhe: na “Advertência” de *O Almada*, poema herói-cômico composto “alguns anos antes de 1879”, segundo Galante de Sousa (1955, p. 514), escreveu ele, para explicar o pouco de ambição que o levou “a meter mãos à obra e perseverar nela”: “Foi a ambição de dar às letras pátrias um primeiro ensaio neste gênero difícil.” (ASSIS, 1910, p. 106-107)

Não combinam entre si todas essas coisas, no tocante à ideia de suprir a literatura brasileira daquilo que ela ainda não tinha?

Pois bem: aquilo que em *Papéis avulsos* “parecem meros contos” são contos de verdade, embora a modéstia prologal do autor lance mão do “parecem”. Quanto à

² Para uma visão mais completa (que abrange os anos de 1875 a 1878 – sobre os quais saltamos neste texto) dessa etapa da vida de Machado de Assis, ver: GLEDSON, John; GRANJA, Lúcia. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 13-85.

palavra “mero” (usada no plural), também ela merece comentário: deve ser entendida como “puro, sem mistura” – que é o significado que lhe dá Antônio de Moraes Silva (1813, v. II, p. 293); e não com o sentido depreciativo de “banal, trivial, comum, vulgar, falta de qualquer qualidade especial” – que é como hoje usamos mais essa palavra. O alto conceito em que Machado tinha a arte do conto não casa bem com o sentido de coloração depreciativa aplicado a essa palavra (“meros”).

II

Entre as narrativas de *Papéis avulsos* que são “meros contos” figura aquela a que nos vamos dedicar aqui: “D. Benedita”. Pode ser interessante o modo pelo qual nosso interesse por essa narrativa foi despertado. Estávamos – os editores da *Machadiana Eletrônica* – há algum tempo interessados na edição de textos pertencentes àquela obra, pelo interesse e pelo valor dos próprios textos (individualmente), e pela esperança de um dia termos todos eles editados, e podermos reunir todo o livro num só número do periódico. Essa é uma ideia, um projeto bastante vago, sem previsão de conclusão a curto prazo. Já havíamos editado “O espelho” e “Sereníssima república”; e os trabalhos de edição de “Teoria do medalhão” estavam em estado adiantado. Daí a “D. Benedita” foi um passo...

Mas houve mais razões. John Gledson (2011, p. 22) afirmou que “D. Benedita é a mais puramente experimental das histórias” de *Papéis avulsos*; para ele, “este conto talvez seja o ponto mais alto ou ousado” do processo criativo de Machado de Assis. Uma afirmativa dessas, sobre um livro tão rico de narrativas estranhas, é, no mínimo, surpreendente, ou desafiadora (para quem deseja compreender o livro e o conto). O próprio crítico afirma, em nota, que tudo o que tem a dizer sobre “D. Benedita” – “detalhes e argumentos gerais, deve muitíssimo ao artigo modelar de Maria Lídia Lichtscheidel Maretti”, publicado na revista *Remate de Males*, n. 14, p. 111-128, 1994.

O artigo de Maria Lídia Lichtscheidel (1994, p. 111-128) é uma interpretação rigorosa das referências temporais inscritas em “D. Benedita” e suas relações com a história do Brasil no século XIX – o que leva a autora a um entendimento do conto como alegoria e ao encontro de um sentido para a narrativa. Mais surpreendente ainda é

que John Gledson tenha dependido de uma aplicação, por outra pessoa, do “método gledsoniano” ao conto – para entendê-lo!

Vejamos este parágrafo (uma tentativa de “resumo” do problema):

Não há espaço aqui para entrar em detalhes, *numa história em que cada detalhe conta*. Resumidamente, “D. Benedita” dramatiza o momento, no fim da década de 1860, em que o regime imperial começou a perder controle sobre os eventos (uma crise a que Machado se referira em *Iaiá Garcia*, e a que voltaria em *Quincas Borba*). A indecisão de D. Benedita, e a perda de controle sobre a própria filha, entrega o poder à geração mais jovem, representada por Eulália e Mascarenhas, o oficial de marinha namorado dela. Como fica dito três vezes no conto; “Isto acaba”. Essa prosa flexível, com sua extraordinária capacidade para o humor, neste caso também imita os vaivéns do tempo. Nas palavras de uma crônica de 1894, referindo-se justamente a esse momento histórico: “Mas então que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão imperioso que parece apostar com a eletricidade? Não há dúvida que os relógios, depois da morte de López [ditador paraguaio, morto em 1º de março de 1870], andam muito mais depressa.” A frase mais inesperada e cômica do conto talvez seja esta, que resume a quebra súbita do ritmo da vida, quando a senhora cai na cilada do oficial: “D. Benedita falou-lhe da vida do mar; ele pediu-lhe a filha em casamento.” (GLEDSON, 2011, p. 25. Grifo nosso.)

O trecho que sublinhamos, no início do parágrafo citado, parece dizer respeito, no contexto em que aparece, às relações da peça ficcional com a história – pois é nos detalhes investigados, nas contas feitas dos intervalos entre os episódios, assim como nas especulações relativas à possível idade de D. Benedita (no início do conto), que se chega aos acontecimentos históricos. Os detalhes, entretanto, têm também outra significação, outra relevância – que diz respeito à forma artística da narrativa. Voltaremos à questão de *um (ou dois) detalhe(s)*, que, pelo que sabemos, é (são) desconhecido(s) até hoje.

Retomando o parágrafo citado: uma vez encontrado um sentido, a coisa como que perde o encanto; a narrativa deixa (pelo menos em parte) de ser o enigma que era – mas (alto lá!) o enigma continua vivo, desafiador, suspenso no ar. O que se encontrou no conto foi a história do Brasil cifrada – o que está em pleno acordo, em maior ou menor grau, com as interpretações de John Gledson (1986) e de Roberto Schwarz (1988 [1977]; 1990).

A consistência das informações – os acontecimentos históricos – a que se chega pela decifração das datas conferem ao conto um forte sistema de travamento estrutural: não pode ser acaso tanta “coincidência”; trata-se certamente de uma “intenção”. E não é apenas isso: os acontecimentos e as datas se relacionam com o enredo (ou falta dele) no conto. Evidentemente, esse jogo entre realidade e ficção, existente no texto, só pode ter um resultado: a produção de sentido.

Se alguma pacificação é alcançada pela identificação das relações entre datas, acontecimentos históricos e enredo do conto, não resulta disso (não apenas disso) a constituição, a realização artística do texto. Sobre esse aspecto, permanecem incontornáveis algumas das palavras de John Gledson (2011, p. 24): “O que se revela aqui [em “D. Benedita”] é o radicalismo e a consistência da rejeição machadiana ao realismo ingênuo. Flaubert, numa carta famosa a Louise Colet, falou do seu desejo de escrever ‘um livro sobre nada’; essa história parece aproximar-se desta aspiração paradoxal.”

Nessa passagem, as palavras do crítico alcançam o núcleo da ambição formal a que aspirava o escritor, no caso dessa narrativa (em particular). Estimulante e surpreendente, porque a narrativa, na aparência, nada diz de especial aos desavisados (como eu!). Por mim mesmo, jamais descobriria ou compreenderia tão alto desígnio. O texto de “D. Benedita”, sendo o que é, realizando a proeza que realiza, nos impulsiona (considerando a história da literatura brasileira, seu desenvolvimento no tempo) num salto sobre a experimentação modernista, como que descrevendo um arco no ar, para cair aos pés de... Clarice Lispector!

Esta ponte, que vai de Machado de Assis à autora de *A paixão segundo GH* e de *Água viva*, tem seu fundamento no fato de “D. Benedita” ser a “Veleidade” em pessoa. Veleidade, registram os dicionários, é “o grau mais baixo da volição” (HOUAISS, 2001); Antenor Nascentes (1955) esclarece que a palavra se origina “do latim escolástico *velleitate*, calcado em *velle*, querer, ou melhor, sobre *vellem*, eu quereria, donde vem o sentido de vontade hesitante”. Sendo a personagem a encarnação dessa ideia, suas ações nunca se desatam; tudo o que acontece no conto, acontece no entorno dela – apesar de personagem, ela não age, ela hesita, ela quer agir, ela dá um passo, ela se interrompe, ela recua, ela desiste... Suas ideias e projetos rutilam-lhe na mente, “mas como um fósforo, que se apaga logo.”

A forma mais radical dessa espécie narrativa, em que nada sucede, foi realizada na literatura brasileira por Clarice Lispector, especialmente em *Água viva* (1973). É essa escritora uma artista que dificilmente associaríamos a Machado de Assis. Tal aproximação é uma das surpresas que a leitura e a compreensão da forma do conto “D. Benedita” nos proporcionou. Passemos a ele.

III

“D. Benedita”, conforme seu subtítulo, é um “retrato”: coisa estática, de si mesma completamente contrária à ideia e à natureza de uma narrativa. Nisto consiste o desafio: utilizar um meio de expressão que é tempo-dependente (os sons da língua são sucessivos!) para fixar no instante os elementos simultâneos de uma figura. Trata-se de uma utopia, evidentemente. Mário de Andrade que o diga – no “Prefácio interessantíssimo”, de *Pauliceia desvairada* (1922), e em *A escrava que não é Isaura* (1925), estão expostas as ideias dele a este respeito (aplicadas à poesia). Mas por ser em si (o retrato; ou a simultaneidade, no caso da poesia) uma impossibilidade, justamente por isso há de ser tentado, como disse Ortega y Gasset (1976, p. 8) – ele falava de traduções... mas o que ele afirma aplica-se aqui, pois são infinitos os campos do espírito e da atividade humana: “O destino – o privilégio e a honra – do homem é não alcançar nunca o que se propõe e ser pura pretensão, utopia vivente.”

Um retrato em quase tudo se assemelha a uma pintura – há até mesmo o gênero retrato nessa arte. Diderot (ano IV da república [1795], p. 88) observou que há na pintura tantos gêneros quantos há na poesia... mas para ele isso não importava. Aqui tem interesse a questão – não tanto a dos gêneros em cada uma das artes, mas a das artes uma em relação à outra.

É útil, para a interpretação deste conto, a lição de Lessing (1977, p. 165) sobre a distinção entre as artes do espaço e as do tempo, sobre a pintura – vale dizer, o retrato –, e a poesia – vale dizer, a literatura:

Meu raciocínio é o seguinte: se é certo que a pintura, para imitar a realidade, se serve de meios ou signos completamente distintos daqueles de que se serve a poesia – a saber, aquela, de figuras e cores distribuídas no espaço, esta, de sons articulados que se sucedem no tempo –; se está fora de qualquer dúvida que todo signo tem necessariamente uma relação simples e não distorcida com aquilo que significa, então signos justapostos não podem expressar mais que

objetos justapostos, ou partes justapostas de tais objetos, ao passo que signos sucessivos não podem expressar mais que objetos sucessivos, ou partes sucessivas destes objetos.

Os objetos justapostos, ou partes justapostas deles, são o que nós chamamos corpos. Consequentemente, os corpos e suas propriedades visíveis, constituem o objeto próprio da pintura.

Os objetos sucessivos, ou suas partes sucessivas, se chamam, em geral, ações. Consequentemente, as ações são o objeto próprio da poesia.

Aqui alcançamos o cerne (técnico-formal) da questão: “D. Benedita” é “um retrato” e, paradoxalmente, é também uma narrativa. Uma narrativa de tipo especial, é certo, em que as ações da protagonista não avançam; uma narrativa que não se desata – digamos assim. A língua, instrumento do contista, conta com o tempo, se desenvolve no tempo; o retrato precisa fixar o tempo – para realizá-lo, o contista precisa pôr a língua a trabalhar contra o tempo.

Usualmente, especialmente na poesia lírica, em que não há ações (ou há apenas esboços de), a luta contra o tempo se faz por meio do ritmo (tempos fortes e fracos segundo certa distribuição ou padrão que se repete) – o próprio verso é uma unidade rítmica –, e um dos elementos do ritmo é a rima (conjunto de sons que se repete a intervalos geralmente regulares). A repetição é a principal arma do poeta contra o tempo. Desse elemento específico, a rima, escreveu Maiakóvski (1971, p. 191): “A rima obriga você a voltar à linha anterior e lembrá-la, obriga todas as linhas, que materializam o mesmo pensamento, a se manterem unidas.”

Machado de Assis, em sua prática de escritor, sempre distinguiu muito bem prosa de poesia; e poesia, para ele, está associada ao verso. Quando surpreendia algum verso em meio a sua prosa, uma ideia completa expressa num pequeno conjunto de sílabas, formando um verso, frequentemente ele comentava o fato; e, pelo menos uma vez, expressou a opinião de que as duas coisas não se deviam misturar: “A parte minha neste negócio é aplicar melhor a frase, porque lá só trata de um livro, e cá tratamos da cidade inteira. Creio que saiu-me um verso decassílabo: ‘e cá tratamos da cidade inteira’. Não me sobra tempo para transpô-lo a prosa.” (ASSIS, 1990, p. 154) Como se vê, não seria conveniente manter um verso no interior da prosa; seria preciso “transpô-lo a prosa”, isto é, desfazer o ritmo, mudar os acentos de lugar – o problema era a carência de tempo, marca própria desse gênero, a crônica, que tem de ser entregue pontualmente

ao jornal. Idealmente, entretanto, segundo esse modo de pensar, o verso deveria ser banido da prosa.

O “retrato” de D. Benedita, portanto, feito em prosa, não podia (não devia) lançar mão de recursos próprios da poesia. Se alguma coisa se repete no conto, salientemente, é a frase de Eulália, repetida três vezes: “Isto acaba.” Mas não é só esta; há mais expressões que se repetem.

O primeiro parágrafo do conto já não é narrativo; nele “lidamos com discussão e interpretação” (GLEDSON, 2011, p. 22), e já aí nos deparamos com uma, talvez duas repetições, aliás bastante significativas do ponto de vista daquilo que define moralmente a personagem (a primeira) e do que define a própria narrativa (a segunda): “A astúcia do corretor [de atribuir a D. Benedita uma idade muito menor do que a real] não fez mais do que indigná-la, embora *momentaneamente*; digo *momentaneamente*.” (p. 134, grifos nossos) Nada em D. Benedita se prolonga no tempo... é da sua natureza. Daí a certeza de Eulália: “Isto acaba.” A segunda repetição vem ao fim do parágrafo: “... bastava interrogá-la, para saber a *verdade verdadeira*.” (p. 134, grifos nossos) Neste caso, a palavra “verdade” se repete no adjetivo “verdadeira” – ela (a palavra) volta degradada, passa de substantivo a adjetivo, fica como que envolta numa capa, embuçada, disfarçada, desprovida de núcleo sólido.

A interpretação das possíveis idades de D. Benedita foi assim exposta (especulativa, mas produtivamente também) por Maria Lídia L. Maretti:

Trata-se de um claro convite ao cálculo: se depois passamos a saber que ela tem 42 anos (em 1869), tais tentativas de atribuição de idade supõem o seu nascimento, respectivamente, em 1829 (no 1º Reinado, ainda com D. Pedro I, dois anos antes de sua abdicação), em 1824 (na data da promulgação da Constituição Imperial), em 1833 (em pleno período regencial) e em 1840 (na data da tumultuada proclamação da Maioridade de D. Pedro II, com 15 anos, e início do 2º Reinado). (MARETTI, 1994, p.117)

O primeiro parágrafo do conto (como o de que vamos tratar em seguida, que envolve uma questão provavelmente de origem tipográfica) não é narrativo: faz especulações em torno da idade de D. Benedita. As relações dessas diferentes idades com os acontecimentos históricos das diversas datas de nascimento indicam já alguma coisa, compõem um “retrato” da personagem – os solavancos da história (em curtos

intervalos, se considerada a dimensão do tempo histórico), os diversos regimes políticos que se sucederam de 1829 a 1840, nos dão uma imagem de instabilidade, de algo mudável, de uma mulher, enfim (como Machado a concebe em “As ventoinhas” e em diversos outros textos seus).

A dupla referência das datas – à história do Brasil, por um lado, e ao tempo de vida de D. Benedita, por outro – instaura no conto algo que Ricardo Piglia (2004, p. 89) identificou em suas “Teses sobre o conto”, elaboradas, segundo ele, a partir de uma anotação de Anton Tchekhov: “um conto sempre conta duas histórias.” Conforme essa perspectiva, afirma ainda algo que se aplica ao nosso caso: “Os elementos essenciais de um conto têm dupla função e são empregados de maneira diferente em cada uma das duas histórias. Os pontos de interseção são o fundamento da construção.” (PIGLIA, 2004, p. 90)

O primeiro parágrafo do conto é um desses pontos, em que as duas histórias se tocam, se interconectam, transfundindo sentido uma na outra, e vice-versa. Na outra ponta do conto temos toda a quarta parte, em que os acontecimentos se sucedem rapidamente em torno de D. Benedita (a despeito dela) – envolvendo principalmente sua filha e seu genro (repito a citação):

Resumidamente, “D. Benedita” dramatiza o momento, no fim da década de 1860, em que o regime imperial começou a perder o controle sobre os eventos [...]. A indecisão de D. Benedita, a perda de controle sobre a própria filha, entrega o poder à geração mais jovem, representada por Eulália e Mascarenhas, o oficial de marinha namorado dela. [...] Nas palavras de uma crônica de 1894, referindo-se justamente a esse momento histórico [escreveu Machado]: “Mas então que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão imperioso que parece apostar com a eletricidade? Não há dúvida que os relógios, depois da morte de López [ditador paraguaio, morto em 1º de março de 1870], andam muito mais depressa.” (GLEDSON, 2011, p. 25)

Mas voltemos às repetições. D. Benedita se refere a D. Maria dos Anjos com a expressão, que repete ao final da primeira parte do conto: “Um *anjo*, um verdadeiro *anjo*!” A mesma expressão é de novo repetida, a propósito de uma outra amiga, que lhe dera um par de chinelas no ano anterior (vejam só: “uma amiga do ano passado!”): “Um *anjo*, um verdadeiro *anjo*!” São assim, fracos, hesitantes e breves os vínculos afetivos

que D. Benedita contrai com as demais personagens; suas cóleras (e suas afeições) não duram mais que um minuto.

Na descrição do modo pelo qual D. Benedita olhava para a nova amiga, há não só uma repetição – “fita-lhe uns olhos *namorados*, vivamente *namorados*” –, mas também um arremedo sintático das atitudes da personagem: “Não os fita, note-se [expressão que também se repete três vezes no conto...] bem, de um modo persistente e longo, mas inquieto, miúdo, repetido, instantâneo.” É nos mínimos detalhes que a arte do conto se consoma; o aspecto “picadinho” da sintaxe combina-se com o campo semântico das palavras, integrando a totalidade do texto, em seus diversos estratos (sonoro, sintático, semântico), à ideia de brevidade, pouca duração – aspecto central nas atitudes e ações da personagem. Esse mesmo efeito é obtido na última parte do conto, embora com unidades sintáticas um pouco mais extensas, quando Mascarenhas, em resposta a um comentário de D. Benedita sobre a vida no mar, lhe pede a filha em casamento: “D. Benedita ficou sem voz, pasmada. Lembrou-se, é verdade, que desconfiara dele, um dia, nas Laranjeiras; mas a suspeita acabara.”

Ler romances é um comportamento que não podia faltar ao perfil de D. Benedita. Um deles, de que lhe deram notícia na rua, e que lhe custara muito trabalho (tinha ido a *três* livrarias, até encontrá-lo), teve a leitura iniciada, mas, como tudo o mais que ela fazia, o projeto foi logo interrompido. Quando o retoma, encontra-o junto a outros *dois* – os *três* com a leitura apenas começada... Ela lia os *três* romances ao mesmo tempo. O número *três* parece ter um poder mágico nesse conto – é o reforço do *dois* (ou *duas*): diversas expressões são repetidas *três* vezes; e, de uma delas, pronunciada pela personagem a respeito de D. Maria dos Anjos, – “feiticeira como ela só” –, nos informa o narrador que ela a repetiu *duas* ou *três* vezes. O número “*três*”, ele próprio, é mencionado na narrativa nada menos do que quinze vezes... e *dois* e *duas*, somados, *vinte e três*.

Pois bem, D. Benedita retoma a leitura do famoso romance, pelo qual se tomara de entusiasmo. Enquanto isso, sua filha toma lição de piano em outra sala. E quando a filha lhe vem ao encontro, depois de despedido o professor, encontra o livro caído no chão, recolhe-o, e acorda a mãe... que adormecera.

Até mesmo suas doenças eram assim: “um ameaço de enxaqueca, às *três* horas da tarde; um ameaço, ou uma suspeita de possibilidade de ameaço.”

Quando o marido foi nomeado desembargador, e partiu para Belém do Pará, D. Benedita deixou-se ficar no Rio de Janeiro, planejava ir ao encontro dele pouco tempo depois, mas... não foi.

O simples ato de escrever uma carta ao marido ausente é uma complicação: a manhã é chuvosa, nada há a fazer, mas a carta – que deveria ser longa, e sai curta – é adiada até à última hora. Toda a segunda parte do conto consiste na escrita da carta, suas interrupções, etc. O parágrafo se inicia com todos os verbos relacionados à carta no modo subjuntivo (“uma carta... narrasse... nomeasse... descrevesse... desse notícia...”). Era uma manhã chuvosa: “Magnífico dia para não sair, e, portanto, escrever *uma carta, duas cartas, todas as cartas* de uma esposa ao marido ausente.” O próprio narrador, detendo-se no gesto dela de ajeitar o roupão, se contamina do seu espírito – e faz digressão sobre a aparência física de D. Benedita. Nada de carta... Qualquer defeito no roupão ou no chinelo (o tal que ela ganhara da amiga do ano anterior) é motivo de distração e adiamento. Quando, enfim, pega da pena (já são dez horas!), a filha a interrompe, dizendo que “são horas de almoçar.”

A essa altura, na sequência, acontece algo notável – cujo efeito um possível acidente tipográfico pode ter perturbado. Esse é o assunto do próximo tópico deste texto, é a razão mesma deste artigo.

Evidentemente, as coisas repetidas apenas não poderiam dar sustentação formal, travamento estilístico, à prosa de um retrato. Somadas, entretanto, às hesitações, aos adiamentos, às intervenções discursivas do narrador (tudo impedindo o avanço de qualquer ação), elas funcionam esteticamente. Não sendo poéticas, diretamente vinculadas à matéria sonora da prosa, os recursos empregados na produção do “retrato” de D. Benedita vêm da própria matéria ficcional, do desejo fraco da personagem, de suas hesitações, de sua inércia – tudo produto da fada que presidiu ao nascimento da personagem, da Veleidade, enfim.

IV

Deste ponto em diante, passaremos a um achado recente – resultado do processo de edição do texto. A primeira constatação importante, que distingue “D. Benedita” de outros textos de *Papéis avulsos*, é a de que o conto foi impresso no livro com a mesma composição tipográfica utilizada para imprimir o conto em *A Estação*. Tanto o

periódico como o livro foram impressos na gráfica da editora Lombaerts. Outro texto de *Papéis avulsos* que havia sido publicado em *A Estação* é “O alienista”; também neste caso, um exame preliminar aponta para o mesmo procedimento adotado pela tipografia com “D. Benedita” – as possíveis consequências desse fato, no caso d’“O alienista”, só poderão ser encontradas quando passarmos à edição dessa narrativa, que é a primeira e a mais longa do livro. Por ora, limitar-nos-emos à história (ou ao retrato) de D. Benedita.

Apesar do uso da mesma composição tipográfica, houve revisão do texto. A substituição de algumas palavras, por exemplo, foi, com toda certeza, ordenada pelo autor. Tais substituições, às vezes, não perturbaram a composição do parágrafo – pequenos ajustes nas linhas em que elas ocorreram evitaram a necessidade de recompor outras linhas (porque a nova linha ficou com a mesma extensão da linha antiga). Quando isso foi impossível, devido à diferença de extensão entre a parte eliminada e a parte inserida, houve recomposição de algumas linhas, até que se conseguisse ajustá-las à composição já existente.

Pequenos descuidos tipográficos (por exemplo, um ponto-final desalinhado) foram corrigidos, muito provavelmente, sem a intervenção do autor; era coisa da competência do tipógrafo. Entretanto, na passagem do periódico para o livro ocorreram outros acidentes desse tipo, de modo que há no livro pequenos descuidos que não apareciam em *A Estação*. Isso quanto à tipografia; voltemos às revisões do autor.

Há uma passagem, na segunda parte do conto, em que o texto foi alterado numa porção relativamente extensa, que tem toda a aparência de intervenção autoral. Um exame minucioso da questão, porém, deixa-nos em dúvida quanto a isso; julgamos que a mudança no texto, bastante significativa, alterou o arranjo formal da narrativa – e pode ter resultado de um acidente tipográfico. Teria o autor ordenado alguma pequena mudança na passagem, e o desastre (podemos chamá-lo assim) teria resultado de um acidente ocorrido no momento da manipulação feita na oficina, em decorrência de uma ordem do autor? Tudo são hipóteses; entretanto, um exame atento da alteração textual parece-nos relevante para a estrutura do conto. O efeito estético, ou a repercussão, da mudança textual na consecução da forma, e na consequente percepção da narrativa pelo leitor, tem todo o aspecto de um (pequeno? grave?) acidente.

Reforçam nossa suspeita de que o problema tenha ocorrido na gráfica, durante a impressão, informações vindas de dois lugares distintos. A primeira é a

informação de Laurence Hallewell (1985, p. 157-158) sobre a impressão do livro *Quincas Borba*, feita naquela gráfica, para a casa Garnier: “Pelo menos *Quincas Borba* foi produzido *sob a atenta supervisão do autor*, cujo profundo conhecimento tipográfico fora adquirido em seus dias de aprendiz na Tipografia Nacional.” (Grifo nosso, exceto o do título da obra citada.) Isso em 1891, ou seja, quase 10 anos depois da publicação de *Papéis avulsos*. A segunda informação vem de uma experiência nossa, de quando editamos “A Sereníssima República”: constatamos, em duas passagens, erros que se introduziram no livro, mas que inexistiam na publicação anterior da *Gazeta de Notícias*. Esse texto, editado por Gilson Santos, João Vítor de Freitas e por mim, pode ser lido neste número da *Machadiana Eletrônica*.

Vejamos do que se trata. Na narrativa, a alteração textual acontece no momento em que, na segunda parte do conto, D. Benedita está escrevendo uma carta ao marido, e sua filha Eulália a convoca para o almoço, que já está na mesa. Transcrevemos a seguir os dois parágrafos do texto, tal como ele se encontra no livro (depois transcreveremos o mesmo trecho, tal como aparece no periódico):

44 Olhou alguns instantes para a filha, como desejosa de lhe dizer alguma cousa grave, ao menos difícil, tal era a expressão indecisa e séria dos olhos. Mas não chegou a dizer nada; a filha repetiu que o *almoço* estava na mesa, pegou-lhe do braço e levou-a.

45 Deixemo-las almoçar à vontade; descansemos nessa outra sala, a de visitas, sem aliás inventariar os móveis dela, como o não fizemos em nenhuma outra sala ou quarto. Não é que eles não prestem, ou sejam de mau gosto; ao contrário, são bons. Mas a impressão geral que se recebe é esquisita, como se ao trastejar daquela casa houvesse presidido um plano truncado, ou uma sucessão de planos truncados. *Mãe, filha e filho almoçaram. Deixemos o filho, que nos não importa, um pirralho de doze anos, que parece ter oito, tão mofino é ele. Eulália interessa-nos, não só pelo que vimos de relance no capítulo passado, como porque, ouvindo a mãe falar em D. Maria dos Anjos e no Leandrinho, ficou muito séria e, talvez, um pouco amuada. D. Benedita percebeu que o assunto não era aprazível à filha, e recuou da conversa, como alguém que desanda uma rua para evitar um importuno; recuou e ergueu-se; a filha veio com ela para a sala de visitas.* (ASSIS, 1882a, p. 149-150, grifos nossos)

Expliquemos os grifos na passagem citada: no parágrafo 44, a expressão “o almoço” era, em *A Estação*, “a almoço” – foi corrigida. Como essa correção encontra-se na vizinhança do trecho em que houve alteração mais importante, mais extensa e de

maiores consequências, pode ser que ela tenha sido a responsável pelo desarranjo ocorrido no parágrafo seguinte. Todo o trecho grifado no parágrafo 45 do livro, em *A Estação*, constitui um parágrafo, separado do trecho que o antecede. A parte do parágrafo 45, em redondo (que vem antes do trecho em itálico), vinha, no periódico, seguida por um trecho importante que se perdeu. Essa parte em redondo, com o trecho perdido, constituía um outro parágrafo; e a parte que transcrevemos em itálico, no periódico, era o parágrafo n. 46.

Transcrevemos a seguir o mesmo trecho, com a inserção (em itálico) da passagem que se perdeu na passagem do periódico para o livro; em outras palavras, segue-se o texto tal como se encontra em *A Estação*:

44 Olhou alguns instantes para a filha, como desejosa de lhe dizer alguma coisa grave, ao menos difícil, tal era a expressão indecisa e séria dos olhos. Mas não chegou a dizer nada; a filha repetiu que *a almoço* estava na mesa, pegou-lhe do braço e levou-a.

45 Deixemo-las almoçar à vontade; descansemos nessa outra sala, a de visitas, sem aliás inventariar os móveis dela, como o não fizemos em nenhuma outra sala ou quarto. Não é que eles não prestem, ou sejam de mau gosto; ao contrário, são bons. Mas a impressão geral que se recebe é esquisita, como se ao trastejar daquela casa houvesse presidido um plano truncado, ou uma sucessão de planos truncados. *Suponhamos que a Moda, a Fantasia e o Acaso iam morar juntos; não alfiariam a casa de outra maneira. Uma traria o adorno em voga no mês de agosto ou março, outra o que lhe desse na cabeça, o último, enfim, o que achasse à mão. Era assim a casa de D. Benedita.*

46 Mãe, filha e filho almoçaram. Deixemos o filho, que nos não importa, um pirralho de doze anos, que parece ter oito, tão mofino é ele. Eulália interessa-nos, não só pelo que vimos de relance no capítulo passado, como porque, ouvindo a mãe falar em D. Maria dos Anjos e no Leandrinho, ficou muito séria e, talvez, um pouco amuada. D. Benedita percebeu que o assunto não era aprazível à filha, e recuou da conversa, como alguém que desanda uma rua para evitar um importuno; recuou e ergueu-se; a filha veio com ela para a sala de visitas. (ASSIS, ano XI, n. 8, p. 83, 30 abr. 1882, grifos nossos)

Grifamos, agora, a expressão “a almoço”, no parágrafo 44, que foi corrigida para “o almoço” (no livro). Grifamos, também, no parágrafo 45, o trecho que não existe no livro. Além dos grifos, renumeramos os parágrafos, porque o que, no periódico, constitui o parágrafo 46 ficou incorporado, no livro, ao parágrafo 45.

Passemos agora à relevância da passagem suprimida e da alteração na paragrafação, assim como às relações entre o parágrafo 45 (novo), o início e o todo da

narrativa, e o final dela. Algumas considerações mais, que relacionam esta narrativa aos primeiros contos de Machado de Assis (“A Bagatela”, “O país das Quimeras” e “O anjo das donzelas” – respectivamente o segundo, terceiro e quarto contos publicados pelo autor), possivelmente também relevantes, serão apresentadas. Há, também, que assinalar a publicação, em 1865, no *Jornal das Famílias*, das “Cinco mulheres” – às quais Machado de Assis se refere como “esboços”, “desenhos”, que, sendo cinco, aparecem “reunidas na mesma coleção, como em um álbum de fotografias.” (ASSIS, 1956, p.253) E mais: no conto “Linha reta e linha curva”, publicado também em 1865 no *Jornal das Famílias*, há dois parágrafos surpreendentes (pela relação que guardam com este parágrafo encareado de “D. Benedita”).

Note-se bem: o parágrafo 44 narra uma ação trivial – D. Benedita interrompe a escrita da carta, olha para a filha, quer dizer-lhe algo, mas desiste; no contexto do conto, a interrupção da carta, a intenção esboçada de D. Benedita e sua desistência de dizer alguma coisa à filha são relevantes – contribuem para a sequência de ações esboçadas (quer falar à filha) e interrompidas (mas não fala), e para as interrupções de ações apenas iniciadas (a escrita da carta). Tudo isso é relevante para o “retrato” de D. Benedita. Ao final do parágrafo, a filha “pegou-lhe do braço e levou-a” para a sala do almoço – é pouco expressiva, reconheçamos, teria pouca importância para o desenrolar da narrativa (se esta se desenvolvesse no plano das ações; porém, é justamente na ausência delas que se encontra o mais significativo para a consecução do projeto em andamento), mas é uma ação (compatível com a natureza do conto; só que, ao invés de “ir”, D. Benedita “deixa-se levar” pela filha).

Pois bem: D. Benedita e a filha se passam à sala do almoço. E que faz o narrador? Passa-se a outra sala (junto com o leitor – “Deixemo-las... descansemos...”), onde não há ninguém, para descansar! Sob esse aspecto – estritamente narrativo – este parágrafo 45 tem relação com o primeiro (no início do conto), em que também não há narração. Sozinho “nessa outra sala”, o narrador se põe a observá-la, não a descreve propriamente, mas também não perde tempo – o parágrafo não é vazio, não é irrelevante: ele o emprega para fazer uma espécie de retrato do caráter de D. Benedita. Agora, diferentemente do retrato feito no primeiro parágrafo, em que a história do Brasil forneceu os elementos com os quais ele foi elaborado; agora, a construção se faz no plano puro da ficção. Não era esta a primeira vez que o autor se valia desse artifício:

toda a primeira parte (assim como sua breve “Conclusão”) do conto “Questão de vaidade”, publicado no *Jornal das Famílias* em novembro de 1864 é assim – nelas estão presentes apenas narrador e leitor. Longe estava, ainda, de cumprir na economia daquele conto o papel que a passagem semelhante desempenha em “D. Benedita”. Dir-se-ia que por volta de 1880 o escritor retomava os ensaios de quase vinte anos antes, para tirar deles, agora que dominava melhor a sua arte, o máximo efeito.

Convém apresentar aqui os dois parágrafos (já mencionados) do conto “Linha reta e linha curva”, que podem ser relacionados a este outro parágrafo de “D. Benedita” – parágrafo truncado no livro, mas íntegro em *A Estação*. Naquele outro conto, o personagem Tito é deixado (de propósito) sozinho numa sala, por Emília, por mais de um quarto de hora:

Na sala em que Tito foi recebido não estava ninguém. Ele teve portanto tempo de sobra para examiná-la à vontade. Era uma sala pequena, mas mobilada e adornada com gosto. Móveis leves, elegantes e ricos; quatro finíssimas estatuetas, copiadas de Pradier, um piano de Erard, tudo disposto e arranjado com vida.

Tito gastou o primeiro quarto de hora no exame da sala e dos objetos que a enchiam. Esse exame devia influir muito no estudo que ele quisesse fazer do espírito da moça. Dize-me como moras, e dir-te-ei quem és. (ASSIS, p. 325-326, nov.1865)

A cena da sala, em “D. Benedita”, é mais radical do que a de “Linha reta e linha curva” – afinal, nela não há personagens, mas apenas o narrador (que não desempenha nenhum papel na narrativa como personagem), ao passo que no conto mais antigo o narrador nos apresenta um personagem (sozinho) na sala. “Dize-me como moras, e dir-te-ei quem és.” Como no caso de Emília, a sala de D. Benedita revela muito de seu espírito.

Na ausência de personagens, o narrador contempla a sala e registra a impressão que ela lhe dá: “é esquisita, como se ao trastejar daquela casa houvesse presidido um plano truncado, ou uma sucessão de planos truncados.” Sem o restante do parágrafo, fica incompleta a operação realizada na sala. No trecho suprimido (que não aparece no livro), o autor lança mão da linguagem figurada, e faz ver com precisão um “retrato” do espírito de D. Benedita:

Suponhamos que a Moda, a Fantasia e o Acaso iam morar juntos; não alfiariam a casa de outra maneira. Uma traria o adorno em voga no

mês de agosto ou março, outra o que lhe desse na cabeça, o último, enfim, o que achasse à mão. Era assim a casa de D. Benedita.

Os habitantes alegóricos da casa ajudam a compor a figura de D. Benedita: a Moda, a Fantasia e o Acaso – a Moda com a inconstância, a Fantasia com a volubilidade, e o Acaso com o deixar-se levar ao sabor das circunstâncias – sem qualquer projeto duradouro e consistente (ela tinha “uma amiga do ano passado”!).³

A presença dessas três entidades tem ainda outras consequências: vinculam este parágrafo ao final do conto (vimos que ele estava ligado ao início por um outro motivo), e traz para a ficção machadiana de 1882 duas figuras que se encontravam nela em 1862, no conto “O país das Quimeras”, publicado em *O Futuro* (n. IV, p. 126-138, 1º nov. 1862) – a Moda e a Fantasia. Outras ideias daqueles tempos de 20 anos atrás, mencionadas justamente em *O Futuro*, comparecem consistentemente em *Papéis avulsos*: na crônica publicada em 1º de maio de 1863, Machado de Assis considera potenciais personagens de sua ficção “um Píldes, três Orestes e uma Safo” (todos personagens gregos) – não seriam anúncios enviesados de “O anel de Polícrates” e de “Uma visita de Alcibiades”? Alcibiades, que já era lembrado em “Questão de vaidade” (1864). Não se encontravam aí, igualmente, as sementes que nos dariam *Os deuses de casaca* (1866) e “Uma ode de Anacreonte” (publicada em *Falenas*, em 1870)?

E, para além desses vinte anos, para além dessas figuras, lá no distante ano de 1859, em que Machado de Assis tinha publicado em *O Espelho* as suas “Aquarelas”, não tinha ele encontrado num “zangão na república das abelhas” um símile para o papel

³ Talvez não seja demais lembrar aqui outro episódio com um personagem sozinho numa sala – a cena de Evaristo, diante do retrato da dona da casa, pendurado na parede, no conto “Mariana”, de *Várias histórias* (1896), em que o tempo chega a interromper o seu fluxo: “Depois, vagorosamente, Mariana desceu da tela e da moldura, e veio sentar-se defronte de Evaristo, inclinou-se, estendeu os braços sobre os joelhos e abriu as mãos. Evaristo entregou-lhe as suas, e as quatro apertaram-se cordialmente. Nenhum perguntou nada que se referisse ao passado, porque ainda não havia passado; ambos estavam no presente, as horas tinham parado, tão instantâneas e tão fixas, que pareciam haver sido ensaiadas na véspera para esta representação única e interminável. Todos os relógios da cidade e do mundo quebraram discretamente as cordas, e todos os relojoeiros trocaram do ofício. Adeus, velho *lago* de Lamartine! Evaristo e Mariana tinham ancorado no oceano dos tempos.” (ASSIS, 1977, p. 153-154) Há outras passagens interessantes, em outros contos, com alguma relação ao que vimos nos contos mencionados no texto: em “A pianista”, assinado com o pseudônimo J. J., embora haja mais de um personagem na sala, lemos: “Tibério Valença, sempre que Malvina se distraía, corria os olhos em redor da sala para examinar o valor dos móveis e avaliar por eles a posição do filho.” (ASSIS, 1956a, p. 237); em “Francisca”, assinado com o pseudônimo Máximo, há a seguinte passagem: “Daí a alguns minutos vieram abrir-lhe, e Daniel entrou na sala, onde não havia ninguém. / Sentou-se e esperou. / Esperou um quarto de hora. / Cada minuto deste quarto de hora parecia-lhe um século, tanta era a sede de tornar a ver aquela que até ali tinha feito palpar o seu coração.” (ASSIS, 1956b, p. 17)

que o parasita em política desempenha na economia? Não estaria aí a semente que germinaria e nos daria, em *Papéis avulsos*, “A Sereníssima República”? Não seria isso um indício da atenção que Machado de Assis dedicava à vida em sociedade dos insetos, que ficcionalmente transpôs, mais tarde, para outras espécies de artrópodes?

Voltemos, porém, ao retrato de D. Benedita: esse parágrafo em que narrador se encontra sozinho na sala, sem qualquer personagem a que nos fazer ver, ou de que possa nos dizer o que faz, como age ou o que pensa – esse parágrafo é um “retrato” de D. Benedita, um retrato dentro do retrato; flagrando em estado congelado a imobilidade necessária para a tomada de uma fotografia – naqueles tempos ainda bem próximos do daguerreótipo.

Reproduzimos novamente o parágrafo, para melhor o apreciar, isolado, agora retomado em sua inteireza perdida:

45 Deixemo-las almoçar à vontade; descansemos nessa outra sala, a de visitas, sem aliás inventariar os móveis dela, como o não fizemos em nenhuma outra sala ou quarto. Não é que eles não prestem, ou sejam de mau gosto; ao contrário, são bons. Mas a impressão geral que se recebe é esquisita, como se ao trastejar daquela casa houvesse presidido um plano truncado, ou uma sucessão de planos truncados. Suponhamos que a Moda, a Fantasia e o Acaso iam morar juntos; não alfiariam a casa de outra maneira. Uma traria o adorno em voga no mês de agosto ou março, outra o que lhe desse na cabeça, o último, enfim, o que achasse à mão. Era assim a casa de D. Benedita.

No parágrafo anterior a este, D. Benedita foi conduzida à sala do almoço por Eulália. No parágrafo que se segue a este, a ação (quase inexistente) da narrativa é retomada: ainda na sala, D. Benedita fala de D. Maria dos Anjos e do Leandrinho, mas recua, cala-se, diante da reação que percebe em Eulália. Na sequência, volta o assunto da carta, que está por ser terminada...

Não é crível que o contista tenha suprimido a metade do parágrafo em que o narrador vai desacompanhado para uma sala, onde fica só, e tenha metido nele a retomada da ação interrompida pelo almoço (que ele não narra). O efeito de um retrato (menor) dentro do retrato (maior, que é constituído pelo todo da narrativa) é esplêndido; não é coisa que se desperdice. Julgue o leitor por si: nossa edição do conto, neste número da *Machadiana Eletrônica*, restitui-lhe a parte de que foi, em nosso entendimento, amputado.

Uma outra passagem, de efeito semelhante a essa (que demonstramos), embora menos extensa (e sem envolver questão de paragrafação), ocorre no interior do parágrafo 100. Reproduzimos, a seguir, todo o parágrafo, tal como vem em *A Estação*, para melhor visualização do que deve (ou pode) ter acontecido:

A quinta-feira raiou. Eulalia, — o tio de gente, levantou-se fresca, lepida, loquaz, com todas as janellas da alma abertas ao sopro azul da manhã. A mãe acordou ouvindo um trecho italiano, cheio de melodia; era ella que cantava, alegre, sem affectação, com a indifferença das aves que cantam para si ou para os seus, e não para o poeta, que as ouve e traduz na lingua immortal dos homens. Era isto Eulalia, naquella quinta-feira do jantar. D. Benedicta affagára muito a idéa de a vêr baatida, carraneuda, e gastára uma certa somma de imaginação em compôr os seus modos, delinear os seus actos, ostentar energia e força. E nada! Em vez de uma filha rebelde, uma creatura gárrula e submissa. Era começar mal o dia; era sair apparelhada para destruir uma fortaleza, e dar com uma cidade aberta, pacifica, hospedeira, que lhe pedia o favor de entrar e partir o pão da alegria e da concordia. Era começar o dia muito mal

A primeira palavra da linha 11 desse parágrafo apresenta um erro tipográfico: está impresso “baatida” no lugar de “abatida”. Pois bem: o erro foi percebido e corrigido; no livro vem “abatida”. Muito provavelmente, ao manipular a linha em que se encontra o erro que deveria ser corrigido, a linha (ou as duas linhas) que vem (ou vêm) acima daquela que estava sendo manipulada se desarranjou. Ao recompô-las, houve a supressão do seguinte período: “Era isto Eulália, naquela quinta-feira do jantar.” Observe-se a disposição tipográfica: o período que desapareceu começa muito perto do ponto da linha em que se inicia, na linha de baixo, o período seguinte: “D. Benedita afagara etc.”

Evidentemente, como o período não aparece no livro, na falta de outras evidências, entende-se que o autor o mandou suprimir. Mas evidências de que algo diferente disso ocorreu existem, e nos pedem interpretação. Se se tratasse de um processo judicial ou de uma investigação policial, alguém haveria de indagar: mas o autor quis colaborar com o tipógrafo, eliminando um período cuja extensão o desobrigaria de recompor todo o restante do parágrafo? É claro que aqui a pergunta não cabe; entretanto, não temos como ter certeza de que a supressão não resultou de decisão do autor. Alguma coisa nos sugere que não. Vejamos mais um argumento.

Já argumentamos utilizando a manipulação da composição na tipografia, para corrigir “baatida”. Agora passamos a um argumento de outra ordem, como fizemos no caso do (outro) parágrafo mutilado. Em nosso entendimento, o período suprimido, em sua dimensão significativa, ecoando a ideia de “retrato”, que impregna todo o conto, aplica essa ideia a Eulália – num recanto da narrativa, o período desaparecido (nem direi mais “suprimido”) sintetizava o flagrante matinal da filha de D. Benedita: “Era isto Eulália, naquela quinta-feira do jantar.”

Que razão teria o autor para mandar retirar do texto justamente essa frase? Entendemos que nenhuma. Em seu caráter de síntese do que vinha antes, a frase permite que o narrador passe a outro “retrato”, aquele que D. Benedita desejava encontrar (literalmente) – mas o que encontrou foi justamente o contrário! – pela manhã. Dissemos “literalmente”, porque a ideia de encontrar vem da de “ir contra”. A imagem da mocinha “fresca, lépida, loquaz, com todas as janelas da alma abertas ao sopro azul da manhã” contraria frontalmente a da mocinha “abatida, carrancuda” e “rebelde” – que D. Benedita desejava encontrar.

E, observemos ainda, o embate entre esses contrários se resolve, ao final do parágrafo, na metáfora estendida (ou alegoria) do ataque militar a uma fortaleza: “Era começar mal o dia; era sair aparelhada para destruir uma fortaleza, e dar com uma cidade aberta, pacífica, hospedeira, que lhe pedia o favor de entrar e partir o pão da alegria e da concórdia.” Convenhamos: que escritor!

As duas passagens do conto “D. Benedita”, aqui analisadas, que se perderam na passagem das páginas do periódico para as do livro, devem, sim – em nossa opinião – ser reincorporadas à narrativa machadiana. Tudo indica que essas perdas textuais resultaram de “acidentes” tipográficos – e não de decisões do autor. A edição que

apresentamos neste número da *Machadiana Eletrônica* reintroduz as duas passagens no conto – registrando tudo em nota, evidentemente. Um dos argumentos – que talvez não tenhamos desenvolvido a contento – a favor dessa reintegração é a (suposta por nós) concepção machadiana de “parágrafo”. Continua por ser estudada a paragrafação do autor.

A PORTRAIT’S SECLUSION: THE SHORT STORY “D. BENEDITA”,
BY MACHADO DE ASSIS, – FROM A *ESTAÇÃO* TO *PAPÉIS AVULSOS*

Abstract: This paper copes with technical aspects of the narrative in the short story “D. Benedita”, by Machado de Assis. In the editing process of this short story, the author of this paper found that there were two small textual losses, in the passage from the periodical in which it was first published (*A Estação*, April 15 to June 15, 1882) to the book in which it was later included – *Papéis avulsos* (1882). The relevance of the two lost excerpts to the structure of the narrative justifies, in the editor’s view, its inclusion in the new edition of this short story, so important in the author’s work.

Keywords: Textual Criticism, Short Story, Machado de Assis, D. Benedita.

Referências

ANDRADE, Mário de. *Pauliceia desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922. [Edição fac-similar. In: Caixa Modernista. São Paulo: Edusp, 2003.]

ANDRADE, Mário de. *A escrava que não é Isaura*. São Paulo: Tip. Paulista, 1925.

ASSIS, Machado de. O país das quimeras. *O Futuro*, Rio de Janeiro, n. IV, p. 126-138, 1º nov. 1862.

ASSIS, Machado de. Linha reta e linha curva. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, p. 289-301, out. 1865; p. 321-329, nov. 1865; p.353-359, dez. 1865; p. 5-11, jan. 1866.

ASSIS, Machado de. D. Benedita. *A Estação*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 7, p. 71, 15 abr. (parte I); ano XI, n. 8, p. 83, 30 abr. (parte II); ano XI, n. 9, p. 95, 15 maio e ano XI, n. 10, p. 107, 31 maio (parte III); ano XI, n. 11, p. 119, 15 jun. 1882.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882a.

ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1896.

ASSIS, Machado de. *Outras relíquias*. Prosa e verso. (Coleção póstuma). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

ASSIS, Machado de. Cinco mulheres. In: *Contos recolhidos*. Organização e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. p. 253-277.

ASSIS, Machado de. A pianista. In: *Contos esquecidos*. Organização e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956a. p. 214-242.

ASSIS, Machado de. Francisca. In: *Contos recolhidos*. Organização e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956b. p. 13-28.

ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. [Edição crítica pela Comissão Machado de Assis.]

ASSIS, Machado de. *Bons dias!* Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1990.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas por John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo II – 1870-1889. Coord. e Orient. Sergio Paulo Rouanet. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. Organização Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. A besta do apocalipse e a produção de sentidos em *Papéis avulsos*. In: WERKEMA, Andréa Sirihal; ROCHA, João Cezar de Castro. (Orgs.) *Atualidade de Machado de Assis: leituras críticas*. São Paulo: Nankin, 2021. p. 101-125.

CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edições de Machado de Assis: por quê? para quê? *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 131-150, jan.-jun. 2018.

DIDEROT, Denis. *Essais sur la peinture*. Paris: Fr. Buisson, L’an quatrième de la République [1795].

GASSET, José Ortega y. *Miseria y esplendor de la traducción / Elend und Glanz der Übersetzung*. Zweisprachig. Stuttgart: Deutscher Taschenbuch Verlag, [1976].

GLEDSO, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GLEDSON, John. Prefácio. *Papéis avulsos*, um livro brasileiro? In: ASSIS, 2011, p. 7-34.

GLEDSON, John; GRANJA, Lúcia. Introdução. In: ASSIS, 2008, p. 13-85.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

HOUAISS, Antônio. Introdução crítico-filológica. In: ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. p. 43-102. [Edição crítica pela Comissão Machado de Assis]

LESSING, G. Ephraim. *Laocoonte*. Traducción, introducción y notas de Eustaquio Barjau. Madrid: Nacional, 1977.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

MAIAKÓVSKI, Vladímir. Como fazer versos? In: SCHNAIDERMAN, Bóris. *A poética de Maiakóvski*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 167-219.

MARETTI, Maria Lúcia Lichtscheidel. *Isto acaba!* (Uma leitura do conto “D. Benedita”, de Machado de Assis). *Remate de Males*, Campinas, n. 14, p. 111-128, 1994.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Segunda tiragem do I tomo. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do “Jornal do Commercio”, 1955.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia Lacerdina, 1913. 2t. [Edição fac-similar de 1922]

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

“A SERENÍSSIMA REPÚBLICA”: UMA EDIÇÃO

José Américo Miranda
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Gilson Santos
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

João Vítor Freitas
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Resumo: Este texto aborda certos pontos do processo editorial de “A Sereníssima República”, que Machado de Assis publicou em *Papéis avulsos*, em 1882. Foi apresentada uma breve história do texto, assim como o procedimento de escolha do texto-base. Em seguida, as variantes encontradas no cotejo entre o texto-base e as demais edições foram divididas em três categorias: as atribuídas ao próprio autor, verossimilmente com intenção de aprimorar o texto; as claramente resultantes de erros tipográficos; e, por fim, um caso de correção do texto por aqueles que o editaram após a morte do autor (correção para a qual apresentamos uma solução divergente da tradição) e um caso de difícil interpretação, que comporta duas soluções alternativas – caso que foi discutido e para o qual justificamos a solução adotada.

Palavras-chave: Ecdótica, Machado de Assis, A Sereníssima República.

I

“A Sereníssima República” é um texto que Machado de Assis incluiu em *Papéis avulsos*, obra publicada em outubro de 1882. Ao final do volume, o autor registrou em nota que esse escrito, antes de aparecer em livro, foi publicado na *Gazeta de Notícias*. (ASSIS, 1882, p. 300, nota E) A obra veio a público pela Livraria Lombaerts.

Na *Gazeta de Notícias*, “A Sereníssima República” apareceu em 20 de agosto de 1882, no Folhetim, ao pé da primeira página. J. Galante de Sousa informa que o texto foi transcrito na *Gazeta de Notícias*, edição semanal, do dia 22 do mesmo mês. (GALANTE, 1955, p. 534) Dessas duas publicações, só tivemos acesso à primeira.

O livro não teve outras edições em vida do autor. John Gledson, devido à importância da obra no percurso literário de Machado de Assis, indaga: “Seria estranho demais para agradar a muitos leitores?” (GLEDSON, 2011, p. 9) Esta obra não parece ter sido a única que não teve segunda edição em vida do autor; há outras: o livro *Histórias da meia-noite* (1873) também não foi republicado enquanto viveu o autor – Galante de Sousa julga ser de 1917 a segunda edição dele (GALANTE, 1955, p. 59); e mesmo *Histórias sem data* (1884), que traz a indicação de ser uma “nova edição revista” (não se sabe por quem), só teve segunda edição em 1909 – sua terceira edição, de 1924, traz a mesma informação, de que se trata de “nova edição revista”. *Papéis avulsos*, entretanto, é, de fato, uma obra singular. O conjunto heteróclito dos textos reunidos no volume obrigou o autor a fazer a seguinte “Advertência”, que o abre:

Este título de *Papéis avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa.
[...] Direi somente, que se há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que o não são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse [...]. (ASSIS, 1882, página não numerada)

“A Sereníssima República” apresenta-se como uma “conferência do cônego Vargas”; o texto traz essas palavras, entre parênteses, por subtítulo.

Depois da morte de Machado de Assis, em 1908, a Livraria Garnier imprimiu duas edições de *Papéis avulsos*: uma em 1920 (o que se infere do colofão: “Abbeville. – Imprimerie F. Paillart – 9-20”), que seria a segunda, e outra sem data (com o seguinte colofão: “Tip. Garnier Irmãos (Levé-R.)”), provavelmente a terceira. O escritor tinha vendido, em 16 de janeiro de 1899, “a H. Garnier a propriedade inteira e perpétua de sua obra literária”. (MACHADO, 2008, p. 144)

Em 1935 os direitos autorais das obras do escritor foram adquiridos pela editora W. M. Jackson, que, a partir de 1937 deu início ao projeto de publicação das “obras completas” de Machado de Assis, em 31 volumes. Dessas edições (e foram várias) de *Papéis avulsos*, utilizamos a de 1937 e a de 1952 (que foi revista por Ari de Mesquita). Com a entrada da obra em domínio público por despacho do presidente Juscelino

Kubitschek, em 15 de setembro de 1958, proliferaram as edições – tornando-se quase impossível a tarefa de um levantamento completo.

A editora José Aguilar, a partir de 1959, foi a que promoveu a edição mais importante, em três volumes, com organização de Afrânio Coutinho, da *Obra completa* de Machado de Assis. Das edições por essa casa editora (também foram várias), consultamos a primeira, de 1959. Consultamos, também, a de 1994, da Nova Aguilar, que serviu de base para a disponibilização dos textos machadianos em plataforma digital, pelo MEC, no site Domínio Público (<<http://www.dominiopublico.gov.br/>>). Além dessas duas, confrontamos, ainda, o texto-base com o da nova edição da *Obra completa em quatro volumes*, da Nova Aguilar, de 2015 (terceira edição em quatro volumes).

Das obras publicadas por Machado de Assis, *Papéis avulsos* foi das poucas que não tiveram seu texto estabelecido com rigor filológico pela Comissão Machado de Assis – criada por uma portaria do governo federal, em 19 de setembro de 1958, “com o objetivo de consolidar, e estabelecer criticamente o texto machadiano.” (CAMPOS, 2018, p. 138) O livro, entretanto, foi publicado fora das grandes séries de obras completas em pelo menos duas edições bem cuidadas, com retorno à primeira edição da obra, de 1882 (o que nem sempre foi feito nas grandes edições de obras completas): a de Adriano da Gama Kury, publicada pela editora Garnier em 1989, e a de Ivan Teixeira, publicada pela editora Martins Fontes em 2005. Além dessas duas, os doze textos que compõem *Papéis avulsos* receberam tratamento editorial cuidadoso por John Gledson, na coletânea em dois volumes intitulada *Contos: uma antologia*, publicada pela Companhia das Letras em 1998. Nessa antologia os textos vêm entremeados com outros que não pertencem a *Papéis avulsos*, além de não comparecerem na ordem em que se encontram neste livro.

II

Na preparação da edição de “A Sereníssima República”, que ora publicamos, foram cotejadas todas as edições mencionadas. O texto-base, evidentemente, foi o da primeira edição em livro (Lombaerts, 1882) – partimos do pressuposto de que a inclusão do texto num volume, depois de sua divulgação na imprensa diária (*Gazeta de Notícias*), implicou um cuidado maior do autor com o texto, tendo em vista a

durabilidade do novo veículo, e o fato de ser o livro um objeto socialmente prestigiado. A perenidade do livro contrastaria com a transitoriedade das publicações periódicas.

O texto-base de nossa edição comporta diferenças (variantes) com relação ao texto divulgado previamente em jornal. O estudo dessas variantes nos trouxe alguma surpresa.

O confronto de “A Sereníssima República”, tal como se encontra no livro, com a edição em jornal (*Gazeta de Notícias*) nos conduziu a duas constatações: uma consiste na identificação de possíveis aprimoramentos efetuados no texto pelo autor, a outra nos revela possíveis erros tipográficos ocorridos na composição do livro.

Entre as variantes que resultaram de possível intervenção autoral – que, evidentemente, conservamos em nossa edição – estão as seguintes (não discutiremos os casos que envolvem apenas a pontuação do texto, embora esses casos tenham sido registrados em notas, no rodapé do texto editado):

1a

Aristóteles responderia negativamente, **como** vós todos, porque é impossível crer que jamais se chegasse a organizar socialmente esse articulado arisco, solitário, apenas disposto ao trabalho, e dificilmente ao amor. (*Gazeta de Notícias*, § 4)

Aristóteles responderia negativamente, **com** vós todos, porque é impossível crer que jamais se chegasse a organizar socialmente esse articulado arisco, solitário, apenas disposto ao trabalho, e dificilmente ao amor. (*Papéis avulsos*, 1882, § 4)

2a

Trepidei na escolha; muitos dos atuais pareciam-me bons, alguns excelentes, mas todos tinham contra si o existirem. (*Gazeta de Notícias*, § 9)

Hesitei na escolha; muitos dos atuais pareciam-me bons, alguns excelentes, mas todos tinham contra si o existirem. (*Papéis avulsos*, 1882, § 9)

3a

Era um saco de cinco polegadas de altura e três de largura, tecido com os melhores **fios e obra** sólida e espessa. (*Gazeta de Notícias*, § 13)

Era um saco de cinco polegadas de altura e três de largura, tecido com os melhores **fios, obra** sólida e espessa. (*Papéis avulsos*, 1882, § 13)

4a

Este declarou que **não lembrava de** ter visto o ilustre candidato, mas acrescentou nobremente que não era impossível que ele lhe tivesse

dado o nome; neste caso não houve exclusão, mas distração. (*Gazeta de Notícias*, § 14)

Este declarou que **não se lembrava de** ter visto o ilustre candidato, mas acrescentou nobremente que não era impossível que ele lhe tivesse dado o nome; neste caso não houve exclusão, mas distração. (*Papéis avulsos*, 1882, § 14)

Nos casos **2a**, **3a** e **4a**, acima registrados (deixamos o caso **1a**, mais complexo, para ser discutido por último), não parece haver dúvida de que a intervenção do autor se deu em benefício do texto. No caso **2a**, a substituição da forma verbal “Trepidei” por “Hesitei” indica que o autor optou por um vocábulo que exprimia a ideia com mais exatidão: ao passo que “trepidar” significa “hesitar” apenas secundariamente, figuradamente, ou seja, por conotação, o verbo “hesitar” vai direto ao ponto – expressa muito claramente a ideia, o que casa bem com a circunstância de uma conferência sobre assunto científico (ainda que sob manto alegórico-satírico), ministrada oralmente, a determinado público.

No caso **3a**, a substituição do conectivo “e” por vírgula revela e distingue a diferença de natureza entre as duas qualificações do “saco”: por um lado, ele era “tecido com os melhores fios” – o que diz respeito ao material de que era confeccionado; por outro, era “obra sólida e espessa” – o que é uma avaliação que diz respeito não apenas ao material de que era confeccionado, mas ao resultado final completo, integral, do trabalho de confecção. Essa avaliação, portanto, não se refere apenas às qualidades materiais; por meio dela, as ideias de “solidez” e “espessura” se transmitem à própria instituição, ou seja, à república.

A quarta intervenção que entendemos ser do autor envolve um verbo – “lembrar” – que apresenta diversas regências, de que o escritor, ao longo de sua obra, tirou grande proveito, numa variedade de construções. Machado de Assis considerava legítima a incorporação na escrita, desde que feita com moderação, das criações populares, de “certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade.” (ASSIS, 2013, p. 440) No caso da forma pronominal de “lembrar” (lembrar-se), sua despronominação foi um desses modos de dizer – de fato, incorporado pelos modernistas, duas ou três gerações depois da de Machado de Assis, ganhando, assim, “direito de cidade”. Sobre esse aspecto da obra machadiana, escreveu Aurélio Buarque de Holanda Ferreira:

Ao meu ver, bem pesadas as coisas, Machado, além de desossar um pouco o português de Portugal, não fez mais que introduzir nas suas páginas alguns brasileirismos, quase todos léxicos. Os raros brasileirismos sintáticos figuram sempre na boca de personagens – homens do povo, gente simples, pretos escravos que povoam as suas páginas. E grande parte dos próprios brasileirismos léxicos, empregou-os o romancista como o fizeram, e fazem, muitos outros escritores – pela necessidade elementar de fixar tipos, cenas, costumes do nosso meio. (FERREIRA, 2007, p. 5)

Certamente, o emprego do verbo lembrar sem o pronome e com a preposição “de” já era corrente na língua oral da segunda metade do século XIX. A introdução do pronome “se” na frase, em “A Sereníssima República”, parece indicar que, neste caso, o autor optou pelo registro culto da língua, muito provavelmente para dar um enquadramento formal à linguagem do cônego, e, também, ajustá-la à plateia dele. O procedimento do autor, então, se fez no sentido contrário ao descrito por Aurélio Buarque de Holanda, isto é, a forma “cultu” foi introduzida em substituição à forma “popular”. Nesse caso, apesar de ser o personagem quem fala, trata-se de um personagem de alta cultura.

O primeiro dos casos registrados acima (o da substituição de “como” por “com”) difere dos outros três por deixar bastante margem à dúvida: teria resultado de uma intervenção do autor ou seria um descuido tipográfico? Por essa razão, deixamos a discussão desse caso para o final desta primeira sequência.

Ei-lo novamente:

1a

Aristóteles responderia negativamente, **como** vós todos, porque é impossível crer que jamais se chegasse a organizar socialmente esse articulado arisco, solitário, apenas disposto ao trabalho, e dificilmente ao amor. (*Gazeta de Notícias*, § 4)

Aristóteles responderia negativamente, **com** vós todos, porque é impossível crer que jamais se chegasse a organizar socialmente esse articulado arisco, solitário, apenas disposto ao trabalho, e dificilmente ao amor. (*Papéis avulsos*, 1882, § 4)

Evidentemente, o texto, na *Gazeta de Notícias*, estava corretíssimo: Aristóteles concordaria com a resposta negativa dos ouvintes (tanta novidade havia na informação que o cônego trazia!), ou seja, Aristóteles responderia, negativamente, *como* eles. Em

Papéis avulsos, o texto traz “com vós todos”, no lugar de “como vós todos” – o que não introduz erro na frase. Nessa nova forma, de interpretação um pouco mais difícil, Aristóteles como que se junta aos ouvintes, para concordar com eles – a preposição “com” pode, muito bem, expressar a ideia de concomitância. Das diversas edições que cotejamos – de “A Sereníssima República” –, conservaram a forma que vem em *Papéis avulsos* a de Adriano da Gama Kury (1989) e a de Ivan Teixeira (2005). Os demais editores – preparadores das edições W. M. Jackson (1937 e 1952), da José Aguilar (1959), Nova Aguilar (1994 e 2015) e John Gledson (1998) – adotaram o “como” que vem na *Gazeta de Notícias*, e parece mais lógico.

* * *

É relativamente comum a situação em que um “com” pode entrar no lugar de um “como”, e a frase continuar fazendo sentido. Registramos aqui dois exemplos (há outros) tomados à obra de Machado de Assis: num deles uma partícula poderia entrar no lugar da outra; no outro, não. Vejamos o primeiro caso:

Mas, tu passaste... Houve um grito
Dentro de mim. Aos meus olhos
Visão de amor infinito,
Visão de perpétuo gozo
Perpassava e me atraía,
Com um sonho voluptuoso
De sequiosa fantasia. (ASSIS, 1901, p. 35)

Esses versos, da parte II de “Versos a Corina”, foram publicados originalmente no *Correio Mercantil*, em 26 de março de 1864, e, posteriormente, em *Crisálidas* (1864). Nessas duas publicações, onde se lê, nas *Poesias completas* (1901), “**Com** um sonho voluptuoso”, lia-se “**Como** um sonho voluptuoso”. Diante dessa oscilação, fica a pergunta: a mudança teria sido feita pelo autor, ou seria resultado de um acidente tipográfico? A maioria dos editores das *Poesias completas* de Machado de Assis adotou o “como” da primeira edição em livro. A própria Comissão Machado de Assis, na edição crítica que preparou dessa obra, que tinha na edição das *Poesias completas* de 1901 o seu texto-base, empregou “Como” – sem registrar em rodapé a variante do texto-base. Fica entendida, então, a presunção de erro óbvio. O que nos chama a atenção é o seguinte: a construção com a preposição “com” também faz sentido.

Outro exemplo vem do “Epílogo” da peça *Os deuses de casaca*:

Boa noite. Sou eu, o Epílogo. Mudei
O nome. Abri a peça, a peça fecharei.
O autor, arrependido, oculto, envergonhado,
Manda pedir desculpa ao público ilustrado;
E jura, se cair desta vez, nunca mais
Meter-se em lutas vãs de numes e mortais.
Pede ainda o poeta um reparo. O poeta
Não comunga por si na palavra indiscreta
De Marte ou de Proteu, de Apolo ou de Cupido.
Cada qual fala aqui **como** um deus demitido;
É natural da inveja; e a ideia do autor
Não pode conformar-se a tão fundo rancor. (ASSIS, 2003, p. 420-421)

Publicada pela primeira vez em 1866, a peça *Os deuses de casaca* não teve outras edições em vida do autor. Nessa primeira edição, o “como” que destacamos na passagem transcrita acima, vem grafado “com” – versão que não pareceu fazer sentido a nenhum dos editores posteriores dessa comédia. Desde que ela foi reproduzida por Mário de Alencar no volume *Teatro*, em 1910, “como” entrou no lugar de “com”. Trata-se, neste caso, de um erro tipográfico.

No caso de “A Sereníssima República”, ocorreu algo semelhante, isto é, a substituição de “como” por “com”. Em nossa edição, conforme explicamos acima, respeitamos o texto-base, ou seja, a primeira edição do texto em livro (*Papéis avulsos*).

III

Além das formas linguísticas que, com toda verossimilhança, foram introduzidas no texto pelo próprio autor (em substituição a outras), há em *Papéis avulsos* erros que seguramente foram produzidos na tipografia. Há, também, casos em que pode haver dúvida sobre a origem da intervenção no texto. Examinaremos, em primeiro lugar, os casos de erros (seguramente) tipográficos:

1b

Vinte vezes desanimei; mas o amor da ciência dava-me forças para arremeter a um trabalho, que hoje declaro, não chegaria a **ser** feito duas vezes na vida do mesmo homem. (*Gazeta de Notícias*, e também em nossa edição, e nas demais, § 6)

Vinte vezes desanimei; mas o amor da ciência dava-me forças para arremeter a um trabalho, que hoje declaro, não chegaria a **sar** feito duas vezes na vida do mesmo homem. (*Papéis avulsos*, 1882, § 6)

2b

Uma delas, como já disse, é a perseverança, uma longa paciência de Penélope, segundo **vou** mostrar-vos. (*Gazeta de Notícias*, e também em nossa edição, e nas demais, § 12)

Uma delas, como já disse, é a perseverança, uma longa paciência de Penélope, segundo **von** mostrar-vos. (*Papéis avulsos*, 1882, § 12)

Os dois erros presentes na primeira edição de *Papéis avulsos* resultaram, evidentemente, de descuidos tipográficos que escaparam ao revisor (possivelmente o próprio autor). O livro foi publicado pela livraria Lombaerts em 1882, encontrando-se à venda no início de novembro daquele ano. Quanto ao texto de “A Sereníssima República”, que saiu na *Gazeta de Notícias* em 20 de agosto de 1882, não sabemos sob que forma foi ele enviado à tipografia, para a impressão do livro: teria sido enviado o manuscrito? ou teria sido o texto publicado da *Gazeta*? Do mesmo modo, não temos notícia da revisão: se ficou a cargo do autor ou de um revisor da própria editora. O fato é que, pelos erros acima apontados, podemos concluir que houve falhas na revisão.

Sabemos que Machado de Assis publicou pela mesma livraria, no periódico quinzenal *A Estação*, muitas de suas *Histórias sem data*. Esse livro foi aí impresso para a editora B. L. Garnier, em 1884. Do mesmo modo, o romance *Quincas Borba*, em folhetins, apareceu nas páginas de *A Estação*, entre 15 de junho de 1886 e 15 de setembro de 1891. Sobre a impressão do livro, Laurence Hallewell informa: “Pelo menos *Quincas Borba* foi produzido sob a atenta supervisão do autor, cujo profundo conhecimento tipográfico fora adquirido em seus dias de aprendiz na Typographia Nacional.” (HALLEWELL, 1985, p. 157-158) Teria esse empenho do autor como revisor resultado de “erros” por ele detectados em *Papéis avulsos*, obra impressa nove anos antes? Havia também erros relativamente abundantes nas *Histórias sem data*, impressas em 1884. (Cf. ASSIS, 1975) A primeira edição desse livro, abaixo do “índice”, que vem nas páginas preliminares, entre a página de rosto e a página que traz a “Advertência”, trazia uma errata que dizia: “Escaparam alguns erros tipográficos fáceis de emendar; entre outros, estes: [seguem-se quatro erros seguidos por ‘etc.’].” (ASSIS, 1884, p. V)

Restam duas passagens de “A Sereníssima República” que nos fazem suspeitar de erro tipográfico (omissão em ambos os casos). Passemos a eles.

IV

É conhecida a máxima que diz *errare typographicum est*; os dois erros, **1b** e **2b**, acima apontados são bastante típicos – não deixam dúvida de que aconteceram por acaso. Se nenhuma tipografia está livre da possibilidade de cometer erros, não seria da Lombaerts que exigiríamos perfeição. Nem o “a” no lugar de “e” – “sar” no lugar de “ser” –, nem o “n” no lugar de “u” – “von” no lugar de “vou” foram registrados na errata do livro, que afirma: “Alguns erros escaparam que a inteligência do leitor terá corrigido. Citam-se somente estes: [seguem-se quatro erros; nenhum deles em ‘A Sereníssima República’].” (ASSIS, 1882, p. 303 – não numerada) Esses erros que “a inteligência do leitor” imediatamente reconhece e corrige talvez fossem mesmo dispensáveis numa errata, embora em outra obra (*Poesias completas*, 1901) o autor tenha feito constar da errata coisas como esta: “Página 39. *tens* em vez de *teus*.” (ASSIS, 1901, errata)

Acrescente-se a essas considerações a observação de que as erratas das obras machadianas publicadas enquanto vivia o autor são notoriamente incompletas – muitas vezes registravam erros óbvios (“teus” no lugar de “tens”, como no exemplo citado), mas deixavam sem registro erros importantes.

As duas variantes, **1c** e **2c**, que registramos a seguir, das quais uma (**2c**) jamais foi objeto de reparo por parte dos editores dos textos (que cotejamos) de Machado de Assis, parecem-nos, antes, erros tipográficos (omissões) do que “aprimoramentos” feitos pelo autor. Eis as passagens a que nos referimos:

1c

Mas, suposta a demonstração, aí fica a última prova, **evidente e clara**, da minha afirmação primeira pela anexação da sílaba *ca* às duas *Cane*, dando este nome Caneca. (*Gazeta de Notícias*, e também em nossa edição, § 19)

Mas, suposta a demonstração, aí fica a última prova, **evidente clara**, da minha afirmação primeira pela anexação da sílaba *ca* às duas *Cane*, dando este nome Caneca. (*Papéis avulsos*, 1882, § 19)

Mas, suposta a demonstração, aí fica a última prova, **evidente, clara**, da minha afirmação primeira pela anexação da sílaba *ca* às duas *Cane*, dando este nome Caneca. (Todas as outras edições cotejadas de *Papéis avulsos*, § 19)

2c

Daí a mudança para a forma cilíndrica; mais tarde deu-se-lhe o aspecto de uma ampulheta, cujo inconveniente se reconheceu ser **igual ao do triângulo**, e então adoptou-se a forma de um crescente, etc. (*Gazeta de Notícias*, e também em nossa edição, § 20)

Daí a mudança para a forma cilíndrica; mais tarde deu-se-lhe o aspecto de uma ampulheta, cujo inconveniente se reconheceu ser **igual ao triângulo**, e então adoptou-se a forma de um crescente, etc. (*Papéis avulsos*, 1882, e em todas as outras edições cotejadas dessa obra, § 20)

No parágrafo 19 (trecho 1c) de “A Sereníssima República”, aparecem dois adjetivos justapostos, sem qualquer pontuação ou conjunção que os coordene: “evidente clara”. No esforço para compreender a ocorrência como possível construção do autor, chegamos a pensar na possibilidade de o primeiro adjetivo – “evidente” – exercer função adverbial em relação ao segundo – “clara” –; o resultado seria o equivalente a “evidentemente clara”. Tal construção, embora possível, soa deselegante (dificilmente aceitável) – tanto que os editores posteriores dessa obra de Machado de Assis (os que cotejamos), sem exceção, introduziram uma vírgula entre os dois adjetivos.

Quando examinamos o texto na *Gazeta de Notícias*, o que encontramos no lugar da vírgula é a conjunção aditiva “e” – o que resulta na caracterização cabal da prova pressuposta na demonstração do aracnídeo filólogo (ver o contexto no texto completo). Quando os adjetivos vêm separados por vírgula, eles funcionam como uma enumeração, que poderia receber acréscimos, ao passo que a conjunção “e” tende a não admiti-los.

Que houve alguma omissão tipográfica na edição Lombaerts (1882) não pode haver dúvida. Diante disso, como articular os dois adjetivos? Optamos, em nossa edição do texto, pela restauração da conjunção “e”, que estava presente na primeira publicação (na *Gazeta Notícias*). Entendemos que na tipografia a omissão foi da conjunção, e não da vírgula.

Resta-nos justificar a restauração a que procedemos na segunda passagem (2c): “Daí a mudança para a forma cilíndrica; mais tarde deu-se-lhe o aspecto de uma ampulheta, cujo **inconveniente** se reconheceu ser **igual ao triângulo**, e então adoptou-se a forma de um crescente, etc.” Nenhuma das edições confrontadas com o texto-base, no processo editorial de “A Sereníssima República”, fez qualquer reparo a essa passagem – nem nota, com comentário, nem correção. A nós, pareceu-nos um

despropósito afirmar que o “**inconveniente** [da ampulheta] se reconheceu ser **igual ao triângulo**”. Que a ampulheta tenha alguma semelhança com a forma triangular é certo. Entretanto, o “inconveniente” (ou a inconveniência) ser igual ao “triângulo” é algo inteiramente distinto. A forma da expressão pareceu-nos um tanto inexata, e o exame do texto em sua primeira publicação nos convenceu de que houve aí outra omissão, a da preposição “de” (que estava presente na *Gazeta*).

O resultado foi a restauração daquela que julgamos ser a forma correta do texto: “Daí a mudança para a forma cilíndrica; mais tarde deu-se-lhe o aspecto de uma ampulheta, cujo **inconveniente** se reconheceu ser **igual ao do triângulo**, e então adoptou-se a forma de um crescente, etc.” Com a nova forma, o “inconveniente” da ampulheta foi reconhecido como igual ao “inconveniente” do triângulo. Assim, restaurada, a expressão nos parece exata; a lição reconstituída não é conjectura nossa – não pretendemos “corrigir” o autor. Ela (a lição) já estava presente na primeira publicação do texto.

* * *

Uma outra passagem em que a lógica do texto nos pareceu falha, mas que não ousamos alterar, foi a seguinte: “Para uns, a linha recta exprime os bons sentimentos, a justiça, a probidade, a inteireza, a constância, etc., ao passo que os sentimentos ruins ou inferiores, **como** a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia, são perfeitamente curvos.” (§ 15) Esse “como” não nos parece fazer sentido, pois “a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia” não são “sentimentos”. Na estrutura do período, é nítido o paralelismo entre as duas enumerações: aquilo que se associa à linha reta – “os bons sentimentos, a justiça, a probidade, a inteireza, a constância”; e aquilo que se associa às linhas curvas – “os sentimentos ruins ou inferiores, a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia”. O paralelismo seguramente foi intencional; a primeira sequência, composta de quatro elementos é a matriz da correlação; a segunda, igualmente composta por quatro elementos, seria perfeitamente paralela à primeira (não fosse o como!).

Teria o autor cochilado? Nenhum dos editores da obra *Papéis avulsos*, até hoje, discutiu a questão desse possível erro (tipográfico? do autor?), que discutimos aqui. Como todos os editores anteriores a nós, optamos por não corrigir o texto; não sabemos que reação teria o autor se lhe apontássemos a impropriedade que julgamos haver na passagem. Em nosso entendimento, corrigi-la corresponderia a elidir um aspecto que

ajuda a compor a dimensão humana do escritor. Seria como polir uma pequena saliência deixada numa estátua recém-saída das mãos de um escultor...

V

O confronto do texto-base de “A Sereníssima República” com o texto da primeira publicação na *Gazeta de Notícias* nos revelou algumas variantes textuais que resultaram da intervenção do autor para o aprimoramento do texto; entretanto, deixou-nos em dúvida quanto a outras. A discussão dessas questões (as primeiras) diz respeito à crítica genética – elas (as questões) importam na medida de nosso interesse pelos processos criativos do escritor.

O texto em si importa à apreciação da qualidade do artista.

O confronto do texto-base com suas sucessivas edições, após a morte do autor, nos põe diante de questões muito distintas das anteriores, que dizem respeito ao destino histórico do texto – o que fizeram com ele? Nessa perspectiva, aprendemos algo sobre nós mesmos e nosso patrimônio cultural, sobre como a cultura brasileira cuidou de si mesma.

A proposta da *Machadiana Eletrônica*, de editar e reeditar textos de Machado de Assis, significa uma retomada da obra do autor com um novo interesse: o de torná-la, na medida do possível, nossa contemporânea, sem deixar de ser de seu tempo. Tentamos neste periódico algo parecido com o que Machado de Assis realizou em *Papéis avulsos*, onde escreveu: “Este título de *Papéis avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. *A verdade é essa, sem ser bem essa.*” (ASSIS, 2005, p. 3, grifo nosso) De modo semelhante, aproveitando-lhe a ideia do paradoxo, queremos o autor no nosso tempo sem sair de seu próprio tempo. Queremos atualizá-lo, sem modernizá-lo. Nós o queremos perfeito, artista puro e máximo (que é o que ele era).

Embora realizadas com metodologia aprendida em lições filológicas, as edições publicadas neste periódico não são propriamente críticas. Trazem aparato com registros de variantes e notas diversas, é certo, mas não são edições críticas (no rigor da expressão).

Muitas das edições que até agora têm aparecido na *Machadiana Eletrônica* (embora o periódico esteja aberto a outras concepções ecdóticas) distinguem-se de uma

edição crítica, principalmente, em dois aspectos: elas não preservam rigorosamente a língua do tempo do autor – as atualizações ortográficas muitas vezes introduzem nos textos pequenas variações de pronúncia, como o timbre de certas vogais, assim como a não pronúncia de certas consoantes em encontros consonantais; e elas registram variantes de textos de edições feitas após a morte do autor, procurando documentar o destino e a história dos textos – ao passo que uma edição crítica tem por fim a restituição do texto à sua forma genuína, que seria equivalente à última vontade do autor, ainda que idealmente pensada – e com a preservação integral da língua no estado em foi de fato utilizada pelo escritor.

No tocante à atualização ortográfica, parte das edições publicadas na *Machadiana* preserva certas formas gráficas que, embora não coincidam mais com a pronúncia contemporânea (pelo menos no Brasil), ainda estão registradas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* e em dicionários contemporâneos – é o caso de algumas consoantes hoje mudas (como as que ocorrem em “subtileza”, “recto”, etc.) e de certas vogais e ditongos (como em “regímen”, “cousa”, “dous”, “douda”, etc.). A atualização dessas ortografias é aceitável; no caso de Machado de Assis, entretanto, é aconselhável a sua conservação, pois é bem conhecido o gosto do autor por arcaísmos e formas antigas da língua portuguesa – acervo que guarda “mil riquezas que, à força de velhas, se fazem novas”, conforme ele escreveu, como que justificando o apreço que tinha por essas formas. (ASSIS, 2013, p. 441) Além disso, o estranhamento decorrente desses usos funciona como provocador do distanciamento necessário à apreciação estética do texto.

O cotejo com edições posteriores à morte do autor, diferentemente dos confrontos entre as edições feitas em vida, tem importância bem outra. Se, por um lado, há nessas edições descuidos e tentativas de correção dos textos (especialmente no que diz respeito à pontuação), por outro, há acertos, há correções necessárias – as tipografias do século XIX estavam longe de ter a qualidade desejável para a publicação de obras de arte verbais. Quanto à pontuação, alguns poucos estudos já realizados, assim como a atenção aos hábitos do escritor que os trabalhos editoriais propiciam, já nos convenceram de que a preservação de sua pontuação é o procedimento mais recomendável, para não coarctar-lhe os ímpetos expressivos.

No caso de textos poéticos, muitas vezes, por razões de rima ou de métrica, formas vocabulares antigas ou “exóticas” são mantidas nos textos; nesses casos, porém, os fatos são assinalados e comentados em notas de rodapé. Entre o que chamamos aqui de formas vocabulares “exóticas” estão palavras estrangeiras empregadas como se pertencessem à língua portuguesa; é o caso, por exemplo, de “minarets” – em português atual “minaretes” –, vocábulo que, não existindo dicionarizado nos léxicos da língua portuguesa naquele tempo, foi tomado pelo poeta ao francês, no poema “Alpujarra”, publicado em *Crisálidas*, 1864.

As edições que a *Machadiana Eletrônica* vem publicando, portanto, procuram atender à exigência de que elas se prestem a ser usadas para “observar, no interior de uma obra, correlações de formas, de imagens, de fatos estilísticos, etc...” (STAROBINSKI, 1995, p. 138) É certo, porém, que, por não preservar a língua portuguesa no registro histórico estrito do tempo em que o autor escreveu suas obras, esses textos não permitem análises precisas nos campos da fonética, da fonologia, da linguística histórica ou da história da língua. Diríamos, por mais paradoxal que pareça, que as edições se destinam mais aos estudos literários do que aos estudos linguísticos.

A NEW EDITION OF “A SERENÍSSIMA REPÚBLICA”

Abstract: This paper deals with certain points in the editorial process of “A Sereníssima República”, a text published by Machado de Assis in *Papéis avulsos*, in 1882. A brief history of the text and the procedure for choosing the main text to edit were presented. Then, the variants found in the comparison between this main text and the texts from other editions were divided into three categories: those attributed to the author himself, most likely with the intention of improving the text; those defined by typographical errors; and, finally, a case of correction of the text by those who edited it after the death of the author (a correction for which we present a solution divergent from the tradition) and a case of difficult interpretation, which contains two alternative solutions – case that was discussed and for which we justify the adopted solution.

Keywords: Textual criticism, Machado de Assis, A Sereníssima República.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. *Teatro*. Coligido por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.
- ASSIS, Machado de. A Sereníssima República (conferência do cônego Vargas). *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 231, p. 1, 20 ago. 1882.
- ASSIS, Machado de. A Sereníssima República (conferência do cônego Vargas). In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 225-239.
- ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1884.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Nova edição revista. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1909.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1920.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, s.d.
- ASSIS, Machado de. *História sem data*. Edição crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ASSIS, Machado de. A Sereníssima República (conferência do cônego Vargas). In: *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas: John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 1, p. 391-400.
- ASSIS, Machado de. *Teatro de Machado de Assis*. Edição preparada por João Roberto Faria. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ASSIS, Machado de. A Sereníssima República (conferência do cônego Vargas). In: *Papéis avulsos*. Prefácio de John Gledson; notas de Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: *Instinto de nacionalidade*. In: *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. Org. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 429-441.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: O texto e o seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. Dir. *História: novas abordagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 132-143.

ÍNDICES

ÍNDICES (atualizados até v. 8, n. 15)

TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS TÍTULOS:

- [A Antônio Martins Marinhas] – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- A + B (12 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 7 e p. 33.
- A + B (16 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 11 e p. 41.
- A + B (22 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 15 e p. 49.
- A + B (28 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 17 e p. 57.
- A + B (4 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 21 e p. 65.
- A + B (14 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 25 e p. 73.
- A + B (24 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 29 e p. 81.
- A Caridade – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- A Ch. F., filho de um proscrito – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- A chinela turca – v. 8, n. 15, p. 25 e p. 99.
- A folha do salgueiro – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- A lanterna de Diógenes – v. 6, n. 11, p. 23 e p. 93.
- A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- A nova geração – v. 2, n. 4, p. 7 e p. 39.
- A reforma pelo jornal – v. 6, n. 11, p. 55 e p. 141.
- A S. M. I. – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- A saudade – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 25.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 30.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 36.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 40.

- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 46.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 50.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 54.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 59.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 65.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 70.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 76.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 83.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 88.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 94.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 98.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 102.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 108.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 120.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 126.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 132.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 138.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 145.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 150.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 156.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 162.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 168.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 172.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 178.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 184.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 190.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 194.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 199.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 204.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 210.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 216.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 220.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 226.

- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 232.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 238.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 242.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 248.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 254.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 261.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 266.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 272.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 278.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 282.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 288.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 294.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 300.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 306.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 312.
- A Semana – 136 (6 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 16.
- A Semana – 137 (13 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 22.
- A Semana – 138 (20 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 28.
- A Semana – 139 (27 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 34.
- A Semana – 140 (3 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 40.
- A Semana – 141 (10 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 47.
- A Semana – 142 (17 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 54.
- A Semana – 143 (24 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 60.
- A Semana – 144 (3 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 66.
- A Semana – 145 (10 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 70.
- A Semana – 146 (17 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 74.
- A Semana – 147 (24 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 80.
- A Semana – 148 (31 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 84.
- A Semana – 149 (7 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 88.
- A Semana – 150 (14 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 94.
- A Semana – 151 (21 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 100.
- A Semana – 152 (28 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 106.

- A Semana – 153 (5 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 112.
- A Semana – 154 (12 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 118.
- A Semana – 155 (19 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 123.
- A Semana – 156 (26 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 128.
- A Semana – 157 (2 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 132.
- A Semana – 158 (9 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 138.
- A Semana – 159 (16 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 144.
- A Semana – 160 (23 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 150.
- A Semana – 161 (30 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 156.
- A Semana – 162 (7 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 162.
- A Semana – 163 (14 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 168.
- A Semana – 164 (21 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 174.
- A Semana – 165 (28 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 180.
- A Semana – 166 (4 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 186.
- A Semana – 167 (11 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 190.
- A Semana – 168 (18 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 196.
- A Semana – 169 (25 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 202.
- A Semana – 170 (1º de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 208.
- A Semana – 171 (8 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 214.
- A Semana – 172 (15 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 220.
- A Semana – 173 (22 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 226.
- A Semana – 174 (29 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 232.
- A Semana – 175 (6 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 239.
- A Semana – 176 (13 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 247.
- A Semana – 177 (20 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 254.
- A Semana – 178 (27 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 262.
- A Semana – 179 (3 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 269.
- A Semana – 180 (10 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 276.
- A Semana – 181 (17 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 283.
- A Semana – 182 (24 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 288.
- A Semana – 183 (1º de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 33.
- A Semana – 184 (8 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 41.

- A Semana – 185 (15 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 47.
- A Semana – 186 (22 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 53.
- A Semana – 187 (29 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 61.
- A Semana – 188 (5 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 67.
- A Semana – 189 (12 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 73.
- A Semana – 190 (19 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 81.
- A Semana – 191 (26 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 89.
- A Semana – 192 (2 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 97.
- A Semana – 193 (9 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 103.
- A Semana – 194 (16 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 111.
- A Semana – 195 (23 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 117.
- A Semana – 196 (1º de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 123.
- A Semana – 197 (8 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 133.
- A Semana – 198 (15 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 141.
- A Semana – 199 (22 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 145.
- A Semana – 200 (29 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 153.
- A Semana – 201 (5 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 161.
- A Semana – 202 (12 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 167.
- A Semana – 203 (19 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 173.
- A Semana – 204 (26 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 179.
- A Semana – 205 (3 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 185.
- A Semana – 206 (10 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 191.
- A Semana – 207 (17 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 199.
- A Semana – 208 (24 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 205.
- A Semana – 209 (31 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 211.
- A Semana – 210 (7 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 217.
- A Semana – 211 (14 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 225.
- A Semana – 212 (21 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 231.
- A Semana – 213 (28 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 237.
- A Semana – 214 (5 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 241.
- A Semana – 215 (12 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 253.
- A Semana – 216 (19 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 259.

- A Semana – 217 (26 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 267.
- A Semana – 218 (2 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 275.
- A Semana – 219 (9 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 281.
- A Semana – 220 (16 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 287.
- A Semana – 221 (23 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 295.
- A Semana – 222 (30 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 303.
- A Semana – 223 (6 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 309.
- A Semana – 224 (13 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 313.
- A Semana – 225 (20 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 321.
- A Semana – 226 (27 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 329.
- A Semana – 227 (4 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 337.
- A Semana – 228 (11 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 345.
- A Semana – 229 (18 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 351.
- A Semana – 230 (25 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 357.
- A Semana – 231 (1º de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 361.
- A Semana – 232 (8 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 367.
- A Semana – 233 (15 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 373.
- A Semana – 234 (22 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 379.
- A Semana – 235 (29 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 385.
- A Semana – 236 (6 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 401.
- A Semana – 237 (13 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 407.
- A Semana – 238 (20 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 413.
- A Semana – 239 (27 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 419.
- A Semana – 240 (3 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 427.
- A Semana – 241 (10 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 433.
- A Semana – 242 (17 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 439.
- A Semana – 243 (24 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 445.
- A Semana – 244 (31 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 451.
- A Semana – 245 (7 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 459.
- A Semana – 246 (14 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 463.
- A Semana – 247 (21 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 469.
- A Semana – 248 (28 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 475.

- A Sereníssima República – v. 8, n. 15, p. 67 e p. 163.
- A um legista – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- A uma menina – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- A uma mulher – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente – v. 1, n. 1, p. 9 e p. 25.
- Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Antes da missa – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Aquarelas I. Os fanqueiros literários – v. 6, n. 11, p. 35 e p. 109.
- Aquarelas II. O parasita – v. 6, n. 11, p. 39 e p. 115.
- Aquarelas II. O parasita (continuação) – v. 6, n. 11, p. 43 e p. 121.
- Aquarelas III. O empregado público aposentado – v. 6, n. 11, p. 47 e p. 129.
- Aquarelas IV. O folhetinista – v. 6, n. 11, p. 51 e p. 135.
- As flores e os pinheiros – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.
- As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- As rosas – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- As ventoinhas – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aspiração – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- [Carta do Gatinho preto] – v. 4, n. 7, p. 33 e p. 77.
- [Carta-prefácio à obra *Legislação servil*] – v. 4, n. 7, p. 25 e p. 59.
- Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Coração triste falando ao sol – v. 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- [Crônica] – 249 (4 de novembro de 1900) – v. 7, n. 14, p. 491.
- [Crônica] – 250 (11 de novembro de 1900) – v. 7, n. 14, p. 503.
- D. Benedita – v. 8, n. 15, p. 43 e p. 127.
- Elegia – v. 6, n. 12, p. 39 e p. 99.
- Epitáfio do México – v. 6, n. 12, p. 31 e p. 83.
- Errata da primeira edição das *Poesias completas* (1901) – v. 1, n. 1, p. 55.

- Erro – v. 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Fé – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Gabriela da Cunha – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Horas vivas – v. 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Ideal do crítico – v. 6, n. 11, p. 77 e p. 201.
- Lira chinesa: Nota D – v. 7, n. 13, p. 19.
- Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Menina e moça – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa consolatrix – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.
- Na arca – v. 8, n. 15, p. 35 e p. 115.
- [No álbum de Carlos Gomes] – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- No espaço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- No limiar – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- [Notas de leitura] – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 79.
- [Notas de leitura (segunda parte)] – v. 6, n. 11, p. 69 e p. 175.
- Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade – v. 6, n. 11, p. 59 e p. 145.
- O dilúvio – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- O espelho – v. 4, n. 7, p. 17 e p. 45; e v. 8, n. 15, p. 75 e p. 177.
- O imperador – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
- O jornal e o livro – v. 6, n. 11, p. 27 e p. 97.
- O leque – v. 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- O passado, o presente e o futuro da literatura – v. 6, n. 11, p. 17 e p. 83.
- O poeta a rir – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- O Progresso – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- O segredo do bonzo – v. 8, n. 15, p. 61 e p. 153.
- Os arlequins – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.

- Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Os deuses de casaca – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Os dous horizontes – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Pensamentos de Machado de Assis (recolhidos e organizados por Letícia Malard) – v. 2, n. 3, p. 11.
- Polônia – v. 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- [Por ora sou pequenina] – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Prelúdio – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Quinze anos – v. 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Reflexos – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.
- Saudades – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- Sinhá – v. 6, n. 12, p. 43 e p. 105.
- Souvenir d'exil (tradução de Machado de Assis) – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Stella – v. 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Teoria do medalhão – v. 8, n. 15, p. 17 e p. 85.
- Última folha – v. 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Uma ode de Anacreonte – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Versos a Corina – v. 6, n. 12, p. 47 e p. 113.
- Versos a Corina – III (Fragmento) – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Visão – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.
- Visio – v. 6, n. 12, p. 23 e p. 69.

POESIAS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS PRIMEIROS VERSOS:

- A mulher é um cata-vento, – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aí vão cinco quadrinhas – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- Amo aquela formosa e terna moça – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- Ao som da tua voz a mocidade acorda, – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- As orações dos homens – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Beijam as ondas a deserta praia; – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.

- Caía a tarde. Do infeliz à porta, – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- Cantigas modulei ao som da flauta, – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- César! fulge mais luz nas saudações do povo, – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- Como aurora de um dia desejado, – v 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- Desabrochas ainda; tu és bela – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Do sol ao raio esplêndido, – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- Dobra o joelho: é um túmulo. – v 6, n. 12, p. 31 e p. 83.
- Ela tinha no rosto uma expressão tão calma – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- Enfim! sobre esta cena, a tua e nossa glória, – v 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Era uma pobre criança... – v 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Eras pálida. E os cabelos, – v 6, n. 12, p. 23 e p. 69.
- Erro é teu. Amei-te um dia – v 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Está naquela idade inquieta e duvidosa, – v 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Filha pálida da noite, – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Fiz promessa, dizendo-te que um dia – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Flor a abrir, entre nós, surge agora um infante; – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Il est beau. Dans son front où la grâce rayonne, – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- Já raro e mais escasso – v 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Jaz em ruínas o torrão dos mouros; – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Junto ao plácido rio – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia, – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Meiga saudade! – Amargos pensamentos – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos! – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa, depõe a lira! – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Musa, desce do alto da montanha – v 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Na perfumada alcova a esposa estava, – v 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- Nem o perfume que expira – v 6, n. 12, p. 43 e p. 105.
- No arvoredo sussurra o vendaval do outono, – v 7, n. 13, p. 35 e p. 69.

- Noite: abrem-se as flores... – v 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Nós estávamos sós; era de noite; – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro, – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
- Ora esta! Pois tu, que és a mãe da preguiça, – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Para os filhos do céu gêmeas nasceram – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- Por ora sou pequenina – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Quando, coos tênues vínculos de gozo, – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Que a mão do tempo e o hálito dos homens – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.
- Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Querem saber quem sou? O Prólogo. Mudado – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Recebe, ó Braga, o meu canto – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- “Respeita a fouce a espiga que desponta; – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Rico era o rosto branco; armas trazia, – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Rompendo o último laço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- Rosas que desabrochais, – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- Saímos, ela e eu, dentro de um carro, – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto, – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Se, como outrora, nas florestas virgens, – v 6, n. 12, p. 39 e p. 99.
- Sinto que há na minh’alma um vácuo imenso e fundo, – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Taça d’água parece o lago ameno; – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- Tu foges à cidade? – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo – v 6, n. 12, p. 47 e p. 113.
- Um horizonte, – a saudade – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Vi de um lado o Calvário, e do outro lado – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.
- Vi os pinheiros no alto da montanha – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.
- Vou rio abaixo vogando – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.

TEXTOS ATRIBUÍDOS A MACHADO DE ASSIS:

- A hebreia – v. 2, n. 4, p. 89.
- A Portugal – v. 2, n. 4, p. 85.
- O Réquiem de Verdi – v. 2, n. 4, p. 93.

OUTROS TEXTOS RELACIONADOS A MACHADO DE ASSIS:

- Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Machado de Assis (Notícia não assinada, publicada em *A Semana*, 9 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 89.

AUTORES TRADUZIDOS POR MACHADO DE ASSIS:

- Bouilhet, Louis
 - Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Chateaubriand, François-René de
 - Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Chénier, André
 - A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Dumas Filho, Alexandre
 - Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
 - Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Girardin, Mme. Émile de
 - Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Han-Tiê
 - O poeta a rir – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- Heine, Heinrich
 - As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.

- Mickiewicz, Adam
 - Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Musset, Alfred de
 - Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ribeyrolles, Charles
 - Souvenir d'exil – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Schiller, Johann Christoph Friedrich von
 - Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Shakespeare, William
 - A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Su-Tchon
 - Coração triste falando ao sol – v. 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- Tan-Jo-Lu
 - O leque – v. 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- Tchan-Tiú-Lin
 - A folha do salgueiro – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- Tchê-Tsi
 - A uma mulher – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- Thu-Fu
 - O imperador – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
 - Reflexos – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.
- Tin-Tun-Sing
 - As flores e os pinheiros – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.

ARTIGOS E OUTROS TEXTOS, PELOS TÍTULOS:

- “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
- A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
- A folha de salgueiro (Tchan-Tiu-Lin) – v. 7, n. 13, p. 83.
- A “Lira chinesa”, de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 183.

- A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- A rir da natureza (Uan-Tié) – v. 7, n. 13, p. 75.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.

- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.

- A Semana – 136 (6 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 15.
- A Semana – 137 (13 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 21.
- A Semana – 138 (20 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 27.
- A Semana – 139 (27 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 33.
- A Semana – 140 (3 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 39.
- A Semana – 141 (10 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 45.
- A Semana – 142 (17 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 53.
- A Semana – 143 (24 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 59.
- A Semana – 144 (3 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 65.
- A Semana – 145 (10 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 69.
- A Semana – 146 (17 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 73.
- A Semana – 147 (24 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 79.
- A Semana – 148 (31 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 83.
- A Semana – 149 (7 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 87.
- A Semana – 150 (14 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 93.
- A Semana – 151 (21 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 99.
- A Semana – 152 (28 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 105.
- A Semana – 153 (5 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 111.
- A Semana – 154 (12 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 117.
- A Semana – 155 (19 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 121.
- A Semana – 156 (26 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 127.
- A Semana – 157 (2 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 131.
- A Semana – 158 (9 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 137.
- A Semana – 159 (16 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 143.
- A Semana – 160 (23 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 149.
- A Semana – 161 (30 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 155.
- A Semana – 162 (7 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 161.
- A Semana – 163 (14 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 167.
- A Semana – 164 (21 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 173.
- A Semana – 165 (28 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 179.
- A Semana – 166 (4 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 185.
- A Semana – 167 (11 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 189.

- A Semana – 168 (18 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 195.
- A Semana – 169 (25 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 201.
- A Semana – 170 (1º de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 207.
- A Semana – 171 (8 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 213.
- A Semana – 172 (15 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 219.
- A Semana – 173 (22 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 225.
- A Semana – 174 (29 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 231.
- A Semana – 175 (6 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 237.
- A Semana – 176 (13 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 245.
- A Semana – 177 (20 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 253.
- A Semana – 178 (27 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 261.
- A Semana – 179 (3 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 267.
- A Semana – 180 (10 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 275.
- A Semana – 181 (17 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 281.
- A Semana – 182 (24 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 287.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.
- A uma mulher formosa (Tché-Tsi) – v. 7, n. 13, p. 77.
- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 301.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.

- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 245.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 14, p. 543.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 281.
- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Letícia Malard – v. 2, n. 3, p. 153.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- As flores e os pinheiros (Tin-Tun-Ling) – v. 7, n. 13, p. 85.
- Avulsos dos avulsos – v. 8, n. 15, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- Coração triste, falando ao sol (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 89.
- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
- Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 301.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Erratas – v. 7, n. 13, p. 251.
- Erratas – v. 7, n. 14, p. 549.

- Erratas – v. 8, n. 15, p. 289.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 10, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 13) – v. 7, n. 13, p. 221.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 14) – v. 7, n. 14, p. 513.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 15) – v. 8, n. 15, p. 251.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- *Le livre de jade* – v. 7, n. 13, p. 91.
- “Lira chinesa”: ”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teologais – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
- Machado de Assis, tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.

- Machado pensador – v. 2, n. 3, p. 5.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nomes, pronomes, vírgulas, etc. num poema de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 207.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O imperador (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 79.
- O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 193.
- O leque (Tan-Jo-Su) – v. 7, n. 13, p. 81.
- O livro de Jade – v. 7, n. 13, p. 91.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças - interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Salto para o alto – v. 7, n. 13, p. 15.
- Sequestro de um retrato: o conto “D. Benedita”, de Machado de Assis – d’A *Estação* aos *Papéis avulsos* – v. 8, n. 15, p. 205.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Sobre o rio Tchú (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 87.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.

- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.

OUTRAS ARTES:

- Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

AUTORES:

- Aguiar, O Mateus [pseudônimo de autor desconhecido]
 - Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Alencar, Mário de
 - Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- [Araújo, Ferreira de?]
 - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Campos, Alex Sander Luiz
 - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
 - Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
 - Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
 - Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
 - Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
 - Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
 - Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
 - Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
 - “Lira chinesa”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- Cei, Vitor
 - A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Cibrão, Ernesto
 - Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.

– Delfino, Luís

- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.

– Feijó, Antônio

- A folha de salgueiro (Tchan-Tiu-Lin) – v. 7, n. 13, p. 83.
- A rir da natureza (Uan-Tié) – v. 7, n. 13, p. 75.
- A uma mulher formosa (Tché-Tsi) – v. 7, n. 13, p. 77.
- As flores e os pinheiros (Tin-Tun-Ling) – v. 7, n. 13, p. 85.
- Coração triste, falando ao sol (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 89.
- O imperador (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 79.
- O leque (Tan-Jo-Su) – v. 7, n. 13, p. 81.
- Sobre o rio Tchú (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 87.

– Freitas, João Vítor

- “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.

– Gledson, John

- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.

- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- A Semana – 136 (6 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 15.
- A Semana – 137 (13 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 21.
- A Semana – 138 (20 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 27.
- A Semana – 139 (27 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 33.
- A Semana – 140 (3 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 39.

- A Semana – 141 (10 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 45.
- A Semana – 142 (17 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 53.
- A Semana – 143 (24 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 59.
- A Semana – 144 (3 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 65.
- A Semana – 145 (10 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 69.
- A Semana – 146 (17 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 73.
- A Semana – 147 (24 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 79.
- A Semana – 148 (31 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 83.
- A Semana – 149 (7 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 87.
- A Semana – 150 (14 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 93.
- A Semana – 151 (21 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 99.
- A Semana – 152 (28 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 105.
- A Semana – 153 (5 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 111.
- A Semana – 154 (12 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 117.
- A Semana – 155 (19 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 121.
- A Semana – 156 (26 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 127.
- A Semana – 157 (2 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 131.
- A Semana – 158 (9 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 137.
- A Semana – 159 (16 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 143.
- A Semana – 160 (23 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 149.
- A Semana – 161 (30 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 155.
- A Semana – 162 (7 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 161.
- A Semana – 163 (14 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 167.
- A Semana – 164 (21 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 173.
- A Semana – 165 (28 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 179.
- A Semana – 166 (4 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 185.
- A Semana – 167 (11 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 189.
- A Semana – 168 (18 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 195.
- A Semana – 169 (25 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 201.
- A Semana – 170 (1º de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 207.
- A Semana – 171 (8 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 213.
- A Semana – 172 (15 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 219.
- A Semana – 173 (22 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 225.
- A Semana – 174 (29 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 231.
- A Semana – 175 (6 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 237.
- A Semana – 176 (13 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 245.

- A Semana – 177 (20 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 253.
- A Semana – 178 (27 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 261.
- A Semana – 179 (3 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 267.
- A Semana – 180 (10 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 275.
- A Semana – 181 (17 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 281.
- A Semana – 182 (24 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 287.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Herane, Amanda Rios
 - Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Jucá, Gabriela
 - “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
 - Machado de Assis tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
 - Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Malard, Letícia
 - Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Machado de Assis – v. 2, n. 3, p. 153.
 - Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
 - Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
 - Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Melo, M[anuel] de
 - A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Miranda, José Américo
 - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
 - “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
 - A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
 - A “Lira chinesa”, de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 183.
 - A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
 - A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
 - A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.

- “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 319.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 245.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 14, p. 543.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 281.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Avulsos dos avulsos – v. 8, n. 15, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 325.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Erratas – v. 7, n. 13, p. 251.
- Erratas – v. 7, n. 14, p. 549.
- Erratas – v. 8, n. 15, p. 289.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.

- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 11, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 13) – v. 7, n. 13, p. 221.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 14) – v. 7, n. 14, p. 513.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 15) – v. 8, n. 15, p. 251.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- “Lira chinesa”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teologais – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nomes, pronomes, vírgulas, etc. num poema de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 207.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 193.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Salto para o alto – v. 7, n. 13, p. 15.
- Sequestro de um retrato: o conto “D. Benedita”, de Machado de Assis – d’A *Estação* aos *Papéis avulsos* – v. 8, n. 15, p. 205.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.
- Novais, Faustino Xavier de
 - Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Oliveira, Gracinéa I.
 - A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.

- Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Papassoni, João Paulo
 - Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Peixoto, Luís de Alvarenga
 - O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- Pinto, Nilton de Paiva
 - Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
 - Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
 - Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
 - “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Santos, Gilson
 - “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
 - A Semana: de 1º de dezembro de 1895 a 28 de fevereiro de 1897 – v. 7, n. 14, p. 17.
 - “A Semana”, de Machado de Assis – uma edição anotada – v. 7, n. 14, p. 23.
 - “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.
 - Agradecimentos – v. 7, n. 14, p. 21.
 - Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
 - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
 - Lista de palavras atualizadas – v. 7, n. 14, p. 509.
 - Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
 - O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 193.
 - Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Silva, Felipe Lima da
 - Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Souza, Rilane Teles de
 - Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Souza, Roberto Acízelo de
 - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Tito, Fábio
 - Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- Roiz, Lopes
 - Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.
- Walter, Judith
 - O livro de jade – v. 7, n. 13, p. 91.

ABREVIATURAS

ABREVIATURAS EMPREGADAS NAS EDIÇÕES DOS TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS

ABLFN – *A Academia Brasileira de Letras*, 1940.

AL – *Autores e Livros*.

ALA1866 – *A lírica de Anacreonte*, 1866.

AM1875 – *Americanas*, 1875.

ATAS – *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*, 2001.

BABL – *Boletim da Academia Brasileira de Letras*, 1897.

BB – *Biblioteca Brasileira*, t. I, n. 2, 1863.

BP – *Brasil-Portugal*.

CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.

CB – *Courrier du Brésil*.

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.

CHRY2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.

CJG1998 – *Contos: uma antologia*, 1998, edição de John Gledson.

CLBMA – *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, São Paulo, Instituto Moreira Sales, n. 23 e n. 24, jul. 2008

CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.

CLJ1953 – *Crítica literária*, 1953.

CM – *Correio Mercantil*.

CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.

COC1988 – *A cartomante e outros contos*, 1988.

COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.

CP – *Correio Paulistano*.

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

CRU – *O Cruzeiro*.

CT – *Correio da Tarde*.

DA1934 – *Discursos acadêmicos (1897-1906)*, 1934.

DA1965 – *Discursos acadêmicos*, volume I (1897-1919). 1965.

DA2005 – *Discursos acadêmicos*, tomo I: Volumes I – II – III – IV 1897-1919, 2005.

DB – *Diário de Belém*.

DC1866 – *Os deuses de casaca*, 1866.

DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.

DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.

DN – *Diário de Notícias*.

DP – *Diário de Pernambuco*.

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.

EC – *Estante clássica da Revista de Língua Portuguesa – vol. II: Machado de Assis*, 1921.

ENTR – *Entreato*.

EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.

EP – *A Época*.

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

EST – *A Estação*.

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

fól. – fôlio.

FUT – *O Futuro*.

GF1974 – *Machado de Assis e o hipopótamo*, 6. ed., 1974.

GN – *Gazeta de Notícias*.

GUAR – *O Guarany*.

JC – *Jornal do Commercio*.

JF – *Jornal das Famílias*.

JR – *Jornal do Recife*.

- LC – *Luz e calor*, 1871.
- LITO – Litografia de Carlos Linde, publicada em *Brasiliiana Itaú*, 2009.
- LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.
- MACI – *Machado de Assis e a crítica internacional*, 2009. [MASSA, Jean-Michel. A França que nos legou Machado de Assis. p. 231-265.]
- MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.
- MAD1957 – *Machado de Assis desconhecido*, 1957.
- MAR – *A Marmota*.
- MARLP – *Machado de Assis*, Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921.
- MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, org. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo, 2013.
- MF – *Marmota Fluminense*.
- MM – *Menina e moça*, 1875.
- MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.
- Ms1862 – Manuscrito datado de 1862, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reproduzido em *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, 2008.
- Ms1864 – Manuscrito autógrafo, da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, RJ, datado de 1864.
- MsQA1862 – Manuscrito autógrafo no álbum da atriz Júlia Carlota de Azevedo. (reproduzido em CLBMA)
- NM – *O Novo Mundo*.
- NR1932 – *Novas relíquias*, 1932.
- OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
- OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
- OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.
- OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
- OP – *O Paiz*.
- OR1910 – *Outras relíquias*, 1910.
- PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
- PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
- PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.
- PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
- PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

- PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.
- PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
- PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
- PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
- PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
- PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
- PES – *A Província do Espírito Santo*.
- PPGS – *Poesia e prosa*, organização e notas de J. Galante de Sousa, 1957.
- PPP – *Pão partido em pequeninos para o pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.
- PR1937 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1937.
- PR1952 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1952.
- RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.
- RB – *Revista Brasileira*.
- RCPB – *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*.
- REF – *A Reforma*.
- REP – *A República*.
- RMSEL – *Revista Mensal da Sociedade Ensaaios Literários*.
- RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.
- SAUD – *A Saudade*, Rio de Janeiro.
- SEM – *A Semana*.
- SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.
- SEMIL – *Semana Ilustrada*.
- SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.
- SI – *Semana Ilustrada*.
- SL1941 – *Seleta literária*, 1941.
- SM – *Semanário Maranhense*.
- SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.
- TCSNT1982 – *Teatro completo*, Serviço Nacional de Teatro, 1982.
- TJRF2003 – *Teatro*, edição de João Roberto Faria, 2003.
- TMA1910 – *Teatro*, coligido por Mário de Alencar, 1910.
- TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.
- TVC – *Tratado da virtude da castidade*, 1737.

MIRANDA, José Américo. Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.

TWMJ1952 – *Teatro*, edição da W. M. Jackson, 1952.

UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.

VAS – *Vassourense*. [No jornal, o título corrente é *O Vassourense*.]

VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4 v.

ERRATAS

ERRATAS

Errata do v. 1, n. 1.

Nas páginas 70, onde se lê:

Toda poesias de Machado de Assis

leia-se:

Toda poesia de Machado de Assis

Errata do v. 1, n. 2.

Nas páginas 293 a 297, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 2018.

Nas páginas 299 a 303, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 2018.

Errata do v. 2, n. 4.

Nas páginas 77 e 169, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

Errata do v. 3, n. 5.

Nas páginas 303 a 315, onde se lê

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2015.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2020.

Na página 317, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

Errata do v. 4, n. 7.

Nas páginas 17 e 45, no segundo parágrafo, onde se lê

constestou-lha

leia-se:

contestou-lha

Errata do v. 5, n. 9.

Em numerosas páginas (entre p. 163 e p. 198), nas notas de rodapé, onde se lê

PCEC1972

leia-se:

PCEC1976

Na página 211, nota 92, onde se lê:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 81 e 85, e o artigo (escrito em forma de diálogo) “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

leia-se:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 85 e 89, e o artigo “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*).

Errata do v. 6, n. 12.

Na página 133, nota 187, onde se lê:

Como nos casos de “mal cuidado” (nota 147) e “mal sofrida” (nota 165), etc.

leia-se:

Como nos casos de “mal cuidado” (nota 149) e “mal sofrida” (nota 167), etc.